

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

José Vicente Lima Robaina

**SABERES CONSTRUÍDOS EM PROJETO DE PREVENÇÃO AO
ABUSO DE DROGAS: SUBSÍDIOS PARA A FORMAÇÃO DO EDUCADOR**

São Leopoldo
2007

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

José Vicente Lima Robaina

**SABERES CONSTRUÍDOS EM PROJETO DE PREVENÇÃO AO
ABUSO DE DROGAS: SUBSÍDIOS PARA A FORMAÇÃO DO EDUCADOR**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Mari Margarete S. Forster

São Leopoldo
2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

R628s Robaina, José Vicente Lima.

Saberes construídos em projeto de prevenção ao abuso de drogas : subsídios para a formação do educador / José Vicente Lima Robaina. – 2007.

315 f. : il.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio do Sinos - UNISINOS, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Dra. Mari Forster.

1. Educação. 2. Uso de drogas - prevenção. 3. Projeto. 4. Escola. 5. Formação de professores. I. Forster, Mari. II. Título.

CDD: 370.15

CDU: 37:615.099

Bibliotecária responsável – Simone da Rocha Bittencourt – 10/1171

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Roque Moraes
Pontifícia Universidade Católica do RS
Porto Alegre, RS

Prof. Dra. Araci Asinelli da Luz
Universidade Federal do Paraná
Curitiba, PR

Profa. Dra. Rute Vivian Angelo Baquero
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, RS

Prof. Dra. Cleoni Fernandes
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, RS

Profa. Dra. Mari Forster
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, RS

São Leopoldo, dezembro de 2007.

Dedico

À Helen, minha esposa,
paciente, dedicada amiga e amada, que me acompanha
neste trabalho e nas mais diversas opções de vida.

**Às minhas filhas Danielle, Caroline,
Katherine e Marcella,**
que são a essência de meu viver.

Em especial à Marcella, minha filha
que nasceu durante a realização desta Tese.

**A meu pai Ângelo e
ao meu irmão Ricardo (in memorian).**

E é claro à minha mãe Lygia,
que sempre esteve ao meu lado.

Gratidão Especial

*Ao Programa de Pós-Graduação da UNI SINOS,
que oportunizou este estudo.*

*À Profa. Maria Augusta Salim Gonçalves e à Profa. Mari Forster,
pela orientação e apoio.*

*Aos professores, alunos e membros da comunidade da escola
onde a pesquisa foi realizada.*

*Ao Médico Dr. Ricardo Feix,
que foi o grande incentivador e me ensinou muito do
que eu sei sobre drogas até hoje;*

*Ao Prof. Dr. Édson Roberto Oaigen, colega e amigo,
pelo seu apoio e dedicação.*

*À ULBRA e à FASC,
instituições em que trabalho, pelo apoio.*

RESUMO

A tese intitulada **Saberes construídos em projeto de prevenção ao abuso de drogas: subsídio para a formação do educador** se caracteriza como uma pesquisa de cunho qualitativo que tem como objetivo analisar o processo de desenvolvimento de programas de prevenção à droga na escola, de forma a possibilitar suporte para a formação do educador, com base nos saberes construídos por todos os segmentos envolvidos nesse processo (professores, pais, adolescentes e outros profissionais que trabalham nos programas). Três eixos fundantes presidiram o trabalho: drogadição e prevenção, formação de professores e saberes. O primeiro sustentou-se teoricamente em Carlini, Bucher, Tiba, Zagury, Vizzolto, Santos e Asinelli-Luz. O segundo em Zeichner, Nóvoa e Moraes. O terceiro em Tardif e Gauthier (professores) e Charlot (adolescentes). A pesquisa realizada estudou diferentes projetos de prevenção ao uso de drogas e optou pela análise em profundidade do realizado pela **Escola Vida** por já apresentar resultados relevantes em sua comunidade. Foram realizadas entrevistas com nove interlocutores: 03 professores, 03 adolescentes e 03 membros da comunidade escolar. Para o tratamento dos dados utilizou-se a **análise de conteúdo**. A tese assumida e defendida teve como premissa que as escolas que possuem projetos cujo foco central é a “vida” e que desenvolvem ações de qualificação dos professores, constituem-se em escolas que auxiliam na construção de saberes sobre prevenção do abuso de drogas. Desta maneira contribuem com os professores, adolescentes e comunidade no sentido de compreensão do fenômeno na busca de alternativas para a sua solução. Dentre os resultantes da análise destacam-se, entre outros, o conhecimento prévio sobre drogadição trazido por professores e adolescentes, o uso de diferentes práticas pedagógicas que propiciaram aos adolescentes uma melhor condição para prevenirem-se sobre drogas, a multivariabilidade de temas transversais que foram trabalhados em sala de aula, a visão interdisciplinar do projeto de prevenção, a capacitação anual dos professores e a criação do Conselho Municipal Antidrogas, produtos que evidenciaram o sucesso do projeto. O projeto desenvolvido pela escola mostrou que busca possibilidades concretas de uma prática preventiva do uso indevido de drogas pela via educativa, e com o envolvimento de toda a comunidade escolar. Logo, pode-se destacar como princípios fundamentais de um projeto bem sucedido: partir de necessidades concretas; reconhecer que o uso e o

tráfico de drogas estão fora e dentro da escola; estabelecer parcerias entre diferentes profissionais; elaborar proposta com os diferentes segmentos da escola; admitir que a adesão ao projeto precisa ser espontânea e gradativa; socializar conquistas, mas olhá-las com humildade; reconhecer os limites e as possibilidades que a escola enquanto espaço formativo tem, pois constitui-se como ente social.

Palavras-chave: Prevenção de drogas na escola. Projetos de prevenção ao abuso de drogas. Saberes docentes. Adolescência. Formação inicial e continuada de professores.

RESUMEN

La tesis intitulada **Saberes construidos en proyecto de prevención al abuso de drogas: subsidio para la formación del educador** se caracteriza como una investigación de cuño cualitativo que tiene como objetivo analizar el proceso de desarrollo de programas de prevención a la droga en la escuela, de forma a posibilitar soporte para la formación del educador, con base en los saberes construidos por todos los segmentos envueltos en ese proceso (profesores, padres, adolescentes y otros profesionales que trabajan en los programas). Tres ejes fundantes presidieron el trabajo: drogadicción y prevención, formación de profesores y saberes. El primero se sostuvo teóricamente en Carlini, Bucher, Tiba, Zagury, Vizzolto, Santos y Asinelli-Luz. El segundo en Zeichner, Nóvoa y Moraes. El tercero en Tardif y Gauthier (profesores) y Charlot (adolescentes). La investigación realizada estudió diferentes proyectos de prevención al uso de drogas y optó por el análisis en profundidad del realizado por la “**Escola Vida**” por ya presentar resultados relevantes en su comunidad. Fueron realizadas entrevistas con nueve interlocutores: 03 profesores, 03 adolescentes y 03 miembros de la comunidad escolar. Para el tratamiento de los datos se utilizó el **análisis de contenido**. La tesis emergente tuvo como premisa que las escuelas que poseen proyectos cuyo foco central es la “vida” y que desarrollan acciones de calificación de los profesores, se constituyen en escuelas que auxilian en la construcción de saberes sobre prevención del abuso de drogas. De esta manera contribuyen con los profesores, adolescentes y comunidad en el sentido de comprensión del fenómeno en la busca de alternativas para su solución. Dentre los resultantes del análisis se destacan, entre otros, el conocimiento previo sobre drogadicción traído por profesores y adolescentes, el uso de diferentes prácticas pedagógicas que propiciaron a los adolescentes una mejor condición para que se prevengan sobre drogas, la multivariedad de temas transversales que fueron trabajados en sala de aula, la visión interdisciplinar del proyecto de prevención, la capacitación anual de los profesores y la creación del Consejo Municipal Antidrogas, productos que evidenciaron el éxito del proyecto. El proyecto desarrollado por la escuela mostró que busca posibilidades concretas de una práctica preventiva del uso indebido de drogas por la vía educativa, y con el involucramiento de toda la comunidad escolar. Luego, se puede destacar como principios fundamentales de un proyecto bien sucedido: partir de necesidades concretas; reconocer que el uso y el

tráfico de drogas están fuera y dentro de la escuela; establecer parcerías entre diferentes profesionales; elaborar propuesta con los diferentes segmentos de la escuela; admitir que la adhesión al proyecto precisa ser espontánea y gradual; socializar conquistas, sin embargo mirarlas con humildad; reconocer los límites y las posibilidades que la escuela mientras espacio formativo tiene, pues ente social.

Palabras-clave: Adolescencia, Prevención de drogas la escuela, Proyectos de prevención al abuso de drogas. Saberes docentes. Formación inicial y continuada de profesores.

ABSTRACT

The thesis entitled **Knowledge Constructed in Drug Abuse Prevention Project: A subsidy for teacher education** is a qualitative research aiming at the analysis of the development of drug prevention programs at schools as a means to aid teacher education based on knowledge co-constructed by the segments involved in the process: teachers, parents, adolescents and other professionals working in such programs. Drug addiction (Carlini, Bucher, Tiba, Zagury, Vizzolto, Santos and Asinelli-Luz), teacher education (Zeichner, Nóvoa and Moraes) and knowledge (Tardif and Gauthier – teachers – and Charlot – adolescents) form the founding axis of the research. After studying some drug prevention projects, the project **Escola Vida** has been chosen for in-depth analysis due to relevant results exerted within the community. Nine interlocutors have been interviewed: 3 teachers, 3 adolescents and 3 members of the school community. For data treatment **content analysis** was used. The premise of the confirmed thesis was that schools that have projects with a central focus in “life” and that develop actions aiming at teacher education constitute institutions that aid knowledge construction on the prevention of drug abuse. Therefore, they contribute to the understanding of such phenomenon in the search for alternative solution by teachers, adolescents and community. Some of the results, among others, point out to the importance of teachers’ and adolescents’ previous knowledge on drug addiction, the use of diverse pedagogic practices favoring adolescents with better conditions to beware of drugs, the variety of cross-curricular themes addressed in class, the interdisciplinary perspective of the prevention project, the annual qualification of teachers and the foundation of the *‘Conselho Municipal Antidrogas’* (Local Anti-Drug Council), all of which are products evidencing the success of the project. The project developed by the school showed the search for concrete possibilities of preventive practice towards drug use via educational means and with the involvement of the whole school community. Thus, the following constitute fundamental principles of a successful project: starting from concrete needs; recognizing drug use and traffic are in and outside school; establishing partnerships with different professionals; elaborating proposals including the various segments of the school; admitting that adhesion to the project must be spontaneous and gradual; socializing advances, but looking at them humbly; recognizing the limits and the possibilities the school can bear as a formative space due to its social nature.

Keywords: Adolescencia, School the drug prevention, Drug abuse prevention projects. Teaching knowledge. Initial and continuing teacher education.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Valores e seus opostos	67
QUADRO 2: Síntese das etapas do projeto vida, paz e esperança	85
QUADRO 3: Dados retirados da 3º avaliação do projeto PPUDE, 2003.....	89
QUADRO 4: Os saberes dos professores	112
QUADRO 5: Design da pesquisa	120

LISTA DE TABELAS

- TABELA 1:** Consumo de bebidas alcoólicas em alunos entre 10 e 18 anos da rede estadual de Porto Alegre e de outras 09 capitais brasileiras55
- TABELA 2:** Comparação do consumo de bebidas alcoólicas em alunos entre 10 e 18 anos de 03 escolas privadas de Porto Alegre e da rede privada de 04 capitais brasileiras56
- TABELA 3:** Estado do RS e suas cidades com mais de 200 mil habitantes58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 DA TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL À QUESTÃO E AOS OBJETIVOS DA PESQUISA.....	20
1.1 Trajetória pessoal e profissional.....	20
1.2 Problema de pesquisa e objetivos	24
2 DROGADIÇÃO, ADOLESCÊNCIA E EDUCAÇÃO: APORTES TEÓRICOS E RESULTADOS DE PESQUISA	26
2.1 O problema da drogadição no mundo atual	32
2.1.1 Rituais de iniciação ao uso de drogas.....	34
2.1.2 Exclusão social e drogadição	36
2.2 Adolescência e drogadição	41
2.2.1 Caracterização geral da adolescência	42
2.2.2 O adolescente e o seu grupo.....	48
2.2.3 Resultados de pesquisas sobre adolescentes e drogas.....	50
2.3 O papel da família e aspectos das relações terapêuticas.....	61
2.4 Drogadição e o papel da escola em relação à prevenção	68
2.4.1 Drogadição e os parâmetros curriculares nacionais	72
2.4.2 Pesquisas realizadas com adolescentes nas escolas	76
2.5 Políticas e projetos de prevenção do uso de drogas no ambiente escolar	78
2.5.1 Política nacional em relação à drogadição.....	79
2.5.2 Projetos de prevenção de drogas no âmbito escolar	81
2.5.3 Dados sobre programas de prevenção do uso de drogas baseados em pesquisas	90
3 A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES	94
3.1 O Modelo atual de formação dos professores	97
3.2 Formação inicial e contínua dos professores.....	98

3.3 Formação continuada de educadores como alternativa de prevenção ao abuso de drogas na escola	105
3.4 A formação do professor, a prevenção de drogas na escola e os saberes docentes	106
3.4.1 Saberes docentes.....	107
3.4.1.1 Diversidade do saber.....	109
3.4.1.2 A experiência do trabalho enquanto fundamento do saber	112
3.4.1.3 Saberes e formação de professores	113
4 O DESENHO DE UMA METODOLOGIA	114
4.1 O caminho trilhado.....	117
4.2 Design da análise da pesquisa.....	118
4.3 O processo de análise	121
4.4 Síntese dos resultados – Análise descritiva	121
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	124
5.1 Professores.....	124
5.1.1 Categoria saberes dos professores	124
5.1.2 Relacionamento com usuários de drogas	132
5.2 Adolescentes	158
5.3 Membros da comunidade	199
CONSIDERAÇÕES FINAIS	238
REFERÊNCIAS.....	243
APÊNDICES.....	252
ANEXOS	311

INTRODUÇÃO

A pesquisa realizada tratou de investigar os saberes construídos em programas de prevenção ao uso de drogas na escola. Na realidade, buscamos conhecer os saberes que professores, adolescentes e comunidade escolar foram adquirindo e produzindo ao longo da implantação de um programa especialmente selecionado para investigar, considerado “bem sucedido”.

Será entendido neste trabalho como “bem sucedido” o projeto que apresentou resultados positivos na prevenção ao abuso de drogas desenvolvidos na escola com repercussões para a comunidade.

Considero importante registrar o conhecimento que já trazia e o que foi adquirido durante minha trajetória profissional. Realmente os conhecimentos empíricos adquiridos, fruto da experiência vivenciada com moradores de rua e usuários de drogas, acrescidos aos estudos desenvolvidos nesta tese, possibilitaram-me conhecer um pouco mais sobre a temática, a qual me deixa sensibilizado e mobilizado.

Esta situação foi muito favorável no desenvolvimento desta investigação, que teve como objetivo conhecer com maior profundidade um projeto de prevenção ao abuso de drogas, buscando encontrar nele subsídios relacionados à formação do educador.

A tese defendida neste processo investigativo afirma que as escolas que possuem projetos, cujo foco central é a “vida,” desenvolvem ações de qualificação dos professores e constituem-se em escolas que auxiliam na construção de saberes sobre prevenção do abuso de drogas. Desta maneira, contribuem com os professores, os adolescentes e a comunidade no sentido de compreensão do fenômeno na busca de alternativas para a sua solução.

Em função da tese, fui diagnosticar escolas que realizavam este tipo de trabalho. Escolhi, entre as estudadas, a **Escola VIDA**, nome fictício, por tratar-se de uma escola que possui um projeto de prevenção ao abuso de drogas, construído pelos professores, adolescentes e comunidade em geral. O tema utilizado nesse projeto enfatiza a paz, permitindo a convivência entre os seres humanos, que, trocando experiências, harmonizam a vida construída com esperança para superar barreiras, as quais, de outra forma, talvez fossem intransponíveis.

O projeto desenvolvido na escola preocupa-se em qualificar o professor para que em sua atuação docente possa construir/transmitir valores cognitivos, morais e éticos que contribuam para a formação integral do educando. Desta maneira, ele oportuniza o crescimento do aluno, estimulando a formação de valores positivos e desenvolvendo atividades diversificadas como solidariedade, companheirismo, autonomia, entre outras.

A partir do referencial teórico adotado, busco compreender como se organiza o trabalho na escola na implantação deste programa de prevenção e suas repercussões na formação de professores.

O trabalho investigativo foi organizado em quatro capítulos. O primeiro trata da trajetória pessoal e profissional do pesquisador, bem como da questão de pesquisa e os objetivos propostos por esta tese. O segundo capítulo diz respeito ao referencial teórico utilizado nesta investigação, trazendo aspectos importantes relacionados ao tema investigado, como o problema da drogadição no mundo, exclusão social e drogas, questões relacionadas à adolescência e às drogas, dados relacionados a pesquisas realizadas com adolescentes e drogas, a importância da

família e o papel da escola em projetos de prevenção de drogas, os PCNs, projetos de prevenção de drogas na escola, formação do professor e a drogadição, saberes relativos à formação docente, formação inicial e continuada de professores. Já o terceiro capítulo trata da metodologia utilizada na investigação, análise de conteúdo a partir de entrevistas gravadas de professores, adolescentes e de membros da comunidade. O quarto capítulo discute os resultados alcançados durante a investigação, através da análise de conteúdo extraída das entrevistas dos professores, adolescentes e membros da comunidade, finalizando com as considerações finais, destacando os principais achados desta investigação, bem como os limites que foram verificados na execução desta tese.

1 DA TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL À QUESTÃO E AOS OBJETIVOS DA PESQUISA

Neste capítulo, será apresentada a trajetória pessoal e profissional do pesquisador, bem como o problema e as questões de pesquisa. O objetivo geral, os objetivos específicos e a definição dos principais conceitos utilizados complementam esta primeira abordagem.

1.1 TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL

Sou formado em Química pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Concluí meu curso no ano de 1985. Em 1986 já comecei a lecionar em escolas particulares de Porto Alegre nas disciplinas de Ciências e Química. Fui professor das Escolas Particulares Calábria e Dores em Porto Alegre. Também, após realizar concurso para o magistério estadual, lecionei na Escola Estadual de Ensino Fundamental Santa Rita de Cássia, no bairro Santa Tereza, onde lecionei Ciências nas 5^o, 7^o e 8^o séries do ensino fundamental no noturno. Esta escola localiza-se no meio de uma vila desse bairro, onde o tráfico e o uso de drogas são muito intensos. Dentro desse contexto, alunos da minha turma chegavam à sala de aula “*chapados*” e eu não sabia como agir nessa situação.

O meu interesse pela temática deste projeto teve assim o seu início com as observações feitas em 1990, com alunos desta Escola Pública de 1^o. Grau, hoje Ensino Fundamental. Nessa época, estava realizando o Curso de Especialização em Educação na área de Química, no Instituto de Química da UFRGS e tinha que elaborar uma monografia como trabalho final do curso. Anteriormente a isso, em 1988, já havia feito um Curso de Especialização em Toxicologia Aplicada na PUCRS, quando teve início o interesse por este tema.

Para responder às diversas questões surgidas nesse período, elaborei uma monografia, investigando até que ponto os alunos dessa escola conheciam drogas,

relacionando esse conhecimento com idade, sexo e nível de escolarização que eles possuíam. Ao final desse trabalho, muitas questões não tinham sido respondidas. Sendo assim, minhas dúvidas e curiosidades aumentavam cada vez mais e eu não via como resolvê-las.

Com o incentivo de muitos professores do curso de especialização que estava fazendo na época (1990) e, principalmente, pelo grande apoio que, desde o tempo da graduação, recebi do professor Roque Moraes, resolvi entrar para o Mestrado, na busca de esclarecer melhor as questões existentes no projeto-piloto que tinha feito no curso de Especialização.

Já cursando o Mestrado, a Prof^a.Dr^a. Maria Folberg, minha orientadora, interessou-se pelo projeto, conseguindo-me um estágio no CDQUIM (Centro do Dependente Químico), onde aprendi muitas coisas e conheci outras questões ligadas ao dependente químico, relativas ao aspecto humano, na dimensão emocional, social, psicológica e ética. Conheci, principalmente, os preconceitos que eles têm que enfrentar nesta sociedade que aí está.

No CDQUIM, desenvolvi atividades no Programa de Tratamento: atividades de grupo, como de grupo de sentimentos, autobiografia, ludoterapia, e participei de seminários sobre alcoolismo, drogas e AIDS. Esse estágio durou 4 anos.

Esse estágio me fez refletir muito sobre a questão da drogadição. Com a ajuda do Dr. Ricardo Feix, médico toxicologista e coordenador do CDQUIM, juntamente com minha orientadora, eu construí o trabalho de Mestrado, que foi concluído em 1996, com o título de “Raízes e conseqüências da dependência química: um estudo biográfico das vivências familiares”.

Após a conclusão do Mestrado, continuei trabalhando com a dependência química. Trabalho atualmente em um abrigo de moradores de rua, desenvolvendo um grupo operativo sobre essa temática. Nesse grupo, discutimos sobre assuntos relacionados a todas as drogas, principalmente ao álcool, sendo que essa é a droga que apresenta a maior prevalência entre os moradores de rua.

Tenho realizado também diversos trabalhos preventivos e formativos com educadores de escolas públicas e/ou particulares. Em 2004, juntamente com uma colega, Márcia Nectoux que coordena o grupo operativo comigo, apresentamos um trabalho no Seminário de Práticas Sociais, dentro do Projeto de Rede de Proteção à Infância e Adolescência. O título do nosso trabalho foi “Trabalhando com família: desenvolvendo a metodologia do grupo operativo com usuários de drogas em situação de vulnerabilidade social”, realizado junto ao Abrigo Municipal Marlene.

O COMEN (Conselho Municipal de Entorpecentes de POA) encontrava-se desativado até o ano de 1990, quando foi colocado novamente a funcionar em nossa cidade. Fui conselheiro por duas gestões, ficando até 1998, na 1º gestão. Retornei novamente a fazer parte do Conselho no ano de 2004 e permaneço até o momento, representando a FASC (Fundação de Assistência Social e Cidadania), onde trabalho desde 1986.

Também convivi em situação familiar com um irmão que se envolveu com drogas e, devido ao uso abusivo, acabou por perder sua vida. Em alguns momentos pensei: Como posso ajudar outras pessoas? Por que não consegui ajudá-lo? Essas questões levaram-me a questionar muitas coisas em relação ao problema que as drogas acarretam principalmente aos jovens. Decidi então levar o meu projeto adiante, com objetivo de trabalhar essas questões na escola, local em que os jovens passam a maior parte do seu dia.

Percebi também que, para tratar esta questão na escola, os professores não estão suficientemente preparados para desenvolver qualquer projeto em nível de prevenção. Sendo assim, confirma-se a necessidade de os docentes possuírem capacitação para trabalhar com a dependência química, pois assim terão maiores condições para realizar um trabalho de prevenção junto aos adolescentes.

Desta maneira, coloquei, nesta investigação, toda a experiência que adquiri durante minha trajetória, para estudar um projeto de prevenção ao uso de drogas, desenvolvido em uma escola de periferia, contatando diretamente com os educadores que lá se encontram, com os adolescentes que são alunos dessas

escolas e com as pessoas que fazem parte da comunidade escolar. O meu objetivo foi descobrir os saberes que esses professores, esses adolescentes e a comunidade em geral estão construindo nesse projeto, para oferecer subsídios à formação do educador.

As questões relacionadas com o uso, abuso e prevenção às drogas precisam ser trabalhadas nessa formação, possibilitando aos professores uma reflexão sobre elas e como trabalhá-las com seus alunos, preferencialmente, de forma interdisciplinar.

Como contribuição final, este trabalho pretende oferecer subsídios para a formação de professores, favorecendo sua atuação em projetos de prevenção, que poderão ser desenvolvidos em escolas, visando à diminuição do uso de drogas e à educação dos adolescentes em benefício da sua própria vida.

Trabalho há mais de 12 anos com dependência química, realizando diversas atividades, tais como palestras, grupos operativos sobre drogas com moradores de rua, grupos de tratamento em clínicas de recuperação de dependentes químicos, bem como participando do COMEN de POA/RS e do CONEN/RS. Através dessas vivências, adquiri muitos saberes relativos à drogadição, saberes esses que utilizo, também, no trabalho que realizo uma vez por semana com um grupo de moradores de rua de Porto Alegre.

Essa experiência “prática” forneceu-me saberes essenciais que precisaram e precisam ser constantemente refletidos e aprofundados. Este trabalho investigativo auxiliou-me nisso.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA e OBJETIVOS

Com base nas reflexões anteriores, formulei a seguinte questão de pesquisa:

Que saberes estão sendo construídos nos programas de prevenção ao abuso de drogas na escola em relação à temática da drogadição e que subsídios oferecem para a formação do educador?

Para responder a essa questão, formularam-se os objetivos enunciados a seguir.

Objetivo Geral

Analisar o processo de desenvolvimento de programas de prevenção à droga na escola, de forma a possibilitar suporte para a formação do educador, com base nos saberes construídos por todos os segmentos envolvidos nesse processo (professores, adolescentes e outros profissionais que trabalham nos programas).

Objetivos Específicos

Para atingir o objetivo geral, formulamos os seguintes objetivos específicos:

- 1) Caracterizar o desenvolvimento de um projeto de prevenção ao abuso de drogas na escola quanto às condições existentes (objetivos, tempo pessoal envolvido, estratégias de trabalho, avaliações, repercussão na comunidade, entre outras).
- 2) Analisar os saberes que os professores envolvidos em um programa de prevenção ao abuso de drogas estão construindo, através de

entrevistas, buscando compreender as implicações desses saberes em sua prática pedagógica.

- 3) Analisar os saberes que os adolescentes que participam de programas de prevenção estão construindo em relação à drogadição, através de entrevistas e observações.
- 4) Analisar os saberes que a comunidade está construindo em relação à questão da drogadição, através de entrevistas e da sua participação no Programa de Prevenção ao Abuso de Drogas.

2 DROGADIÇÃO, ADOLESCÊNCIA E EDUCAÇÃO: APORTES TEÓRICOS E RESULTADOS DE PESQUISA

Neste capítulo, é discutido o aporte teórico que fundamenta esta investigação sobre projeto de prevenção ao abuso de drogas, buscando analisar que saberes são construídos nesse projeto por parte dos professores, adolescentes e elementos da comunidade, relacionando-os à formação do educador. Trago também resultado de pesquisas que auxiliam na compreensão da extensão e gravidade do problema.

Inicialmente, são feitas reflexões sobre o problema da drogadição no mundo atual, as suas relações com a globalização e a exclusão social, focalizando o problema no Brasil e abordando esse assunto em relação aos adolescentes e suas relações com amigos, família e outros atores.

Após esse aporte inicial, discutirei o binômio drogadição e educação, em que são tratados problemas das drogas, objetivos da educação, papel da escola na prevenção da drogadição e as políticas e projetos de prevenção do uso de drogas no ambiente escolar. Essas temáticas são visualizadas no contexto da política nacional em relação à drogadição e aos projetos de prevenção de drogas no âmbito escolar.

Finalizando o capítulo, abordo questões relativas à formação do professor para trabalhar com a drogadição na escola, seus saberes de formação e saberes relativos a esse tema.

Dados atuais mostram que as escolas estão passando por sérios problemas relacionados à questão da drogadição, os quais, juntamente com o uso abusivo e o tráfico de drogas por adolescentes, têm gerado sérias reflexões sobre a forma de como tratar essa questão no contexto escolar. Com isso, há uma necessidade urgente de desenvolver um estudo sobre os saberes e a formação dos professores de adolescentes que aborde a problemática da drogadição em escolas da periferia do RS.

Professores e comunidade em geral necessitam, cada vez mais, de conhecimentos sobre os mais diferentes tipos de drogas encontradas atualmente nas escolas, sendo utilizadas por nossos adolescentes em situação de vulnerabilidade social. É importante o conhecimento das características dessas drogas e dos problemas que podem causar a eles.

Os saberes da experiência, experiências ou práticas brotam da experiência e são validados por ela (TARDIF, 2002, p.39). Os educadores trazem esses saberes/experiências em sua bagagem de conhecimento e parecem ser de suma importância na construção de estratégias para o combate às drogas, bem como na implantação de qualquer programa de prevenção em nível escolar.

Para Cunha (1999, p.128-148), os saberes da experiência são construídos ao longo das trajetórias de vida pessoal e profissional dos professores, a partir de seus trabalhos cotidianos e validados pela experiência. Já para Gauthier (1998) nos fala sobre o saber experiencial, afirmando que a experiência e o hábito estão intimamente relacionados, e essa relação origina um saber pessoal feito de pressupostos argumentativos próprios.

Por outro lado, é importante destacar também que os adolescentes, assim como os professores, trazem conhecimentos prévios em sua bagagem pessoal a respeito da problemática da drogadição. Percebe-se que usar álcool e/ou outras drogas conota atitudes freqüentes entre adolescentes, os quais, em geral, não se dão conta da dimensão do problema que irão enfrentar em decorrência do uso abusivo de drogas, pois beber e/ou se drogar faz parte do cotidiano do dependente químico. Os jovens de hoje, assim como as crianças e os adolescentes, estão vivendo em uma sociedade cada vez mais instável, que está em constante transformação.

As reflexões que faço estão relacionadas também com as situações das famílias de moradores de rua que perderam tudo por causa da droga. A sociedade mostra-se cada vez mais fragilizada, com uma geração de jovens que parecem não ter mais limites, não respeitar regras e, principalmente, não valorizar os

ensinamentos das gerações anteriores. Embora já existam algumas políticas públicas destinadas à juventude, os delitos estão sendo cometidos cada vez com menos idade, a família está muito fragilizada, os pais têm cada vez menos tempo para educar seus filhos e os jovens estão com mais tempo ocioso. Isso, de certa forma, propicia aos adolescentes iniciarem o uso de drogas mais cedo, pois descobrem nelas uma fuga para seus problemas, os quais, em sua maioria, originam-se de seu próprio lar.

Os jovens de hoje são estimulados a ações e, muitas vezes, parecem não se importar consigo próprio e muito menos com o próximo, pois muitos deles não têm onde se apoiar. Essa falta de amparo reflete-se no seu desenvolvimento e, por conseguinte, esses adolescentes acabam se envolvendo com drogas de uma forma muito rápida, e a família, que deveria ser o seu maior apoio, freqüentemente não cumpre esse papel. Poderia se dizer que, nesta perspectiva, o jovem pode estar cumprindo um apelo do modelo capitalista.

Por outro lado, as famílias, cada vez mais, são destruídas pelo grande aumento da drogadição na sociedade em geral. Aquelas que eram seguidamente utilizadas como “modelos” de educação de filho e de educação para a vida são raras hoje. Famílias de posse, de pobres de classe média, todas apresentam sérios problemas de estruturação e os adolescentes não encontram aí condições sadias para se desenvolverem de forma adequada e conseqüentemente, participarem da sociedade como cidadãos. Na falta de apoio, os jovens buscam nas drogas a solução de todos os seus problemas.

Essas reflexões procuram caracterizar o momento em que nossos jovens estão vivendo. Muitos até pedem socorro e são atendidos. Mas o que acontece com aqueles que não percebem este momento e não solicitam ajuda nenhuma?

A sociedade é excludente e vivemos na época do consumismo. Quem não gosta de comprar roupas de marca e de freqüentar os melhores restaurantes? O mercado de consumo faz parte da sociedade atual e para que funcione precisa que haja consumidores. Quando temos uma grande disponibilidade de drogas e um

vasto mercado de consumo, o número de dependentes aumenta muito, como mostram pesquisas recentes (CARLINI, 2001).

Um problema correlato ao uso de drogas que a sociedade moderna apresenta diz respeito ao tráfico de drogas, no qual muitos adolescentes, com baixa idade e baixa auto-estima, se envolvem. Este envolvimento, para o adolescente, surge como uma das possibilidades de ganhar dinheiro e de ter acesso facilitado à droga para o seu próprio consumo. O reflexo disso aparece na família desse adolescente que, muitas vezes, é também recrutada para o tráfico, fruto da ausência ou da reduzida iniciativa de políticas públicas para a juventude.

A família atual tem passado por diversas mudanças que nos levam a questionar e repensar sua própria definição. O que realmente é família? Como podemos defini-la? Hoje em dia, vivemos num momento que o ideal que concebemos é bem diferente do modelo que encontramos.

A partir desta nova visão de família, nós, educadores, precisamos repensar nossas concepções, nossos valores e nossas culturas com relação a esta situação. Diferentes estruturas e organizações estão surgindo e temos que estar preparados para acolher e compreender essa nova formação familiar.

Famílias pluricompostas, recasadas, monoparentais, chefiadas por mulheres, chefiadas por avós, ou homossexuais, são algumas das inúmeras estruturas possíveis. Porém [...] Mais importante do que tentar compreender as estruturas e organizações é talvez, que devêssemos prestar mais atenção nas funções exercidas na família (SUDBRACK et al, 2004, p.42).

Em uma pesquisa realizada por Robaina (2004, p. 313-320), apresentada no Seminário Regional de Práticas Sociais, no Abrigo Municipal Marlene, da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, que desenvolve um trabalho com população Adulta de Rua, encontramos várias situações familiares nas condições que Sudbrack ressalta. Desde a inauguração deste serviço, em 1995, houve um significativo aumento do número de solicitações de vaga e de abrigagem de famílias predominantemente

monoparentais, chefiadas por pai ou mãe, sendo 99,9% por mãe, seguidas de famílias conjugadas, isto é, formadas por pai/mãe e filhos.

A partir desta caracterização, a família não pode ser entendida somente na sua estrutura, mas na sua função, envolvendo todos os membros que a compõem. As figuras de referência hoje são outras e precisam ser redistribuídas. A existência de limites, de responsabilidades e o respeito mútuo entre seus componentes são de suma importância para que seus membros possam viver em condições de diálogo.

Nota-se que muitas famílias, mesmo possuindo esses referenciais, não estão mais conseguindo educar seus filhos (adolescentes) devido à diferença muito grande de entendimentos e de clareza em relação principalmente aos limites e às responsabilidades que os adolescentes devem ter. Dentro desta visão, Zagury afirma o seguinte: “O adolescente se opõe sistematicamente por uma necessidade da fase de desenvolvimento, porque precisa romper com os antigos ídolos (pai e mãe), para crescer e se independentizar e não porque seja contra a família” (2002, p. 120).

Nesse sentido, é de suma importância a relação do adolescente com seus pais e professores. Esta fase em que o jovem se encontra deve ser trabalhada com muito cuidado, principalmente pelos pais e educadores, pois pode depender dessa inter-relação o rumo que tomará a vida deste jovem. Muitos questionamentos surgem quanto a essa problemática. Como se deve trabalhar com o jovem no sentido da prevenção ao uso de drogas? Como nós, educadores, podemos ajudar na educação dos jovens que ainda freqüentam a escola? O desafio é muito grande. Professores, pais e comunidade em geral não podem se omitir, precisam assumir suas responsabilidades.

Acredito que desenvolver projetos que busquem a qualificação de profissionais através de uma capacitação de professores, pais e demais interessados para trabalhar com a questão das drogas pode auxiliar nessa direção. A educação voltada para a qualidade de vida dos adolescentes precisa enfatizar aspectos que visem à sua formação para a vida, ajudando-os a serem mais

produtivos e ensinando-os a utilizar o tempo livre com atividades educativas e produtivas.

Por isso, os educadores, ao trabalhar com a realidade da drogadição existente nas escolas, necessitam realizar as suas atividades fundamentadas em metodologias adequadas e trabalhando conteúdos pertinentes à questão. Isso pode ser obtido pelo processo de formação inicial e/ou continuada.

A comunidade escolar também pode contribuir para a solução das questões pertinentes ao uso abusivo de drogas por adolescentes, através de um trabalho preventivo e significativo, possibilitando a eles, usuários ou não, que fiquem sensibilizados e conscientizados das suas conseqüências. Essas e outras questões devem ser tratadas e analisadas pelos educadores e pela comunidade em geral, visando ao desenvolvimento de projetos que atendam às necessidades de cada escola.

A necessidade de utilização de novas abordagens para o tema da drogadição fundamenta a elaboração de atividades voltadas para a realidade escolar e para a comunidade, na busca de soluções. Uma das possibilidades de avançarmos com a problemática da drogadição é através de práticas educativas e de estratégias de ensino, pensadas e executadas conjuntamente por toda a equipe de educadores da escola. Por isso, é fundamental a capacitação e a formação dos professores, para tornarem-se aptos a lidar com questões referentes aos temas drogas, adolescência e juventude. Em vista disso, penso que, para essa formação atingir seu objetivo, deve ter como base a identificação dos saberes da formação e da experiência que os professores que estão atuando nos projetos de prevenção possuem sobre esses temas. Suas práticas e saberes podem oferecer subsídios para a formação do educador, a fim de esse se tornar melhor preparado para trabalhar com essas questões dentro de um programa curricular de ensino, dispondo de metas e ações educativas que possam ser desenvolvidas no cotidiano da escola.

Sendo assim, as questões ligadas à drogadição, à juventude e à adolescência, no ambiente escolar e no cotidiano onde estes alunos estão inseridos,

devem efetivamente estar presentes como parte integrante de um programa de prevenção voltado para a formação de cidadãos e no próprio projeto político e pedagógico da escola.

2.1 O PROBLEMA DA DROGADIÇÃO NO MUNDO ATUAL

A abordagem da drogadição tratada apenas como uma questão de patologia individual é equivocada, tendo em vista que, para se atingir a magnitude do fenômeno, é preciso caracterizá-lo e compreendê-lo numa rede complexa de relações. Essa rede inclui a droga, o indivíduo e o contexto sociocultural.

As drogas fazem parte de todos os tempos e de todos os povos, pois não temos conhecimento de uma sociedade humana na qual não se tenha feito uso de alguma substância entorpecente. Assim, dentro de uma perspectiva histórica, a droga e o homem são companheiros de longa data. No entanto, um fato se destaca nos dias de hoje: em todo o mundo há uma expansão rápida e sem precedentes do seu uso, podendo-se mesmo assinalar a metade do século XX como ponto referencial a partir do qual o fenômeno se expandiu. Sem pretender realizar uma análise mais profunda das transformações substanciais verificadas na sociedade ocidental em decorrência do rápido processo de industrialização, penso que se pode apontar o atual consumo de drogas como um sintoma importante dessas transformações, produto do mundo capitalista , globalizado.

Segundo estatísticas da Organização Mundial da Saúde (1995), um em quatro habitantes do mundo recorre às drogas. Outro dado que merece ser destacado diz respeito à indústria farmacêutica. Essa, por sua vez, evidencia a existência de regras tóxicas de convivência, caracterizando o que se costuma chamar de “civilização química”, na qual modificar o estado de humor através de uma situação química converteu-se em algo habitual, corriqueiro.

Sabemos que atualmente o prazer artificial é valorizado em detrimento do natural, sendo que esse fato se reflete, por exemplo, no desenvolvimento intenso de produtos químicos e na crença do seu poder mágico. Os jovens de hoje recorrem muito à visão mágica que as drogas apresentam a eles, através de “pequenas viagens”, as quais podem causar a morte.

No Brasil, como em qualquer outro país subdesenvolvido, as leis que envolvem as drogas não são cumpridas, sendo muitas ambíguas e ligadas, principalmente, a razões de ordem econômica e política. O álcool e o tabaco têm seu consumo incentivado e não são drogas que podemos chamar exatamente de inócuas, pois, ao contrário, são responsáveis por graves problemas sociais de saúde.

Analisando o quadro social que vivemos a questão que se coloca é de saber por que tantas pessoas sentem necessidade de viver à base de “amortecedores”. Querer fugir deste mundo parece uma ocorrência generalizada e é a partir dessa constatação que vemos o atual consumo de drogas como uma resposta à crise social e econômica na qual estamos imersos.

A partir desta realidade, verificamos que, em momentos de crise e desestruturação social, o espaço para a droga se amplia, sendo que este se reduz em períodos de harmonia social. Tanto os jovens quanto os adultos fazem uso de drogas porque a realidade social não está atendendo às necessidades humanas.

O adulto, em geral, o faz para se manter integrado a uma sociedade que não está mais podendo ocultar suas contradições; e o jovem, porque não aceita ou não consegue manter sintonia com uma sociedade incoerente, onde se observa uma falência de valores filosóficos e ideológicos. Dessa forma, “desdrogar” a sociedade moderna implica mudanças estruturais profundas no sistema social.

Que os jovens modifiquem a sociedade e ensinem os adultos a ver o mundo em forma renovada: mas onde existe desafio de um jovem em crescimento que haja um adulto para encará-lo. E não é obrigatório que isto seja agradável (WINNICOTT, 1975 apud OUTEIRAL, 2003, p.59).

Os jovens, hoje envolvidos por uma nova cultura, vêem, muitas vezes, na droga um símbolo de uma nova geração. Os laços íntimos que ligavam os mais jovens às suas famílias e seus vizinhos estão enfraquecidos. Esses jovens hoje recebem uma influência muito mais forte de seus amigos do que de seus familiares.

Os jovens são por isso mobilizados, em função de suas transformações internas e da percepção aguda e crítica dos desajustes sociais, como “transformadores sociais”. Querem transformar a si próprios, aos outros e ao mundo como um todo e, dentro de certos limites, esta é uma atitude saudável e desejável (OUTEIRAL, 2003, p.60-61).

Os valores sociais adquiridos pelos adolescentes na sua vivência diária são contestados por seus familiares. Os pais, muitas vezes, acreditam que os filhos deveriam utilizar valores tradicionais que visam ao desenvolvimento psíquico, biológico e social, levando-os à liberdade com responsabilidade.

Sob esse olhar, os jovens trazem dentro de si grandes ideais de participação e dedicação ao bem estar. Por outro lado, a sociedade pouco oferece para a realização destes anseios. Sendo assim, na falta de oportunidade de ocupação do tempo ocioso, ante a necessidade de preencher o vazio existencial e interior, a droga se apresenta como uma solução, principalmente para os adolescentes que não encontram um sentido para a sua vida.

A falta de uma perspectiva futura para esses jovens faz com que aumente cada vez mais o problema social que estão vivendo. As injustiças sociais que hoje se apresentam são reflexos de uma sociedade injusta, desigual e discriminatória.

2.1.1 Rituais de iniciação ao uso de drogas

Outro elemento interessante na questão da relação entre os jovens e a sociedade diz respeito aos “rituais de iniciação” presentes, sob diferentes formas, em todas as culturas, desde aquelas que chamamos de primitivas até as consideradas

modernas. Eles estão presentes, na verdade, em todas as passagens que ocorrem nos grupos humanos. O trote em calouros nas universidades e escolas é um exemplo disso. Nessas situações, os novos alunos são submetidos a uma série de regras para serem aceitos neste novo grupo, como, por exemplo, raspar o cabelo, bem como várias outras brincadeiras de “mau gosto”.

O adolescente, para fazer parte do novo grupo tem que se submeter às regras, por vezes violentas, e assim ser considerado um “novo membro”. Os ritos de iniciação são variados, mas têm muitos elementos em comum, como submissão, aceitação das regras do grupo e alguma exigência de sofrimentos físicos, que sempre estão presentes.

Refletindo sobre os contextos socioculturais das últimas três décadas, percebe-se que o espaço da droga aumenta desde a década de 50. Nos primórdios desta época, o acesso ao uso variava segundo cada condição social, indo do cheiro à cola de sapateiro, da coca ao LSD. *“Vale dizer que 500 mg de bom ácido são o bastante para induzir uma quantidade adequada de expansão da consciência” (um paciente)*. *“O álcool é uma mentira que provoca o desejo, mas elimina a performance”* (SHAKESPEARE apud OUTEIRAL, 1982). Para o devido destaque, as falas utilizadas nesta pesquisa serão apresentadas com formatação diferenciada.

A sociedade hoje está em constante transformação, mas leva ainda consigo muitos “tabus” que são difíceis de romper. Em nossas casas, notamos cada vez mais os maus exemplos que damos a nossos filhos. Vou evidenciar apenas dois.

Em nossas famílias, é comum encontrarmos adolescentes que foram medicados compulsivamente por seus pais. Sendo assim, eles foram ensinados que, a qualquer sinal de dor física ou psíquica, devem lançar mão de alguma substância química. Seus pais, muitas vezes, praticam generosamente a automedicação. Forma-se então uma cultura que busca eliminar o sofrimento artificialmente.

Um outro exemplo diz respeito ao álcool. Acredito que existam poucas famílias em que nenhum de seus membros faça o uso de álcool. Mas,

independentemente disto, em local privilegiado, na “sala”, há um “barzinho” contendo várias bebidas alcoólicas, que são oferecidas a amigos e/ou parentes que as visitam. Os adolescentes, deparando-se com essa situação, vendo esta substância tão endeusada, também querem experimentá-la.

Já ouvi vários pais acharem graça e até sentirem-se orgulhosos quando vêem seus filhos embriagados. Dizem eles: “é coisa de homem, acontece” (pai de adolescente). Sendo assim, vemos que o consumo do álcool está muito enraizado na cultura de nosso povo e, muitas vezes, é estimulado pela própria família.

Nos grupos mais vulneráveis, público alvo das políticas sociais, o uso e abuso de substâncias psicoativas têm uma relação muito estreita com a condição socioeconômica em que vivem. O tráfico de drogas se organiza e se instala cada vez mais junto a comunidades carentes e a grupos em situação de vulnerabilidade social, cooptando, explorando e escravizando crianças, adolescentes e adultos como “trabalhadores” e usuários. Esses são atraídos não só por uma fonte de renda, mas também pelo acesso direto às drogas. Destituídos de seus direitos mínimos e, na maioria das vezes, sem perspectivas na melhoria de suas condições, buscam no álcool e em outras drogas um “refúgio de prazer” para desconectarem-se da realidade, ou seja, de sua própria condição.

2.1.2 Exclusão social e drogadição

A situação de abandono em que os adolescentes de periferias estão vivendo não é um fenômeno exclusivamente brasileiro, mas mundial. Esse fenômeno está ocorrendo também em países desenvolvidos. Embora os contextos socioculturais e a postura da população geral possam variar em maior ou em menor grau, a presença de jovens vivendo em situação de vulnerabilidade social é uma questão mundial. Há um processo de exclusão social muito forte, que atinge principalmente as crianças e os adolescentes.

As desigualdades verificadas exigem uma discussão ampla que os governantes deveriam fazer especialmente sobre a infância e a juventude pobre. Políticas afirmativas têm se instituído e dentro dessa visão surge o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), que vigora desde 1990 e que é responsável por um grande avanço rumo à consolidação dos direitos das crianças e dos adolescentes.

A palavra exclusão, carregada de significados diversos na literatura, representa, sobretudo, a precariedade vivida pelos jovens que, de alguma forma, não têm seus direitos respeitados e enfrentam dificuldades maiores do que os outros segmentos sociais para se integrar à sociedade em suas diversas esferas.

Assim, a situação experimentada pelo adolescente é produto mais ou menos direto da ausência e/ou precariedade dos ligamentos sociais proporcionados por instituições como a família, (entendida não de forma tradicional, mas ampliada na sua definição com os vínculos de parentesco, próximos ou longínquos, sejam eles consangüíneos ou não), a escola e o mundo do trabalho.

O consumo de drogas, lícitas e/ou ilícitas, está diretamente relacionado com este contexto, pois assim como o abuso dessas substâncias é freqüente entre os jovens e os adolescentes que vivem nessas condições no Brasil, o mesmo ocorre em outros países, como por exemplo, o México, África do Sul, Índia e em países desenvolvidos como EUA, Holanda e Austrália. As diferentes realidades encontradas nos mais diversos países do planeta atentam para a grande diversidade cultural e econômica desses países, acarretando um aumento considerável no uso das mais diversas drogas que encontramos hoje no mercado.

Contextualizando a realidade social em que vivemos, constatamos que houve um aumento, na década de 80, do abismo entre ricos e pobres, e se multiplicaram os sinais de exclusão social no Brasil. Disso dão testemunho tanto a concentração crescente de renda, como as migrações para os grandes centros urbanos, a proliferação de novas favelas, a escalada da criminalidade urbana, a ocupação progressiva de espaços públicos pelas chamadas “populações de rua”, como nos lembra Bucher (1996).

A rua espelha o funcionamento das relações sociais vigentes, com hierarquias, valores, interações, violências e desigualdades. O adolescente organiza-se em coletividade a sua maneira, muitas vezes de forma criativa, no sentido de assegurar a sua sobrevivência e o status de seu grupo, no qual a brincadeira se mistura com as necessidades básicas e outras necessidades, tais como: busca de identidade, de proteção e de respeito.

Muitos adolescentes se protegem na rua através dos mesmos atos de violência a que eles são submetidos principalmente em casa. Dessa forma, ocorrem questionamentos que julgo oportuno fazer: Por que os adolescentes fogem de suas casas? Quais são as razões que eles apresentam em relação ao valor da escola em suas vidas? Qual é a visão dos adolescentes e jovens em relação à função social da educação e suas possibilidades de sucesso na luta contra ao uso indevido de drogas?

Muitos adolescentes, por serem maltratados, ao final da aula não gostam de retornarem para suas casas. Em conseqüência, cada vez aumenta mais o número de jovens que fogem de casa e vão morar em diversos locais, por serem agredidos, ofendidos e, muitas vezes, excluídos do lar.

A escola ainda me parece o melhor local para trabalhar a inclusão deste aluno em sua família. Os educadores representam para os adolescentes um apoio que muitos não recebem em casa no esclarecimento de questões referentes ao uso de drogas. Muitas dúvidas que, porventura, esses adolescentes possam apresentar podem ser sanadas pelos educadores em sala de aula. Muitas vezes, por não serem alertados, esclarecidos em sua própria casa, iniciam a sua vida nas drogas por mera curiosidade. Desta forma, o educador pode contribuir para a inclusão deste adolescente na sociedade e na sua reinserção familiar. A inclusão dele em sua família poderá ou não ser resolvida, mas o que realmente interessa é o papel que a escola tem no trabalho de prevenção ao uso de drogas, que poderá ser feito pelo grupo de professores. Esse grupo qualificado para trabalhar com estas questões poderá ser o referencial que faltava para que o número de adolescentes com problemas de drogas em idade escolar diminua consideravelmente. Essa ajuda ao

adolescente e a sua família poderá ser de suma importância para que o diálogo familiar volte a acontecer.

Para muitos adolescentes, a escola representa um espaço de liberdade que contrasta com os maus tratos físicos sofridos no meio familiar, sendo esse o principal motivo de seu comportamento conturbado na escola. Se entendidas essas contradições – liberdade/conturbação – a escola pode tornar-se um espaço fértil de diálogo.

Para a maioria, a idade média para o início do uso de drogas é a infância (em torno de 10 a 12 anos). Muitos adolescentes faltam às aulas para ficar na rua usando drogas e cometendo os mais diversos delitos, muitas vezes, devido aos maus tratos de seus pais. A deficiência ou a ausência de relações familiares estruturadas, o subemprego e o baixo índice de adesão à escola são alguns dos principais aspectos que caracterizam esses segmentos populacionais e estão intimamente associados com o uso elevado de drogas psicotrópicas (FUENTE e MEDINA-MORA, 1987).

Em uma pesquisa realizada por Robaina (1996), constatou-se que as relações familiares conflituadas foram preponderantes para que jovens tornem-se dependentes químicos em potencial. Um outro estudo, feito por Dimenstein (1999), mostra que as relações familiares representam o principal motivo (35%) que leva o indivíduo ao uso de drogas; em segundo lugar está o fato de ser aceito pelo grupo (15%) e, em terceiro, o desejo de "experimentar situações novas".

O uso de drogas entre adolescentes em situação de vulnerabilidade social atinge percentagens alarmantes, de 77,5% para uso de solventes e 60,0% para uso de maconha, de acordo com pesquisa realizada por Carlini (1987). O uso da modalidade injetável da cocaína com o compartilhamento de agulhas e seringas foi responsável por um significativo número de casos de soro positivo. Hoje em dia, a realidade que temos já é um pouco diferente. Agentes redutores de danos da Prefeitura Municipal de Porto Alegre têm verificado em seu trabalho diário uma nova

realidade: o uso de cocaína injetável foi basicamente substituído pelo uso de crack. O que mudou, portanto, foi à forma de uso da cocaína injetável para a fumada.

Vários aspectos vão definir se este adolescente em estado de vulnerabilidade social (adolescente de periferia) será ou não um dependente químico. Conseqüentemente, as possibilidades de intervenção que poderemos construir com eles devem levar em conta a idade, o tempo de uso na vida, as tentativas de parada de uso, as condições de inserção grupal, a passagem de um grupo para outro, os hábitos do grupo em que vivem, o tipo de uso de drogas e as razões para isso, os vínculos mantidos com a família, o encontro de pontos de suporte, as oportunidades de trabalho e de abastecimento. Todos esses aspectos são fundamentais de serem abordados, para que se conheça a história do adolescente e se possa construir com ele uma relação, a partir do que esta história singulariza a pessoa que abordamos.

Muitos adolescentes repetem procedimentos que observam em casa, como por exemplo, o pai que todo o final de tarde, ao voltar para casa, toma seu aperitivo tranqüilamente. Esse modelo o adolescente adquire em seu próprio lar, vindo a ter comportamentos e atitudes que vão contra o que seus pais estão esperando.

Os adolescentes fumam hoje maconha como seus pais, adolescentes de ontem, fumavam tabaco, bebiam cerveja em casa, tomavam caipiras, tomavam uma dose de vodka ou uma dose de wisky.

(Um educador de escola pública).

O uso de drogas é também uma questão que vem tirando o sono de pesquisadores, educadores, professores e pais. O uso crescente de drogas por jovens em escolas públicas, particulares e municipais tem refletido na abordagem e no trabalho que os professores devem desenvolver com os adolescentes.

Tal fato nos mostra que o ditado popular que diz que “é melhor prevenir do que remediar” é perfeitamente aplicável nesse contexto. Desta forma, tornou-se consensual que a prevenção é o melhor caminho e que a educação é a melhor ferramenta para este objetivo (JEZIERSKI e PALMA, 1988 apud CARVALHO, 2002, p.108).

2.2 ADOLESCÊNCIA E DROGADIÇÃO

O período do crescimento humano usualmente situado entre o início da puberdade e o estabelecimento da maturidade adulta é designado por “adolescência”. Cerqueira (1984) afirma o seguinte em relação à adolescência:

A adolescência é um período de desorganização temporária, em que o distanciamento dos pais, as rebeldias, os comportamentos estranhos são meios que o adolescente emprega para evoluir a um padrão de relacionamento mais adulto (1984, p.24-25).

Essa visão dialética de adolescência possibilita que seu conceito possa evoluir, partindo-se da visão de imprevisibilidade do conflito e da ambigüidade para o seu oposto, ou seja, para a identidade plena, a segurança e a autodefinição, que, em outras palavras, significa a maturidade. Em um artigo para a folha de São Paulo, em 1991, Marta Suplicy citou Anna Freud, falando sobre a visão do adolescente e da relação com a sua identidade.

É normal para o adolescente se comportar de maneira inconsciente e não-previsível. Lutar contra seus impulsos e aceitá-los; amar seus pais e odiá-los; ter vergonha de reconhecê-los perante outros e querer conversar com eles; identificar-se, imitar os outros enquanto procura uma identidade própria... (1991, p.6-1).

Na maioria das vezes, os adolescentes iniciam o consumo de drogas pela simples curiosidade, por um desafio e por uma tentativa de fugir da realidade em que vivem. Hoje em dia, observa-se cada vez mais a facilidade no acesso a diversos tipos de drogas, pois elas se encontram em quase todos os ambientes onde os adolescentes freqüentam como escolas, a sua própria comunidade, em bares e boates.

A violência nesta fase da vida é um dos vários problemas graves que está intimamente ligado ao uso de drogas por parte dos adolescentes, apresentando um crescimento expressivo em todas as classes sociais. É dentro deste contexto onde o

jovem está inserido que a educação escolar deve influir, para que tenhamos uma juventude menos violenta e voltada para uma vida de melhor qualidade.

2.2.1 Caracterização geral da adolescência

A adolescência caracteriza-se por ser uma fase de transição entre a infância e a juventude. É uma etapa extremamente importante do desenvolvimento, com características próprias.

As modificações corporais que o indivíduo apresenta são universais: o desenvolvimento físico, o amadurecimento sexual, as modificações no nível social (grupo de amigos), o surgimento do raciocínio hipotético-dedutivo. Essas transformações que os adolescentes apresentam ocorrem nos indivíduos de diferentes formas. Um fator importante a ressaltar é em relação ao aspecto emocional pelo qual o jovem passa nessa transição.

Zagury Afirma o seguinte:

Na adolescência, precisamos de um tempo para pensar, para rever nossas crenças e fé, antes exercido apenas por conta do modelo familiar. O tamanho desse tempo é pessoal, varia de indivíduo para indivíduo, de jovem para jovem. Aos poucos, teremos condições de decidir por nós mesmos se a nossa fé é a mesma que a de vocês, e de que forma a queremos professar. Não nos impeçam de desenvolver nossa intelectualidade. Precisamos desses momentos de dúvida para emergir como indivíduos (2002, p.221).

É nesse momento que atitudes diferentes podem aparecer no adolescente, cujas emoções são contraditórias, deprimindo-se com facilidade, passando de um estado meditativo e infeliz para outro pleno de euforia e crença em suas possibilidades. A adolescência é um período da vida em que as contradições caracterizam o discurso do sujeito social que está emergindo.

adolescência é a época de reorganização emocional. Período de veloz desenvolvimento físico e mental que demanda um esforço adaptativo intenso por parte do adolescente, que impelido para diante por forças internas, é ao mesmo tempo contido por restrições sociais (LESBORNE, 1975 apud BITTENCOURT, 1994, p.131).

Uma outra contradição é a que se refere à questão da dependência versus independência. O estado de dependência é uma característica fundamentalmente humana. Poderíamos até dizer que ela é estruturante para o sujeito, no sentido de que é através de um estado de total dependência, e aqui, privilegamos a primeira relação mãe-filho, que a criança vai adquirir condições de tornar-se alguém diferente e único.

O adolescente vê-se dividido entre o desejo de conservar o mundo confortável da sua infância e a necessidade imperiosa de adquirir sua autonomia.

Durante essa fase, há uma revivescência das experiências anteriores, sendo os conflitos infantis, as relações com os pais, revividos e atualizados. Esse é um dos principais motivos que justificam a impossibilidade de estabelecermos um quadro psicológico da adolescência que seja universal, pois devemos levar em consideração as diferenças individuais, que fornecem uma enorme gama de reações frente às mudanças próprias desse período (OLIVEIRA apud ROBAINA, 1996, p.111).

Há um conflito entre o princípio do prazer e o princípio de realidade, pois esse deve passar a ser dominante na interação desse sujeito com a realidade que o envolve. Zagury (2002), em seu livro *o Adolescente por ele mesmo*, traz alguns questionamentos interessantes e que, de uma forma ou de outra, deveriam fazer parte da discussão e abordagem em sala de aula.

Como lidar com uma fase tão decisiva e tão complicada? Como enfrentar o problema das pessoas, das drogas, a violência nas ruas, a onipotência, a sexualidade exuberante, os medos, as agressões? Como enfrentar tudo isso? Essas são algumas das questões que os pais e educadores trazem. São dúvidas complexas que devem ser analisadas e pensadas, visando ao seu enfrentamento.

É a necessidade de contribuir com respostas a essas questões e muitas outras que porventura irão surgir que me incentiva a desenvolver este tema interessante e complexo que é a relação do uso de drogas na adolescência. Nesse sentido, inicialmente, pretendo aprofundar o conceito de adolescência.

O conceito de adolescência relaciona-se a um processo de crescimento. Em termos meramente físicos, refere-se ao período da vida compreendido entre a puberdade e o desenvolvimento completo do corpo, sendo que, para meninas, vai aproximadamente dos doze aos vinte e um anos e para os meninos, dos quatorze aos vinte e cinco anos; havendo ênfase nos caracteres sexuais.

É principalmente no início desta fase que os adolescentes apresentam mais dificuldades. Muitas vezes, é exigido deles, pelos seus pais e/ou a sociedade, que se comportem como “adultos”. Isso pode levá-los a ações defensivas, persistindo em atitudes infantis, demonstrando um movimento contra o seu próprio crescimento.

Aberastury (1981) chama de “lutos da adolescência”, o sofrimento por uma série de perdas pelas quais passa o adolescente. O primeiro seria o luto pelo corpo infantil, quando percebe uma grande mudança física, não podendo fazer nada contra esse fato.

O segundo seria o luto pela identidade infantil, que é o momento em que ocorre a famosa “irresponsabilidade do adolescente”, vivendo entre a realidade e a fantasia. Dessa maneira, inicia-se a formação de grupos com adolescentes da mesma idade, nos quais ele se sente aparentemente seguro, participando ativamente das decisões do grupo, não existindo, no entanto, uma responsabilidade pessoal.

O terceiro e último luto é pela perda dos pais da infância, sendo este o momento mais crítico para os adolescentes: eles descobrem que os pais nunca foram realmente tudo aquilo idealizado durante a infância, ocorrendo até choques com eles, contestando, inclusive, sua autoridade.

A principal estratégia para intervirmos neste sentido se dá pelo mapeamento dos fatores de risco e pela informação. Ou seja, deve haver um alerta sobre os fatores de risco e um estímulo aos fatores de proteção.

“A adolescência é um complexo psicossocial, assentado em uma base biológica, cuja caracterização pode ser sumariada” (OSÓRIO, 1989, p.12). Para o autor, essa caracterização sumariada apresenta como principais características para a saída desta fase a redefinição da imagem corporal, a culminação do processo de separação/individuação e substituição do vínculo de dependência simbiótica com os pais de infância, elaboração de lutos, estabelecimento de uma escala de valores e a aceitação tácita dos ritos de iniciação como condição de ingresso ao status de adulto.

Em primeiro lugar, toda pessoa necessita sentir-se pertencendo a um grupo, reconhecido e valorizado pelos outros. Se não há possibilidade de reconhecimento na família, na igreja, no centro comunitário, no clube, no trabalho e na escola, a pessoa procurará reconhecimento em uma via delinqüencial ou marginal, pois se sabe que no mundo do crime algum reconhecimento é garantido para quem se lança de forma destemida nesta perspectiva, apesar do alto preço pago para isso.

A seguir, apresento o que podem ser considerados como fatores de risco de uso de drogas referentes à família, segundo Sudbrack (2004):

- história familiar de alcoolismo ou dependência de drogas, quando este tema não é enfrentado ou tratado;
- despreocupação da família em relação ao uso de álcool ou drogas por parte da criança ou do adolescente;
- expectativas familiares não claras em relação às crianças e aos adolescentes;
- combinações inconstantes e contraditórias;
- falta de limites aos filhos;
- falta de estímulo para conquistas que são importantes para os filhos (boletim, esportes, amigos, etc);

- baixa expectativa de êxito em relação às iniciativas dos filhos;
- conflito conjugal que envolve toda família (cumplicidade, não-ditos, etc);
- estímulo a uma relação competitiva e ciumenta entre irmãos;
- falta de cuidados básicos com os filhos.

Em relação aos fatores de proteção na família, os principais são os seguintes:

- presença de vínculos afetivos e de comunicação;
- estímulo e valorização à educação, ao crescimento, à independência e às conquistas pessoais de cada membro da família;
- compartilhamento de responsabilidades;
- expressão clara das expectativas dos pais em relação aos filhos;
- dar liberdade às iniciativas pessoais em termos de projetos de vida, criatividade, estilo pessoal, entre outros (SUDBRACK, 2004, p.34-35).

Aberastury afirma que:

O adolescente apresenta uma vulnerabilidade especial para assimilar os impactos projetivos de pais, irmãos, amigos e de toda a sociedade. Ou seja, é um receptáculo propício para encarregar-se dos conflitos dos outros a assumir os aspectos mais doentios do meio em que o envolvimento com drogas acontece (1981, p.11).

Segundo Outeiral:

A adolescência é basicamente um fenômeno psicológico e social. Esta maneira de compreendê-la nos traz importantes elementos de reflexão, pois, sendo um processo psicossocial, a adolescência gera diferentes peculiaridades conforme o ambiente, social, econômico e cultural em que o adolescente se desenvolve (2003, p.3).

Pelas afirmações dos dois autores, percebe-se que a adolescência é um período no qual começam a aparecer problemas emocionais de relacionamento, momentos de rebeldia, em que os adolescentes apresentam dificuldades em dialogar com seus familiares. A partir dessas dificuldades encontradas, é comum aparecer o envolvimento com drogas. Buscam então apoio em seu grupo de amigos, que, às vezes, fazem uso de drogas. Muitas vezes, encontram nesse grupo normas

que são impostas a ele por seus companheiros, tais como: corte do cabelo, tipo de roupa que deve usar, mudança de hábitos, de atitudes, de sua concepção de vida e valores, bem como de seu modo de agir.

Sua família vive questionando seus atos e suas atitudes, pois o adolescente nesta fase inicia um momento crítico em sua vida, momento esse em que não aceita críticas, conselhos, nem sugestões, pois acha que o seu jeito de agir e de viver está correto. Vive em constante conflito com sua família e consigo mesmo. Seu corpo está mudando numa velocidade muito rápida que ele mesmo não consegue acompanhar essas mudanças.

“Na adolescência, o indivíduo se vê obrigado a assistir e a sofrer passivamente uma série de transformações que se opera em seu corpo, e, por conseguinte, em sua personalidade” (OUTEIRAL, 2003, p.7).

Frente a essa transformação, o adolescente encontra-se em meio a questionamentos freqüentes sobre a trajetória que deve seguir. Por um lado, essa transformação é desejada e, por outro, vivida como uma ameaça e uma invasão, o que leva, muitas vezes, o adolescente a buscar dentro de si um refúgio em fantasias, devaneios e sonhos. Eles também expressam suas ansiedades e fantasias frente às mudanças que percebem em seu corpo, bem como na forma de pensar e agir. Busca seu espaço, organizando-se em grupos ditos como iguais, os quais eles acreditam que podem entender realmente o que está acontecendo com ele. Por não ser totalmente entendido em casa pelos seus familiares, busca no grupo esse espaço.

Nesta fase extremamente importante de sua vida, o apoio da família é fundamental para que ele não inicie o uso de drogas.

Em decorrência da falta de diálogo e de entendimento por parte da família pelo momento que o adolescente está passando, ele poderá entrar em “crise”, decorrente do mau relacionamento com seus pais e de como eles vêem a sociedade

e seus valores. O que para seus pais são valores que devem ser cultivados, para ele estes não têm nenhuma importância, iniciando, assim, o conflito familiar.

As atuações do grupo e dos seus integrantes representam a oposição às figuras parentais e uma maneira ativa de determinar uma identidade diferente da do meio familiar. No grupo, o indivíduo adolescente encontra um reforço muito necessário para os aspectos mutáveis do ego que se produzem neste período da vida (ABERASTURY, 1981, p.37).

2.2.2 O Adolescente e o seu grupo

O adolescente valoriza o seu grupo de amigos, dando maior importância a ele do que a sua própria família. Para ele, no momento, o que interessa são os valores e as regras que o grupo estabelece, não importando se elas não forem semelhantes às regras impostas por seus pais em casa.

Os valores que lhe são apresentados e impostos por seu grupo podem ser aceitos ou não. Muitos grupos de adolescentes elaboram regras e normas, sendo muito rígidos na cobrança e obrigatoriedade em seu cumprimento.

A pressão exercida pelo grupo poderá influenciar e muito no posicionamento que o adolescente irá tomar. Muitos desses grupos têm como regra usar cabelos compridos, brincos, tatuagens e também o uso de drogas, principalmente a maconha. A exigência das regras para o ingresso no grupo poderá forçar esse adolescente a posicionar-se pelo seu ingresso ou não. O que vai determinar se esse jovem vai ou não ingressar no mundo das drogas é a situação pela qual está passando no momento, pois nesta busca pela identidade contará muito o relacionamento familiar. Se ele não tem apoio em casa, certamente vai buscar em outro lugar, o qual pode ser o grupo de usuários de drogas.

Se for um dos valores importantes de seu grupo, isso pode levá-lo a usá-la, de início como um experimentador. Se os pais, ao descobrirem que seu filho está usando drogas, iniciam uma batalha de questionamentos, de brigas e de

desentendimento com ele, isso, com certeza, tende a aumentar ainda mais o problema. É nesse momento que o adolescente precisa de ajuda e de apoio e, muitas vezes, não é isso que ele recebe de seus familiares. O problema poderá aumentar mais ainda se os pais e demais familiares não perceberem que estão agindo erradamente. Desta forma, o adolescente passará rapidamente de um experimentador para um usuário de fim de semana até tornar-se um dependente químico.

Santos (2004) afirma que a onipotência juvenil é uma característica da adolescência que faz com que o jovem acredite que com ele nada vai acontecer. Ele tudo pode e nada lhe acontece, como transar sem camisinha e não engravidar ou pegar Aids ou DST, até usar drogas e não se tornar dependente.

O autor ainda enfatiza que é ainda muito maior o risco de dependência no jovem quando esse possui dificuldades de desligar-se da situação de dependência familiar, quando existem falhas na capacidade de reconhecer-se como indivíduo adulto, capaz e separado dos outros e também quando possui dificuldades de lidar com figuras de autoridade. Ele sente necessidade de desafiar e transgredir compulsivamente.

Erikson (1968) considera a adolescência como um período particularmente decisivo na formação da identidade, que se realiza de diversas maneiras, variando de cultura para cultura. Para ele, o elemento comum entre as culturas é a idéia da necessidade do reconhecimento consistente e significativo das realizações e conquistas do adolescente. Acrescenta que um forte sentido de identidade é essencial para a verdadeira maturidade atingida posteriormente pelo indivíduo, sendo que é apenas no final da vida adulta que tal sentido emergirá.

Chegamos ao topo do problema, ou seja, como é que nós, educadores, professores, pais e familiares podemos ajudar estes adolescentes a não entrarem neste caminho que, na maioria das vezes, se não acaba com a vida deles, leva-os a cometer os mais diversos delitos? O que precisamos fazer para que isso não aconteça? Como evitar que os adolescentes entrem para este vazio de valores que

é a droga? Como deverá ser o procedimento de pais e familiares frente a este problema? Quais os limites e as possibilidades que temos?

Essas são algumas das questões que surgem quando nos deparamos com a problemática da drogadição. Através deste trabalho, pretendo trazer subsídios para a formação de educadores de adolescentes, tornando-os capazes de refletir e atuar, no sentido de evitar que mais e mais jovens iniciem o uso de drogas.

A autora Ribeiro (2005), em seu livro “Drogas na escola: prevenir educando”, afirma o seguinte com relação à questão da identidade dos adolescentes.

Sem deixar de considerar os aspectos que não são de ordem psicológica, já que a questão não deve convergir para um ponto único (nos próprios relatos é possível perceber as relações do uso não apenas com os conflitos, mas o entrelaçamento destes com outros aspectos sejam de ordem social, cultural, biológica, etc.), foi possível evidenciar que a formação da identidade e a consciência da aproximação de uma vida adulta revelam-se bastante conflituosas. Por vezes, a nova consciência de si mesmo oferece insegurança, e a droga, aparentemente, fornece um alívio para esse momento de confusão. Mesmo que não seja a maioria dos adolescentes que busque essa possibilidade para atenuar o sentimento de angústia da crise de identidade, ainda assim, faz-se necessário criar meios para evitar que, para alguns a possibilidade de saída da crise seja uma opção superficial. E é esse um papel importante da escola ao qual ela hoje não pode se furtar (2005, p.47-48).

Dentro desta perspectiva complexa, é que os educadores, precisam cada vez mais buscar condições para que nossos alunos adolescentes possam conviver nas escolas em condições de segurança em relação à problemática da drogadição.

2.2.3 Resultados de pesquisas sobre adolescentes e drogas

Dados brasileiros a respeito do consumo de drogas foram obtidos no primeiro levantamento nacional sobre o uso de psicotrópicos entre adolescentes de 10 anos ou mais, estudantes da rede estadual de ensino, em 1987 (CARLINI, CARLINI COTRIM, SILVA FILHO e BARBOSA, 1989).

Este estudo registrou que o álcool era a droga mais usada em dez capitais brasileiras. Os dados da cidade de Porto Alegre não se diferenciaram muito daqueles obtidos nas outras capitais. Um percentual de 73,3% dos estudantes da rede estadual de Porto Alegre já havia feito uso pelo menos uma vez na vida de álcool e 33,9% o haviam consumido no último mês.

Em um outro estudo realizado com adolescentes, Zagury (2002) relata uma pesquisa realizada em sete capitais e nove cidades do interior, entrevistando adolescentes de todas as classes sociais, que freqüentavam escolas nessas cidades, sobre o uso de drogas. Dentre os tópicos pesquisados, investigou-se o tipo de droga utilizada e a freqüência de uso. Constatou-se que 46,2% dos adolescentes utilizam álcool às vezes. Com relação às drogas, destacamos os ansiolíticos 8,8% e a maconha 5,4%, que adolescentes utilizam esporadicamente.

Com relação à freqüência de uso, o álcool aparece com 10,2% e a maconha com 1,7%. Quanto à idade em que o adolescente iniciou o uso, 57,7% tinham 14 anos ou menos. É interessante ainda destacar que, nesta pesquisa, 45,5% dos adolescentes que já a utilizavam ainda não haviam pensado em parar.

A pesquisa confirmou que a maconha e os solventes são as drogas ilícitas mais utilizadas pelos adolescentes em idade escolar. O álcool é a droga lícita mais utilizada.

Com relação ao uso de drogas e o estado civil dos pais, a autora relata que a maconha e solventes eram mais usadas pelos filhos de pais separados e pelos que não tinham pais; já com relação a calmantes, o seu uso é maior nos filhos de viúvo/as e nos que não têm pais.

Sobre estes dados apresentados, a autora afirma que:

A família tem importância capital no estado emocional e no equilíbrio do adolescente. Uma família estruturada, harmônica e equilibrada produz, quase sempre, jovens equilibrados e estruturados. A falta dos pais é sentida de forma substancial pelo jovem, sendo causa de maior fragilidade emocional (ZAGURY, 2002, p.111).

Com relação ao sexo, esta pesquisa destaca que ambos utilizam indiscriminadamente as drogas, mas as meninas utilizam mais remédios para emagrecer e calmantes do que os meninos.

Para identificar se o adolescente está se drogando, os pais devem ficar atentos e observar como seus filhos adolescentes estão se comportando e de que forma eles agem perante as mais diversas cobranças que seus pais lhes fazem. Entretanto, as atitudes e comportamentos apresentados pelos adolescentes, para Bucher (1993), são sinais de problemas que os adolescentes apresentam e que podem ter origem em uma série de circunstâncias, não obrigatoriamente relacionada com drogas. Afirma o autor:

As características apresentadas podem representar sintomas que se prolongado por um tempo determinado (até 1 mês) poderá ser levado em conta de que algo está acontecendo com esse adolescente. Os sinais são os seguintes: irritabilidade, agressividade, falta de motivação para os estudos, falta de motivação para o trabalho, troca do dia pela noite, insônia, falta de motivação para namorar, sair, passear com amigos, vermelhidão nos olhos, desaparecimento de objetos ou de dinheiro de casa, etc. (BUCHER, 1993 apud ZAGURY, 2002, p.113).

Em uma outra pesquisa realizada com adolescentes, Bucher e outros (1990) realizaram um estudo com 150 crianças, divididas em três grupos (menores institucionalizados, meninos de rua e menores freqüentadores de escolas públicas), na faixa etária dos 10 aos 17 anos. O objetivo era investigar o consumo de solventes entre crianças e adolescentes de uma cidade-satélite de Brasília (Ceilândia).

Esse estudo revela, surpreendentemente, que o uso de inalantes e, secundariamente, de outras drogas, entre menores de rua é 100% (uso na vida) e, entre os menores institucionalizados, de 92%. Além disto, ambos os grupos apresentaram alto índice de uso atual freqüente: 88% do primeiro grupo e 72% do segundo grupo referiram usar inalantes diária ou semanalmente. Os solventes mais usados e também os mais baratos e acessíveis foram a cola de sapateiro e o loló. O grupo de meninos de rua apresentou reduzida atração por outra droga (apenas 10% utilizam outras drogas que não os inalantes), enquanto que os menores institucionalizados indicaram grande inclinação pelo consumo de drogas ilícitas,

sobretudo maconha e cocaína. O primeiro grupo se abastece por meio de farmácias e lojas (60%), em oposição ao segundo grupo que recorre a traficantes.

Os resultados desta pesquisa revelam ainda outro dado surpreendente sobre a família dos sujeitos: Foi verificado o alcoolismo em 50 e 58% das famílias do primeiro e segundo grupos e, do terceiro grupo, 28%.

Investigando o uso de substâncias psicoativas por alunos de uma escola privada de Porto Alegre, Pechanski & Soibelman (1992) encontraram que, na faixa etária de 16 a 18 anos, praticamente todos os alunos de ambos os sexos já haviam usado, pelo menos uma vez na vida, bebidas alcoólicas. No último ano, 71,6% dos estudantes entre 10 e 18 anos haviam consumido álcool, sendo que para o uso no último mês este percentual foi de 48,4%. Cerca de 14% dos alunos consumiram bebidas alcoólicas em seis ou mais dias do último mês. Estes dados apontaram novamente o álcool como a droga mais utilizada, seguido de tabaco e inalantes.

Em uma outra pesquisa, Pechanski (1993) investigou as variações no consumo de álcool por adolescentes na faixa etária de 10 a 18 anos, residentes na zona urbana de Porto Alegre, através de entrevista estruturada domiciliar. Nesse estudo, a experimentação de bebidas alcoólicas foi relatada por 71,5% dos entrevistados, sendo significativamente diferente entre meninos e meninas (75% dos meninos e 67,4% das meninas). Ressalta-se ainda que, a partir dos 13 anos, a experimentação entre os dois sexos é similar, sendo que o primeiro consumo de bebidas alcoólicas foi em média, por volta dos 10 anos de idade.

Em uma outra pesquisa realizada em Porto Alegre por Araújo (1995), sobre experiências e expectativas de adolescentes em relação aos efeitos do álcool, os resultados encontrados pela autora confirmam as diferenças de expectativas entre os padrões de uso de álcool no último mês, tomados como padrões de uso atual. Dentre os dados observados, destaca-se que a experimentação de bebidas alcoólicas ocorreu, em média, aos 13 anos e o tipo de uso mais freqüente inclui o consumo de bebidas de baixo teor alcoólico em festas de 1 a 5 vezes ao mês.

Com relação aos efeitos agradáveis, os mais freqüentes são alegria e desinibição e os efeitos desagradáveis são tontura e desinibição. Observa-se que a desinibição foi colocada como efeito agradável e desagradável. Além destes, outros ainda foram mencionados como efeitos agradáveis, como esquecer problemas e sentir-se diferente, entre outros.

Um outro fator relevante a destacar na pesquisa diz respeito ao uso de bebidas alcoólicas sob orientação da família: o chamado beber orientado parece ser uma alternativa segura para evitar o desenvolvimento de expectativas típicas dos bebedores mais freqüentes.

O consumo de bebidas alcoólicas e/ou drogas no Brasil tem sido objeto de estudo por vários grupos de pesquisadores (AZOUBEL NETO, 1965; CAPRIGLIONE, MONTEIRO e MANSUR, 1985; CARLINI et al 1987, 1989 e 2001; FEIX et al 1991 e 1993; KERR-CORREA et al 1985; LUZ JR., 1974; PECHANSKY e SOIBELMAN, 1992).

A pesquisa sobre consumo de bebidas alcoólicas na população brasileira é uma necessidade evidente e uma reivindicação antiga, tanto por parte da sociedade como por aqueles que têm a obrigação de fornecer informação a este respeito, por sua posição política, econômica ou científica (CARLINI, 1990). Esses autores são formadores de opinião no Brasil.

Devido a diversos problemas, principalmente financeiros, temos até hoje apenas dois estudos nacionais sobre as características de consumo de álcool e outras drogas, bem como seu uso, abuso e dependência. Estes estudos foram realizados em escolas em três momentos diferentes (CARLINI et al, 1987, 1989 e 1992).

Os estudos realizados por Carlini et al (1987) sugerem que a experimentação de bebidas alcoólicas é, de longe, a mais freqüente dentre todas as possibilidades de uso de substâncias psicoativas, legais ou não, por escolares na faixa etária de 10 a 19 anos. A Tabela 1 resume dados em escolas das principais

capitais brasileiras. A metodologia utilizada foi proposta por SMART et al (1980) e adaptada para o Brasil por Carlini et al (1987).

Comparamos estes dados obtidos por estes pesquisadores com a pesquisa realizada em Porto Alegre por Pechansky et al (1981), Soibelman e Pechansky (1991), baseados na mesma metodologia apresentada por Smart et al (1980). Observe-se que Porto Alegre encontra-se abaixo de Belo Horizonte e Salvador.

Tabela 1: Consumo de bebidas alcoólicas em alunos entre 10 e 18 anos da rede estadual de Porto Alegre e de outras 9 capitais brasileiras

Cidade	N	Experimentação %	Uso no ano %	Uso no mês %	Uso freqüente %
Porto Alegre	1034	77,5	62,7	38,2	15,9
Belém	1494	72,9	57,2	31,5	14,3
B. Horizonte	1998	81,9	67,1	41,1	17,2
Brasília	1873	77,7	62,3	36,1	14,6
Curitiba	2224	80,3	65,5	38,1	14,5
Fortaleza	1987	73,5	57,4	27,7	9,6
Recife	1833	73,1	57,6	33,1	13,4
Rio de Janeiro	2512	78,8	60,9	34,7	14,1
Salvador	1384	80,0	66,0	42,6	18,3
São Paulo	2384	79,2	64,8	38,2	12,7

Fonte: adaptado de Carlini et al, 1989.

Tabela 2: Comparação do consumo de bebidas alcoólicas em alunos entre 10 e 18 anos de três escolas privadas de Porto Alegre e da rede privada de quatro capitais brasileiras

Instituição	N	Experimentação %	Uso no ano %	Uso no mês %	Uso freqüente %
Escola 1 (P.A)	2042	83,7	77,1	52,4	17,9
Escola 2 (P.A)	860	81,2	72,7	49,7	14,3
Escola 3 (P.A)	495	81,8	72,5	43,0	15,4
Brasília	1084	81,2	70,9	44,3	15,9
Curitiba	976	86,6	75,3	46,0	14,9
Fortaleza	2199	72,2	55,4	27,1	9,5
São Paulo	1614	85,7	72,9	46,0	14,4

Fonte: adaptado a partir de Carlini et al, 1989.

Analisando e comparando os dados das duas tabelas, percebe-se a limitação dos estudos, entretanto, eles mostram o aumento da proporção do uso de substâncias químicas, no último ano e último mês de alunos matriculados. Além disso, sabe-se que existe uma grande parte da população que não tem acesso à escola, que também apresenta essas características. O alcoolismo parece ser uma das principais conseqüências de conflitos familiares, abandono da escola, brigas, entre outros fatores anti-sociais.

Outros estudos realizados em Porto Alegre mostraram dados relevantes sobre as conseqüências que o álcool e as outras drogas (maconha, cocaína, medicamentos, etc.) causam, principalmente nos jovens e adultos jovens. Em 1997, foi realizada uma pesquisa com estudantes de 1º e 2º graus, realizada pelo CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas). A pesquisa foi realizada nas principais capitais do país, sendo que Porto Alegre apresentou-se como a “Capital da Droga”, com índice de consumo de drogas de 30,5% (1º lugar entre as 10 capitais do Brasil).

Outros dados observados em relação a Porto Alegre apresentaram, em relação à experimentação de maconha, 14,4%, e de cocaína, 4,55%. O consumo de drogas pelo menos uma vez na vida, quanto ao álcool e o tabaco, somente na faixa etária de 10-12 anos, chega a 55,1% e 16,6% respectivamente.

Em 1998-1999, a UNESCO realizou uma pesquisa semelhante à realizada pelo CEBRID (1997) e encontrou dados extremamente preocupantes. Porto Alegre foi considerada a capital com maior número de consumidores de álcool, com 62,0%; 15,0% de drogas ilícitas; 18,0% de tabaco e 4,0% de drogas injetáveis.

Para realizar uma comparação, o mesmo CEBRID realizou em Porto Alegre (1997) uma pesquisa com a população de moradores de rua da capital. Deste levantamento, obtivemos dados alarmantes: 52,6% dos entrevistados fazem “uso pesado” (5 ou mais vezes por semana no último mês) de drogas, um aumento significativo de uso de cocaína que passou de 12,1% em 1987 para 27,8% em 1997. Mostrou ainda a utilização de crack, que passou de insignificante em 1993 para 9,3% em 1997.

Gostaria de ressaltar que na cidade de Porto Alegre, o uso e o abuso de crack por adolescentes vêm subindo cada vez mais, tornando-se a droga do momento. Isso é perceptível quando, por exemplo, agentes do PRD (Programa de Redução de Danos) da Prefeitura realizam seu trabalho de reeducação em suas visitas rotineiras nos pontos de maior uso de crack na cidade, percebendo um aumento considerável do número de usuários. Com a oferta cada vez maior e a fácil aquisição, esses usuários migraram do uso de cocaína injetável para o uso abusivo dessa droga.

Em 1999, em uma pesquisa realizada na Fundação do Bem Estar do Menor (FEBEM-RS), hoje chamada de Fundação Apoio Sócio Educativa (FASE), com 402 crianças e adolescentes das áreas de proteção especial e socioeducativa, obtivemos os seguintes dados:

- 15% das crianças e adolescentes fazem uso pesado de maconha;

- 75% fazem uso experimental de álcool e tabaco;
- 80% fazem uso experimental de drogas ilícitas;
- as meninas usam mais álcool, solvente e anorexígenos e iniciam mais precocemente o uso de álcool e de tabaco do que os meninos.

Carlini (2001), em sua última pesquisa realizada no Brasil, pesquisou em 107 cidades brasileiras. A pesquisa foi realizada em cidades que apresentam mais de 200 mil habitantes. Na região sul, especificamente no estado do Rio Grande do Sul, a amostra investigada foi realizada nas seguintes cidades como mostra a tabela nº. 3.

Tabela 3: Estado do RS e suas cidades com mais de 200 mil habitantes

CIDADE	POPULAÇÃO	HOMENS	MULHERES
CAXIAS DO SUL	360.419	176.959	183.460
GRAVATAÍ	232.629	114.837	117.792
NOVO HAMBURGO	236.193	115.432	120.761
PELOTAS	323.158	153.342	169.816
POA	1.360.590	635.820	724.770
SANTA MARIA	243.611	115.983	127.628
VIAMÃO	227.429	111.567	115.862

Fonte: Adaptado de Carlini et al, 2001, p.24.

Este foi o primeiro levantamento domiciliar realizado no país sobre o consumo de drogas psicotrópicas (CARLINI, 2001). Na região sul, os dados encontrados foram muito significativos e retratam como o consumo de drogas nesta região tem aumentado de ano a ano. O uso de qualquer droga, exceto tabaco e álcool, foi de 17,1%. A estimativa de dependentes de tabaco foi a mais alta das regiões brasileiras (12,8%). A região sul também registrou a maior porcentagem de dependentes de maconha (1,6%). O consumo de maconha (8,4%) e de cocaína (3,6%) nesta região foi a maior porcentagem em comparação às outras regiões do

Brasil. O uso de anorexígenos (medicamentos que estimulam o apetite), ao contrário das outras regiões, foi o menor registrado (1,0%).

Para caracterizar melhor esta pesquisa, apresento abaixo dados relativos à pesquisa referente à região sul (CARLINI, 2001):

- A faixa etária apresenta-se equilibrada ao compararem-se os sexos. Na faixa etária de ≥ 35 anos aparece o sexo feminino com 58,4%, sendo no total 54,6%;
- Quando comparamos os grupos étnicos, destaca-se o grupo dos caucasóides, com 85,2% do total;
- Em relação ao estado civil, cerca da metade da amostra foi de pessoas casadas, para ambos os sexos;
- A classe social predominante é a socioeconômica C (35%);
- O número de entrevistados analfabetos e que apresentam 1º grau incompleto atingiu cerca de 1/3 da amostra (46,9%) independentemente do sexo analisado.

Analisando os dados apresentados, nota-se cada vez mais o quanto é importante o trabalho do professor na escola, através de projetos de prevenção ao uso indevido de drogas (PPD). Para que isso aconteça e ajude necessariamente os adolescentes, seus professores devem ser capacitados em cursos de formação e/ou reservarem espaços significativos em suas escolas para trabalhar a favor da “vida”.

Nas pesquisas realizadas por FEIX et al (1991) sobre grau e severidade do alcoolismo entre pacientes do CDQUIM, em Porto Alegre, percebe-se que, em 200 prontuários analisados, 1,51% dos pacientes têm graus leves de alcoolismo, 15,15% têm grau moderado e 83,34% têm alcoolismo grave. Dos pacientes que participaram

da amostra, 96% eram do sexo masculino; 68,7% brancos. A faixa etária predominante foi entre 25-44 anos, correspondendo a 67,7% dos pacientes.

Em outra pesquisa, FEIX et al (1991) apresentaram a prevalência das principais complicações médicas entre pacientes dependentes químicos (álcool e/ou outras drogas). Os resultados mostraram que 77% dos pacientes internados apresentaram dependência do álcool ou psicose alcoólica; 8%, dependência de drogas e 15%, abuso ou dependência mista de álcool mais drogas.

Os sistemas orgânicos mais comprometidos foram, respectivamente, o digestivo, com 43%; o nervoso central e periférico, também com 43%; seguindo o cardiovascular, com 5%; o endócrino – metabólico, com 4%; o respiratório, com 3% e o imunológico, com 1%.

Como complicações médicas principais apareceram as polineuropatias, com 38%; insuficiência hepática aguda, 24%; afecções pancreáticas, 13%; outras doenças neurológicas, 6%; cirrose hepática, 6%; desnutrição protéica, 6%, ficando as demais doenças com percentual menor ou igual a 3%.

Analisando-se essas pesquisas, em nível escolar e hospitalar, percebe-se a necessidade de se realizar estudos e projetos enfatizando como ponto chave a visão educativa sobre a droga.

A elaboração de um programa alternativo de prevenção ao uso indevido de drogas, como Carvalho (1990) propõe, leva em conta a valorização dos sentimentos positivos como atitude e valor. Segundo o autor, as atitudes e os valores é que constituem, de um modo geral, as representações cognitivas e transformações das necessidades.

Em resumo, são imprescindíveis novos estudos que permitam conhecer com mais detalhe a forma como se dá a experimentação de álcool e outras drogas e a consequência que isso leva a essas pessoas que as utilizam. É neste contexto que este programa proposto por Carvalho (1990) se insere, buscando identificar as

principais causas que na infância e na adolescência possam ter contribuído para que hoje os pacientes adultos sejam dependentes químicos (álcool e outras drogas). O programa busca assim encontrar alternativas aos jovens para que não sofram conseqüências posteriores, devido aos efeitos deteriorantes no organismo que a droga causa ao jovem, ainda em idade altamente produtiva para si e para a sociedade.

2.3 O PAPEL DA FAMÍLIA E ASPECTOS DAS RELAÇÕES TERAPÊUTICAS

A família é uma unidade interacional, em que todos os membros se influenciam mutuamente. Quando há na família um drogado, essa passa, na maioria das vezes, por momentos difíceis de sofrimento, mesclados por sentimentos de impotência para resolver de forma satisfatória as dificuldades inerentes a essa situação. Buscar a terapia familiar é a decisão mais acertada nesse caso. Para uma compreensão mais aprofundada dessa temática, serão abordados, neste item, alguns aspectos relacionados às relações terapêuticas, que podem oferecer uma orientação que auxilie os pais e professores a lidarem com a questão da drogadição.

Ackerman (1986) vê a família como possuindo dois objetivos importantes. O primeiro, a garantia da sobrevivência física, e o segundo, a construção da qualidade de vida humana, essencial ao homem. Para ele, família é a unidade principal na socialização de uma pessoa, sendo que os pais precisam satisfazer as necessidades da criança, para que esta socialização ocorra. A família atual tem passado por diversas mudanças que nos levam a questionar e repensar sua própria definição.

Para um grupo de adolescentes de rua de Porto Alegre, família trata-se de uma união com pai, mãe e filho. Perguntamos a eles como era a sua família, e 70% dos adolescentes responderam diferente do modelo evidenciado acima. Na concepção deste grupo de adolescentes, o modelo de família é completamente ideal, diferente das estruturas familiares nas quais a maioria da população vive

atualmente. Hoje em dia, conforme SUDBRACK(2004) já citado anteriormente, existem famílias com diferentes denominações, tais como, pluricompostas, recasadas, monoparentais, chefiadas por mulheres, chefiadas por avós e constituídas por homossexuais. Dentro desse contexto, as relações familiares encontram-se muito diferentes, quando comparamos com os modelos idealizados por muitos.

Família não é um conceito unívoco. A palavra família não designa uma instituição padrão, fixa e invariável. Através dos tempos a família adotou formas e mecanismos sumamente diversos e na atualidade coexistem no gênero humano tipos de família constituídos sobre princípios morais e psicológicos diferentes e ainda contraditórios e inconciliáveis (ESCARDÓ apud OSÓRIO, 1989, p.28).

Osório (1989), dentro de uma visão antropológica contemporânea, define família da seguinte maneira:

Família como sendo uma unidade grupal onde se desenvolvem três tipos de relações pessoais: aliança (casal), filiação (pais/filhos) e consangüinidade (irmãos), e que, a partir dos objetivos genéricos de preservar a espécie, nutrir e proteger a descendência e fornecer-lhe condições para a aquisição de suas identidades pessoais, desenvolveu ao longo do périplo evolutivo do ser humano funções diversificadas de transmissão de valores éticos, estéticos, religiosos e culturais (1989, p.28).

Toda a relação familiar é feita pela reunião de todos os valores dos indivíduos que a compõem. Os valores são pessoais, contudo também são sociais. Eles não têm uma origem privada, mas tornam-se privadamente um tesouro. Um indivíduo pode defender seus valores como defende seu próprio "self". Ele pode mesmo sacrificar sua vida para proteger esses valores, os quais nascem de integração do indivíduo à família e à sociedade e dão significados à posição de uma pessoa na vida. Eles são as bússolas que fornecem um sentido de orientação no labirinto das relações sociais, desde o nascimento até a morte.

No caso da dependência química (álcool e outras drogas), as famílias sofrem sérias mudanças referentes ao seu funcionamento. A doença de um filho ou de um de seus pais acarreta modificações que levam ao adormecimento das

relações familiares. Após diagnosticar o problema, o doente, bem como sua família, precisará realizar uma terapia familiar.

Na terapia, o trabalho fundamenta-se em questionar principalmente as relações familiares que estão alteradas e repercutindo negativamente no desenvolvimento cognitivo e afetivo do indivíduo doente. Com a doença dele, sua família também adocece. Para Ackerman (1986), a terapia familiar se fundamenta em dois objetivos: dissolver o conflito atual e promover os aspectos positivos da personalidade.

Quando a família está doente, deve-se promover uma reflexão sobre as principais questões que levaram a esse estado. Essas questões referem-se aos conflitos existentes entre as pessoas que fazem parte desta família e as conseqüências que isso acarretou. A terapia familiar precisa passar pelo reconhecimento das regras pelas quais o sistema opera, oportunizando as possíveis mudanças que são necessárias para que essa família retome seus rumos adequadamente, inculcando novos valores.

A mudança rompe o padrão interacional existente e porá o sistema a operar de maneira nova. A família sente a dor que experimenta, mas nada pode fazer a respeito, exceto demonstrar um comportamento sintomático. Ela quer mudar, mas é incapaz de fazê-lo (HALEY apud FOLEY, 1990).

A compreensão por uma pessoa de si mesma e sua capacidade de relatar isso a outras que lhe são significativas facilita, e muito, a melhora do seu relacionamento familiar.

Sendo assim, quando a qualidade única de cada pessoa passa a ser reconhecida e é utilizada no crescimento desta família, essa a levará a mudanças orientadas para o crescimento e o desenvolvimento pessoal de cada componente familiar. “Os terapeutas familiares teorizam que se os padrões interacionais mudarem, necessariamente, os membros individuais também mudarão” (BOWEN apud FOLEY, 1990 apud ROBAINA, 1996, p.58).

Com a terapia, estes problemas vêm à tona e são discutidos entre o paciente e o terapeuta, os quais, juntos, buscam uma solução.

Na terapia, pode ocorrer então uma mudança no relacionamento familiar, fazendo com que as pessoas que compõem essa família se modifiquem na sua maneira de pensar e agir.

Muda quando entra em contato com terapeuta empático, que o ajuda a lidar como seu contágio de dúvida, desespero e dor. Aprende a se relacionar por maneiras novas e mais significativas (ACKERMAN, 1986 apud ROBAINA, 1996, p.59).

Jackson E Haley (apud FOLEY, 1990) acham que o terapeuta tem que “forçar” a família a mudar ao invés de somente apontar os problemas. Assumindo o controle, o terapeuta perturba a balança de poder no sistema e literalmente, desloca-se em outra direção.

Numa outra concepção, Satir (apud FOLEY, 1990) ressalta que o terapeuta deve tornar-se um modelo de comunicação. Ele demonstra pela ação o que significa comunicar-se claramente, de maneira a conseguir comunicações claras, precisas e significativas entre todos os membros da família. “O terapeuta aprende as regras do sistema e ajuda a alterá-las” (SATIR apud FOLEY, 1990 apud ROBAINA, 1996, p.59).

Esse profissional é alguém que ajuda as pessoas a saírem de um sistema familiar problemático, é um educador e um modelo. Pode ser afetuoso e simpático, como afirma Satir em sua proposta de trabalho, ou empregar uma abordagem mais desligada como nos fala Bowen em sua abordagem, mas em qualquer um dos casos, a família está sendo educada, isto é, o comportamento dela está sendo modificado. Embora as técnicas utilizadas sejam diferentes, eles concordam que o papel do terapeuta familiar assemelha-se de professor, ensinando, especificamente, maneiras novas e mais satisfatórias de relacionar-se.

Analisando mais profundamente essas concepções, a todo o momento do encontro terapêutico, escolhas estão sendo efetuadas pelo terapeuta à medida que sentimentos são expressos e valores são postos em palavras e apelos são feitos. Em meio a essa confusão, ele deve saber o que escolher e onde levar a interação. Pensando assim, o terapeuta questiona-se se deve ir ao sentido positivo dos sentimentos que estão sendo expressos ou no sentido dos aspectos cognitivos. Para responder a esta questão, em geral, são analisados sete tópicos, que são os seguintes: história, diagnóstico, afeto, aprendizagem, valores (conscientes e inconscientes), transferência e terapeuta como modelo ou professor.

No que se refere à história de vida de cada um, os pesquisadores dão muita importância, pois os conhecimentos adquiridos ao longo de sua trajetória podem contribuir para a melhoria da qualidade de vida do sujeito. Desta maneira, a terapia pode ajudá-lo a solucionar seus problemas. “O objetivo da terapia é a diferenciação do EU (self) da massa indiferenciada do EGO familiar. Não apenas a história atual, mas a mais remota do passado, para entender a tal massa” (BOWEN apud FOLEY, 1990).

Ackerman (1986) diz que a ênfase recai sobre o interpessoal, o aqui e o agora, mais do que sobre a história passada. Na sua concepção, a história faz parte do diagnóstico. Diagnóstico e terapia andam de mãos dadas. Não pode haver uma terapia adequada sem anteriormente termos um diagnóstico completo. Com relação ao papel do afeto no tratamento, Ackerman diz:

[...] o instrumento usado para diagnóstico e tratamento são as emoções experimentadas pelo terapeuta, em sua interação com a família. A emoção constitui a ponte entre a teoria e a prática (1996 apud ROBAINA, 1996, p.62).

Satir (apud FOLEY 1990 apud ROBAINA, 1996, p.62) preocupa-se, acima de tudo, com a percepção correta e a comunicação do sentimento. O papel da aprendizagem durante a terapia familiar depende única e exclusivamente da abordagem com a qual o terapeuta está trabalhando. Desta forma, Ackerman (1986) relata que sua orientação é um apelo à razão e sua abordagem não é apenas

racional, mas cognitiva e acentua-se a aprendizagem de novas maneiras de pensar. Esta aprendizagem deve ser consciente e deliberada.

Prescrever o sintoma tem mais probabilidades de produzir uma compreensão interna (insight) que dizer às pessoas a maneira pela qual a mente funciona (JACKSON apud FOLEY, 1990 apud ROBAINA, 1996, p.62).

Nota-se que o pesquisador não se acha interessado no processo consciente de aprendizagem, mas na modificação do comportamento como processo inconsciente.

Em relação à questão dos valores, Ackerman (1986) acredita que uma definição clara e específica do conceito de valores é fundamental para a melhora e a cura definitiva. Os valores são influenciados pelas relações humanas no tempo e no espaço. O jovem e o velho têm valores diferentes. Os valores são diferentes para cada período da vida: infância, adolescência, idade adulta e velhice, mudando com a alteração nas relações especiais das pessoas. Independe da distância real, as pessoas podem sentir-se próximas ou distantes. Uma sensação de abandono ou isolamento nas relações humanas altera os valores, assim como a experiência de proximidade e intimidade. “Na vida íntima das famílias chega um momento em que, voluntária ou involuntariamente, os filhos passam a ser juizes de seus pais” (BALZAC apud ROBAINA, 1996, p.63).

De acordo com essas terapias e valores, as pessoas amam a vida ou são amargas. Algumas esperam e sonham, outras não se atrevem; algumas acreditam que a vida é para ser vivida, outras acham que deve haver um comedimento. Algumas vêem a vida alegremente, dão valor a cada momento da vida; a vida como uma abertura exuberante, hesitante; desejam viver intensamente. Outras temem a vida e retiram-se dela.

Os valores, por sua própria natureza, tendem a ser polarizados em grupos de opostos. No tratamento com famílias de dependentes químicos (álcool e/ou drogas), esses valores aparecem mais claramente devido ao conflito familiar

existente. O paciente que está doente e faz parte desta família está em conflito permanente e necessita realizar o tratamento, para que possa ter a oportunidade de optar por valores que sejam mais significativos para ele.

Estes valores e seus opostos estão descritos no quadro 1.

Criatividade		Destrutividade
Liberdade		Compulsão
Força		Fraqueza
Independência		Dependência
Coragem		Cautela e recuo
Aventura		Segurança
Cooperação		Competição
Responsabilidade social		Comodismo
Disciplina		Indisciplina
Generosidade		Parcimônia
Realidade interior		Aparência
Enriquecimento espiritual		Aquisição material
Igualdade e consideração mútua		Desigualdade e luta
Respeito pelo ser humano	X	Pelo poder (o ser humano como uma coisa, um brinquedo, um instrumento).

Quadro 1: Valores e seus opostos

Fonte: Adaptado de Ackerman, 1955.

Os valores são compartilhados; eles não nascem nem são mantidos em um estado de isolamento. Quando há um conflito, a pessoa procura aliados para defender seus valores contra os opostos. Esses valores estão intimamente ligados à imagem do grupo familiar.

Sendo assim, a terapia familiar penetra nesse material tão fundo quanto achar necessário. Os fatores inconscientes acham-se presentes e operantes, por via de correntes partilhadas de conflito, sentimento e cortesia entre os membros da família e pode tornar-se parte do processo terapêutico.

Para que o terapeuta possa reconhecer o inconsciente destes pacientes, a transferência é fundamental. Esta passou a ser considerada a ferramenta onipresente da prática, consistindo no deslocamento do passado para o presente, porque, na repetição, veiculam-se os desejos inconscientes, cuja elucidação constitui a mola mestra do tratamento. Em outras palavras, a transferência é o registro onde se atualiza a repetição da história subjetiva.

Avaliar as condições de vida dos adolescentes e de sua família, bem como identificar os fatores associados ao risco de os adolescentes ingressarem no uso de drogas deve fazer parte das discussões sobre o problema da drogadição, realizadas na escola e na comunidade.

2.4 DROGADIÇÃO E O PAPEL DA ESCOLA EM RELAÇÃO À PREVENÇÃO

Início esta reflexão dizendo que não quero propor aqui uma nova teoria de prevenção de drogas, mas expressar o meu entendimento a respeito do papel da escola na sua prevenção, produto principalmente da experiência como educador e coordenador de um grupo de dependência química na FASC da Prefeitura de POA, junto a moradores de rua desde 1999 e dos estudos realizados nessa tese.

O que tenho escutado, nestes 300 grupos dos quais participei e em trabalhos que já realizei até o ano de 2005 com estes moradores de rua, o quanto é importante o papel da escola em um projeto de prevenção de drogas. Os usuários relatam, em sua maioria, que iniciaram o uso na sua infância, em casa mesmo. Outros afirmam que começaram na adolescência, na época da escola.

A questão da prevenção de drogas em escolas encerra, sem dúvida, contradições. Atualmente, os professores estão buscando soluções a partir da elaboração e execução de projetos de prevenção que visam, em primeiro lugar, capacitá-los para depois implantar o projeto propriamente dito em suas escolas.

Uma das contradições que aparece quando se fala em projetos de prevenção diz respeito à qualidade do ensino brasileiro, que aponta para a má formação de professores e a falta de incentivo e motivação dos alunos com relação ao ensino que recebem; os conteúdos desconectados da realidade e do cotidiano, não enfatizando a sua aplicação à vida têm merecido muitas críticas.

A escola é uma instituição social que presta serviço à comunidade, promovendo a educação de crianças e jovens. Nela, muitas vezes, o aluno é apenas um espectador e cumpridor de ordens e conseqüentemente inseguro, indeciso e revoltado frente a essa realidade. Entretanto, a escola pode reverter o processo de alienação do jovem, desenvolvendo a consciência crítica, propondo diálogo, ouvindo, questionando, discutindo sua problemática e a do mundo. Dessa forma, ela estará preparando o aluno para os perigos do seu tempo - a dominação, a opressão, a dependência de drogas, os preconceitos, a desintegração familiar, o individualismo e outros -, para que, consciente deles, ele ganhe força e coragem para lutar contra isso, sem submeter-se aos modismos, às prescrições alheias ou à manipulação de ideologias.

O professor é um agente de educação. É ele que estabelece o contato direto com o aluno, tendo assim um papel decisivo nos programas de prevenção ao uso de drogas, uma vez que influencia na formação de valores e atitudes e é figura de identificação.

O discurso progressista que especialistas da área realizam afirma ser competência do professor o desenvolvimento de ações preventivas com relação ao uso abusivo de drogas nas escolas. Isso diz respeito ao tipo de trabalho que precisa ser realizado nas escolas com relação a esta problemática. Precisam ser criados projetos nos quais ocorra a participação de professores, alunos, pais e comunidade em geral no desenvolvimento de estratégias que diminuam o uso e o abuso de drogas pelos alunos.

As estratégias utilizadas precisam ser pensadas em conjunto por todas as pessoas que participam do projeto, buscando resolver as principais questões

relacionadas com a drogadição. Nesse processo, as idéias teriam que ser discutidas, enfatizando os aspectos biopsicossociais das drogas, valorizando o corpo da pessoa e destacando as principais conseqüências relacionadas ao uso dessas substâncias. O uso indevido de drogas precisa ser refletido, contextualizado pelos agentes de prevenção da escola, os professores, e a eles precisa ser dado o espaço para que essa prática possa efetivamente ser exercida.

Não podemos mais aceitar programas preventivos vindos de fora, dissociados de nossa realidade e de nossas necessidades. Temos visto várias escolas, prefeituras e até governos de estado, preocupados em criarem estratégias que viabilizem o desenvolvimento de projetos de prevenção elaborados e executados por professores e técnicos previamente capacitados.

Para a identificação dessa tese, identifiquei três projetos de prevenção (apresentados em item específico) que estão sendo desenvolvidos em diferentes cidades do estado do Rio Grande do Sul. Em todos estes projetos, o que mais se destaca é a valorização do ser humano e depois os riscos que as substâncias podem acarretar a ele. A análise dos saberes construídos por professores, adolescentes e comunidade escolar foi realizada em um dos projetos. O destaque central foi para a formação dos professores.

Dentro desta visão, o professor é tido como o agente principal das ações de prevenção, pois acreditamos que ele é o elemento mais importante na formação da criança e do adolescente. Para desempenhar melhor o seu papel, precisa ser qualificado e desenvolver uma educação libertadora que possibilite ao aluno conhecer-se e reconhecer-se como pessoa, ao invés de simplesmente identificar-se com modelos prontos oferecidos pela sociedade de consumo.

Mesmo que não se consiga resolver as questões ligadas ao consumo das drogas, tentar enfrentá-lo é um dos principais objetivos da educação de jovens e adolescentes, pois este assunto está sendo debatido e discutido com os professores e educadores, visando ao desenvolvimento de ações que possibilitem a busca de soluções para aprender a viver num mundo “cheio de drogas”.

Muitas escolas estão implantando ações que possibilitem desenvolver atividades voltadas à solução do problema do uso de drogas nas escolas estaduais, municipais e até particulares. Uma das possibilidades pensadas é o uso de temas transversais como uma alternativa para o enfrentamento das questões sociais que batem às portas das escolas, como a drogadição. Esta estratégia de ensino e aprendizagem vem sendo aplicada em escolas que trabalham voltadas para o desenvolvimento de capacidades, onde os alunos desenvolvem assuntos de interesse social dentro de seus currículos escolares.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS, 1996), tais temáticas configuram uma ocasião ímpar de concretização dos princípios e valores democráticos. Destaca-se a dignidade da pessoa humana, valoriza-se o respeito mútuo nas relações sociais e há repúdio a qualquer tipo de discriminação. Além disso, baseia-se na igualdade de direitos, que é a garantia de exercício de cidadania a todos, levando-se em conta as diferenças e desigualdades entre as pessoas.

Vale ainda ressaltar que os PCNS abrangem a formação de um conjunto de diretrizes gerais e específicas capazes de nortear os currículos e seus conteúdos mínimos, visualizado como um processo flexível e articulado, respeitando a autonomia dos estados e municípios.

O professor, como o elo principal entre o aluno e a escola, precisa trabalhar, dentro da sua disciplina, aspectos relacionados ao tema gerador, como drogas, por exemplo, fazendo seus conteúdos programáticos se relacionarem com esta questão. Para isso, o trabalho escolar deve ser pensado no sentido do desenvolvimento de capacidades, permitindo que as atividades desenvolvidas por todas as disciplinas estejam integradas a partir do tema gerador – drogas. Isso significa que, na aula de Português, Matemática, Ciências, História, Geografia e outras, os assuntos trabalhados devem estar inter-relacionados, ressaltando-se a importância do tema gerador no desenvolvimento social dos alunos.

Escolas que estão trabalhando com temas transversais e que desenvolvem suas atividades voltadas aos PCNS já estão tendo excelentes resultados. Seus

professores e alunos estão sendo desafiados a refletirem sobre temas importantes e relacionados ao seu dia-a-dia, como, por exemplo, a questão do uso de drogas nas escolas.

A educação como um todo tem um papel importante no desenvolvimento, na aplicação e na execução de atividades voltadas para a questão da drogadição no contexto escolar. O problema da drogadição e da exclusão social de adolescentes pode ser trabalhado, de forma mais eficiente, quando estes adolescentes ainda freqüentam a escola. Lá, os professores e educadores em geral podem orientá-los para o desenvolvimento de capacidades e de estratégias que possibilitem uma melhor qualidade de vida para eles.

2.4.1 Drogadição e os Parâmetros Curriculares Nacionais

Os projetos de prevenção ao abuso de drogas que trazemos neste trabalho estão localizados em lugares em comunidades diferentes, na capital Porto Alegre e em uma cidade do interior do RS. A convergência de interesses dessas comunidades faz viabilizar a elaboração de ações nas escolas, voltadas para a diminuição do uso de drogas por adolescentes em idade escolar. Projetos de prevenção e outras estratégias de ensino para trabalhar a questão da droga nas escolas, como, por exemplo, os temas transversais, surgem como possibilidade interessante para que os professores, os pais, os alunos e a comunidade consigam juntos os objetivos finais de diminuir o uso de drogas por estes adolescentes em idade escolar.

Aquino (1998) destaca o desenvolvimento do assunto drogas como tema transversal. O autor diz ainda ser um desafio propor os temas transversais como uma alternativa até certo ponto revolucionária para o enfrentamento das questões sociais que batem à porta das escolas.

Os PCNS (Parâmetros Curriculares Nacionais), em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, vêm colaborar com o debate nacional em busca de uma possível transformação no sistema educativo brasileiro. Isso possibilita a inserção de objetivos, estratégias e discussões específicas a cada região, sem que se perca a unidade nacional de direito e dever a todo cidadão brasileiro.

Em uma consulta realizada com professores da grande Porto Alegre, em um curso realizado por Robaina (2005) sobre Prevenção de Drogas na escola, para todos os coordenadores de áreas da Prefeitura Municipal de Canoas, foram indicados como temas transversais mais relevantes, saúde, violência, sexualidade, comportamento dos adolescentes e Tipos e as conseqüências das principais drogas utilizadas por adolescentes em idade escolar.

Asinelli-Luz (2000), em sua tese de doutorado, indica que os principais temas transversais relacionados ao tema gerador Drogas foram Saúde, Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo. Os PCNs citam o tema saúde como o “lócus” das drogas.

Comparando as duas referências, percebe-se que alguns assuntos se repetem como Saúde, Sexualidade e Consumo de drogas. Dentre estes, parece-me, como também para Asinelli-Luz (2000), que o tema Saúde, em relação a drogas, é o que mais apresenta a necessidade de ser trabalhado com os adolescentes e discutido exaustivamente pelos professores em suas aulas diariamente.

Para o MEC, com relação aos PCNS e os Temas Transversais, (in ASINELLI-LUZ, 2000, p.74), em sua tese, coloca a seguinte citação:

Na prevenção de riscos, o uso indevido de drogas constitui um capítulo à parte. As dimensões da demanda social para o tratamento do tema fazem com que seja necessário enfocá-lo de maneira diferenciada, e as dificuldades em lidar com o assunto levam a colocar a esperança nos educadores e muita expectativa nas instituições de ensino. É inegável que a escola seja um espaço privilegiado para o tratamento do assunto, pois o discernimento no uso de drogas está diretamente relacionado à formação e às vivências afetivas e sociais de crianças e jovens, inclusive no âmbito escolar. Além disso, a vulnerabilidade do adolescente e o fato de ser esta a

fase da vida na qual os comportamentos grupais têm enorme poder sobre as escolhas individuais fazem da escola palco para o estabelecimento de muitos dos vínculos decisivos para a formação de condutas dos alunos frente aos riscos. Mas não é possível trabalhar a questão na escola como se ela fosse uma ilha. O reconhecimento dos fatos e mitos a respeito do assunto, da situação real de uso e abuso de drogas em diferentes realidades, assim como as idéias e sentimentos dos alunos, da comunidade escolar e do país a respeito do assunto precisam ser considerados (1998, p.271).

De acordo com os PCNS, a concretização dos princípios e valores culturais, sociais e democráticos é proposta através de ações relacionadas ao tema, que configuram uma visão ampla de aplicação nas escolas. Segundo os PCNS (1997), os temas transversais referem-se a um conjunto de temáticas sociais, presentes na vida cotidiana, que deverão ser tangenciadas pelas áreas curriculares específicas, impregnando transversalmente os conteúdos de cada disciplina e o convívio entre os pares escolares.

Nesse sentido, o contexto sociocultural passa a ser um importante fator, que devemos levar em conta, ao fazer a análise do uso de drogas psicoativas pelos adolescentes. Dentro desta visão ampla, os professores devem capacitar-se para que possam desenvolver, juntamente com seus alunos adolescentes, discussões, debates e esclarecimentos importantes, relacionados à temática da drogadição na escola. A partir dessa capacitação, os educadores poderão também desenvolver com os adolescentes e a comunidade em geral, projetos que visem a aprimorar a melhoria da qualidade de vida desses jovens e o seu desenvolvimento profissional.

Nas escolas onde são realizados os projetos que apresentamos neste trabalho, os adolescentes que deles participam desenvolvem diversas atividades voltadas para a sua melhoria da qualidade de sua vida e para a preparação para o trabalho. Através de um trabalho multidisciplinar e transversal, os professores podem desenvolver atividades voltadas à prevenção de drogas na escola, pois este proporciona um aporte de idéias importantes que propiciam aos alunos estabelecer relações e vinculações entre os mais diferentes conteúdos apresentados pelas diversas disciplinas escolares.

Vizzolto afirma que: “Um dos valores que deve estar presente para a escola é o valor vida, pois o uso de drogas está relacionado à autodestruição” (1990, p. 60). Dentro dessa visão de valores sociais, emocionais e culturais, os adolescentes podem começar a mudar seus valores, suas concepções de mundo, adquirindo uma visão mais esclarecida, que o projeto executado por seus professores lhe proporcionou. Pensando assim, Vizzolto (1990) nos diz o seguinte:

A escola poderá reverter o processo de alienação do jovem, desenvolvendo a consciência crítica, propondo uma educação pelo diálogo que leve o homem à procura da verdade em comum, ouvindo, questionando, libertando-se, investigando. Com isso possibilitará ao aluno uma discussão corajosa sobre sua problemática e a problemática do mundo (p.63).

Vendo pela mesma via, Salles relata em uma pesquisa sobre o uso de drogas, realizada com estudantes da 8^o série do ensino fundamental e de estudantes da 2^o série do ensino médio de uma escola da cidade de Rio Claro (SP), que os adolescentes enfatizaram a importância de campanhas preventivas ao uso indevido de drogas que esclarecem os efeitos e as conseqüências do uso. Algumas falas dos adolescentes. “Ter uma maior divulgação do que as drogas causam (sic)”. “Deveriam aparecer mais conseqüências orientando principalmente os mais jovens que são os que usam com maior freqüência” (AQUINO, 1998, p.137).

Salles (in AQUINO, 1998) diz ainda que muitos adolescentes entrevistados afirmam que a prevenção ao uso de drogas depende da decisão pessoal, da responsabilidade, do conhecimento, das conseqüências do uso e da repressão ao traficante. Para nós educadores, esta visão que alguns adolescentes apresentam é muito importante, pois caracteriza um crescimento da consciência dos problemas que a droga causa.

Lembramos, ainda, que a forma repressiva de prevenção foi muito utilizada nos EUA na década de 70 e não teve um bom resultado, pois os gestores do projeto privilegiaram a repressão ao invés da educação. Sendo assim, percebe-se a necessidade do desenvolvimento de ações educativas e não repressivas, quando tratarmos da questão da prevenção de drogas no contexto escolar.

2.4.2 Pesquisas realizadas com adolescentes nas escolas

Atualmente, encontramos diversas pesquisas realizadas nas escolas em diferentes estados brasileiros. Essas pesquisas foram realizadas a partir de dados relativos ao abuso de drogas por adolescentes em escolas das redes públicas, estaduais e/ou municipais e particulares. Também várias universidades brasileiras têm realizado diferentes pesquisas sobre esta temática.

Em 1986, Richard Bucher e seu grupo de pesquisa realizou um levantamento sobre conhecimentos e uso de drogas entre 994 alunos do ensino fundamental e 829 alunos do ensino médio de escolas públicas do Distrito Federal. Foi aplicado um questionário anônimo com 56 questões, abordando informações sociodemográficas, conhecimentos sobre drogas, frequência, motivações do uso e fontes de abastecimento. Verificou-se que os conhecimentos são amplos, obtidos primeiramente através dos meios de comunicação. Quanto ao uso, chama a atenção o consumo elevado de álcool, seguido pelos medicamentos psicotrópicos, inalantes, maconha e cocaína. Dos conhecimentos e do consumo averiguados, conclui-se que o objetivo das campanhas preventivas não deve visar à divulgação de conhecimentos já obtidos pelos alunos e, sim, formar os adultos (educadores, profissionais e pais), para que encarem os problemas de drogas sem medo e sem alarmismo, mas com atitudes adequadas.

Em 1997, Cássia B. Soares, em um estudo realizado com adolescentes em São Paulo sobre drogas e AIDS, traçou o perfil dos que estão se infectando pelo uso de drogas injetáveis. O objetivo principal desta pesquisa é o adolescente doente de AIDS, que se infectou pelo uso de drogas injetáveis. Procura-se refletir, de um lado, sobre os elementos que compõem os vários âmbitos de uma possível vulnerabilidade deste grupo para o uso indevido de drogas.

Em 1990, Zoila Palo pesquisou em Lima, no Peru, a prevenção primária do uso de substâncias psicoativas entre alunos de ensino médio do turno da noite. O objetivo da pesquisa foi avaliar e preparar os estudantes do ensino médio de uma

zona ao norte de Lima, para conhecer os efeitos da educação administrada. Para a autora, por educação administrada entende-se o conjunto de atitudes e métodos que determinam os pressupostos básicos sobre os principais conhecimentos sobre os efeitos do uso indevido de drogas que afetam os adolescentes. A relação com esta temática é necessária para que os alunos tomem consciência da importância de preservar a saúde integral a fim de assegurar o desenvolvimento e bem-estar tanto individual como de grupos de jovens e adolescentes. Estes jovens que recebem conhecimentos sobre os efeitos do uso indevido de substâncias psicoativas incrementaram e modificaram o conhecido através de reflexões de situações diversas que porventura possam ocorrer. Essa pesquisa baseou-se nos princípios da educação da saúde e das conseqüências orgânicas e sociais do uso de drogas, constituindo-se em um apoio à prevenção de drogas em adolescentes em idade escolar.

Destaco alguns resultados encontrados nessa pesquisa que são de suma importância para o desenvolvimento de estratégias de prevenção ao uso de drogas nas escolas. O álcool aparece como a droga mais consumida pelos estudantes no Peru, seguida pelo tabaco. Os adolescentes que usam hoje pasta básica de coca iniciaram o seu uso pela maconha. A pasta básica de coca é a droga ilegal mais usada e perigosa que se consome no Peru.

Também é importante destacar que, antes de realização da abordagem educativa, os índices de conhecimentos sobre as diferentes drogas giravam em torno de 30%. Após a realização da abordagem educativa, esse índice subiu, chegando até 58%. Como um dado conclusivo, a autora constatou que existe uma necessidade urgente de educar estes jovens de uma forma mais efetiva para que esses índices aumentem cada vez mais. Ela também destacou que existem em seu país outras pesquisas que estão sendo desenvolvidas, visando a este mesmo objetivo, mas que os resultados ainda são insatisfatórios.

2.5 POLÍTICAS E PROJETOS DE PREVENÇÃO AO ABUSO DE DROGAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Com o crescimento do abuso de drogas por parte de adolescentes, torna-se imprescindível que o problema da drogadição no nível escolar possa ganhar importância. Isso pode ser feito através de ações dos seus professores, educadores e da comunidade na busca do desenvolvimento e de implantação de projetos de prevenção ao abuso de drogas, nas mais diversas comunidades brasileiras.

Em uma comunidade, todos os seus integrantes possuem algumas características que são comuns, como, por exemplo, fazem parte do mesmo grupo social humano, vivem em grupo e moram no espaço social comum, compartilham do mesmo espaço territorial, utilizam os equipamentos sociais comuns, como ruas, água, luz, telefone, hospital, polícia, escola, igrejas, praças, etc. Aceitam também as leis impostas pela própria comunidade e adotam normas comuns de convivência e de respeito mútuo, ampliando vínculos afetivos. Sendo assim, a comunidade precisa estar informada sobre os pontos de vendas e de consumo de drogas existentes e verificar os pontos de encontros sociais entre os jovens. Através dessa visibilidade, precisa buscar desenvolver atividades de prevenção ao uso de drogas, sendo propiciado ao adolescente condição de convívio saudável, como a prática de esportes, participação em oficinas de arte, teatro e artesanatos.

Nesse sentido, Monteiro (1995) relata sua experiência em oficina com crianças de rua, no Rio de Janeiro, a partir de observações participantes, entrevistas informais e relato das situações vividas e da sua relação com os grupos. A autora conclui que a leitura e a escrita, como atividades lúdicas, são capazes de criar espaços de diálogo, onde as crianças podem falar, ouvir e, assim, desenvolver sua identidade e resgatar sua auto-estima.

Na comunidade do Morro da Cruz, o adolescente participa de oficinas de artes, de capoeira, de dança, entre outras, realizadas com o objetivo de oferecer melhores oportunidades de lazer às pessoas dessa comunidade. São importantes as

atividades de projetos, voltados à participação da comunidade e principalmente dos jovens que compõem essas comunidades. Dessa forma, a exclusão social, que ocorre principalmente com jovens de classes pobres, pode ser minimizada.

2.5.1 Política Nacional em relação à drogadição

A política nacional antidrogas surge como um instrumento regulador de todos os projetos que o governo do Brasil pretende desenvolver, visando diminuir o mal que as drogas estão causando principalmente aos nossos jovens.

O uso indevido de drogas constitui, na atualidade, séria e persistente ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas e valores políticos, econômicos e culturais de todos os estados e sociedades (Assunto tratado na Assembléia Geral das Nações Unidas, 1998 apud PNAD, 2003, p.7).

Essa política tem como principais objetivos conscientizar a sociedade brasileira da ameaça representada pelo uso indevido de drogas, educar e capacitar professores e profissionais de diversas áreas, coibir crimes, combater o tráfico de drogas e, principalmente, construir um projeto de prevenção ao abuso de drogas, visando à diminuição do uso e à conscientização da população em geral. Ela apresenta vários pressupostos básicos, com o destaque de priorizar a prevenção do abuso de drogas, por ser a forma de intervenção mais eficaz e de menor custo para a sociedade.

Como proposta, essa política aponta que um dos caminhos a serem seguidos deve ser a municipalização das ações de prevenção contra as drogas. Esse caminho deve começar a ser construído a partir das escolas municipais, onde os professores e educadores em geral recebam uma capacitação sobre o assunto, tendo condições e conhecimentos suficientes para tratar sobre os diferentes assuntos relacionados a essa temática em sala de aula com os adolescentes. Os professores são peças-chave nesse processo, devendo ser os multiplicadores desses projetos.

Um outro fator importante a destacar é a implantação de conselhos municipais de entorpecentes, os conhecidos COMENS. Estes devem ter representantes de todas as entidades que, de uma forma ou de outra, trabalham com esta temática.

Esses conselhos, quando atuantes, têm uma grande aceitação pela sociedade. A sua função é normatizar e estabelecer políticas de prevenção, tratamento e ressocialização, bem como fiscalizar entidades que trabalham nesta área, como as que realizam tratamento para a dependência de drogas, tais como comunidades terapêuticas, clínicas médicas e entidades assistenciais.

Um outro ponto importante desta política é a valorização do projeto de “Redução de Danos Sociais e à Saúde”. Esse projeto do governo federal apresenta várias metas, nas quais se destaca a minimização das conseqüências que o uso abusivo de drogas causa, principalmente em adolescentes, buscando a redução gradativa do uso e a diminuição das doenças que, porventura, possam surgir, como as doenças infecciosas, por exemplo.

Esta política visa também a desenvolver atitudes de prevenção ao abuso de drogas, que são internalizadas, através de cursos de capacitação docente que o governo oferece aos educadores da rede de ensino. Com essa capacitação, os educadores, juntamente com a comunidade, desenvolvem diferentes estratégias, destacando-se a realização de pesquisas e avaliações sobre as ações desenvolvidas no projeto.

Nesse contexto, o governo federal, através da Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD), pretende reduzir a demanda e a oferta de drogas, que atualmente afetam e muito os jovens brasileiros. Com isso, estará consolidando um projeto de prevenção, que visa a educar esses jovens para uma vida de melhor qualidade.

2.5.2 Projetos de Prevenção de Drogas no âmbito escolar

Sabe-se que a situação biopsicossocial do adolescente passa necessariamente pela família, pelo seu meio social, pela sua inter-relação com seus pares e pelo seu próprio desenvolvimento emocional. Sendo assim, o consumo de substâncias psicoativas é afetado por um ou mais desses fatores.

Murad (1985) mostra claramente os três principais fatores desta epidemia social. Na figura 1, o autor diz em seus achados que:

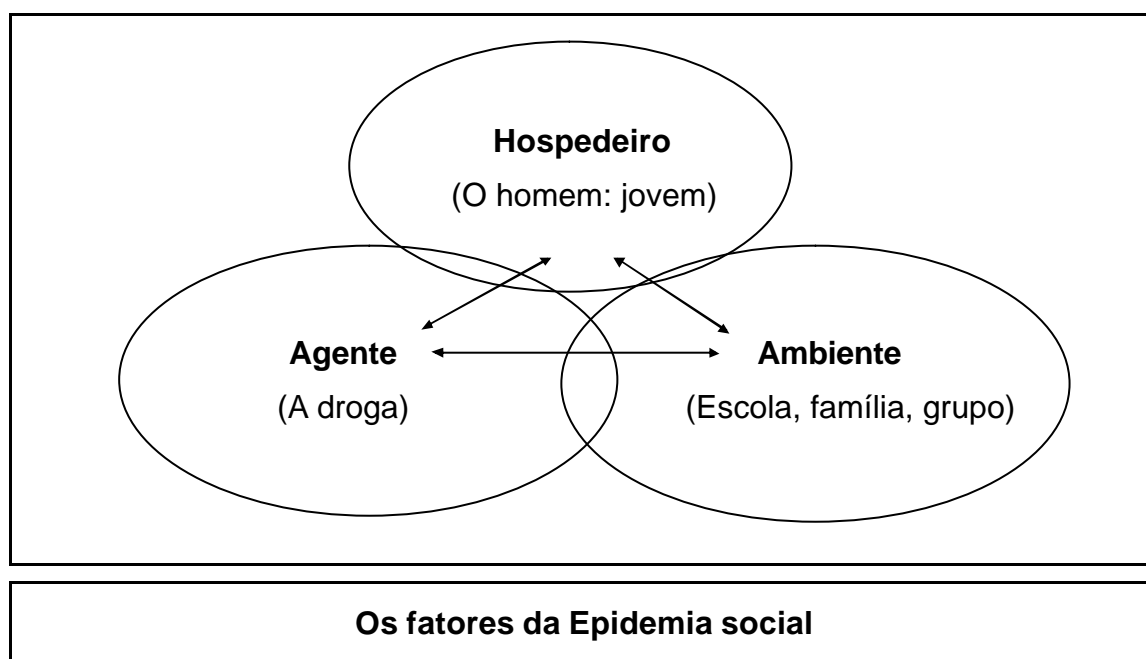


Figura 1: Abuso de drogas: doença social epidêmica.

Fonte: Adaptado de Murad (1985, apud ROBAINA, 1996, p.23).

A abordagem de apenas um dos elos dessa cadeia tem menos probabilidade de ser efetiva do que aquela que possa abordar todos os três. Como é impossível eliminar as drogas, pois temos que conviver com elas por necessidade terapêutica, o que se pode fazer, no campo da prevenção, é diminuir a sua disponibilidade através de um controle rigoroso em legislação adequada e minimizar a sua atividade, através da educação (MURAD, 1985 apud ROBAINA, 1996, p.22).

Em vista disso, Murad (1985, in ROBAINA, 1996, p. 23) mostra-nos a necessidade em realizar projetos enfatizando a visão educativa e preventiva contra o uso de drogas.

A seguir, será apresentada uma síntese dos projetos de prevenção ao abuso de drogas, em três escolas com realidades completamente diferentes.

Projeto Vida, Paz e Esperança

Este projeto é desenvolvido pela **Escola Vida**, pertencente a 12ª CRE, localizado na cidade de Camaquã/RS. Nesta escola é que serão realizadas as análises em relação aos saberes dos professores, adolescentes e comunidade escolar.

Atualmente, estão matriculados na escola 1.762 alunos, atendidos por 103 professores e 23 funcionários. A Escola oferece cursos de Educação Infantil – pré-escola, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Curso Normal e Técnico em Contabilidade – pós-médio, sendo distribuídos nos três turnos: manhã, tarde e noite. A Instituição conta com estrutura de Laboratórios de Informática, Biologia, Química e Física, salas especiais de audiovisual, reuniões, Educação Física, Educação Artística e Estudos Sociais, biblioteca com um acervo significativo e anualmente atualizado.

Em relação ao projeto, este atende inúmeros adolescentes da comunidade, os quais desenvolvem diversas atividades e oficinas. Há um predomínio no atendimento de alunos na faixa-etária dos 13 aos 18 anos, pois a Instituição atende a um número maior de matriculados no Ensino Médio.

Quanto ao nível socioeconômico dos adolescentes, ele é classificado como médio-baixo. Os alunos são oriundos de diferentes bairros da cidade e de outros municípios, necessitando de transporte coletivo para o deslocamento até a escola.

O tema proposto pela escola para trabalhar a prevenção ao uso indevido de drogas foi a “Paz”, o que permite a convivência entre os seres humanos, que, trocando vivências, harmonizam a vida construída com esperança para superar barreiras intransponíveis. Esse projeto foi proposto pelo grupo de educadores da escola, juntamente com a participação da comunidade.

Dentre as etapas de execução do projeto, fazia parte a capacitação dos educadores. Após essa etapa, eles iniciaram o trabalho em sala de aula com os adolescentes através de atividades voltadas à prevenção ao uso de drogas na escola.

Neste projeto, a escola é a instituição que promove a educação e que possui maiores condições de executar um programa de prevenção, pois retém a clientela de maior risco, ou seja, crianças, adolescentes e jovens. A partir de dados coletados em pesquisas, dos sentimentos expressos pelo corpo docente e das necessidades vivenciadas pelos alunos, o projeto visa a oferecer novas situações que possibilitem a harmonização, prevenção e promoção de atitudes para uma vida sem violência, sem drogas e mais saudável.

O projeto define a prevenção ao uso indevido de drogas como um conjunto de informações e de ações concretas, com o objetivo de evitar o uso e o abuso indevido de drogas.

Formar no aluno uma consciência antidroga é dar condições para que o jovem possa formar dentro si policiamento próprio. Dizer não a tudo o que o prejudica ou coloca em risco sua saúde física, mental e emocional.

(Grupo de professores executores do projeto Vida, Paz e Esperança)

Dentre os objetivos propostos pelo projeto, destacam-se dois que para mim parecem ser os mais importantes. O primeiro diz respeito à capacitação do professor, para que, na sua atuação docente, possa transmitir valores cognitivos, morais e éticos, que venham a contribuir na formação integral do adolescente. Esse objetivo vem ao encontro de minha proposta de tese, pois busco verificar quais os

saberes que estes educadores constroem frente à problemática da drogadição no âmbito escolar. O segundo objetivo que destaco trata de propiciar atividades aos adolescentes para que desenvolvam idéias e valores como responsabilidade, liberdade, cooperação, respeito em relação aos outros. Esse objetivo também vem ao encontro do meu objeto de estudo, que é o educador, esta pessoa que deverá estar preparada para propor situações de ensino-aprendizagem que vivenciem atitudes e valores importantes para a formação dos adolescentes.

O cronograma do projeto foi desenvolvido de acordo com as etapas explicitadas do quadro 2 a seguir:

ETAPA 1	Encontros para capacitação de professores e funcionários para a prevenção ao uso indevido de drogas;
ETAPA 2	Reuniões com docentes para reflexão e sensibilização na retomada de valores morais e éticos;
ETAPA 3	Momentos de formação com alunos para resgatar valores morais, éticos e transmissão de conhecimentos específicos;
ETAPA 4	Momentos de reflexão espiritual com alunos;
ETAPA 5	Encontros e palestras para os pais com reflexão sobre prevenção ao uso indevido de drogas;
ETAPA 6	Elaboração de carta de intenção para o ano letivo;
ETAPA 7	Confecção de cartazes, painéis e faixas com mensagens em corredores, área de convivência, salas de aula e dos professores;
ETAPA 8	Momentos de confraternização e solidariedade em datas significativas;
ETAPA 9	Atividades cívicas, esportivas e festivas em âmbito escolar e municipal;
ETAPA 10	Atividades com temas integradores como: família, meio ambiente e valores;
ETAPA 11	Palestras com membros da comunidade envolvendo temas afins;
ETAPA 12	Gincanas;
ETAPA 13	Participação em encontros e seminários em âmbito estadual;
ETAPA 14	Visitas a outras escolas para trocas de experiências;
ETAPA 15	Arrecadação e distribuição de alimentos e agasalhos entre os alunos e professores para distribuição no Dia da Solidariedade, Páscoa, início do inverno e Dia de Ação de Graças;

ETAPA 16	Seminário aberto à comunidade com o tema: Prevenção ao uso indevido de drogas;
ETAPA 17	Seminário para alunos das 8 ^o séries e 3 ^o séries do Ensino Médio para informação profissional;
ETAPA 18	Pesquisa para levantamento de dados sobre a realidade estudantil da zona urbana do município de Camaquã, atingindo alunos de 5 ^o a 8 ^o séries do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Curso Normal. Para esta pesquisa contamos com o apoio do CAE (Centro de Atendimento ao Educando) e Rotary Club de Camaquã.

Quadro 2: Síntese das etapas do *Projeto Vida, Paz e Esperança*.

Os recursos humanos utilizados no desenvolvimento do projeto foram os alunos, pais, professores, funcionários da escola e representantes de entidades afins.

Os materiais utilizados para a realização do projeto foram: folhas de ofício, cartolinas, papel pardo, lápis, canetas, cola, tesoura, hidrocor, pincel atômico, material áudio-visual, carimbos, computador, aparelho de CD, CDs, xerox, balões, revistas, jornais, livros, doces, algodão, sementes, etc.

Os recursos financeiros necessários para execução do projeto foram requeridos junto à direção administrativa da escola, contribuição espontânea dos alunos e professores, parcerias com entidades filantrópicas e Secretária Municipal de Educação.

O projeto iniciou sua execução no início do ano letivo de 2005 e se estenderá até o final deste ano letivo (2007). Estão previstas, também, no projeto, reuniões sistemáticas de avaliação.

Projeto do Morro da Cruz

O segundo projeto de prevenção analisado, denominado ***Projeto do Morro da Cruz***, ocorre em uma entidade beneficente sem fins lucrativos, localizado na Vila São José, região leste da cidade de Porto Alegre, no bairro Partenon.

O projeto tem como objetivo central transcender a vulnerabilidade social em que vivem os adolescentes, bem como melhorar a qualidade de vida dos jovens do Morro da Cruz e arredores, que se encontram mais vulneráveis às condições do bairro e aos seus problemas sociais.

Os adolescentes que participam deste projeto são alunos do Morro da Cruz que estudam nas escolas estaduais da comunidade. O projeto atende inúmeros adolescentes da comunidade, sendo que quatorze deles desenvolvem atividades de oficinas. Desses, três especificamente desenvolvem trabalhos integrados com escolas do bairro. A coordenação do projeto é realizada por um pedagogo que tem uma vasta experiência no trabalho com crianças e adolescentes.

No bairro em que a escola e o instituto estão localizados, existem 7.124 adolescentes de 15 a 24 anos, ou seja, 16% do total de habitantes deste bairro (Fonte: IBGE 2000). O projeto visa a desenvolver, juntamente com os educadores da entidade e da escola, atividades voltadas para a arte, cultura e esporte, através de danças, hip-hop, grafite, rap, teatro, pagode, banda de percussão, capoeira e futebol.

Dentro desta concepção, a escola busca atender a esta parcela da população, com o objetivo de constituir-se como referência de valores na construção de sujeitos. A situação desses adolescentes se vê ainda agravada pelo encolhimento do Estado na esfera pública, não oferecendo soluções por meio de políticas que contemplem a juventude, o que gera uma privação e despolitização das condições de vida.

Nesse contexto, as famílias se vêem cada vez mais responsabilizadas para garantir o sustento dos seus membros. Elas não podem contar com quem as possa “ajudar a se ajudar” (SARTI, 1999 apud projeto Morro da Cruz, p.7).

Atualmente, existem mais de 600 crianças, adolescentes e jovens, participando das oficinas de arte e cultura, além de esporte. Os pais estão acompanhando as diferentes atividades realizadas pelo projeto, pois muitas das

propostas são realizadas no próprio Morro da Cruz, em locais onde os acessos são facilitados a todos os adolescentes, tais como, nas ruas, nos pátios das casas, nos campos de futebol e nas quadras de esporte das escolas. Essas atividades ocorrem de segunda a sábado, nos turnos da manhã, tarde e noite.

Prevenção ao uso de drogas na Escola – PPUDE

O terceiro projeto de prevenção, denominado ***Prevenção ao uso de drogas na Escola – PPUDE*** ocorre em uma escola na cidade de Montenegro/RS, com o título de “Projeto Grupo Vida Feliz”.

O referido projeto foi desenvolvido em parceria com o SESI, através de um convênio SESI e a Escola. O desenvolvimento das atividades de valorização da vida proporcionou aos alunos, professores, funcionários da escola e familiares dos alunos momentos de integração, de reflexão, de discussão, de alegria, de competições, de atividades de voluntariado, de atividades de solidariedade e até de manifestações artísticas.

Atualmente estão matriculados na escola 1.500 alunos, atendidos por 41 professores e funcionários (77%, professores e 23%, funcionários). A escola oferece Ensino Técnico em Química, Eletrotécnica, Técnico em Turismo e Ensino Médio. A instituição ainda apresenta em sua estrutura Laboratórios de Química, Análise Instrumental, Mecânica, Eletrotécnica, Informática e biblioteca com um acervo de livros significativo e atualizado.

O projeto atende a todos os alunos da escola, variando sua faixa etária de 14 até 45 anos de idade. A condição socioeconômica dos alunos é de média para baixa. Os alunos são oriundos de diferentes bairros da cidade, bem como de diversas cidades da região de Montenegro.

O tema proposto para o desenvolvimento do projeto é Vida Feliz, que propõe atividades de valorização da vida integrando alunos, funcionários da escola,

professores e familiares dos alunos envolvidos. Este projeto foi proposto pelos professores da escola em 1999, através do Slogan *Prevenção ao Uso de Drogas na Escola*, pois eles haviam detectado um índice preocupante de alunos com problemas de drogas.

O referido projeto foi adaptado do modelo SESI-RS/OIT/OMS/UNDCP do Projeto de Prevenção ao Uso de Drogas no Trabalho e na Família, originariamente elaborado para o trabalho em empresas, e tendo como finalidade a flexibilidade e adaptação às diversas realidades, possibilitando a criação do modelo SESI-RS/OIT/OMS/UNDCP para a prevenção ao uso de drogas em escolas. Para a equipe de profissionais do SESI e para a equipe de professores da escola São João foi um grande desafio, tanto a construção como a execução do projeto na escola.

O projeto foi desenvolvido em duas etapas de treinamento e capacitação dos professores que dele participaram. De maneira geral, a primeira parte tratou basicamente de tópicos relacionados com a construção do projeto de valorização da vida pela escola e com conhecimentos gerais sobre Educação Preventiva, os objetivos, princípios do projeto de prevenção ao uso de drogas na escola, a política escolar sobre o uso de drogas, as etapas de implantação do projeto na escola e o diagnóstico da escola.

Na segunda parte, tratou-se dos conhecimentos específicos sobre droga, classificação, juventude, papel da família, papel dos professores, política da escola e os diferentes conceitos de prevenção. Ele iniciou no ano de 1999 e estende-se até hoje. Atualmente, é mantido na escola e o acompanhamento é realizado pelo grupo de professores que coordenam o projeto através de diferentes atividades de prevenção que são realizadas durante o ano letivo na escola. Durante estes anos, foram realizadas três avaliações (1999, 2001 e 2003) dos docentes e dos discentes. Destacamos, a seguir, alguns dados relevantes da análise que foi realizada.

Com relação à avaliação dos docentes, o uso de medicamentos com componentes psicoativos diminuiu de 24% em 1999 para 19% em 2003; o uso de cigarros por fumante diminuiu significativamente nas três avaliações, 17% em 1999,

14% em 2001 e 9% em 2003. Já em relação ao álcool, utilizado pelos professores, o índice de uso uma vez por mês também diminuiu bastante, passando de 34,5% em 2001 para 32,5% em 2003. Na 1º e 2º avaliações, ninguém informou beber nos intervalos de trabalho.

Com o desenvolvimento do projeto, o número de faltas de professores ao trabalho diminuiu em relação à 2º avaliação, 38%, para a 3º avaliação, 27%, ocasionando um número médio de dias de ausência dos professores que diminuiu de 4 para 2 dias de ausência por doença.

Em relação a atividades de valorização da vida, 93% dos professores informam que participam sempre que possível e que consideram essas atividades interessantes.

Com relação à avaliação dos discentes, os dados são ainda mais significativos que para os docentes. O uso de medicamentos para dor diminuiu de 1999 (75%) para 2003 (68%); o uso de medicamentos com componentes psicoativos diminuiu de 2001 (14%) para 2003 (13%) e o uso de cigarros por alunos fumantes diminuiu de 1999 (12%) para 2003 (7%). Destaca-se também que 2/3 dos alunos que participaram da última avaliação do projeto desejam parar de fumar.

Com relação ao uso de álcool pelos alunos, a regularidade de 2 a 4 vezes por mês diminuiu de 2001 (35%) para 2003 (32%).

Com relação ao uso de drogas ilícitas por alunos da escola, a presente avaliação mostra uma redução no consumo, conforme segue:

AVALIAÇÃO	EXPERIMENTOU	ÚLTIMO ANO	ÚLTIMO MÊS
1999	20%	22%	13%
2001	32%	24%	13%
2003	13%	7%	2%

Quadro 3: Dados retirados da 3º avaliação do Projeto PPUDE, 2003.

A redução do uso de drogas ilícitas pelos alunos da escola é altamente significativa, como mostram os dados acima.

A maconha permanece a droga mais consumida pelos alunos da escola.

Com relação às atividades de valorização da vida propostas pelo projeto, 84% dos alunos afirmam que são informados, 71% participam sempre que possível e 97% consideram as atividades interessantes.

2.5.3 Dados sobre programas de prevenção ao abuso de drogas baseados em pesquisas

Para auxiliar pessoas trabalhando em prevenção, o National Institute on Drug Abuse (NIDA), em colaboração com cientistas que participaram das pesquisas, descreve alguns programas de prevenção que foram aplicados e desenvolvidos em diferentes contextos e realidades. Estes projetos foram classificados de acordo com o campo de prevenção. Especificamente são programas universais, programas seletivos e programas específicos.

Os programas universais atingem a uma população geral, tal como todos os estudantes de uma escola. Os programas seletivos visam a grupos de risco ou a subconjuntos da população geral, tais como filhos de usuários de drogas ou alunos com baixo rendimento escolar. Os programas específicos são projetados para pessoas que já estão usando drogas ou que apresentam outros comportamentos relacionados ao risco.

O primeiro a ser analisado, denominado de **Projeto Star** (PENTZ et al, 1989; PENTZ, 1995), é um programa universal de prevenção do uso de drogas que atinge toda a população da comunidade, através de um programa escolar abrangente, com ênfase dos meios de comunicação, - um programa para os pais, organização comunitária e mudanças na política de saúde. Esse programa propõe o

desenvolvimento de um currículo voltado para o social, em que os professores desenvolvem os conteúdos em sala de aula, após receberem um treinamento de 2 anos.

Uma estratégia muito utilizada neste projeto foi a comunicação e os meios de comunicação. Os pais trabalham com seus filhos estratégias de comunicação familiar e envolvem-se em ações comunitárias.

A componente *organização comunitária* é o instrumento formal essencial que organiza e supervisiona todas as atividades relacionadas ao projeto. A componente *mudança na política de saúde* foi executada com o objetivo de desenvolver e implantar políticas que afetem as leis sobre álcool, fumo e outras drogas, bem como a fiscalização de locais livres de droga na comunidade.

Os resultados encontrados nesta pesquisa revelam efeitos positivos em longo prazo. Por exemplo, estudantes que iniciaram o programa no ensino fundamental e cujos resultados foram avaliados na 3^o série do ensino médio demonstraram uma diminuição significativa no uso de maconha (+/- 30%), cigarros (cerca de 25%) e álcool (cerca de 20%) do que os jovens em escolas que não ofereceram o programa.

Destaca-se que o fator mais importante que afeta o uso de drogas entre os estudantes foi o incremento na percepção da intolerância dos seus amigos ao uso de drogas.

O segundo projeto a ser analisado, ***Experimento de Prevenção ao Uso de Álcool por Adolescentes (AAPT)*** (DONALDSON et al, 1994), é um programa universal destinado a estudantes de 5^o série, com sessões de reforço conduzidas na 7^o série. São propostas duas estratégias como base para o desenvolvimento do projeto.

A primeira é o *treinamento de técnicas de resistência*, que objetiva ensinar às crianças as técnicas sociais e comportamentais de que necessitam para recusar

as ofertas explícitas de drogas. A segunda é chamada de *educação normativa*, que objetiva especificamente combater as influências das pressões sociais passivas e os efeitos da modelagem social. Enfatiza também a correção de percepções distorcidas sobre a prevalência e a aceitabilidade do uso de substâncias entorpecentes e no estabelecimento de normas grupais conservadoras.

Em seu desenvolvimento, os estudantes receberam informações somente sobre as conseqüências do uso de drogas, ou somente sobre técnicas de resistência, ou apenas educação normativa, ou treinamento de técnicas de resistência em combinação com educação normativa.

Os resultados mostraram que a combinação do treinamento de técnicas de resistência com educação normativa foi eficiente na prevenção do uso de drogas. Já o treinamento de técnicas de resistência isoladamente não foi suficiente. Percebe-se aqui a importância do trabalho de educação na prevenção, pois isoladamente, isto é, sem a educação normativa, o resultado encontrado não satisfaz a abordagem terapêutica.

O terceiro projeto a ser analisado, ***Projeto de Desenvolvimento Social de Seattle*** (HAWKINS et al, 1992), caracterizado como programa universal, é uma intervenção baseada na escola, para alunos da 1º a 6º série do Ensino Fundamental, que tem como objetivo reduzir os riscos de delinqüência e de consumo de drogas através do esforço de fatores de proteção.

Esse projeto visa a treinar professores de escolas de Ensino Fundamental para empregar o manejo ativo em sala de aula, estratégias de ensino interativas e aprendizagem cooperativa. Juntamente a isso, os pais desses adolescentes recebem treinamento intitulado “Como ajudar seu filho a progredir na escola”, um currículo de técnicas de manejo familiar, chamado “Lidere-os sendo bom” e “Preparação para anos livres de drogas”.

Essas estratégias visam a desenvolver habilidades e recompensas para o envolvimento social das crianças, tanto na escola como no ambiente familiar,

objetivando o não uso de drogas pelos adolescentes. Elas apresentaram como resultado, em longo prazo, que os adolescentes que participaram do projeto tiveram como efeitos positivos diminuição do comportamento anti-social, melhora nas habilidades acadêmicas, maior envolvimento com a escola, diminuição dos níveis de alienação, redução do mau comportamento na escola e menos incidentes de consumo de drogas na escola.

O quarto projeto analisado chama-se **Programa Reconnectando Jovens** (EGGERT et al, 1995). Esse é um programa de prevenção específico para a escola, que visa atingir jovens de Ensino Médio que apresentam sinais de fraco desempenho escolar e potencial para abandonar a escola. Esse programa ensina, ainda, os jovens a desenvolverem resistência a fatores de risco e a estar atento aos primeiros sinais de uso de substâncias.

Para ingressar neste projeto, o adolescente deve estar com média baixa e mostrar uma queda significativa no aproveitamento escolar. O programa incorpora apoio social e treinamento de habilidades de vida, como aumento da auto-estima, participação na tomada de decisões, controle pessoal, comunicação interpessoal, com o objetivo de melhorar o relacionamento do adolescente com a escola, etc. Pesquisas têm demonstrado que esse programa melhora o rendimento escolar, diminui o envolvimento com drogas, reduz as relações com pares delinqüentes, aumenta a auto-estima e o autocontrole, o envolvimento escolar e o apoio social.

3 A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

A formação de professores tem sido objeto de estudos vários, no Brasil e no exterior, a maior parte inscrevendo-se dentro da perspectiva que discute a profissionalização e os saberes dos docentes (CANDAUI, 1997; CUNHA, 1999; SANTOS, 1997; TARDIF, 2002, 2005).

A perspectiva apresentada por esses autores supõe mudanças substanciais nas concepções e nas práticas vigentes sobre a formação de professores. Dentre elas destacam-se: em primeiro lugar, reconhecer que os professores são sujeitos do conhecimento é reconhecer, que deveriam ter o direito de dizer algo a respeito de sua própria formação profissional, independente se ela ocorra na universidade, nos institutos ou qualquer outro lugar.

Atualmente, os professores que possuem a missão de formar pessoas e que reconhecidamente têm competências para tal, não são reconhecidos para atuar em sua própria formação e controlá-la, não possuem o poder e o direito de determinar seus conteúdos e formas. Felizmente essa tendência vem se transformando, e algumas universidades têm implantado novos dispositivos de formação nos quais os professores em exercício sejam considerados, de fato e de direito, formadores de futuros professores, tornando-se parceiros dos professores universitários na formação de seus futuros colegas.

Em segundo lugar, se o trabalho dos professores exige conhecimentos específicos a sua profissão e dela oriundos, então sua formação deveria basear-se em grande parte nesses conhecimentos. Porém, a formação de professores tem sido dominada por conteúdos e lógicas disciplinares, ao invés de conhecimentos profissionais. Essas teorias muitas vezes são ensinadas por professores que nunca estiveram nas escolas ou não demonstram interesse pelas realidades escolares e pedagógicas, as quais consideram triviais ou técnicas, fazendo com que esses ensinamentos não tenham nenhuma eficácia ou valor simbólico.

Por fim, a formação para o ensino é organizada, em grande parte, em torno das lógicas disciplinares. Funcionando por especialização e fragmentação, com disciplinas sem relação entre si, causando pouco impacto sobre os alunos. Conforme Tardif (2002) essa formação também é concebida segundo um modelo aplicacionista do conhecimento: os alunos assistem um certo número de aulas, baseadas na disciplinas; depois ou durante essas aulas eles vão estagiar para aplicar os conhecimentos; e finalmente, quando a formação termina eles vão trabalhar sozinhos, aprendendo seu ofício na prática, e constatando, quase sempre, que esses conhecimentos disciplinares estão mal enraizados na ação cotidiana.

Na visão de Tardif (2002, p.242) o que é preciso não é exatamente esvaziar a lógica disciplinar dos programas de formação para o ensino, mas pelo menos abrir um espaço maior para uma lógica de formação profissional que reconheça os professores como sujeitos do conhecimento e não simplesmente como espíritos virgens aos quais nos limitamos a fornecer conhecimentos disciplinares e informações procedimentais, sem realizar um trabalho profundo relativo às crenças e expectativas cognitivas, sociais e afetivas através das quais os futuros docentes recebem e processam esses conhecimentos e informações.

No que se trata da temática em estudo esta visão de formação do autor é fundamental. Toda a comunidade escolar, e os professores em especial, possuem saberes sobre drogradição e estes saberes são legítimos e precisam ser reconhecidos, socializados, para que, cada vez mais se qualifiquem.

Os professores serão reconhecidos como sujeitos do conhecimento somente quando lhes concedermos, dentro do sistema escolar e das instituições, o status de verdadeiros atores, e não simplesmente de técnicos ou executores das reformas da educação concebidas com uma base burocrática. Como pode o professor ser um sujeito do conhecimento, se não é, ao mesmo tempo, o ator de sua própria ação e de seu próprio discurso? A desvalorização dos saberes dos professores pelas autoridades educacionais, escolares e universitárias não é um problema epistemológico ou cognitivo, mas político.

Tardif (2002) traz em seus estudos que, historicamente, os professores foram, durante muito tempo, associados a um corpo eclesial que agia com base nas virtudes da obediência e da vocação. No século XX, eles se tornaram um corpo estatal e tiveram que se submeter e se colocar a serviço das missões que lhes eram confiadas pela autoridade pública e estatal. Enfim, seja como corpo eclesial ou estatal, os professores sempre estiveram subordinados a organizações e a poderes maiores e mais fortes que eles, que os associavam a executores.

Embora, na maioria dos países os professores ocupem a posição mais importante entre os agentes escolares, e o papel deles seja tão importante quanto o da comunidade científica, no que se refere ao aspecto sociocultural, eles se encontram, com muita frequência, em último lugar na longa seqüência dos mecanismos de decisão e estruturas que regem a vida escolar. Sendo assim, seu poder, não somente na vida das instituições escolares, mas na organização e no desenvolvimento de seu próprio trabalho, é realmente muito reduzido.

Tardif (2002, p.244) revela que observou, no âmbito da profissão docente, muitas divisões internas que geram lutas de poder e de prestígio, exclusões e ignorâncias recíprocas entre todas as pessoas que têm a missão de educar as novas gerações. A profissão docente está dividida, luta muitas vezes contra si mesma, professores de um nível criticam os outros, por toda parte reinam hierarquias simbólicas e materiais estéreis entre os professores dos diferentes níveis de ensino. Ele defende, portanto, a unidade da profissão docente do pré-escolar à universidade, pois só seremos reconhecidos socialmente como sujeitos do conhecimento e verdadeiros atores sociais quando começarmos a reconhecer-nos uns aos outros como pessoas competentes, pares iguais que podem aprender uns com os outros, e realizar melhor nosso ofício comum.

Chamou-nos atenção no trabalho realizado pela escola pesquisada que, na medida em que ele se desenvolvia, mesmo que no início com desconfianças e disputas entre os professores, todos foram aprendendo o valor do trabalho coletivo e a importância de se autorizarem como produtores de saber.

3.1 O MODELO ATUAL DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES

As reformas educativas, não sem contradições, estão exigindo uma transformação não somente dos cursos e conteúdos, mas também dos próprios fundamentos da formação para o magistério nas universidades. Elas levam a conceber o ensino como uma atividade profissional de alto nível, que se apóia num sólido repertório de conhecimentos, articulado e incorporado nas práticas profissionais, atividade que é, ao mesmo tempo, enriquecida e alimentada por esses conhecimentos, devido à contribuição dos professores experientes e dos pesquisadores que com eles colaboram.

A prática profissional não é um simples campo de aplicação de teorias elaboradas fora dela; ela torna-se segundo Tardif (2002, p.286) um espaço original e relativamente autônomo de aprendizagem e de formação para os futuros práticos, bem como um espaço de produção de saberes e de práticas inovadoras pelos professores experientes. Esta concepção exige que a formação profissional seja voltada para a prática e para a escola enquanto lugar de trabalho dos professores. Nessa perspectiva, os saberes transmitidos pelas instituições de formação devem ser concebidos e adquiridos em estreita relação com a prática profissional dos professores nas escolas. Logo, aprender com os saberes produzidos neste espaço formativo é sempre fundamental para as agências formadoras e, de forma especial, quando tratar-se de temáticas abrangentes e já vivenciadas pela escola de uma forma competente.

Esse modelo comporta a implantação de novos dispositivos, que dão origem a novas práticas e instrumentos de formação, como estágios de longa duração, a memória profissional, a alternância formação/trabalho, a análise reflexiva, o estudo das práticas, entre outros. Eles provocam o surgimento de novos atores situados na interface entre a formação e a profissão, atores que trabalham em colaboração com os professores. A importância da interlocução com outros profissionais, especialmente quando tratamos sobre temáticas tão complexas quanto à docência, apresenta-se como um desafio.

Ainda, esse modelo apóia-se na idéia de que a formação de professores supõe um continuum no qual, durante toda a carreira docente, fases de trabalho devem alternar com fases de formação contínua. Essas fases expressam-se na longa duração e na variedade da formação dos professores, a qual começa antes da universidade, durante a formação escolar anterior, transforma-se na formação universitária inicial, valida-se no momento do ingresso na profissão, nos primeiros anos de carreira e prossegue durante uma parcela substancial da vida profissional.

Enfim, as fontes da formação profissional dos professores não se limitam à formação inicial na universidade, trata-se, no verdadeiro sentido do termo, de uma formação contínua e continuada que abrange toda a carreira docente.

3.2 FORMAÇÃO INICIAL E CONTÍNUA DOS PROFESSORES

O ser humano, desde seu nascimento, está envolvido com a necessidade de adquirir conhecimentos, sendo que esses representam formas de defesa para a manutenção da vida e instrumentos para a adaptação à realidade.

É fundamental que façamos uma análise da função do professor neste processo, pois, freqüentemente, o professor é apontado como responsável pela má qualidade do ensino. No entanto, ao longo da história, poucas foram as oportunidades dadas aos professores, para que se manifestassem sobre suas práticas pedagógicas.

A formação inicial dada nas universidades precisa ser repensada e redirecionada de forma a contribuir para formar um professor capaz de interferir criativamente em situações complexas da escola. O professor enquanto aluno, em sua formação inicial, é tratado como um sujeito passivo e receptor de conhecimento, o que contribui para que futuramente incorpore em sua prática profissional o mesmo que lhe foi oferecido. Segundo Pessoa de Carvalho e Gil-Pérez,

[...] os professores têm idéias, atitudes e comportamentos sobre o ensino, devidos a uma longa formação ambiental durante o período em que foram alunos [...] (GENE e GIL-PÉREZ, 1987; SHUELL, 1987; HEWSON e HEWSON, 1988; GALDERHEAD, 1986; PORLÁN, 1990). A influência desta formação incidental é enorme porque responde a experiências reiteradas e se adquire de forma não-reflexiva como algo natural, óbvio, o chamado senso comum, escapando assim à crítica e transformando-se em um verdadeiro obstáculo (1993, p.26-27).

Para Pérez Gomes e Sacristán (in Nóvoa, 1995), o professor passa sem ruptura da experiência passiva como aluno para um comportamento ativo como professor sem ter sido dados a ele os significados educativos, sociais e epistemológicos do conhecimento que transmite e que faz seus alunos aprenderem. Criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente de repetir o que outras gerações já tenham feito, que sejam criativos e descobridores e ainda orientem para a formação de pessoas que possam ser críticas, e não apenas aceitar tudo que lhes seja oferecido é um grande desafio. O indivíduo que aprende é diferente daquele que memoriza. É curioso, ativo, inquieto, questionador. O sujeito que só repete é passivo.

Neste processo de criar seres humanos melhores, as atitudes estão sempre em evidência, e são nos pequenos atos, que se pode, aos poucos, melhorar a vida e estimular os outros. “Somos o que repetidamente fazemos”, disse Sócrates; então, se desejamos uma vida melhor, precisamos mudar o que fazemos.

A prática do professor constitui-se, ao longo dos tempos, como um conjunto de ações que se desenvolvem na experiência, nos anos de sala de aula, na vivência dos episódios corriqueiros. Essa prática se estabeleceu culturalmente num acúmulo de experiências ao longo da carreira profissional. Segundo Pérez Gómez (2000):

Nessa perspectiva concebe-se o ensino como uma atividade artesanal. O conhecimento sobre a mesma foi se acumulando lentamente ao longo dos séculos por um processo de tentativa e erro, originando uma sabedoria profissional que transmite de geração em geração mediante o contato direto e prolongado com a prática especializada do professor(a) experiente (2000, p.363-364).

Diferentemente da lógica anterior, que centrava na organização disciplinar conforme já apontava Tardif, a formação docente, nas atuais diretrizes de formação de professores, dá ênfase nas competências sociais.

Dentro do contexto educacional contemporâneo, a formação continuada é saída possível para a melhoria da qualidade do ensino, por isso o profissional consciente precisa saber que sua formação não termina na Universidade. Formar (ou reformar) o formador para a modernidade, através de uma formação continuada, proporcionará ao mesmo, independência profissional, com autonomia para decidir sobre o seu trabalho e suas necessidades.

Zeichner afirma o seguinte:

Um dos problemas mais importantes na formação de professores é o nosso isolamento em pequenas comunidades compostas por colegas que partilham orientações idênticas, o que empobrece o debate e as interações (1997, p.120).

A modernidade exige mudanças, adaptações, atualização e aperfeiçoamento. Quem não se atualiza fica para trás. A parceria, a globalização, a informática, toda a tecnologia moderna é um desafio a quem se formou há vinte ou trinta anos. A concepção moderna de educador exige formação sólida, política, técnica onde podemos viabilizar uma prática pedagógica consciente e crítica.

Schön (1992) concordando com Tardif (2002) percebe que o processo de formação, principalmente dado em universidades, apresenta um esquema que distancia a teoria da prática, pois primeiro é fornecida ao aluno a teoria e só ao final do seu curso ele vivencia algum tipo de estágio prático. Deste modo, o autor aponta para a relevância de um conhecimento aplicado, onde a teoria traz em si mesma as questões que poderiam ser suscitadas pela prática e, ao mesmo tempo, a sua solução. O paradigma que permeia a formação é o paradigma da racionalidade técnica, que, segundo Pérez Gómez (2000), privilegia o saber acadêmico em detrimento do saber prático.

Dentro desta mesma perspectiva de formação, Nóvoa (1991), defende que a formação do professor crítico reflexivo que implica em três tipos de desenvolvimento: pessoal, profissional e organizacional. Sendo assim, a formação de professores não significa passar somente por um processo de crescimento pessoal e aperfeiçoamento profissional, mas também pela formação da cultura escolar, que inclui a implementação e consolidação de novas práticas e de gestão democrática.

Ainda dentro desta mesma linha de pensamento, Zeichner (1993) destaca a importância do contexto, afirmando que o professor, além de refletir sobre a sua prática, necessita analisar as condições de produção desse trabalho, ou seja, levar em conta as condições sociais, políticas e econômicas que interferem em sua prática pedagógica.

O profissional consciente sabe que sua formação não termina na universidade. Esta lhe aponta caminhos, fornece conceitos e idéias, a matéria-prima de sua especialidade. O resto é por sua conta. Muitos professores, mesmo tendo sido assíduos, estudiosos e brilhantes, tiveram de aprender na prática, estudando, pesquisando, observando, errando muitas vezes, até chegarem ao profissional competente que hoje são.

Cabe ao professor mediar a construção do conhecimento com atividades lúdicas desafiadoras, criativas e significativas. Este é o momento de fazermos a diferença, para que nossos alunos possam sentir, acreditar e se tornar sujeitos participantes, autônomos, alegres e críticos com relação ao contexto em que estão inseridos.

Muitos autores (SCHÖN, 1992; NÓVOA, 1992; PÉREZ GÓMEZ, 2000; ZEICHNER, 1993; MORAES, 2004; MALDANER, 2000, entre outros) apontam para a formação continuada de professores como investimento na direção da melhoria do ensino em sala de aula. O processo de formação continuada significa de certa forma uma oportunidade de os professores perceberem que eles próprios são possuidores de um conhecimento teórico que pode contribuir para o entendimento do processo de ensino-aprendizagem.

A formação de professores se configura como um processo permanente, que começa quando eles ainda são alunos na escola e que continua indefinidamente no período de sua atuação profissional. Dessa forma, se consideramos que, ao terminar o seu curso de formação de professores, o professor não saiu de um processo de formação, mas ainda permanece nele, apontamos para a necessidade de a reflexão teórica continuar a fazer parte da sua prática cotidiana, como forma de superar os obstáculos apresentados pelo senso comum.

Cabe ao professor buscar cada vez com mais intensidade, tanto o conhecimento como o aprimoramento técnico, muito embora não deva nunca descuidar do sentido humano, ou seja, precisa ter em conta sempre que o indivíduo que aprende, deve ser tratado com tolerância, respeito, carinho e atenção.

Dentro desta perspectiva, Moraes (2003) afirma que é a reflexão sobre a prática e a análise cotidiana das ações desenvolvidas com os alunos que contribuem efetivamente para tomadas de consciência sobre as questões do ensinar e do aprender. Conseqüentemente, o conhecimento vai tornando-se mais complexo, com condições de dar, cada vez mais, respostas adequadas aos problemas que vão se apresentando.

Assim, destaco a concepção de formação reflexiva para a docência tendo como base as influências teóricas de Zeichner (1997), Nóvoa (1995), Schön (1992), Sacristán (1995) e Tardif (2002) que consideram a formação docente como um processo complexo, multidimensional, contextualizado, portanto, situado sócio e historicamente, onde a necessária articulação e integração teoria-prática possibilita desenvolver as capacidades reflexivas que subsidiam as mais diversas intervenções na realidade educativa. Portanto, esta concepção de formação reflexiva aqui exposta iluminou todo o percurso educativo e formativo de minha investigação.

A formação continuada traz em seu bojo diversos tipos de concepções. Em todas, entretanto, é nítida a idéia que a formação continuada ocorre após a certificação inicial, visa ao aperfeiçoamento profissional, a melhorar os

conhecimentos, as habilidades práticas e as atitudes dos professores, em busca de maior qualidade na educação dos alunos.

Ao se tratar de formação continuada, não se pensa em uma formação como um remendo destinado a suprir as falhas da formação formal, falhas estas, oriundo da pouca valorização da carreira do professor, da pouca ênfase dada à pesquisa, entre outros motivos. Os professores iniciantes e menos titulados são os que dão aula na graduação, enquanto os mais eficientes e titulados ficam na pós-graduação, realizando pesquisas, sendo que, na maioria das vezes, poucas chegam ao meio educacional a que se destinam.

Neste sentido, a formação continuada se faz necessária para completar a construção de conhecimento, com propostas próprias, formuladas autonomamente. Para isto, desafios são postos: superar a cópia da cópia, levar o conhecimento ao aluno de forma que seja internalizado, preparar o professor para produzir o seu projeto pedagógico para combater o fracasso escolar e favorecer ao professor a sistematização de conhecimentos, produzindo textos próprios sobre sua área de atuação.

O professor precisa estar sempre atualizado, informando-se sobre novos conhecimentos e conseqüências para a ação no mundo do ensino. O que não se deve é fazer como numerosos programas de formação continuada, que agem como se o exercício da docência fosse um tempo de desgaste e de esvaziamento, considerando a cabeça do aluno como algo que poderia ser cheio com os conhecimentos adquiridos pelo professor; em que o professor esvazia a sua cabeça para encher a cabeça do aluno

No entanto, sabemos que os conhecimentos produzidos na escola, com professores e alunos, são os que iluminam e dirigem as práticas mais significativas da formação do aluno, que se quer cidadão.

A formação continuada nos passa uma noção de tempo, cujo tempo será de produção de saberes necessários para os formadores, produzindo uma ruptura com

tradições que de nada tem a acrescentar. Sempre é bom frisar, que o ensinamento que o passado nos deu é válido e deve ser usado e perpetuado; o que queremos são as correções do rumo tão necessárias e esperadas na nossa formação.

No entanto, o que observamos na prática é que os docentes, em geral, não estão preparados para teorizar sobre experiências sempre novas. A atividade docente tem sido entendida como prática de disseminar conhecimentos e/ou aplicar técnicas. Isso implica em pensarmos processos de formação continuada, articulados com os espaços de produção, onde os docentes tenham condições de administrar, com suficiente autonomia, o conflito entre o prático e o teórico.

De fato, a profissionalização do ensino exige um vínculo muito estreito entre a formação contínua e a profissão, baseando-se nas necessidades e situações vividas pelos professores. Nesta concepção o formador universitário pára de desempenhar o papel de “transmissor de conhecimento”, como nos fala Tardif (2002, p.292), e torna-se um acompanhador dos professores, alguém que os ajuda e os apóia em seus processos de formação ou autoformação.

A formação contínua, no tocante aos cursos universitários, dá lugar a novos dispositivos de formação, aos quais podem ser combinadas práticas de pesquisa: formação sob medida, formação no ambiente de trabalho, formação concebida como uma pesquisa-ação, enfim, desafios postos pelos próprios professores ou por suas instituições a novos parceiros.

Segundo Tardif (2002) esses são os diferentes princípios que guiam o novo modelo da formação profissional e as diferentes experiências que o fecundam ou o reforçam, trata-se de repensar os fundamentos da formação para o magistério, vinculando-o à prática da própria profissão, trata-se também de ver os professores como produtores de saberes específicos ao seu trabalho e de integrá-los tanto nas atividades de formação quanto de pesquisa dos universitários.

3.3 FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES COMO ALTERNATIVA DE PREVENÇÃO AO ABUSO DE DROGAS NA ESCOLA

Em uma sociedade democrática, é fundamental formar o professor na mudança e para a mudança, por meio do desenvolvimento de capacidades reflexivas em grupo, e abrir caminho para uma verdadeira autonomia profissional compartilhada, já que a profissão docente precisa partilhar o conhecimento com o contexto.

A instituição educativa como conjunto de elementos que intervêm na prática educativa contextualizada precisa ser o motor da inovação docente.

É preciso desenvolver novas práticas de prevenção ao uso de drogas, novas alternativas, baseadas na capacidade e criatividade dos professores, que permitam vislumbrar novas formas de entender a questão da drogadição na escola, organizando, dentro e fora do currículo, estratégias de ensino, que possibilitem ao educador trabalhar as principais questões pertinentes à drogadição na escola.

A formação continuada de professores centrada na escola, tendo como foco a temática da drogadição em nível escolar, envolve estratégias, empregadas conjuntamente pelos formadores e pelos professores, para dirigir os programas de formação de modo a que respondam às necessidades definidas pela escola e pelo projeto de prevenção elaborado, buscando elevar a qualidade de vida, do ensino e da aprendizagem em sala de aula.

A formação centrada na escola é mais que uma simples mudança de lugar da formação. Não é apenas uma formação como conjunto de técnicas e procedimentos, mas tem uma carga ideológica, valores, atitudes e crenças. Essa formação centrada na escola pretende desenvolver um paradigma colaborativo entre os professores, objetivando o desenvolvimento e a aplicação do projeto de prevenção de drogas no contexto escolar. Assim, a escola é o foco do processo ação-reflexão-ação, sendo a unidade básica da mudança, desenvolvimento e

melhoria da qualidade de vida dos professores e dos alunos que efetivamente participam do projeto de prevenção.

Dentro deste contexto, a formação continuada de professores converte-se em um processo de autodeterminação baseada no diálogo, na medida em que se implanta um tipo de compreensão compartilhada pelos participantes (professores, alunos e comunidade em geral), sobre as tarefas e os meios de melhorá-las, e não um conjunto de papéis e funções que são aprimoradas mediante normas e regras técnicas. Sendo assim, um elemento básico da formação continuada dos professores na escola é a necessidade de redefinir as funções, os papéis e a finalidade da instituição educacional no que tange às questões relacionadas à problemática da drogadição.

Desta maneira, a prevenção ao uso de drogas a partir de um projeto de prevenção, elaborado e desenvolvido na escola pelos educadores, alunos e comunidade em geral, como uma alternativa de formação continuada, pode se constituir na melhor alternativa para a prevenção da drogadição.

3.4 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR, A PREVENÇÃO DE DROGAS NA ESCOLA E OS SABERES DOCENTES

A formação do educador, em geral, como se pode ver é um tema que, a despeito de muitas iniciativas já terem sido empreendidas, por estados, municípios e instituições particulares, tem suscitado poucos estudos sobre a temática da drogadição. A revisão de literatura mostrou que poucos trabalhos referem-se especificamente à capacitação do professor para contribuir com a prevenção do uso de drogas por parte dos adolescentes. Logo, conhecer os saberes que esses profissionais constroem e necessitam para exercer esse papel, me parece fundamental para a realização efetiva de projetos de prevenção ao abuso de drogas. Isto me leva a aprofundar, neste capítulo, conhecimentos relativos a saberes docentes, a formação inicial e a formação continuada do educador.

3.4.1 Saberes docentes

Ao iniciar este subcapítulo, penso no que me fez ser um professor e quais os saberes que necessito para poder exercer esta profissão tão importante. Um professor é tradicionalmente, alguém que sabe alguma coisa e cuja função é “transmitir” esse saber a outros.

Os professores ao exercerem sua profissão necessitam de vários saberes. Que saberes são esses? Como foram e são produzidos?

Os saberes dos professores não podem ser separados de outras dimensões do ensino, nem do estudo, nem do trabalho realizado diariamente pelo professor. No âmbito dos ofícios e das profissões, não se pode falar do saber sem relacioná-lo com os condicionantes e o contexto do trabalho; segundo Tardif (2002, p.11) “o saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer”.

O saber não é algo descontextualizado, o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola. Por isso, é necessário relacioná-lo com esses elementos constitutivos do trabalho docente.

Conforme Tardif (2002, p.12-14) “o saber dos professores é um saber social”. Primeiro, porque é partilhado por todo um grupo de agentes – os professores – que possuem uma formação comum, trabalham numa mesma organização e estão sujeitos, por causa da estrutura coletiva de seu trabalho cotidiano, a condicionamentos e recursos comparáveis, entre os quais programas, matérias a serem ensinadas, regras do estabelecimento. Sendo assim, as representações ou práticas de um professor específico, por mais originais que sejam, ganham sentido somente quando colocadas em destaque em relação a essa situação coletiva de trabalho.

Segundo, porque sua posse e utilização repousam sobre um sistema que vem garantir a sua legitimidade e orientar sua definição e utilização: universidade, administração escolar, sindicato, associações profissionais, grupos científicos, instâncias de atestação e de aprovação das competências, Ministério da Educação, entre outros. Um professor nunca define sozinho e em si mesmo o seu saber profissional, ao contrário esse saber é produzido socialmente, resulta de uma negociação de diversos grupos. Isso significa que nos ofícios e profissões não existe conhecimento sem reconhecimento social.

Terceiro, porque seus próprios objetos são objetos sociais, isto é, práticas sociais. O professor não trabalha apenas com um objeto, mas com sujeitos e em função de um projeto: transformar os alunos, educá-los e instruí-los. O saber não é uma substância ou um conteúdo fechado em si mesmo, ele se manifesta através de relações complexas entre o professor e seus alunos.

Quarto, porque tais como mostram a história das disciplinas escolares, dos programas escolares e das idéias e das práticas pedagógicas, o que os professores ensinam e sua maneira de ensinar evoluem com o tempo e as mudanças sociais. O saber dos professores, tanto os saberes a serem ensinados quanto o saber ensinar, está assentado naquilo que Bourdieu (2001, p.135) chama de *arbitrário cultural*: ele não se baseia em nenhuma ciência, lógica ou evidência natural, ele evolui com o tempo e as mudanças socioculturais.

Por último, esse saber é social por ser adquirido no contexto de uma socialização profissional, onde é incorporado, modificado, adaptado em função dos momentos e fases da carreira, ao longo de uma história profissional onde o professor aprende a ensinar fazendo o seu trabalho. O saber dos professores não é um conjunto de conteúdos cognitivos definidos, mas um processo de construção ao longo de uma carreira profissional na qual o professor aprende progressivamente a dominar seu ambiente de trabalho, ao mesmo tempo em que se insere nele e o interioriza por meio de regras de ação que se tornam parte integrante de sua “consciência prática”.

Logo, a natureza do saber dos professores está intimamente relacionada com o que os professores, nos espaços de trabalho cotidianos, são, fazem, pensam e dizem. O saber dos professores é profundamente social e é, ao mesmo tempo, o saber dos atores individuais que o possuem e o incorporam à sua prática profissional para a ela adaptá-lo e para transformá-lo. O saber dos professores não é de “foro íntimo”, como menciona Tardif (2002, p.15), mas um saber ligado a uma situação de trabalho com os outros, sejam eles alunos, colegas ou pais; um saber ancorado numa tarefa complexa, que é ensinar; situado num espaço de trabalho, seja a sala de aula, a escola; enraizado numa instituição e numa sociedade.

O saber dos professores depende, por um lado, das condições concretas nas quais o trabalho deles se realiza e, por outro, da personalidade e da experiência profissional dos próprios professores. Nessa perspectiva, o saber dos professores parece assentado em transações constantes entre o que eles são e o que eles fazem.

Os saberes de um professor são uma realidade social materializada através de uma formação, de programas, de práticas coletivas, de disciplinas escolares, de uma pedagogia institucionalizada e são, também, ao mesmo tempo, os saberes dele. O saber do professor nas palavras de Tardif (2002, p.16) situa-se numa “interface entre o individual e o social, entre o ator e o sistema, a fim de captar a sua natureza social e individual como um todo”.

3.4.1.1 Diversidade do saber

O saber docente é diverso, plural e heterogêneo, porque envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber fazer bastante diverso, provenientes de fontes variadas e, provavelmente, de natureza diferente. A diversidade do saber dos professores permite assinalar a natureza social desse saber. Logo, o saber dos professores contém conhecimentos e um saber fazer cuja origem social é evidente; alguns deles provêm da família do professor, da escola que

o formou e de sua cultura pessoal; outros vêm das universidades ou das escolas normais; outros estão ligados à instituição, como programas, regras, princípios pedagógicos, objetivos, finalidades; outros, ainda, provêm dos pares, dos cursos de reciclagem e de formação continuada.

O saber profissional está na confluência de vários saberes oriundos da sociedade, da instituição escolar, dos atores educacionais, das universidades. Em consequência disso, as relações que os professores estabelecem com esses saberes geram, ao mesmo tempo, relações sociais com os grupos, organizações e atores que os produzem. A relação cognitiva com o trabalho é acompanhada de uma relação social, os professores não usam o saber em si, mas sim saberes produzidos por esse ou aquele grupo, oriundos dessa ou daquela instituição, incorporados ao trabalho por meio desse ou daquele mecanismo social, como a formação, currículos ou instrumentos de trabalho. Os juízos cognitivos que expressam no tocante aos seus diferentes saberes são, ao mesmo tempo, juízos sociais.

Tardif (2002) diz-nos, ainda, que o saber dos professores é plural e também temporal, pois é adquirido no contexto de uma história de vida e de uma carreira profissional. Ensinar supõe aprender a ensinar, ou seja, aprender a dominar progressivamente os saberes necessários à realização do trabalho docente. O autor argumenta que os saberes são temporais em pelo menos três sentidos:

Primeiramente, esses saberes são identificados através do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis de ser professor e sobre como ensinar. Estas características provêm de sua história de vida, e sobre tudo de sua história de vida escolar.

Em segundo lugar, os saberes profissionais são temporais no sentido de que os primeiros anos de prática profissional são decisivos na aquisição da experiência necessária para a aquisição de competências, estabelecimento de rotinas de trabalho, ou seja, a estruturação da prática profissional.

E em terceiro lugar, os saberes profissionais são temporais no sentido de serem utilizados e desenvolvidos visando à carreira profissional, isto é, à aquisição de métodos e práticas pedagógicas, visando o aprimoramento e desenvolvimento das competências para a vida diária de um professor.

Para Tardif (2002), os saberes docentes são em número de cinco: os saberes profissionais que são trabalhados e divulgados durante a formação formal do docente e, que, posteriormente, podem ser colocados em prática; os saberes pedagógicos que estão presentes na prática educativa por meio de representações e orientações da atividade educativa, em função de ideologias que legitimam técnicas e comportamentos justificáveis em teorias; os saberes disciplinares que dizem respeito a todos os saberes existentes, independentes dos cursos de formação; os saberes curriculares são aqueles presentes nos programas e currículos escolares; os saberes experienciais são aqueles saberes adquiridos e validados pela experiência individual e coletiva dos docentes.

Abaixo, são apresentados os saberes dos professores, as fontes sociais de aquisição e os modos de integração no trabalho docente, segundo Tardif (2002, p.63).

Saberes dos Professores	Fontes sociais de aquisição	Modos de integração no trabalho docente
Saberes pessoais dos professores.	A família, o ambiente de vida, a educação no sentido lato, etc.	Pela história de vida e socialização primária.
Saberes provenientes da formação escolar anterior.	A escola primária e secundária, os estudos pós-secundários não especializados, etc.	Pela formação e pela socialização pré-profissionais.
Saberes provenientes da formação profissional para o magistério.	Os estabelecimentos de formação de professores, os estágios, os cursos de reciclagem, etc.	Pela formação e pela socialização profissionais nas instituições de formação de professores.

Saberes provenientes dos programas e livros didáticos usados no trabalho.	A utilização das “ferramentas” dos professores: programas, livros didáticos, caderno de exercícios, fichas, etc.	Pela utilização das “ferramentas” de trabalho, sua adaptação às tarefas.
Saberes provenientes de sua própria experiência na profissão, na sala de aula e na escola.	A prática do ofício na escola e na sala de aula, a experiência dos pares, etc.	Pela prática do trabalho e pela socialização profissional.

Quadro n. 4: Os saberes dos professores, adaptado de Tardif (2002 p.63).

3.4.1.2 A experiência do trabalho enquanto fundamento do saber

Conforme pesquisas realizadas por Tardif (2002, p.21), os professores não colocam seus saberes em pé de igualdade, mas tendem a hierarquizá-los em função de sua utilidade no ensino. Quanto menos utilizável no trabalho é um saber, menos valor profissional parece ter. Sendo assim, os saberes oriundos da experiência de trabalho cotidiana parecem constituir o alicerce da prática e da competência profissionais, pois essa experiência é, para o professor, a condição para a aquisição e produção de seus próprios saberes profissionais.

É importante, no entanto, considerar, por outro lado, que o saber experiencial tem limites, que precisam ser considerados. Segundo Guathier(1998, p.33), “o que limita o saber experiencial é exatamente o fato de que ele é feito de pressupostos e de argumentos que não são verificados por meio de métodos científicos”. Precisamos, segundo o autor, publicizá-los, refletindo sobre eles, construindo argumentos que os sustentem.

Portanto, ensinar é mobilizar uma ampla variedade de saberes, reutilizando-os no trabalho para adaptá-los pelo e para o trabalho. A experiência de trabalho, logo, é fundamental, mas é apenas um espaço onde o professor aplica saberes, sendo ela mesma saber do trabalho sobre saberes, ou seja, reflexividade, retomada,

reprodução, reinterpretação daquilo que se sabe naquilo que se sabe fazer, a fim de produzir a própria prática profissional.

O ofício dos professores é interativo, um trabalho onde o trabalhador se relaciona com seu objeto de trabalho principalmente pela interação humana. Logo, o objeto de trabalho dos professores são sujeitos, seres humanos em interação.

As características da interação humana que marcam o saber dos atores que atuam juntos, como os professores com seus alunos numa sala de aula, compreendem a idéia de trabalho interativo. A questão do saber está ligada, assim, a dos poderes e regras mobilizados pelos atores sociais na interação concreta.

3.4.1.3 Saberes e formação de professores

É necessário repensar a formação docente, levando em conta os saberes dos professores e as realidades específicas de seu trabalho cotidiano. Conforme Tardif (2002) essa é a idéia de base das reformas que vêm sendo realizadas em muitos países nos últimos dez anos, inclusive no Brasil. Ela expressa a vontade de encontrar, nos cursos de formação de professores, uma nova articulação e um novo equilíbrio entre os conhecimentos produzidos pelas universidades a respeito do ensino e os saberes desenvolvidos pelos professores em suas praticas cotidianas.

Até o momento a formação para o magistério esteve dominada principalmente pelos conhecimentos disciplinares, conhecimentos sem nenhuma conexão com a ação profissional, devendo em seguida serem aplicados na prática por meio de estágios ou outras atividades do gênero. Essa visão disciplinar e aplicacionista da formação profissional não tem mais sentido, não somente no campo do ensino, mas também nos outros setores profissionais.

4 O DESENHO DE UMA METODOLOGIA

Propor uma pesquisa sobre um tema relevante e problemático para nós, educadores, é realmente instigante e desafiador. Um tema como drogas, visto por muitas pessoas, ainda, como um tabu, exige saberes que vão além da formação acadêmica, isto é, implica considerar saberes construídos ao longo da trajetória de vida pessoal e profissional do educador e que se ampliam e crescem sempre com novas experiências. A formulação constante de questionamentos e busca de soluções para essa questão, os estudos e trocas compartilhadas, a construção de parecerias, enfim são de suma importância para a construção de projetos de prevenção de drogas na escola. Todo esse conhecimento faz do educador um pesquisador, um profissional preocupado com essa problemática, que vem, a cada dia, crescendo em gravidade e traumatizando muitos adolescentes e suas famílias.

A partir dessas reflexões esta pesquisa teve como base os seguintes pressupostos:

- A) a escola precisa ter um projeto de prevenção e de capacitação de seus professores, bem como precisa existir uma política de prevenção que possibilite que os educadores, pais e comunidade em geral e, principalmente, os adolescentes conheçam e identifiquem as principais conseqüências que o uso de drogas pode causar em sua vida;
- B) o conhecimento, a identificação e análise dos saberes que esses atores constroem ao longo de sua trajetória pessoal e profissional são de suma importância para subsidiar projetos de prevenção ao uso de drogas.

Como educador que sou, preocupado com o uso indiscriminado de drogas, que acontece com grande parte dos adolescentes, defendo ainda como pressuposto que um projeto de prevenção ao abuso de drogas deva passar por um processo de valorização da vida e formação deste indivíduo como um ser humano.

Sendo assim, é dentro desta visão e sob esse olhar que a investigação buscou o desvelamento, a interpretação e a compreensão dos saberes de formação e da experiência que esses adolescentes, os educadores e comunidade em geral têm construído frente à problemática da drogadição na escola, buscando minimizar o uso de drogas entre adolescentes em idade escolar.

A partir desse olhar, como um pesquisador que busca o conhecimento destes saberes, acredito que o importante num trabalho de prevenção é sempre a valorização da vida, isto é, focalizar sempre os problemas que as drogas causam e não somente a droga. É evidente a necessidade de os educadores saberem que devem ter conhecimentos sobre o tema “drogas”, para que possam trabalhar essas questões em sala de aula.

Após a análise documental realizada nos projetos propostos pelas 03 escolas situadas no RS, as quais já vêm desenvolvendo projetos de prevenção ao abuso de drogas, optou-se por uma das escolas (aqui chamada de **Escola Vida**) devido ao seu caráter inovador e aos bons resultados alcançados pelo projeto aplicado que possibilitou uma diminuição do abuso de drogas na escola. A pesquisa, além da análise documental, também envolveu entrevistas com professores, adolescentes e membros da comunidade da **Escola Vida**.

Esta escola está vinculada a 12º CRE, sendo que todo o corpo docente participou do projeto, cuja coordenação é formada por 07 professores. A escola apresenta 1762 alunos matriculados, 107 professores e 23 funcionários distribuídos em 03 turnos, manhã, tarde e noite. A maioria dos alunos matriculados e atendidos pela escola é do Ensino Médio e compreende a faixa etária de 13 aos 18 anos.

O tema em que o projeto está baseado é a “paz” e a convivência entre os seres humanos que, trocando vivências, harmonizam a vida construída com esperança para superar barreiras intransponíveis.

Fizeram parte da pesquisa 03 professores, 03 adolescentes e 03 membros da comunidade que participaram ativamente do desenvolvimento deste projeto.

Os três professores, do sexo feminino, atuam aproximadamente por 6 anos na escola e pertencem a áreas de conhecimentos da Biologia, Psicologia e Letras. Os adolescentes entrevistados são todos do sexo feminino e suas idades variam entre 13 e 15 anos. Os membros da comunidade exercem atividades profissionais diferentes e se envolveram diretamente no projeto em várias funções, entre elas financeira, atendimento psicológico e segurança. A escolha dos entrevistados, tanto os adolescentes, professores e membros da comunidade foram definidos pela direção da escola.

O projeto conta com o apoio de órgãos como Conselho Escolar, Círculo de Pais e Mestres (CPM), Grêmios Estudantil, Serviço de Orientação Educacional (SOE), Supervisão Escolar e Centro de Atendimento ao Educando (CAE) e também como de outras entidades não-governamentais.

Este projeto foi escolhido em decorrência da proposta pedagógica que apresenta, enfatizando primeiramente a valorização da vida ao invés de simplesmente falar sobre drogas, suas conseqüências e principais doenças. As atividades desenvolvidas por este projeto vêm ao encontro da concepção adquirida por este pesquisador ao longo de sua trajetória no trabalho com dependentes químicos, adultos e adolescentes usuários de drogas. Um outro fator muito relevante para a escolha deste projeto diz respeito ao conhecimento que os professores e alunos já construíram sobre o tema.

Em diversas pesquisas realizadas por Carlini (2003), em 27 capitais brasileiras, em escolas públicas e privadas, com o objetivo de identificar a situação em que elas se encontram em relação ao uso de drogas por parte de seus alunos adolescentes, na grande maioria, nota-se uma dificuldade muito grande de os professores desenvolverem atividades relativas à prevenção ao uso de drogas em situações que envolvem adolescentes.

Os professores da maioria dessas escolas não apresentam capacitação suficiente para realizarem essas atividades. Por isso, é cada vez mais necessário que escolas públicas e privadas construam projetos de prevenção ao uso indevido

de drogas através de discussões e debates realizados pelos professores juntamente com a comunidade escolar, com o auxílio e a orientação de profissionais capacitados.

4.1 O CAMINHO TRILHADO

Nesta pesquisa qualitativa, trabalhamos com diferentes atores - adolescentes, professores, educadores e membros da comunidade - que foram entrevistados e ouvidos, com o objetivo de se compreender, a partir de suas falas, os saberes que esses atores sociais têm sobre a problemática da drogadição.

Com base em Minayo (2002, p.105-196), concebemos campo de pesquisa como o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada, a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação. A autora também entende que os resultados de uma pesquisa em ciências sociais constituem-se sempre numa aproximação da realidade social, que não pode ser reduzida a nenhum dado de pesquisa.

Bauer & Gaskell (2002), sobre pesquisa qualitativa, afirma o seguinte:

A análise da conversação é muitas vezes defendida (e questionada) polemicamente, como uma alternativa a esses outros enfoques da ciência, não como complementar a eles.... Ela pode ser empregada para explorar os tipos de categorias pressupostas pelos participantes (2002, p.273).

A pesquisa qualitativa se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. A abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um todo não-perceptível em equações, médias e estatísticas.

“Essa metodologia faz parte de uma história que busca a teoria e prática no campo das investigações sociais, constituindo assim em bem mais do que uma simples técnica de análise de dados” (MORAES, 1993).

De acordo com Oaigen (1996), a análise de conteúdo em sua vertente qualitativa parte de pressupostos teóricos que, na abrangência dos dados coletados, correspondem à análise comparativa e interpretativa do objeto da pesquisa com o referencial teórico escolhido para ela (1996, p.105).

No mesmo sentido desse autor, esta pesquisa adotou procedimentos característicos das pesquisas qualitativas, valendo-se da análise de conteúdo, como forma de organizar e sistematizar os dados coletados. Ela busca, ao mesmo tempo, interpretar os significados das expressões dos sujeitos entrevistados, agrupando-as em categorias (temáticas ou dimensões), que emergem das teorias em que a pesquisa se apóia e das falas dos interlocutores.

4.2 DESIGN DA ANÁLISE DA PESQUISA

Como estratégia de pesquisa, buscou-se registrar os discursos dos atores sociais, adolescentes, professores e membros da comunidade, com o uso de gravações, que foram posteriormente transcritas.

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos, fornecendo informações complementares ao leitor crítico de uma mensagem. Funciona como uma “ferramenta, um guia prático para a ação” (MORAES, 1999, p.2).

Para Bardin (1977, p.34), “a análise de conteúdo pode ser uma análise dos significados (como por exempb, análise temática), embora possa ser também uma análise dos significantes (análise léxica, análise dos procedimentos)”.

Visando a operacionalizar a investigação proposta por esta pesquisa, dividimos a mesma em três etapas:

1ª ETAPA: Caracterização e Planejamento

Descrição do contexto e do projeto.

Elaboração do roteiro das entrevistas, conforme os objetivos específicos da pesquisa, para serem aplicadas em educadores, adolescentes e pessoas da comunidade.

2º ETAPA: Entrevista com os participantes do programa

Entrevistas realizadas com três adolescentes, três professores e três membros da comunidade da Escola Vida.

Nessas entrevistas, o pesquisador utilizou os roteiros, previamente elaborados, que serviram de orientação para o desenvolvimento das entrevistas com os professores, os adolescentes e os membros da comunidade (anexos 2,3 e 4).

3º ETAPA: Análise dos dados

A análise de conteúdo qualitativa serviu para orientar os significados extraídos das falas dos entrevistados.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	METODOLOGIA A SER USADA	INSTRUMENTOS A SEREM UTILIZADOS	PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS
1. Caracterizar o desenvolvimento dos	ANALÍTICA-DESCRITIVA	ANÁLISE DOCUMENTAL	DESCRIÇÃO DOS DADOS

programas de prevenção ao uso de drogas na escola quanto às condições existentes (objetivos, tempo pessoal envolvido, estratégias de trabalho, avaliações, repercussão na comunidade, entre outras);		USANDO O ROTEIRO 1 (ANEXO 1).	COLETADOS CONFORME OS INDICADORES PRESENTES NO ROTEIRO 1.
2. Analisar os saberes dos professores envolvidos nos programas de prevenção ao abuso de drogas através de entrevistas, buscando compreender as implicações desses saberes na sua prática pedagógica;	Análise de conteúdo qualitativa	ENTREVISTAS	QUESTÕES ABERTAS PARA AS ENTREVISTAS;
3. Analisar os saberes que os membros da comunidade estão construindo em relação à questão da drogadição, através de entrevistas no programa de prevenção ao abuso de drogas;	Análise de conteúdo qualitativa	ENTREVISTAS	QUESTÕES ABERTAS PARA AS ENTREVISTAS;
4. Analisar os saberes que os adolescentes que participam de programas de prevenção estão construindo em relação à drogadição, a partir da percepção dos professores.	Análise de conteúdo qualitativa	ENTREVISTAS	QUESTÕES ABERTAS PARA AS ENTREVISTAS;

Quadro n. 5: Design da análise da pesquisa

4.3 O PROCESSO DE ANÁLISE

O plano de análise foi realizado através dos seguintes passos, segundo modelo elaborado por Gonçalves, (2005):

Primeiro passo: Leitura de todo o material escrito (depoimentos, relatos de entrevistas, questões abertas de questionários, documentos, diários de campo, etc.) com o objetivo de obter uma compreensão geral.

Segundo passo: Interpretação: Transformação das expressões cotidianas do sujeito na linguagem pedagógica.

Terceiro passo: Leitura com a finalidade de identificar categorias.

Quarto passo: Elaboração da síntese final - Subdivisão em categorias, dimensões ou temas.

Abaixo, apresento um modelo de tabela de coleta de dados que foi utilizado para a realização da análise de conteúdo qualitativa.

Tópicos (Extraídos do roteiro de entrevistas)	Entrevista (Unidades de Significado Sublinhadas)	Interpretação (Linguagem pedagógica)	Saberes

4.4 SÍNTESE DOS RESULTADOS - ANÁLISE DESCRITIVA

As entrevistas gravadas foram realizadas com professores (03), adolescentes (03) e membros da comunidade (03), sendo transcritas e digitadas de tal forma a construir o corpus do documento a ser analisado.

Os dados obtidos, bem como as falas dos entrevistados, foram codificados da seguinte maneira:

Código **PROF** = refere-se às informações obtidas dos professores;

Código **ADOL** = refere-se às informações obtidas dos adolescentes;

Código **COM** = refere-se às informações obtidas dos membros da comunidade.

O roteiro de entrevista foi lido e explicado para cada entrevistado. As falas obtidas dos interlocutores constituíram no material analisado bem como as percepções identificadas pelo pesquisador no momento da entrevista e registradas em diário de campo.

A partir das transcrições, digitações e da leitura destes documentos, obtivemos palavras, temas, idéias, concepções e saberes tanto dos professores como dos adolescentes e dos membros da comunidade que foram importantes na consideração da análise.

Da releitura e das re-escutas das entrevistas, foram extraídas as unidades de significado obtidas a partir de tópicos propostos aos entrevistados. Nesta análise, originou-se a interpretação da linguagem pedagógica obtida dos professores, adolescentes e membros da comunidade.

As categorias (unidades temáticas) propostas juntamente com os tópicos formam o roteiro de entrevista. As categorias podem ser evidenciadas da seguinte maneira:

CATEGORIAS REFERENTES À ENTREVISTA COM PROFESSORES

<u>Nº</u>	<u>CATEGORIAS (Unidades Temáticas)</u>
01	Saberes sobre drogas
02	Relacionamento com os adolescentes e consumo de drogas na escola
03	Prevenção ao abuso de drogas
04	Mensagem final

CATEGORIAS REFERENTES À ENTREVISTA DOS ADOLESCENTES

<u>Nº</u>	<u>CATEGORIAS (Unidades Temáticas)</u>
01	Saberes sobre drogas
02	Reações e sintomas do uso de drogas
03	Perspectiva de vida/futuro X uso de drogas
04	Prevenção ao abuso de drogas
05	Saberes dos adultos sobre drogas
06	Saberes dos adolescentes adquiridos sobre drogas
07	Relações dos adolescentes e o consumo de drogas na escola
08	Mensagem final

CATEGORIAS REFERENTES À ENTREVISTA COM MEMBROS DA COMUNIDADE

<u>Nº</u>	<u>CATEGORIAS (Unidades Temáticas)</u>
01	Saberes sobre drogas agregados em 1:
02	Saberes adquiridos sobre drogas
03	Saberes da experiência drogas
04	Relacionamentos adolescentes/família/comunidade
05	Prevenção ao abuso de drogas
06	Consumo de drogas
07	Mensagem final

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 PROFESSORES

Os dados constantes nesse capítulo foram extraídos da análise das entrevistas realizadas com três professores, numa tentativa de síntese dos significados por eles atribuídos à questão investigada. O apêndice nº 1 contém os dados coletados das entrevistas, bem como as sínteses das unidades de significado de cada entrevista realizada com cada professor.

5.1.1 Categoria Saberes dos professores

A categoria “Saberes sobre Drogas” foi analisada a partir de quatro subcategorias:

- a. Conhecimentos/concepções prévias sobre drogas
- b. Fontes de obtenção desses conhecimentos antes/durante/depois do Projeto
- c. Relacionamento da Escola com os usuários (histórico)
 - dos profs. com os usuários
 - dos usuários e não-usuários
- d. Projeto - importância, destaques, participação dos profs, dificuldades, como funciona na sala de aula (implicações), práticas pedagógicas, mensagem final.

O trabalho investigativo, a partir das entrevistas realizadas com os professores, revelou-nos alguns conhecimentos e concepções sobre drogas que

esses profissionais traziam, antes de iniciarem o trabalho na escola analisada, ou mesmo, dentro da própria escola, mas antes de iniciar o “Projeto de Prevenção Vida, Paz e Esperança”.

De um modo geral, os professores relatam que antes de iniciarem o Projeto, tinham conhecimentos de ‘senso comum’ sobre a temática, embora alguns deles já fizessem incursões em leituras ou cursos de capacitação, por conta de outras experiências vividas.

Um dos entrevistados nos diz: *“Tinha o conhecimento que a maioria das pessoas tem sobre o assunto: aquilo que os meios de comunicação oferecem, sem nenhum aprofundamento”* (prof1).

Um outro fala: *“Os meus conhecimentos vinham através de leituras de livros, revistas e divulgação de notícias”. “Conhecimento prático, direto com a droga só tinha por ter visto um cigarro de maconha na escola”* (prof2).

Como se pode observar, o conhecimento de “senso comum” sobre a temática acompanhava os professores e a sua fonte central de informações eram os jornais, as revistas e a televisão. Portanto, o saber inicial sobre drogas, baseava-se em um saber frágil. Isto nos remete aos estudos de Gauthier (1998), em que o autor destaca que o saber experiencial, construído no cotidiano, é privado e não sustentado cientificamente.

“O que limita o saber experiencial é exatamente o fato de que ele é feito de pressupostos e de argumentos que não são verificados por meio de métodos científicos” (1998, p.33).

Para o saber experiencial se legitimar, precisa avançar do espaço privado da sala de aula, construindo argumentos sustentados em estudos e trocas. É fundamental dar um estatuto teórico a este saber.

Este movimento já se pode observar no depoimento de uma das entrevistadas, professora, psicóloga clínica. Sua demonstração de interesse pela temática se deu em duas direções. Por um lado, queria compreender o porquê do uso por algumas de suas colegas e, por outro, queria aprender sobre o tema para atuar como professora, lidando melhor com diferentes situações que se apresentassem. E conta como isto aconteceu: “[...] em 1990 fomos convidados para fazer um curso de prevenção contra o uso indevido de drogas, oferecido pela Cruz Vermelha ...A partir daí, ficamos com a visão muito clara de que devemos trabalhar a droga a partir da valorização da vida, com um trabalho sistemático de professores. Assim nossa caminhada foi em equipe...”.

Essa concepção, construída pela profissional, foi lhe dando a convicção que é fundamental sensibilizar o professor para o tema, favorecendo-lhe estudos compartilhados, que antecipem discussões na direção de modelos de prevenção assentados em perspectivas éticas voltadas para a formação cidadã. Mostra-nos, também, que muitas vezes o professor ignora as situações vividas por não saber como lidar com elas.

Como se pode observar, os três profissionais entrevistados viveram experiências distintas antes do início do projeto na escola e trazem já construídos saberes, oriundos de diferentes fontes e natureza. Tardif, ao tratar do tema saberes docentes, nos diz:

o saber do professor é plural, compósito, heterogêneo, porque envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber fazer bastante diversos, provenientes de fontes variadas e, provavelmente, de natureza diferente (2002,p.18).

Mais adiante, complementa essa idéia, afirmando: “[...] o saber profissional está, de um certo modo, na confluência de vários saberes oriundos da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educacionais, das universidades, etc.” (2002, p.19).

Ao contarem seu paulatino envolvimento com o “Projeto de Prevenção Vida, Paz e Esperança”, os professores nos revelam vários aspectos que, por um lado, evidenciam a importância deste em suas trajetórias profissionais e, por outro, mostram o quanto a construção de saberes é formativa, porque supõe aprender a dominar progressivamente os saberes necessários à realização do trabalho docente. E isso se torna complexo quando se trata de construir saberes sobre drogas, pois lidar com essa temática é lidar com a complexidade, já que, para além da sua amplitude, parte de interesses ideológicos, muitas vezes deterministas e lineares, outras vezes, simplistas e preconceituosos.

Os professores contam que antes de desencadear esse projeto, a escola preocupava-se com ‘resgate de valores’, pois constatava que seus alunos apresentavam problemas de hiperatividade, indisciplina e de falta de concentração. A escola acreditava que isso ocorria em função do contexto em que estava inserida, cada vez mais violento e inseguro. Começou, então, a promover estudos e palestras sobre temáticas variadas, sempre ligadas ao resgate de valores de vida. Acreditam os professores que essa possa ter sido a porta de entrada para o desenvolvimento do projeto sobre drogadição.

Para Morin (2005), um dos principais objetivos da educação é ensinar valores. Segundo ele, esses valores são incorporados pelo jovem desde muito cedo. É preciso mostrar a ele como compreender a si mesmo para que possa compreender os outros e a humanidade em geral. A educação teria a função de trazer a compreensão e fazer as ligações necessárias para que as relações funcionem bem. Sendo assim, a sala de aula representa um ambiente onde se encontram adolescentes de várias culturas, interesses, condições econômicas, tornando-se um local muito rico em possibilidades para produzir a sua pretendida reforma de pensamento.

Atualmente nos deparamos com a globalização, embora alguns pensadores já sinalizem o seu declínio, tornando o mundo mais complexo e competitivo. Estamos expostos aos mais diversos acontecimentos que ocorrem no mundo atual, e a droga, com seus efeitos, também está presente. Os educadores de maneira

geral encontram-se despreparados para lidar com a questão da drogadição a nível escolar.

Há muito tempo tenho interesse sobre este assunto, o fato de algumas pessoas precisarem depender de alguma coisa para conduzirem suas vidas me incomoda. Eu nunca fumei, não sinto atração por bebidas alcoólicas em nenhuma situação. Na minha família não há problemas de alcoolismo, ninguém fuma. Na época da escola, tive algumas colegas usuárias de drogas, e hoje suas vidas são marcadas por muita tristeza e sofrimento. Então eu me interessei sobre o assunto e fui buscar informações. Como professora que sou, devido a estas e outras situações que se apresentam em sala de aula ou até na própria vida da gente, fui atrás de informações sobre o tema.

(Prof2)

Pela fala da prof2, percebe-se a necessidade que o educador apresenta em capacitar-se na temática drogadição visando ter melhores condições para lidar com esta problemática a nível escolar, para melhorar o seu trabalho docente e também apresentar condições de esclarecer dúvidas que porventura o adolescente tiver.

Pelos seus relatos fica evidente que ao conhecimento prévio que os professores apresentavam foram agregados outros conhecimentos, e a partir disso verificou-se uma grande qualificação de seus saberes.

O meu conhecimento anterior era na linha terapêutica, psicanalítica. Então comecei a participar de cursos de extensão, eventos, seminários e palestras. Também comecei a estudar mais o tema para construir uma visão diferente. Sou psicóloga clínica e tenho uma visão diferente do enfoque preventivo. Essa visão de escola e, até dentro da própria comunidade, mostra o quanto é importante esse trabalho preventivo.

(Prof3)

Analisando a fala da prof3, percebemos vários saberes interligados originando um agregado de saberes utilizados na aquisição de conhecimentos necessários para poder compreender melhor a complexidade do fenômeno da drogadição. Nota-se que a sua experiência como psicóloga clínica lhe proporcionou

conhecimento afetivo e terapêutico do adolescente que abusa de drogas, e esse conhecimento (saber profissional) serviu de base para a aquisição de outros saberes.

Tardif (2002, p.31) defende a idéia de que “o saber social é o conjunto de saberes que dispõe uma sociedade”. Para ele, na escola, os saberes sociais são transformados em saberes escolares, através dos saberes disciplinares e dos curriculares, assim como os saberes oriundos das ciências da educação, os saberes pedagógicos e os saberes experienciais.

Gauthier (1998, p. 31) mostra-nos que o saber das ciências da educação apresenta uma relação com os saberes sociais de Tardif. Ele possui um conjunto de saberes a respeito da escola que é desconhecido pela maioria dos cidadãos comuns e pelos membros das outras profissões.

É um saber profissional específico que não está diretamente relacionado com a ação pedagógica, mas serve de pano de fundo tanto para ele quanto para os outros membros de sua categoria socializados da mesma maneira.

Voltando para a fala da prof2, verifica-se que o conhecimento profissional que ela utilizou para formular outros saberes, como o social, fica evidenciado agora através do saber das ciências da educação que se transforma em profissional, preparando o educador para uma ação pedagógica mais efetiva quando lidar com adolescentes que abusam de drogas.

Existe um consenso de que os profissionais que se interessam pela temática da drogadição tiveram algum problema familiar ou pessoal com drogas. A prof2, na sua entrevista, afirma também que se interessou mais pelo assunto por conhecer pessoas próximas suas que apresentam problemas com drogas. Na grande maioria das vezes, encontramos profissionais, técnicos e voluntários trabalhando em prol desta causa com o objetivo de ajudar, por isso, interessam-se em adquirir mais e mais conhecimentos para que possam, em sua atividade, ajudar essas pessoas que no momento encontram-se presas ao abuso das drogas.

Os saberes da experiência, saberes experienciais ou práticos, segundo Tardif (2002, p.39),

são aqueles oriundos da experiência de vida e profissional do educador, isto é, aqueles que são construídos com o passar do tempo, saberes específicos do trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. São incorporados através da experiência individual e coletiva sob a forma de Habitus e de habilidades, de saber fazer e saber ser.

Nessas manifestações, observa-se que os saberes dos professores em relação às drogas são construídos através de suas vivências e das situações vividas na escola e na comunidade. É possível ver, através das falas dos professores entrevistados, a importância que estes educadores representam na formação acadêmica destes alunos, pois as suas opiniões, vivências e exemplos de vida servem para que estes possam refletir sobre as questões relacionadas a essa temática, que a cada dia torna-se mais crítica. Os saberes da experiência são de fundamental importância para a resignificação de valores e hábitos a fim de enfrentar essa difícil missão.

Cabe destacar, ainda, o que Tiba (2007) nos diz em relação à importância da escola neste processo de transição que os alunos apresentam.

A escola tem importância na formação dos alunos porque está fazendo uma educação complementar à da família. É uma espécie de estágio de vida intermediário entre a família e a sociedade. Não existe só para transmitir conteúdos, mas também para formar cidadãos (p.189).

De acordo com Coll (2004), não se pode separar o que cabe ao professor, as aulas, do que é responsabilidade dos alunos, o conhecimento prévio e a atividade. A família e outras instituições que fazem parte desse universo também precisam se fazer presentes, participando ativamente das atividades e projetos desenvolvidos e realizados na escola.

Indagados sobre como o **conhecimento sobre drogas chega à escola**, os professores foram unânimes em destacar palestras, seminários e encontros sobre o

tema. Os conhecimentos também chegam à escola por leitura de diferentes materiais, bem como por conhecimentos de resultados de pesquisas e pela experiência trazida pelos adolescentes sobre drogas para sala de aula. Destacam com isso a construção de saberes profissionais (TARDIF, 2002).

Dentro desta visão, durante a execução do projeto, os professores utilizaram diferentes estratégias para que o tema drogas fosse trabalhado em sala de aula nas diferentes disciplinas curriculares, originando saberes curriculares. De acordo com Gauthier (1998, p.30), o saber curricular “é obtido a partir da escola que seleciona e organiza certos saberes produzidos pelas ciências e os transforma num corpus que será ensinado nos programas escolares”.

Já Tardif (2002), afirma que

os saberes curriculares correspondem aos discursos, objetos, conteúdos e métodos a partir da qual a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais selecionados por ela da cultura erudita, sob a forma de programas escolares que os professores devem aprender e aplicar (p.38).

A partir destas estratégias desenvolvidas em sala de aula através do projeto, a escola conseguiu desenvolver atividades de sensibilização e de prevenção ao abuso de drogas, deixando a questão da repressão a cargo da polícia da cidade.

Nos relatos dos professores, verificamos situações relacionadas à permissividade de alguns professores com relação a algumas drogas, como por exemplo, álcool e tabaco, classificadas como drogas lícitas. Já no que diz respeito às drogas ilícitas, como maconha e crack, os professores não permitem o seu uso na escola.

Também nas entrevistas foi relatado pelo prof2 que em uma ocasião foram encontradas baganas de cigarros de maconha na escola. Essa situação foi discutida e debatida com os adolescentes. Situações como estas foram se somando e, a partir de uma decisão conjunta dos professores com os adolescentes, surgiu o projeto de prevenção.

Um grupo de professores fumantes, devido ao seu envolvimento no projeto, teve que deixar de fumar. Com isso, a sala de fumantes que existia na escola foi desativada.

Desta maneira, verifica-se na fala dessa professora a presença de saberes pedagógicos,

que se apresentam como doutrinas ou concepções provenientes de reflexões sobre a prática educativa no sentido amplo do termo, reflexões racionais e normativas que conduzem a sistemas mais ou menos coerentes de representação e de orientação da atividade educativa (TARDIF, 2002, p.37).

5.1.2 Relacionamento com usuários de drogas

Outra categoria destacada nas entrevistas refere-se ao **tipo de relacionamento dos vários segmentos da escola com os usuários de drogas**.

Chama atenção no relato dos professores a afirmação de que há um número cada vez menor de usuários na escola e que, a maioria dos casos, decorre de problemas familiares. Destaca-se, também, o medo por parte de alguns professores de que os adolescentes que abusam de drogas 'contaminem' os outros e há a preocupação principalmente com a questão da exclusão que ocorre dos usuários que são rejeitados pelos colegas.

Na entrevista com a Prof3, destacamos o seguinte:

Esta escola é grande, com realidades diferentes. No turno da tarde, onde há o Ensino Fundamental e Médio, com o curso de Magistério, percebo que há exclusões. Quando os alunos desconfiam do uso de drogas por parte de algum aluno, automaticamente ele é excluído do grupo. Já no turno da manhã, que é o Ensino Médio do 1º ao 3º ano, que é uma adolescência mediana, eles são mais cúmplices. Dificilmente eles pontuam casos. Também há exclusão, embora não tão acentuada como no turno da tarde. No turno da noite, a clientela é mais diversificada, porque há os alunos que trabalham e alguns

jovens. Assim, a exclusão não fica tão clara. Acho que é menor, mas ocorre em relação ao uso da droga ilícita, não da lícita (ninguém é excluído em função do álcool).

(Prof3)

Analisando o que disse a Prof3, verifica-se que a idéia de exclusão está associada ao tipo de droga e também com relação à participação do grupo. A meu ver são duas exclusões, sendo que a segunda representa uma forma de excluir o usuário de drogas de seu grupo social, devido ao fato de ele estar apresentando comportamentos diferentes do grupo a que ele pertencia. No universo da drogadição, isso é muito comum, e estes usuários de drogas acabam formando outros grupos, com características próprias e com regras e normas rígidas que ainda é mais seletivo que o anterior de que ele fazia parte.

Dentro de uma visão educativa e formativa, um outro aspecto que devemos ressaltar diz respeito ao processo de identidade do professor. Para Nóvoa (1992), o processo de identidade é a capacidade de exercer com autonomia a atividade, através do sentimento que controla o nosso trabalho, pois a maneira como cada um de nós ensina é dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino. O mesmo autor ainda salienta que a sociedade de hoje espera que as escolas ajudem a restaurar os valores, a impor aos jovens as regras da vida social, a combater a violência, a evitar as drogas, etc.

Segundo Nóvoa (1992), o melhor caminho para aperfeiçoar a prática pedagógica é debater com os colegas.

Quanto mais os educadores demonstram ser exigentes com o seu trabalho pedagógico, mais os pais dos adolescentes interagem no processo de ensino e aprendizagem, trazendo sugestões de temas e atividades para o enriquecimento da ação educativa.

Para Tardif, “o saber docente é como um saber plural, formado pela [...], de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (2002, p.36).

Dentro desta concepção, fica claro que, num projeto de prevenção ao abuso de drogas, é de suma importância que o grupo de professores participe de todo o projeto, em todas as áreas de conhecimento. Uma abordagem interdisciplinar deve ocorrer para que os adolescentes possam, em sala de aula, independentemente da disciplina que ele esteja cursando, realizar atividades integradoras em que a prevenção ao abuso de drogas esteja contemplada. Um exemplo de uma atividade que ocorreu na escola com a participação de várias disciplinas foi através de peças de teatro, nas quais os alunos representavam pessoas fictícias dentro de um contexto de violência, abuso de drogas e exclusão. Os resultados obtidos com estas dinâmicas foram muito significativos e fizeram com que muitos alunos, que ainda não estavam inseridos no projeto, passassem a participar.

Durante o projeto, vários pais foram chamados para conversar com os professores a respeito de seus filhos. Nestas conversas, os professores colocavam como seus filhos estavam em relação ao desempenho escolar ao seu comportamento. Os pais, cujos filhos apresentavam problemas em relação ao abuso de drogas, foram atendidos separados dos outros pais. Na grande maioria das vezes, eles não sabiam que seus filhos estavam utilizando algum tipo de droga. Ficavam muito surpresos, mas aceitavam a possibilidade e justificavam os atos de seus filhos em decorrência de problemas familiares enfrentados.

Tiba (2007), afirma o seguinte:

Quem é feliz não usa drogas... Felicidade é saber superar frustrações, pois não há como satisfazer todos os desejos. E o desejo pelo prazer é muito grande. Ele pode até ser saciado, mas a saciedade aos poucos vai passando, e nós continuamos a desejar mais (p.17).

Os entrevistados relatam que os adolescentes que usam drogas tentam chamar a atenção para si e que alguns professores, ou pais, muitas vezes não

percebem isso, ou que não sabem o que fazer, transferindo estes problemas para a direção da escola. A transferência de responsabilidade que é repassada pelos pais para a escola permite aos adolescentes apresentarem comportamentos diferentes e que podem representar envolvimento com drogas. Na grande maioria das vezes, estas modificações são percebidas na escola pelos professores, que as relatam para a direção. Isso fica evidente quando estes adolescentes fazem o uso e/ou abuso de drogas, pois necessitam repassar as suas responsabilidades para que possam agir sem a pressão que esta responsabilidade lhes requer. Dessa maneira, repassar a sua responsabilidade para os outros é uma estratégia que os usuários de drogas utilizam com frequência. Quando liberados destas responsabilidades, podem usar drogas das mais diversas formas, estando naquele momento livre de possíveis cobranças que poderiam existir.

Tiba (2007) propõe para nós, educadores, uma forma de entender o que ocorre quando os pais descobrem que seu filho está usando drogas. Indica caminhos de controle e superação do abuso de drogas pelos adolescentes e jovens adultos. Chama o problema da drogadição de “Síndrome dos anjos caídos”, afirmando que

é o conjunto de comportamentos e sofrimentos pelos quais passa toda a família depois da descoberta que seu filho está usando drogas. A despeito de tanto amor e dedicação, o “anjo” caiu nas drogas. A vigilância, então, se acirra sobre o jovem, e este, sentindo-se agredido, ameaçado e diminuído, contra-ataca com agressões e mentiras (p.24).

Nas entrevistas, a vontade de não discriminar nenhum adolescente usuário de drogas na escola ficou evidenciada nas falas dos professores. Destacamos ainda que alguns professores mais participativos e abertos indicam a afetividade na sala de aula como uma forma de realizar a prevenção ao abuso de drogas.

Outro dado destacado nas entrevistas foi a força que o grupo exerce sobre os adolescentes que abusam de drogas e como se identificam com ele. Essa força é um fator preponderante para que não se afastem da droga. Muitos adolescentes acabam afastando-se de sua família e até de amigos “verdadeiros” para agregar-se

ao seu novo grupo. Esse grupo, de representação forte, trabalha muito na questão da união e cumprimento de regras e normas, que os adolescentes devem respeitar para poder fazer parte dele.

Sendo assim, Zagury (2002), afirma o seguinte em relação aos fatores que ainda exercem influência sobre os jovens, como, por exemplo, o grupo, entre outros.

O grupo ganha importância muito grande na adolescência, mas o que a educação familiar e escolar plantou deixa raízes muito profundas. Portanto, sua influência, embora forte, pode ser minimizada pela estrutura ética que tivermos dado aos nossos filhos, pela forma de ver o mundo, pelo estabelecimento de objetivos de vida ricos e produtivos (p.97).

A autora mostra-nos como podemos amenizar o problema dos adolescentes que estão abusando de drogas, esclarecendo fatos e atitudes que apresentam e abrindo espaços para o jovem se posicionar, questionar.

Mas o que realmente acontece com os adolescentes de classes mais pobres, classes sociais comuns em escolas públicas, é que suas famílias na grande maioria encontram-se desestruturadas. Hoje em dia, essas famílias são compostas basicamente pela mãe e pelos filhos, não tendo mais o papel do pai. A falta da figura masculina está levando muitos adolescentes a ingressarem no mundo das drogas e a cometerem atos de violência e criminalidade. Atualmente, verifica-se um grande aumento da violência da juventude em decorrência do abuso de substâncias psicoativas, principalmente o crack. Esta é uma droga que vem levando muitas destas famílias, que já se encontravam em sofrimento pela ausência da figura paterna, assumida também pela mãe, a um “caos” mental, social e emocional.

Essa situação faz com que muitos adolescentes abandonem suas casas, indo morar na rua (teve um caso de aluno da escola). Neste local, eles, além de abusarem mais ainda da droga, começam a cometer diversos tipos de delitos, caindo em uma vida de violência e de desgraça. Sendo assim, verificamos a cada dia que passa um aumento considerável de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social na periferia e nos centros das grandes cidades brasileiras.

Esse representa atualmente um dos maiores problemas sociais que estamos vivenciando.

Sudbrack (2004) nos diz o seguinte:

Quando nos centramos na população que vive em situação de pobreza, ou em situação de rua, especificamente, a problemática que abarca a todos se intensifica, devido aos múltiplos fatores que compõem esse contexto. A situação de rua se insere em um contexto de enorme complexidade e de alto risco. No pano de fundo, encontram-se elementos como: exclusão social, abandono, carências básicas (afetivas, de abrigo, moradia e agasalho, de alimentação), dependência química, tráfico de drogas, prostituição, exploração de menores (sexual, econômica, no trabalho infantil), violência, etc. (p.27).

Os professores relatam, também, alguns movimentos suspeitos dos adolescentes que precisam ser acompanhados de perto por todos; não no sentido de repressão, mas de busca de possíveis intervenções.

A prof1, em sua entrevista, relata o seguinte:

Às vezes alguns fatos nos surpreendem, porque no dia-a-dia percebemos alguns fatos isolados, como alunos cujo uso é visível ou que pedem seguidamente para sair, como na semana passada, durante minha aula, na qual um aluno, que não freqüentava, pediu para ir ao banheiro. Perguntei se ele era da turma. Disse que sim. Pedi que voltasse logo. Pouco tempo depois, um aluno que acho que fazia tráfico de drogas na escola, bateu à porta, perguntando pelo colega, eu disse que ele não estava. Em seguida saí da aula e vi que os dois vinham da mesma direção. Desci e avisei a vice-diretora. Temos essa postura de passar qualquer situação diferente para a direção.

(Prof1)

Pelo relato acima, percebe-se que adolescentes que abusam de drogas apresentam movimentos estranhos dentro da escola que podem caracterizar até tráfico de drogas.

Zagury (2002), em seu livro, "o adolescente por ele mesmo" diz que:

O problema atual é justamente o uso indiscriminado, como forma de alienação (fuga) da realidade, de relaxamento das tensões da vida moderna ou como tentativa de superação de problemas não resolvidos. As grandes mudanças sociais e econômicas, não tendo trazido paralelamente bem-estar para a maioria da população, são também fatores que levam ao uso das drogas. [...]. Ao contrário, vão paulatinamente afastando as pessoas da possibilidade de uma busca concreta, real e objetiva para seus problemas (p.99).

Sendo assim, cada vez mais nota-se a necessidade de desenvolvimento de projetos de prevenção ao abuso de drogas nas escolas, projetos que devem enfatizar a qualidade e a valorização da vida como objeto central de trabalho.

“Quando você entra na sala de aula, entra com tudo o que você é assim, é esse tudo que interage com as crianças (um professor do secundário)” (TARDIF, 2005, p.231).

Para Tardif (2005) o ensino é um trabalho interativo, e sendo assim, nós educadores devemos nos conscientizar de que para termos sucesso em projetos de prevenção ao abuso de drogas na escola, a interação professor, adolescentes e comunidade é de suma importância para que o mesmo se concretize.

Dentro desta visão, sabemos que a adolescência é uma fase de transição de oscilações emocionais e que a estrutura familiar de hoje já não é mais tão sólida, aumentando a agressividade e causando a desmotivação dos adolescentes. A desestruturação familiar compromete o desenvolvimento social, emocional e psicológico do adolescente, podendo levá-lo ao consumo de drogas.

Em uma escola que apresenta problemas com adolescentes em relação ao abuso de drogas, o projeto é de suma importância para a diminuição do abuso de drogas bem como para a melhoria da qualidade de vida futura dos adolescentes.

A escola tem proporcionado dentro do projeto momentos de capacitação que possibilitam aumento de conhecimentos sobre o tema por parte dos professores.

Acho que o projeto é de suma importância, não só para a escola como também para a vida, para a perspectiva de vida futura deles. Isso porque, além de afetar a saúde, diminui o rendimento, afeta os relacionamentos, aumenta o nível de agressividade. Dependendo da droga, ocorre a desmotivação também. Acho que é um problema epidêmico de saúde. Quando não olhamos para esse problema, negamos a devida proporção. É complicado trabalhar com essa questão, mas, quando não damos a importância necessária a este problema negamos a sua existência.

(Prof3)

Esses saberes que os professores estão agregando aos saberes experienciais que já possuem através das mais diversas vivências em sua trajetória de vida, levam aos saberes pedagógico.

Para Tardif (2002),

Os saberes pedagógicos apresentam-se como doutrinas ou concepções provenientes de reflexões sobre a prática educativa no sentido amplo do termo, reflexões racionais e normativas que conduzem a sistemas mais ou menos coerentes de representação e de orientação da atividade educativa (p.37).

Percebe-se, pelos depoimentos que a atitude propositiva da direção da escola tem auxiliado na construção dos saberes docentes e discentes sobre drogas.

Os alunos que apresentam qualquer problema na escola são encaminhados para atendimento e seus responsáveis chamados para uma conversa sobre o comportamento de seus filhos.

Esta atenção constante de parte da direção em contato com a família tem contribuído para que o projeto se consolide.

Por outro lado, uma das dificuldades encontradas no desenvolvimento do projeto diz respeito à falta de um maior engajamento e de unidade por parte de alguns professores que ainda desconfiam do sucesso do mesmo. Preocupam-se com as aulas, e não pensam muito na escola como um todo.

Isso fica muito evidente no que Gauthier (1998, p.32), fala sobre os saberes da tradição pedagógica. Para ele, “é o saber das aulas que transparece numa espécie de intervalo da consciência”. Esses saberes se relacionam com a imagem/representação que cada um possui da escola como produto da experiência vivida. Aqueles profissionais que acreditam na escola como espaço formativo, contribuem para o sucesso do projeto.

“Apesar de tudo que falam, acho que temos tranquilidade em relação à droga, ao vandalismo. Há anos atrás, já foi pior, destruíram computadores, picharam, quebraram. Acho que houve um progresso, esse é um mérito da escola” (Prof1).

Analisando o relato da prof1, fica evidenciada a importância no desenvolvimento de currículos que propiciam o conhecimento por parte dos adolescentes de temas como drogas debatidos e discutidos em sala de aula nas mais diversas disciplinas da escola.

Gauthier (1998), afirma que o saber curricular juntamente com outros saberes, faz parte do reservatório de saberes disponíveis para o professor e para a escola.

Diz ele ainda que “A escola seleciona e organiza certos saberes produzidos pelas ciências e os transforma num corpus que será ensinado nos programas escolares” (p.30).

Por estas afirmações de Gauthier, fica claro que os saberes produzidos pelos professores ao longo de sua vida agregados aos saberes vivenciados pelos adolescentes, contribuem para que o projeto de prevenção ao abuso de drogas possa realmente atender a demanda que foi proposta na sua elaboração, pois a unificação de métodos e técnicas de enfrentamento da drogadição à nível escolar necessita das duas partes para integrassem, debatessem e discutissem possibilidades para a reinclusão social destes adolescentes à sociedade.

Sendo assim, o professor precisa estar sempre atualizado com os acontecimentos mundiais, principalmente com os relacionados a sua área de conhecimento, buscando informações para que possa discuti-las com os adolescentes em sala de aula. O professor precisa incentivar os adolescentes em sala de aula para que busquem materiais relacionados aos temas debatidos em aula, oportunizando aos mesmos, melhores condições de discussões e debates. Temas como drogas devem ser muito debatidas e discutidas com os alunos, pois dessa forma nós educadores poderemos desfazer muitas dúvidas que por ventura eles possam apresentar, impedindo que os mesmos busquem essas informações com pessoas voltadas para o abuso e o tráfico de drogas.

Dentro desta visão, a capacitação dos professores nesta temática é fundamental e propicia um melhor nível de acolhimento dos adolescentes na escola, melhorando a qualidade de atendimento aos jovens.

Nóvoa (1995b) nos mostra que o professor é um organizador do trabalho escolar nas suas diversas dimensões e, é também alguém que compreende que detém um determinado conhecimento e é capaz de o reelaborar no sentido da sua transposição didática, favorecendo o ensino a compreensão de seus alunos.

Na continuidade da entrevista com os professores, observou-se que as principais dificuldades encontradas em relação ao relacionamento dos professores com os adolescentes usuários de drogas destacam-se: a falta de perspectiva dos alunos, e isto é expreso, ora por apatia ora rebeldia, a formação de diferentes grupos (o grupo dos disciplinados e o grupo dos indisciplinados), que não se misturam, a forma como os professores se posiciona em relação ao tema, o projeto de prevenção abordado de diferentes formas em sala de aula, e os déficit de atenção e de freqüência.

Os adolescentes de um modo geral apresentam certa rebeldia e falta de perspectiva de vida, independentemente de ser usuário ou não de drogas. Os seus familiares, em sua grande maioria, pela intensificação da jornada de trabalho, não

dispõem do tempo necessário para dar a atenção que eles necessitam, ocasionando nesta fase momentos de discussão, brigas e até agressões.

“Tenho alunos de séries variadas, mas não me deparo diretamente com muitos casos. Percebo uma apatia, uma rebeldia de alguns. Há uma falta de perspectiva que não é só do drogado, é geral. É um problema geral da educação” (Prof1).

Na fase da adolescência,

os adolescentes, por viverem um período de imensas transformações físicas e psíquicas, o que ocasiona um menor ou maior sofrimento (na dependência também de sua personalidade anterior à adolescência), constituem uma população de risco em relação ao uso de drogas (OUTEIRAL, 2003, p.71).

Ainda analisando esta fase,

percebemos as dificuldades dos nossos filhos (e é bom que sejamos capazes de percebê-las). Ótimo! Ninguém é perfeito. Nosso trabalho será justamente contribuir para minorar esses problemas. Minimizar os problemas de personalidade dos nossos filhos não significa, porém ignorá-los ou passar a mão na cabeça. Muito menos ignorar seus erros (ZAGURY, 2002, p.95).

Dentro desta visão, uma das maiores preocupações da escola é a prevenção ao abuso de drogas. Seus educadores têm meios de contribuir não só na prevenção do problema, mas também em sua detecção precoce. Os adolescentes são acompanhados por estes educadores que buscam formas de diversificarem as atividades desenvolvidas em sala de aula para que estes possam conhecer as principais conseqüências que o abuso de drogas pode levar a sua vida, ocasionando diversos problemas que podem ser evitados.

A escola tem importância na formação dos alunos por que está fazendo uma educação complementar à da família. É uma espécie de estágio de vida intermediário entre a família e a sociedade. Não existe só para transmitir conteúdos, mas também para formar cidadãos (TIBA, 2007, p.189).

Como alternativa para as dificuldades, este projeto desenvolvido na escola é interdisciplinar e as atividades realizadas em sala de aula são integradas a ele. Atividades como a realização de teatros, atividades lúdicas de valorização da vida bem como atividades positivas que falam da aquisição de valores pelos adolescentes são desenvolvidas pelos educadores nas mais diversas áreas de conhecimento, propiciando a interdisciplinaridade.

O projeto de prevenção é trabalhado de várias formas dentro da sala de aula e em atividades que envolvem a escola. Na semana passada, por exemplo, foram apresentados trabalhos realizados em várias disciplinas e peças teatrais na área de português. Muitos desses trabalhos tratavam do assunto, porque ele foi trabalhado em aula. Tinham mensagens positivas, falavam de valores.

(Prof3)

É interessante ressaltar que as concepções de prevenção que os educadores apresentam estão mais voltadas para o desenvolvimento de relações interpessoais.

O essencial na escola é que o professor se envolva em uma reflexão permanente sobre sua prática, reflexão esta que pode ser aprofundada se associada a leituras, à realização de pesquisas e à discussão dentro de grupos interdisciplinares, que apresentem interesses semelhantes.

A exigência do educador ainda se manifesta no seu comprometimento com a organização e com o planejamento do seu trabalho pedagógico.

Saliento ainda que existe por parte de alguns adolescentes da escola uma resistência com alguns professores. Para eles, professores que colocam limites não são bem vistos. Muitos apresentam dificuldades no cumprimento de limites básicos que devem ser cumpridos desde a sua casa até na escola. Esse tipo de cobrança que é feito na escola por parte dos professores muitas vezes não é bem aceito pelos adolescentes. Muitos podem apresentar comportamentos que comprometem o seu

desenvolvimento na escola, tornando-os adolescentes sem limites, acarretando problemas de indisciplina.

A prof2 em sua entrevista destaca muito bem essas questões trazidas anteriormente, como podemos verificar:

Dependendo da forma como nós os abordamos, eles não são indisciplinados conosco. São até muito educados, solícitos. Percebemos que eles querem ficar aqui dentro da escola. Existe indisciplina com aquele professor que é resistente emocionalmente, que não se envolve, forma barreiras. Há mais embate direto entre o usuário e esse tipo de professor. Então a indisciplina está relacionada com a forma como o professor aceita ou não. A senhora eu respeito aquele lá não! Há uma rebeldia em relação aquele professor que é firme verdadeiro com o aluno que representa uma liderança mais efetiva em relação ao abuso de droga na escola, ele acaba recuando. Não se pode fazer isso de uma forma precipitada, nem envolvida demais. Às vezes fico quieta, espero que ele se acalme e tento abordar um aspecto que tenho certeza que ele não poderá contrariar, pois não terá argumentos.

(Prof2)

Observa-se, também, pelos relatos das entrevistas dos professores, que a **prevenção do abuso de drogas**, outra categoria analisada, a partir do projeto na escola está acontecendo com um grande número de atividades realizadas na escola com a participação dos professores, adolescentes e comunidade em geral.

Uma das atividades realizadas durante o projeto foi possibilitar aos adolescentes o aumento da auto-estima e o resgate de valores como a solidariedade. No desenvolvimento do projeto ocorreram atividades voltadas para a valorização da vida em sala de aula bem como envolvendo a escola e a comunidade. Com a continuidade do projeto, percebemos um maior comprometimento dos professores que participam do projeto de prevenção através de relatos extraídos das entrevistas dos professores.

Em um destes relatos, o prof2 afirma o seguinte:

Creio que isso gerou uma expectativa de que íamos erradicar as drogas. Como se pudéssemos metralhar tudo e resolver o problema. Contudo, deixamos bem claro que a idéia era criar uma consciência, a partir do desenvolvimento de valores, que levasse o aluno a uma caminhada de valorização da vida. Assim propomos os objetivos principais que visavam capacitar o professor para que pudesse durante as atividades normais de sala de aula, desenvolver uma atividade de valorização da vida.

(Prof2)

Falando ainda sobre prevenção ao abuso de drogas afirmamos que um dos principais objetivos de qualquer iniciativa de prevenção é afastar os adolescentes das drogas. A maneira de abordagem do tema deve ser de acordo com o desenvolvimento dos jovens. Não podemos utilizar a mesma linguagem em diferentes momentos de desenvolvimento, como nos mostra Tiba (2007):

“Prevenção na infância é passar a idéia de que droga é ruim, prejudica e mata as pessoas. Se fosse coisa boa, não teria esse nome. Tanto é verdade que, quando algo dá errado, dizemos: Que droga!” (p.254).

Vizzolto (1990) já mostrava que em um projeto de prevenção atividades como palestras e depoimentos feitos por membros de entidades de auto-ajuda não seriam atividades importantes para a realização da prevenção ao abuso de drogas na escola. Diz ela:

A informação aos alunos é feita nas aulas, incluindo os assuntos nas disciplinas do currículo escolar, possibilitando demonstrar e conversar com os assuntos nas disciplinas do currículo escolar, possibilitando demonstrar e conversar com os alunos sobre a ação das drogas no sistema nervoso central e outros órgãos do corpo humano (p.73).

Para confirmar o que a autora nos fala, em 2003 eu era membro do conselho municipal de entorpecentes de POA, onde exercia a tarefa de secretário. Neste ano, juntamente com meus colegas do conselho, realizamos campanhas de valorização da vida visando à melhoria da qualidade de vida das pessoas que por algum motivo abusavam de alguma droga. Nesta época na cidade existia um ex-usuário de álcool

e/ou outras drogas que veio a público reclamar de uma clínica em que fazia o seu tratamento, justificando que parecia uma prisão. O mesmo usuário ao sair desta clínica escreveu um livro, intitulado “Ala Fechada”, onde contou com detalhes os momentos críticos que ficou internado na referida clínica. Com a sua visibilidade na mídia, o mesmo começou a ser convidado a dar palestras nas mais diversas escolas da cidade, tanto municipais, estaduais e até particulares. Nestas palestras ele falava sobre a sua história de vida e como conseguiu parar de abusar as drogas. Nós do COMEM/POA não concordávamos com estas atividades que ele desenvolvia nas escolas, pois o mesmo realizava palestras para os alunos, mostrando-se “bem sucedido” e acabamos proibindo este tipo de prática nas escolas da cidade de Porto Alegre. Esta atitude também foi seguida pelo CONEN/RS que também proibiu essa prática no estado, uma vez que poderia ser estimuladora do uso (abuso) de drogas.

Para mim que acredito na prevenção, esta prática pode causar muito mais problemas do que soluções, pois alguns jovens que assistem a essas palestras ou podem achar que “se o ex-dependente fez tudo isso que acaba de relatar e está vivo”, então eu posso “fumar o meu baseadinho que não vai me dar nada” (um adolescente).

Hoje sabemos que eles não são nem adequados, por que servem de modelo de vencedores, mas que usavam drogas e são imunes. Aí entra o pensamento mágico da luta. Então o diferencial são estes, professores de várias disciplinas trabalham com um tema integrador, que não é sempre o mesmo. Às vezes, é o tabaco, depois o álcool. Enfim, várias atividades que são noções para a vida.

(Prof2)

Desta maneira, Ribeiro (2005), afirma o seguinte:

A prevenção do uso indevido de drogas é, reconhecidamente, uma demanda que se caracteriza como uma urgência social de abrangência nacional, vista a grande preocupação de várias autoridades governamentais, pais e educadores, com relação aos altos índices de consumo de drogas por adolescentes, nas últimas décadas (p.76).

O projeto desenvolvido na escola foi baseado em outros projetos de prevenção, com uma nova concepção a partir de uma abordagem interdisciplinar através de temas geradores e transversais. O uso dos PCNs, tanto no Ensino Fundamental como no Médio, possibilita também o desenvolvimento de atividades referentes a temas ligados direta ou indiretamente ao tema drogadição. Nos PCNs do Ensino Fundamental, um dos temas escolhidos como tema transversal é a saúde.

O nível de saúde das pessoas reflete a maneira como vivem, numa interação dinâmica entre potencialidades individuais e condições de vida. Não se pode compreender ou transformar a situação de um indivíduo ou de uma comunidade sem levar em conta que ela é produzida nas relações com o meio físico, social e cultural. Falar de saúde implica levar em conta, por exemplo, a qualidade do ar que se respira, o consumismo desenfreado e a miséria, a degradação social e a desnutrição, formas de inserção das diferentes parcelas da população no mundo do trabalho, estilos de vida pessoal. Atitudes favoráveis ou desfavoráveis à saúde são construídas desde a infância pela identificação com valores observados em modelos externos ou grupos de referência. A escola cumpre papel destacado na formação dos cidadãos para uma vida saudável, na medida em que o grau de escolaridade em si tem associação comprovada com o nível de saúde dos indivíduos e grupos populacionais. Mas a explicitação da educação para a saúde como tema do currículo eleva a escola ao papel de formadora de protagonistas e não pacientes capazes de valorizar a saúde, discernir e participar de decisões relativas à saúde individual e coletiva. Portanto, a formação do aluno para o exercício da cidadania compreende a motivação e a capacitação para o autocuidado, assim como a compreensão da saúde como direito e responsabilidade pessoal e social (MEC, 1997, p.33-34).

Com relação aos PCNs do Ensino Médio, sabendo-se que a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394) lhe confere a identidade básica, tem-se que:

[...] é a etapa final de uma educação de caráter geral, afinada com a contemporaneidade, com a construção de competências básicas, que situem o educando como sujeito produtor de conhecimento e participante do mundo do trabalho, e com o desenvolvimento da pessoa, como sujeito em situação-cidadão (disponível em: <<http://www.mec.gov.br/pcn>>).

Para mostrar a importância dos PCNs no projeto de prevenção, mostro um trecho da entrevista da Prof3, que inicia dizendo

Em três anos há grandes modificações, então a cada ano seria necessário repetir todo o processo de capacitação de professores. No

último ano, programamos encontros mensais para conversarmos. Fizemos um curso de capacitação pela UnB e, recebemos todo o material. Foi combinado um momento na escola para que os professores que fizeram esta capacitação da UnB, pudessem socializar as informações.

(Prof3)

Pelos relatos das entrevistas dos professores, as contribuições do projeto para a melhoria da qualidade de vida dos usuários correspondem ao uso de diferentes estratégias de ensino que possibilitem o combate ao abuso de drogas, como música, teatro e seminários. Outra contribuição feita pelos professores diz respeito a ações conjuntas entre escola, professores e comunidade em geral, objetivando a promoção de atividades voltadas para a valorização da vida.

Para a prof1, o projeto contribuiu e muito para a melhoria da qualidade de vida dos adolescentes da escola.

Creio que sim. Apesar de lento, é um trabalho que traz resultados. Os alunos têm oportunidade de conhecer o assunto, discuti-lo, fazemos teatro. Na semana de combate ao uso de drogas, por exemplo, fizemos trabalhos, alguns alunos cantaram. Todos os trabalhos voltaram-se ao tema do projeto, tinham mensagens muito bonitas, os alunos organizaram, nós só orientamos.

(Prof1)

A prof3, em sua entrevista, comenta que uma vez na aula de educação física foi discutida a questão relacionada ao jogador argentino Maradona e da droga no esporte.

Para transformar estas ações em atitudes voltadas para a prevenção, TIBA (2007) coloca alguns exemplos de recursos para melhorar a competência na defesa da saúde e da qualidade de vida do cidadão. As principais qualidades citadas por Tiba (2007, p.262-264) são:

estudar sobre as drogas, entender as etapas do desenvolvimento dos filhos, conhecerem as falhas da educação atual, aprender o alfabeto relacional,

compreender como as drogas exercem o poder de sedução, identificar os sintomas mais comuns, saber o que fazer ao descobrir que o filho usa drogas, saber a providência a tomar quando ele anda com usuários, interferir pessoalmente quando vê alguém usando drogas, não se iludir com o vício, se acontecer com você busque auxílio de um especialista, dispor-se a outros procedimentos pessoais e estar sempre atento a tudo o que o rodeia (p.262-264).

A participação dos professores no projeto de prevenção foi muito importante para a realização e a implantação do projeto na escola. Destacam-se atividades de passagem de filmes motivacionais para os adolescentes, com o tema solidariedade, desenvolvimento de trabalhos comunitários em creches e asilos, trocando vivências e experiências.

A aplicação de estratégias de vivências de situações relacionadas ao problema da drogadição possibilitou que os adolescentes tivessem melhor formação para entenderem o mal que as drogas causam. As visitas realizadas a asilos de idosos possibilitaram a construção de uma nova visão de vida pelos adolescentes.

A Prof1, em sua entrevista, destaca muito bem o que foi proposto no projeto para o desenvolvimento com os adolescentes:

Gosto do trabalho de valorização do idoso que realizamos. Assistimos a um filme motivador com as turmas de 8º séries, cujo tema foi solidariedade. Um dos filmes foi a corrente do bem, um filme que sensibilizou bastante os alunos, que naquela época eram mais maduros. Esse mesmo grupo optou também por fazer um trabalho com creches e com idosos. Visitaram esses locais onde realizaram uma série de atividades, tais como homenagens aos idosos, contaram histórias, trocas de experiências, ofereceram café aos idosos e também conversaram muito com os idosos. Propuseram aos idosos a montagem de um livro chamado Histórias de Vidas, no qual narraram a história de seus avós ou de um idoso próximo.

(Prof1)

Já a opinião da prof2 salienta alguns pontos que dizem respeito ao comprometimento dos professores na execução e desenvolvimento do projeto de prevenção na escola.

Temos um pequeno número de professores que, às vezes, é barulhento. Não faz e fala sem saber o que está falando. Há outro grupo médio que faz o que propomos, embora fosse interessante que tivessem a iniciativa. Além desses dois grupos, existe um terceiro, pequeno, o qual mobiliza o projeto dentro da escola. Há uns 15 professores mobilizando o projeto. Temos também o pessoal do CAE, com psicólogos e assistentes sociais que mobilizam conosco. O CAE é um ponto importante para o projeto. Nós temos até um enfermeiro no CAE. Esse pessoal ajudou bastante na construção do projeto, comprometeu-se bastante.

(Prof2)

Analisando as duas falas das prof1 e prof2, percebemos que a escola, de uma maneira geral, cativou alguns professores que conseguem, mesmo com o não-engajamento de muitos professores, realizar e desenvolver o projeto de prevenção na escola. Destaco ainda na fala da prof2, o engajamento do CAE (Centro de Apoio ao Educando), que funciona dentro da escola com profissionais que foram muito importantes para que o projeto iniciasse e tivesse continuidade.

Dentro da perspectiva de ensinar para a melhoria da qualidade de vida, Tardif (2002) afirma o seguinte: “Ensinar é uma arte. É possível tornar certas coisas científicas, mas, comunicar-se, mesmo que a gente desenvolva certas habilidades, é sempre uma coisa emocional” (TARDIF, 2002, p.77-78).

Em um projeto de prevenção a nível escolar, o cumprimento de regras e normas dentro da instituição escolar é muito importante para o sucesso do projeto. Normas como horário de chegada, horário de intervalo, horário de saída, solicitações de saídas da sala de aula, etc. demonstram um comportamento que os adolescentes devem apresentar. A isso Tiba (2007) chama de disciplina.

Disciplina é uma qualidade de vida que o ser humano desenvolve desde criança para viver melhor. Se desde pequena a criança a compreender será mais competente em tudo o que fizer, porque saberá que tudo tem um começo, meio e fim, compreenderá o princípio do custo-benefício, terá liberdade com responsabilidade, portanto com maior autonomia. Assim se conquista a liberdade com responsabilidade. Disciplina nada mais é do que a capacidade organizacional de bem resolver as questões do dia-a-dia (TIBA, 2007, p.257).

Pelo que Tiba (2007) afirma em relação à disciplina, percebemos que, na maioria dos adolescentes que fazem uso de drogas, é o que mais falta em seu dia-a-dia, pois não conseguem administrar corretamente as suas vidas, o que resulta em dificuldades para sua vida devido a má conduta e a comportamentos não-coerentes dentro da escola. O que este projeto propõe é, através da disciplina, modificar condutas e situações que ocorriam constantemente, possibilitando uma liberdade com responsabilidade para os adolescentes.

Gauthier (1998, p.32) afirma que “os saberes da tradição pedagógica são os saberes das aulas, que transparece numa espécie de intervalo da consciência”. Esses saberes se relacionam com a imagem/representação que cada um possui da escola como produto da experiência vivida.

Adotando o mesmo ponto de vista em relação aos saberes pedagógicos, Tardif (2002, p.37) apresenta estes saberes como “doutrinas ou concepções provenientes de reflexões sobre a prática educativa no sentido amplo do termo, reflexões racionais e normativas que conduzem a sistemas mais ou menos coerentes de representação e de orientação da atividade educativa”.

A Prof3 vai um pouco além do que as duas professoras colocaram em relação à participação no projeto. Ela se mostra orgulhosa em trabalhar na escola, por mais que o projeto possa ter críticas de pessoas internas e externas. Ela ainda diz que mesmo com essas críticas o projeto trouxe mudanças para os adolescentes, os quais estão mais participativos, conseguem expressar-se melhor em público, em atividades externas à escola.

Os pais estão mais envolvidos com as atividades, têm uma resposta ao chamamento da escola. Também há coisas bem objetivas. A sala de fumantes foi extinta. Isso foi uma caminhada de 4 ou 5 anos. Primeiro ficavam todos juntos e depois ficou um fumódromo, muitos professores, inclusive, pararam de fumar por causa do projeto, ou seja, também houve mudanças na postura do professor diante do uso de drogas. Eu sou um desses exemplos. Isso mostra que o trabalho tem que começar pelo professor, para que ele acredite, tenha envolvimento. Isso porque, se o projeto vem pronto, como a questão da sala dos fumantes, causa uma revolta. Poderiam achar que era

uma limitação até da liberdade do professor, que é adulto, fumar aqui foi diferente, gradativo e esse envolvimento foi construído. Passamos pela proposta preventiva: sensibilização, conscientização, até a tomada de atitude. Mostramos ao professor que é difícil argumentar com o aluno, explicar por que o professor fuma e ele não pode.

(Prof3)

A Prof3 nos traz a concepção clara do saber profissional. Os saberes de um professor são uma realidade social materializada através de uma formação de práticas coletivas, de disciplinas escolares, de uma pedagogia institucionalizada. Para Tardif (2002), os saberes pedagógicos

apresentam-se como doutrinas ou concepções provenientes de reflexões sobre a prática educativa no sentido amplo do termo, reflexões racionais e normativas que conduzem a sistemas mais ou menos coerentes de representação e de orientação da atividade educativa (TARDIF, 2002, p.37).

Um outro fator importante destacado pela prof3 a partir do projeto foi a construção do conselho municipal anti-drogas. Através deste conselho outras escolas da cidade mostraram o interesse em realizar um projeto de prevenção como este desenvolvido pela escola. Desta forma, percebemos que este trabalho está causando uma repercussão importante na cidade, pois outras escolas já estão também se preocupando com o problema da drogadição a nível escolar. A prof3 foi contatada por professores de outras escolas da cidade para desenvolver o mesmo projeto, e ela os esclareceu de que, para dar certo, esse programa deve sair de dentro da escola e ser proposto e desenvolvido pelos professores com o apoio dos adolescentes e dos membros da comunidade escolar. Essa colocação mostra a importância que os professores da escola têm na elaboração e na execução de qualquer projeto desenvolvido ali. A sua participação é de grande importância para que o projeto tenha o êxito esperado, pois quem trabalha diretamente com os adolescentes são eles.

As principais práticas pedagógicas utilizadas e desenvolvidas durante o projeto de prevenção da escola foram a realização de palestras, seminários, cursos de capacitação para os professores sobre drogas. Foram trabalhadas também ações

relativas a um trabalho integrado com diferentes grupos da cidade visando à realização de oficinas e de concurso de poesias e a alternativa para a melhoria da relação adolescente/escola/família. O trabalho de prevenção é diário em sala de aula, e o professor deve sempre propor assuntos relativos à temática drogadição, repercutindo-o e contextualizando no cotidiano da comunidade escolar.

A prof1 relata em sua entrevista a importância da disciplina de português, que desenvolve, em parceria com um grupo da cidade, um trabalho muito interessante com poesias. Este grupo é solicitado a vir até a escola para ajudar a professora na escolha das poesias elaboradas pelos alunos, a fim de classificá-las para o concurso que é realizado na cidade, no qual nossos alunos têm se destacado com suas poesias.

O trabalho de prevenção é diário e em sala de aula. É um investimento em mudança de atitude, e tem como consequência evitar determinados comportamentos repetitivos dos adolescentes e do próprio professor.

(Prof3)

Repensar a formação inicial e continuada, a partir da análise das práticas pedagógicas e docentes, tem se revelado uma das demandas importantes na formação de professores, segundo (CUNHA, 1999; ZEICHNER, 1993).

Para Gauthier (1998), o saber da tradição pedagógica é

o saber dar aulas que transparece numa espécie de intervalo da consciência, isto é, estes saberes relacionam com a imagem/representação que cada um possui da escola como produto da experiência vivida (p.32).

O uso de diferentes práticas pedagógicas (oficinas, palestras, concursos de poesias e leituras de textos), relacionados com a temática drogadição, contribui para que os adolescentes agreguem novos conhecimentos visando à melhoria da sua qualidade de vida. Realizar a prevenção de drogas é colocar-se em risco,

priorizando o desenvolvimento de valores e atitudes. Fazer a prevenção ao abuso de drogas na escola é evitar a repressão.

Dentro deste contexto,

às vezes repetimos determinado comportamento sem nos darmos conta da repercussão que ele tem, mas o mais importante é o cotidiano, perceber que a questão da droga deve ser trabalhada através do desenvolvimento de valores, de atitudes. É um comprometimento do professor em sala de aula e isso é o mais importante.

(Prof3)

A importância da família no aprimoramento do adolescente em questões relacionadas a temática da drogadição é muito importante, pois ela deve incentivar, esclarecer, estar por perto do adolescente em todo o momento que o mesmo necessitar, pois com o seu apoio será mais fácil para que ele possa ficar longe das drogas.

O vínculo familiar, que dá ao jovem a sensação de que pertence a seu grupo, também alimenta a auto-estima, protegendo-o contra a “embriaguez relacional”. Como um torcedor fanático, que jamais aceitará torcer para o time adversário, também um jovem com boa auto-estima familiar não troca a família por uma turma qualquer, principalmente de usuários de drogas (TIBA, 2007, p.258-259).

O importante a ressaltar com relação à afirmação de (TIBA, 2007) é que na periferia das cidades não existem mais famílias como há 20 anos atrás, compostas por pai, mãe e filhos. A realidade de hoje nos mostra que as famílias são formadas por mãe e filhos, em sua grande maioria, e a mãe executa a duplicidade de papéis materno e paterno. Isso, de certa forma, contribui para que os adolescentes estejam mais vulneráveis ao abuso de drogas.

“Considerar a prática social como o ponto de partida e como ponto de chegada possibilitará uma resignificação dos saberes na formação dos professores” (PIMENTA, 2000, p.25).

Para evidenciar melhor o papel da família no processo de aquisição de conhecimento e de aprimoramento dos adolescentes em relação à questão da drogadição, (Aratangy, 1991, apud SANTOS, 2004, p.79),

mostra claramente o papel da família e da escola na prevenção, quando relata a história da Bela Adormecida. Na realidade, se o rei, em vez de proibir todas as rocas de fiar do reino, diante da maldição da bruxa, contasse para a princesa desde pequeninha dos riscos que ela corria, poderia mudar essa história e ela não seria atingida pela maldição. O mesmo ocorre com as drogas: se a família e a escola falarem naturalmente sobre esse assunto, desde a tenra infância, as crianças crescerão convivendo com os colegas que fazem uso de drogas, sem morrer de curiosidade e desejos.

Sendo assim, Santos afirma que “nossa experiência comprova que a prevenção à droga segue a trilogia: amor, bom senso e informação” (SANTOS, 2004, p.79).

O professor precisa aproveitar as oportunidades diárias, as experiências que o aluno traz para a sala de aula.

Para isso ele deve estar capacitado para falar com o aluno, discutir esses assuntos, precisando cada vez mais ter mais informação, comprometimento, envolvimento e trazer o assunto para a sua disciplina tratando-o em sala de aula.

(Prof3)

O trabalho de prevenção deve ser diário, e o professor deve propor diferentes temáticas para trabalhá-las com os adolescentes, tais como violência, drogas, preconceito, entre outras. Essas experiências devem ser debatidas em sala de aula, onde o professor possa esclarecer as dúvidas dos adolescentes, de uma maneira interativa e participativa mostrando caminhos diferentes que eles podem tomar em relação ao não-abuso de drogas.

A multivariada de temas transversais e interdisciplinares que podem ser trabalhados em sala de aula justifica cada vez mais a capacitação destes

professores para que tenham condições de debater esses assuntos com os adolescentes, destacando os aspectos mais importantes e relevantes.

A escola preocupada com isso oferece aos adolescentes diferentes formas de eles poderem esclarecer as suas dúvidas em relação a estas temáticas. Uma das possibilidades é o oferecimento de oficinas, como relata a prof3.

Na semana do estudante, por exemplo, fazemos um levantamento de assuntos que os alunos gostariam que fossem abordados nas oficinas. A partir daí, construímos as oficinas baseadas nas necessidades e escolhas dos adolescentes. Como eles preferem trabalhos relacionados a drogas, às vezes propomos outros que estão diretamente relacionados ao tema drogas, como por exemplo, violência.

(Prof3)

Quando, através de todas estas atividades, os professores não conseguem ajudar o adolescente, após tentar contatos escola/aluno, escola/família e escola/família/adolescente, então a escola é forçada a buscar ajuda externa dos órgãos e das autoridades da cidade, como o conselho tutelar e até a polícia.

Já aconteceu de chamarmos o conselho tutelar devido à família não ter comparecido ao chamamento da escola. O conselho foi até a casa do adolescente e solicitou que sua família fosse até a escola conversar sobre o seu filho. Dessa forma, temos conseguido resolver os problemas que através do projeto não está sendo possível, necessitando dos órgãos municipais competentes para nos ajudarem a resolver.

(Prof2)

A persistência no desenvolvimento do projeto por parte da escola deve ser encarada como uma meta, necessitando repensar ações num projeto deste porte. O projeto propõe a valorização da vida, pois para que ela exista tem que haver saúde, e para que isso seja possível sempre há uma esperança de que um dia ocorram mudanças drásticas no modelo de saúde que temos hoje. O projeto de prevenção deve envolver toda a escola, ser interdisciplinar e contar com a participação da

comunidade. Embora a prevenção seja encarada como uma luz no fim do túnel, ela ainda está no final dele, porque é necessário investir muito mais e cada vez mais cedo.

A importância do conhecimento prévio dos adolescentes, a agregação de conhecimentos que o projeto propiciou a eles e a capacitação anual sobre drogas para os professores que participam do projeto foram muito importantes para o sucesso que ele obteve. Destaco ainda a integração que a escola conseguiu fazer com as diferentes áreas do conhecimento e com os setores da comunidade. Tudo isso propiciou a melhoria da qualidade de vida dos adolescentes.

As **mensagens** finais que cada professora entrevistada deixou sobre o projeto foram as seguintes:

Como mãe e educadora, acredito que enquanto a sociedade tiver profissionais engajados em questões sociais, haverá esperança de mudança. Infelizmente, o grupo não é muito grande, eu lamento isso, porque tem a oportunidade de transformar a sociedade e não se apropria de tudo o que poderia ser feito.

(Prof1)

Vejo que há uma necessidade constante de se trabalhar. Cada ano, nós recebemos novos alunos que têm direito ao mesmo tratamento, às mesmas informações. Um aluno novo é sempre um novo na história, não uma repetição do que já aconteceu. O projeto não é um trabalho simples, é preciso persistir, buscar reforço para persistir.

(Prof2)

O trabalho de prevenção na escola levou-nos a perceber a importância de trabalharmos em conjunto com a comunidade. Isso porque a escola, sozinha, não consegue resolver o problema das drogas, pois é uma questão muito complexa, que envolve família e sociedade. Por isso, é importante trabalhar com a comunidade, envolvendo a promotoria, as políticas públicas para a prevenção. Essa ainda é uma dificuldade nossa, em nível de Brasil, pensar a prevenção, ter essa consciência. É preciso que esse trabalho envolva toda a comunidade, enquanto não houver mais humildade de estudar, conhecer mais sobre psicologia, evolução de comportamento,

dependência química, será difícil para a escola resolver o problema. Há muitos entraves e atitudes, às vezes, onipotentes ou fora da realidade.

(Prof3).

5.2 ADOLESCENTES

Os dados constantes nesse capítulo foram resultados da análise das entrevistas realizadas com três adolescentes, numa tentativa de síntese dos significados por elas atribuídos à questão investigada. O apêndice nº 2 contém os dados extraídos das entrevistas, bem como as sínteses das unidades de significado de cada entrevista realizada com cada adolescente. A análise de dados foi realizada por categorias, discutindo, dentro de cada uma delas, as unidades de significados sinalizadas pelos adolescentes, bem como sua tradução em linguagem pedagógica e os saberes que eles apresentam sobre drogas.

A primeira categoria a ser discutida “**Saberes sobre Drogas**” foi analisada sobre três aspectos que evidenciam as concepções que os adolescentes apresentam sobre o assunto.

Primeiramente, analisar-se-á a **concepção que os adolescentes apresentam sobre drogas, bem como sobre o uso, abuso, dependência e qualidade de vida.**

Pelas falas das adolescentes, verificou-se que elas apresentam concepções e idéias diferentes sobre os referidos tópicos. Com relação à concepção de drogas, as entrevistadas afirmam que elas não fazem bem, não servem para nada e, de uma forma ou de outra, as levam a realizar coisas que normalmente não fariam.

A adol1 diz que “*Droga, o nome já diz tudo, é uma droga, eu não sei o motivo que leva, quer dizer a gente sabe, às vezes é uma dependência física e às vezes é uma dependência psicológica*”.

Já a adol2 afirma que *“Droga é maconha, bebida alcoólica, principalmente. O jovem acha que não fica dependente, mas eu não bebo, pois acho que para mim pode trazer conseqüências”*.

A adol3 tem a concepção de que a droga não traz proveito algum para o adolescente, *“Droga, o próprio nome já diz, não tem nada de bom, não traz proveito algum, só traz coisas ruins”*.

Mesmo considerando que as adolescentes entrevistadas sejam todas do sexo feminino, que o “discurso” necessariamente não tinha uma implicação prática e continha alguns preconceitos, pode-se perceber um olhar de preocupação sobre a questão e uma clareza em relação as suas possíveis conseqüências. Observou-se, também, que as adolescentes apresentam em suas falas saberes relativos à área de conhecimento drogadição em geral, pois conhecem muito sobre drogas, buscando esses conhecimentos nos mais diversos meios de comunicação, tais como jornais, TV, rádio, revistas, entre outras.

Uma outra forma de as adolescentes adquirirem conhecimentos sobre drogas é pelas amizades, as quais podem levá-los ao vício, na maioria das vezes por curiosidade.

Zagury (2002, p.99) diz que

droga no sentido científico do termo significa todo e qualquer medicamento, daí o termo drogaria, local onde se adquirem drogas. Entretanto, no sentido leigo, passou aos poucos a designar as substâncias tóxicas que produzem alterações psíquicas ou de comportamento pelos efeitos que produzem no sistema nervoso central.

Tiba (2007) nos mostra uma nova concepção de droga, afirmando que por si só não tem nenhum poder de atração, e que o marketing sobre ela é que exerce poder de sedução. *“Ela se aproxima do adolescente tal qual uma mulher disposta a conquistar um homem: mexendo com seus desejos e fantasias. Da paquera ao casamento, como acontece o assédio das drogas?”* (TIBA, 2007, p.26).

Na verdade, as drogas são máscaras utilizadas para proteger os sentimentos que os adolescentes estão apresentando. Esses, quase sempre, são sentimentos de medo ou de vergonha. Os adolescentes aprendem que são uma demonstração de fraqueza e de falta de cuidado que eles apresentam em relação a sua vida. Assim sendo, eles se escondem atrás de um comportamento estranho para mascarar o sentimento.

Neste momento fica evidente que a estrutura familiar, independentemente de sua formação, é fundamental para dar ao jovem a base e o afeto necessário para estabelecer-se como pessoa, numa sociedade que hoje busca o crescimento social e intelectual de sua juventude.

Na maioria das vezes quando verificamos que um adolescente está envolvido com drogas, percebemos a falta de limites que ele apresenta e a falta de valores e sentimentos positivos em relação a sua própria vida cotidiana. Nas falas dos adolescentes entrevistados podemos perceber que identificam nos problemas familiares casos mais propícios ao vício.

“Às vezes quando tem muita briga em casa, porque ele acha que ninguém gosta dele, se refugia utilizando drogas” (Adol1).

Um outro tópico que está diretamente ligado à droga é o seu uso e o seu abuso. Usar drogas e abusar de drogas parece ser a mesma coisa, mas não é. Por exemplo, uma pessoa pode estar usando drogas e não ser um abusador, mas se estiver exagerando na dose, passará de usuário para abusador muito rapidamente.

Os adolescentes também apresentam concepções confusas em relação a esses dois diferentes conceitos. A adol1 afirma que o uso *“é quando tu vais para uma festa, né, tu vais lá toma uns, usa droga, tu tens que te sentir melhor para poder virar a noite”*. A adol2 afirma que o uso é *“não conseguir passar um dia sem ingerir aquilo”*. Já a adol3, nos traz a concepção de uso que *“na forma prática, seria tentar fugir de algum problema, buscar naquilo uma forma de libertar-se. Às vezes uma*

peessoa com dificuldade para comunicar-se bebe para ficar um pouco mais alegre, como dizem popularmente”.

Santos (2004, p.20) conceitua uso de drogas como

algo comum, e em geral, todas as pessoas bebem socialmente,, outras fumam ou utilizam algum medicamento sem prescrição médica. [...] é possível usar drogas sem abusar, sejam elas lícitas ou ilícitas, principalmente se levarmos em conta apenas a frequência do consumo e a quantidade utilizada.

Zagury (2002, p.99) nos fala a respeito do uso, contextualizando-o através dos tempos.

O uso das drogas não é uma novidade da sociedade moderna, muito pelo contrário, recorrer às drogas psicoativas foi, através dos tempos, utilizado pelos mais diversos grupos com fins religiosos, culturais, medicinais ou de prazer. Hábitos e costumes sociais ditavam seu uso em cerimônias coletivas, rituais ou festas. De modo geral, nesses contextos, não representam perigo maior para a comunidade, pois seu uso estava sempre sob controle (p.99).

Carlini-Cotrim (1992), ao discutir o abuso de drogas na população adolescente, cita pesquisas que afirmam que nesta população o uso de drogas está associado à cultura grupal, à rebeldia, aos valores dominantes, à inconformidade social, à não-participação em atividades religiosas, ao convívio dos amigos de comportamento desviante, ao cotidiano pouco planejado e à alimentação desregrada.

Essa afirmativa de 1992 está acontecendo hoje, em 2007; quinze anos se passaram e o problema do abuso de drogas está crescendo, causando com isso o aumento de adolescentes e jovens adultos com problemas de drogadição na escola.

Com relação ao tópico abuso de drogas, os adolescentes também apresentaram concepções diferentes. O adol1 diz que *“abuso é quando tu queres mais e mais, sempre mais, começa na maconha e depois passa para a cocaína, depois para o ecstasy e assim por diante”*. O adol2 afirma que abuso *“seria*

aproximar-se de uma pessoa e tentar fazer com que ela use somente a droga”. Com relação ao adol3, a sua idéia é diferente, dizendo que “o abuso ocorre quando a pessoa prejudica a si mesma e aos outros. Seria um pai violento dentro de casa e em consequência um adolescente vândalo”.

Na maioria das vezes, os adolescentes abusam de drogas para fugirem da realidade, fugir dos problemas, mascarando a sua própria vida, trazendo muitos problemas para si e principalmente para a sua família.

O problema atual é justamente o uso indiscriminado (abuso), como forma de alienação (fuga) da realidade, de relaxamento das tensões da vida moderna ou como tentativa de superação de problemas não resolvidos (ZAGURY, 2002, p.99).

Essas questões trazidas por Zagury (2002) nos remetem para os saberes sociais, que para Tardif (2002, p.31) é o “conjunto de saberes de que dispõe uma sociedade”. Sociedade esta que está cada vez mais problemática, violenta e permissiva, onde os jovens estão em conflito constante, pois falta a eles orientação, esclarecimentos por parte dos professores, das famílias sobre as possíveis dúvidas que porventura apresentem.

Desta forma, segundo Salles (apud AQUINO, 1998, p.127), o “abuso de drogas é um *continuum* caracterizado por um uso cada vez maior, sem que haja um ponto claro que delimite quando o uso se converte em abuso ou o abuso em dependência”. A autora ainda salienta que nem todo uso leva à dependência, podendo ser freqüente, esporádico e/ou circunstancial.

Segundo as adolescentes entrevistadas, o início do abuso de drogas nunca começa sozinho, sempre aparece um amigo que a oferece principalmente quando o jovem encontra-se num momento emocionalmente instável.

A partir do abuso de drogas, percebemos que muitos adolescentes chegam facilmente a uma situação muito severa e problemática a qual chamamos de *dependência*. Segundo Vizzolto (1990, p.28), existem dois tipos de dependência, a

psíquica e a física. Por dependência psíquica compreendemos por ser “uma sensação de satisfação e um impulso psíquico provocado pelo uso de droga, que faz com que o indivíduo a tome continuamente, para continuar satisfeito e evitar o mal-estar.” Por dependência física, a autora afirma “ser o estado de adaptação que se manifesta pelo aparecimento de profundas modificações físicas, quando se interrompe o uso da droga. Essas alterações são chamadas de síndrome de abstinência e se manifestam por sinais e sintomas de natureza física e psíquica e variam conforme a droga”.

O que causa a dependência de drogas é um somatório de fatores que podem ser de ordem psíquica, física ou comportamental. Eles podem se manifestar por diferentes maneiras, tais como, vontade de usar, tempo voltado para o abuso de drogas, dificuldade em trabalhar em decorrência da fissura que a droga causa etc.

Os adolescentes entrevistados apresentaram concepções bem interessantes sobre o que é dependência. O adol1 salienta que *“dependência é quando tu precisas de uma coisa, quando tu precisas daquilo que tu quer depender, tu só dependes da droga se tu quiseres”*. O adol2, já vai por um outro caminho, afirmando que dependência *“é não conseguir mais sair da situação imposta pela droga, embora tente sem sucesso”*. Após ingressar neste universo que é a dependência química, os jovens apresentam muita dificuldade para sair dela, pois o envolvimento com a droga é muito grande e as conseqüências pelo abuso já se tornou dependência. Esta, uma vez instalada, torna maior o abuso e conseqüentemente maior o risco de cometer delitos e envolver-se em problemas relacionados ao tráfico, à violência e à criminalidade.

O adol3 tem a concepção de que *“seria uma dependência mais psíquica, mais emocional, não tanto física, porque existem clínicas para a reabilitação de drogas. É uma forma de defesa”*.

Dentro deste contexto caracterizado pelo adol3, fica claro que ele sabe que existem dois tipos de dependência, a psíquica e a física. Sabemos também que, no início da dependência química, o aspecto relacionado ao psicológico prevalece, pois,

naquele momento, o adolescente encontra-se num estado emocional muito instável, podendo trazer a ele sérios problemas decorrentes de uma auto-estima baixa. O adol3 ainda salienta que tanto a dependência psíquica quanto a física devem ser tratadas, e a família é a base deste tratamento. Na escola, os professores precisam assumir o papel de multiplicadores, informando, dialogando com os alunos sobre esta temática. O papel da família que foi destacado pelo adol3 é de suma importância para que este adolescente consiga recuperar-se, pois sem ela, sem o apoio dos amigos e de seus professores, os adolescentes terão muitas dificuldades para realizar este tratamento.

Para libertar-se deste terror em que muitos adolescentes encontram-se hoje, precisamos melhorar a *qualidade de vida* deles. Por qualidade de vida concebemos uma existência com valores, sentimentos positivos, boa saúde, bom nível intelectual e social e, principalmente, com felicidade e muito amor.

O adol1 concebe qualidade de vida *“em primeiro lugar como saúde, acho que ninguém pode ter uma qualidade de vida boa se usa drogas, usando drogas não se tem uma boa qualidade de vida”*. Ele ainda ressalta que boa qualidade de vida é ter uma família unida, pois nos momentos de maior dificuldade é ela que pode dar o suporte necessário. Quando a família está desestruturada, a escola e os amigos podem assumir essa responsabilidade, para que aquele que está em dificuldades com o abuso das drogas possa se sentir acolhido.

Segundo Vizzolto (1998, p.29), “o prejuízo que as drogas causam ao organismo é bem maior que o prazer que lhe proporciona. As drogas que causam maior dano aos usuários são as que afetam diretamente o sistema nervoso central”.

Desejar uma sociedade com um consumo pequeno de drogas poderá deixar de ser uma utopia e se tornar realidade quando a humanidade progredir e melhorar a qualidade de vida das pessoas, oportunizando uma melhora a nível espiritual, educacional e político-social.

O adol2 acha que qualidade de vida é *“fazermos o que gostamos sem nos prejudicarmos, o que não acontece com aquele que usa drogas”*.

Uma das frases que mais se escuta, principalmente dos alcoolistas, é que eles não prejudicam a si e muito menos aos outros. Na realidade a maior parte dos alcoolistas são pessoas que prejudicam a si e aos outros, mas sempre na opinião dos outros, nunca na deles. Por isso, ter uma qualidade de vida é não beber, é não usar qualquer tipo de droga, pois ela só é possível com saúde e qualidade de atendimento.

Na adolescência, precisamos de um tempo para pensar, para rever nossas crenças e fé, antes exercida apenas por conta do modelo familiar. O tamanho desse tempo é pessoal, varia de indivíduo para indivíduo, de jovem para jovem. Aos poucos, teremos condições de decidir por nós mesmos se a nossa fé é a mesma que a de vocês, e de que forma a queremos professar. Não nos impeçam de desenvolver nossa intelectualidade. Precisamos desses momentos de dúvida para emergir como indivíduos (ZAGURY, 2002, p.221).

Para o adol3, qualidade de vida seria *“estar de bem consigo mesmo, amar-se. O resto a pessoa vai levando”*. Na sua fala, o adol3 destaca a importância do amor em sua vida. O amor deve ser o sangue que corre nas veias dos adolescentes. Os que cultivam esse sentimento estão mais preparados para enfrentar a vida com mais qualidade, isto é, em situações adversas saberão dizer não às drogas e ficar longe de pessoas que não contribuem em nada para o seu desenvolvimento intelectual. Muitos adolescentes se abalam quando recebem algum tipo de crítica, principalmente quando não são construtivas. Devem preparar-se para, ao receber uma crítica, aproveitá-la e dela poder tirar uma lição, realizando uma reflexão. Aceitar críticas é fundamental, avaliá-las é melhor ainda.

As restrições sociopolíticas e conseqüentemente de infra-estrutura adequada para garantir uma vida de qualidade não podem ser desconsideradas.

Quanto ao tópico ***história de seu acesso ao consumo de drogas***, os adolescentes apresentaram falas tratando desta questão como algo que se inicia pelos diferentes tipos de amizades que fazem diariamente.

O adol1 acha que o acesso “*se dá pelas amizades, pelo namorado, pelos amigos, principalmente em festas, onde essa influência não ajuda em nada o adolescente*” A vulnerabilidade dele é grande, pois está sempre aberto a novos desafios, sendo ofertadas a ele várias oportunidades todos os dias. O que realmente impacta em seu comportamento é que muitas vezes deixa-se levar por pessoas “mal intencionadas” que trazem sérias conseqüências para sua vida.

O adol2 coloca que o acesso ao uso de drogas na escola “*se dá no turno da noite e no fundo da escola*”. Isso ocorre devido à precariedade das cercas que a escola apresentava no início do projeto. As cercas eram totalmente abertas, e à noite, principalmente, algumas pessoas entravam na escola no horário do recreio. Hoje, após o projeto, toda a escola é muito bem cercada e não existe mais o ingresso de pessoas estranhas nos seus três turnos de funcionamento.

O adol3 nos fala a respeito do histórico das drogas, caracterizando-o como um fenômeno que existe em toda parte, não sendo exclusivo da escola. Afirma ele que

na verdade, vemos o uso de drogas em toda parte. Aqui na escola, tento manter-me afastada, para não me envolver. Às vezes nos achamos maduros o suficiente para ajudar uma pessoa, mas na verdade podemos estar nos perdendo cada vez mais. Como já tive pessoas da família envolvidas com isso, tento ficar afastada, mas não adianta, estou cursando o normal e preciso tratar do assunto e ter conhecimento.

A vivência com o problema de doença na família, o alcoolismo do pai, ajudou muito no conhecimento dos problemas que as drogas causam ao organismo das pessoas. Segundo ela, foi muito doloroso acompanhar a melhora do pai, mas ele conseguiu recuperar-se e contou com o apoio da família, que nunca deixou que alguém o discriminasse, sempre encarando o problema com seriedade. O adol3 ainda relata que teve uma boa educação na escola e em casa e o que a fez ter maior visibilidade desta problemática foi o que aprendeu na escola.

Os conhecimentos adquiridos na execução e no desenvolvimento do projeto na escola foram construídos entre professores, adolescentes e comunidade, num processo participativo. A escola é um espaço formativo por natureza e desenvolve os saberes profissionais.

Tardif (2002, p.36) considera que saberes profissionais “*são um conjunto de saberes transmitido pelas instituições de formação de professores (escolas normais ou faculdades de ciências da educação)*”. Como muitos dos alunos da escola cursam o normal, como é o caso da adol3, esses saberes profissionais contribuem com a sua formação pessoal e profissional. Um deles será o saber profissional, que está diretamente inserido na ação, assumindo um significado e uma utilidade que ajudará muito no futuro e no crescimento profissional. Percebe-se também que estes saberes estão fortemente personalizados como saberes apropriados, incorporados, saberes das pessoas da sua experiência e de seu trabalho.

O terceiro tópico a ser analisado nas entrevistas dos adolescentes foram **as influências do usuário de drogas**.

Um dos fatores mais citados e salientados pelos adolescentes em suas entrevistas foram as más influências, que são representadas pelos falsos amigos, jovens que oferecem a todo o momento diferentes drogas, que estimulam os adolescentes a experimentarem, contribuindo muito para que eles iniciem o seu uso. Para evitar que isso aconteça, devemos evitar o convívio social com pessoas que usam drogas.

O que leva um adolescente a usar drogas são as amizades. Às vezes um “amigo” está usando pensando em resolver os seus problemas, e aí tu achas que um dia estando mal, vai encontrar a solução dos seus problemas nas drogas.

(Adol2)

Tiba (2007, p.126) fala que as principais situações em que a droga é usada hoje por um jovem

é por simples curiosidade, como uma aventura sem compromisso, dada a banalização de seu uso, na busca do prazer sem preocupação com os riscos, para o jovem mostrar perante seus amigos que é corajoso e destemido fazendo o que tiver vontade, por imaginar que vai só experimentar sem tornar-se um viciado, por pensar que se usar uma vez só nada de mal lhe acontecerá, por falhas na educação, por baixa auto-estima, que faz o jovem absorver comportamentos indesejáveis de seus conviventes.

O que Tiba (2007) nos mostra é o grande estrago que o uso e o abuso de drogas trazem ao adolescente, ocasionando dificuldades em todas as áreas, tais como, afetiva, profissional, sentimental, psíquica, etc. O usuário de drogas é frágil, porque acha que algo ruim como a droga pode lhe trazer felicidade. Esta constatação é também comentada pelos adolescentes em suas entrevistas. Afirmam eles, que se um jovem estiver fraco emocionalmente, este fator poderá levá-lo ao uso de drogas. Situações como estas são “ditas” comuns hoje no universo dos usuários. Estes adolescentes estão completamente sem vínculos, com sua auto-estima baixa e sem rumo para as suas vidas. Precisam urgentemente de ajuda, e na maioria das vezes esta ajuda deve vir de casa ou da escola, através de projetos de prevenção como este da escola ora investigada.

Podemos ter melhor noção ainda através do que a adol3 nos fala em sua entrevista.

“A influência é completamente emocional. Como eu já disse antes, se a pessoa não se ama não se respeita a si nem aos outros, então ela se deixa levar” (Adol3).

A adol2 considera que os problemas familiares influenciam muito para que os jovens utilizem drogas. Segundo ela, se o usuário é influenciável, é fácil cativá-lo para o uso, mas, se o jovem está convicto de suas idéias, o trabalho de convencimento para o uso já é maior e, na maioria das vezes, não funciona.

Se os problemas familiares influenciam é porque o adolescente já está fraco emocionalmente e isso pode levá-lo ao uso. Ele é fraco por que acha que algo ruim pode trazer felicidade para ele, não sei

exatamente como é, mas a droga traz felicidade na hora e depois passa.

(Adol2)

O que a adol2 diz sobre o fato de a droga trazer felicidade é real. O que acontece é que no início do uso, a droga dá uma sensação de prazer, “euforia”, que pode ser explicada por ser uma “alegria artificial” e não felicidade como a adol2 afirma. Essa sensação ocorre no início do uso por um período muito curto, seguindo-se um estado muito mais preocupante e de período maior, que é a depressão.

Fica evidente no discurso da adol1 a influência que os jovens recebem de parentes, de namorado (a)s, até de irmãos com relação ao início do uso de drogas.

Uma das influências são os amigos, outro tipo de influência que já vem com o amigo é a namorada, que pode ser uma grande influência, irmão também às vezes também pode ser uma influência, pois se ele usar pode influenciar sim, pois os irmãos mais velhos às vezes são os espelhos para os irmãos menores e até parentes, como primo(a)s.

(Adol1)

Pelos relatos dos adolescentes, percebo a necessidade de formação que a família precisa para poder lidar com estas situações. Através deste projeto podemos ajudá-las no esclarecimento das questões relacionadas ao uso de drogas.

Com relação às **situações em que sentem necessidade de usar drogas**, os depoimentos foram muito significativos. Trouxeram uma gama de situações em que os adolescentes são surpreendidos por outros usuários de drogas que oferecem a eles, colocando uma série de possibilidades de benefícios com o seu uso.

A adol1 cita a importância do grupo no uso e no abuso de drogas. Apegado demais com aquele “grupinho”, o adolescente fica bem vulnerável, pois conviver com ele supõe utilizar drogas.

“Sair sempre com aquele grupinho é bom, eu gosto, eu quero sair com eles porque às vezes tu sabes que saindo com eles a droga é garantida” (Adol1).

Os usuários de drogas são pessoas que por estarem drogadas justificam suas ações, apresentando reações diferentes e muitas vezes agressivas. Podemos verificar isso no discurso da adol1:

Se a pessoa está drogada, ela começa a falar besteira, as reações são diferentes, sei lá a gente nota quando a pessoa está drogada ou não está drogada, a primeira coisa é a aparência né. O olhar da pessoa, o olho diz muita coisa e, depois pelas reações da pessoa, a pessoa fica meio agressiva parece que nem te conhece.

(Adol1)

Zagury (2002, p.109) afirma que

As drogas em geral não são causa de problemas, mas conseqüência deles, e claro, geram novos problemas. Nos mais sérios, que escapam à nossa possibilidade de resolução, devemos procurar o auxílio de profissionais especializados. No entanto, a maioria dos problemas dos nossos filhos pode ser resolvida dentro da própria família, desde que, daro, exista um clima para diálogo, abertura para ouvir e se expressar e muita compreensão, afeto e respeito mútuo (p.109).

A autora mostra a importância da família para que o adolescente possa ter uma vida de boa qualidade. Família sadia, isto é, família onde os adolescentes são tratados com carinho, amor e respeito pode ser a solução deste problema. O trabalho da família deve iniciar com o controle das drogas lícitas, as mais abusadas pelos jovens de hoje, para depois partirem para o controle das drogas ilícitas.

O consumo de bebidas alcoólicas é um traço comum na nossa sociedade. É bastante contraditório porque, se de um lado, traz a aproximação fraterna entre as pessoas, de outro, provoca a destruição do indivíduo e daqueles que o cercam, quando é levado ao excesso (SANTOS, 2004, p.31).

Um outro fator importante que pode levar um adolescente a usar drogas são as festas. Essa é uma situação preocupante e muito perigosa para os jovens que ainda não fazem uso de drogas.

A adol2 afirma que *“uma festa na casa de amigos pode levar um adolescente a iniciar o uso de drogas. Às vezes não há familiares em casa, o que facilita o consumo de drogas por parte dos adolescentes que se fazem presentes à festa”*.

Vale destacar que hoje em dia muitos pais não sabem onde seus filhos se divertem, não sabem com quem eles saem, não conhecem as famílias dos amigos de seus filhos e, por conseqüência, ficam surpresos quando descobrem que eles estão usando drogas.

As bebidas alcoólicas também contribuem para o uso de outras drogas, pois a pessoa que as usa bebe mais. O adolescente nessa situação comete mais “delitos”, pois quando está drogado e/ou alcoolizado tem mais coragem para fazer coisas que sem a droga não faria. Quando um adolescente sente-se mal, emocionalmente alterado, com baixa auto-estima, na sua maioria das vezes, se agarra às drogas como uma necessidade para resolver os seus problemas. Embora conscientes de que esse não é o melhor caminho, eles o buscam por considerá-lo o mais rápido, isto é, mascarando os seus problemas e não os resolvendo, empurrando-os para diante.

Com estas evidências, fica claro que todo o adolescente é uma vítima deste problema, sendo muitas vezes desconsiderado como a questão central em uma sociedade que se encontra hoje exposta à drogadição e, como conseqüência, ao aumento da violência. Com o aumento do abuso de drogas surge a dependência química, que é uma doença e, por conseguinte, apresenta uma série de sintomas que variam de pessoa para pessoa. Qualquer consumo repetitivo já é considerado dependência.

A overdose é um sintoma rápido muito freqüente no usuário de drogas que pode levar muito jovens também a contraírem AIDS, pois se é uma pessoa sadia e vai transar, tu sabe que precisa te cuidar, mas, com a cabeça cheia de droga não pensa muito e acaba não usando preservativo, conseqüentemente estará arriscando-se muito quando transar com outra pessoa que a conheceu naquele dia. Poderá

também contrair várias doenças venéreas, podendo até levá-lo à morte.

(Adol1)

Mesmo confusa em relação à concepção de dependência, a adolescente a associa a outras doenças, dando a entender o quanto pode a droga disparar um ciclo vicioso. Ela ainda nos traz como um outro fator preponderante em relação à dependência química o uso da bebida alcoólica por usuários de outras drogas, pois este usuário bebe muito, levando-o a cometer coisas que pessoas “normais” não seriam capazes de cometer. Utilizando-se destes comportamentos, como roubar e traficar, este adolescente pode ser considerado como um problema para a sociedade e não como o futuro dela, como é o que nós desejamos.

O jovem dependente de drogas tem dificuldade de formar um “eu” adulto e fica sempre com uma sensação de incompletude. A droga age como um cimento nas fendas da parede que completa seu “eu”: é a conhecida fase do “estágio do espelho quebrado” em que Olievenstein (apud Bergeret e Leblanc, 1991) diferencia o usuário do toxicômano. As carências constituídas na primeira infância acarretam esta “falta” ou “incompletude” e a droga vem para completar (SANTOS, 2004, p.60).

Um outro fator importante que devemos levar em conta refere-se à não desvalorizar o consumo de drogas para um adolescente. Devemos sempre enfatizar em qualquer projeto a melhoria da qualidade de vida, mostrando a eles situações e exemplos que lhes podem servir de “bons exemplos”. Desvalorizar o consumo para um dependente é propiciar cada vez mais o uso, pois a vontade de consumir drogas é maior do que a de não consumir. Por isso, a participação da escola, dos professores, dos adolescentes e da comunidade em projetos de prevenção é muito importante para que possamos ajudar nossos adolescentes a não ingressarem neste “saco sem fundo” que é o abuso de drogas.

A escola poderá reverter o processo de alienação do jovem, desenvolvendo a consciência crítica, propondo uma educação pelo diálogo que leve o homem à procura da verdade em comum, ouvindo, questionando, libertando-se, investigando. Com isso, possibilitará ao aluno uma discussão corajosa sobre sua problemática do mundo (VIZZOLTO, 1990, p. 63).

O uso de diferentes estratégias para desenvolver o projeto e o importante trabalho de sensibilização, conscientização e prevenção que a escola vem desenvolvendo juntamente com a comunidade escolar e com outros órgãos da cidade, como a polícia, tornaram o projeto uma possibilidade de solução do problema na cidade de Camaquã.

O professor é um educador e fará prevenção pela educação. A prevenção é um processo educacional individual e coletivo. O princípio básico mais importante é que no trabalho de prevenção ao abuso de drogas, a droga não tem importância. [...]. A droga não é o problema. Ela é consequência e efeito dos desajustes sociais e dificuldades da família, da criança e do adolescente, num mundo de rápidas transformações sociais. O objetivo do trabalho de prevenção do abuso de drogas não é falar que a droga faz mal, e sim discutir as situações e problemas que afetam o jovem e levá-lo a desenvolver atitudes positivas para superar suas dificuldades (CRUZ, 1992, p.54).

Os adolescentes entrevistados apresentaram em seu discurso várias **reações possíveis de sentir quando do uso de drogas.**

Pelos relatos, os adolescentes enfatizam as seguintes reações mais percebidas quando há o uso de drogas. Alguns dos fatores trazidos pela adol1 são tristeza, olho caído, pessoas que apresentam alucinações, ansiedade, nervosismo, falta de autoconfiança, alegria, euforia, confiança excessiva, falta de consideração com outras pessoas, elevação do tom de voz, confiança de que o mundo é dele, agressividade e instabilidade emocional.

As adol1, adol2 e adol3 destacam alguns pontos importantes em relação às reações que os adolescentes podem apresentar quando utilizam drogas.

Eles não escondem mais que estão usando, a pessoa está meio triste e a gente pergunta por que tu estás assim, tu usou drogas, tu estás com o teu olho caído, tu estás mal, a gente está vendo, porque depois que passa o efeito, a pessoa sempre fica mal.

(Adol1)

Identifico se uma pessoa usou drogas pelo meu conhecimento prévio adquirido através das palestras, trabalhos que fiz durante o ensino

fundamental e pelo projeto que estamos desenvolvendo aqui na escola. Uma pessoa que bebe, por exemplo, pode ficar alegre ou violenta. Fica muito claro, pois ela fica diferente das que estão lúcidas.

(Adol2)

Percebo quando uma pessoa usou drogas porque podem apresentar alucinações, algumas pessoas ficam mais lentas, outras ficam mais agitadas, isso depende da pessoa e da droga que está usando, cada uma tem uma reação diferente.

(Adol3)

Nas três falas dos adolescentes entrevistados, percebemos que as principais reações que demonstram quando fazem uso de drogas está diretamente relacionada com o tipo da droga de uso, a frequência de uso e também pelas características biopsicossociais de cada indivíduo. Características citadas pelas adolescentes como tristeza, ansiedade, falta de autoconfiança, alegria, euforia, agressividade e instabilidade emocional confirmam o que vários autores discutem em suas obras.

Bucher (1989) afirma que a primeira postura para se falar de drogas é abandonar preconceitos, tais como: “usou droga uma vez e já está irremediavelmente perdido” ou “a droga é a culpada dos males da sociedade...”.

As drogas podem causar grandes dramas. Segundo Bucher (1989), a atitude mais adequada em termos preventivos, quando a família, a escola constatam o uso de drogas pelo filho é não abafar, não castigar e não condenar, procurar saber o nível de comprometimento, melhorar as relações dentro de casa e procurar ajuda especializada.

Santander (2003, p.100) lista uma série de características de como podemos reconhecer um usuário de drogas. Dentro da visão do projeto de prevenção desenvolvido pela escola pesquisada, verificou-se que muitas das características apresentadas por Santander (2003) aparecem claramente nos discursos dos

adolescentes. Nesta listagem, percebemos algumas encontradas nos discursos dos adolescentes entrevistados.

Mudança brusca de comportamento; explosões nervosas e violentas sem motivo aparente; inquietação motora e irritabilidade; atitudes de impaciência e agressividade; depressões constantes; marcas de injeções nos braços (usuário de drogas injetáveis); queda de aproveitamento escolar ou desistência dos estudos; isolamento dos demais membros da família ou amigos que não compartilham a droga; os hábitos mudam, aparece a insônia e o dia é trocado pela noite; objetos estranhos entre seus pertences, tais como: comprimidos, seringas, colírio, cigarros, cachimbos, etc.; odor estranho no corpo e na roupa do usuário; objetos de valor e dinheiro começam a desaparecer; olhos vermelhos, boca seca e com pequenas queimaduras, unhas dos polegares escuras; falta de apetite ou apetite demasiadamente fora de controle; saídas de casa repentinas, em horários inadequados; amigos estranhos, festas estranhas (embalagens rag); ligações telefônicas com uso de códigos ou de linguagem desconhecida; fala trôpega e difícil; falta de higiene corporal e nas vestimentas; envolvimento com a polícia e envolvimento com pessoas estranhas (p.100-101).

Para exemplificar isso, destaco a fala da adol1 *“eu estou mal, eu sei e agora, bah, está me dando uma dor de cabeça, estou horrível, não consegui dormir a noite inteira, tive colegas meus que já chegaram na aula assim, em estado que parecia vegetativo, bem mal, muito agitado, não conseguia parar quieto na sala, tinha que estar saindo da aula toda hora para ir ao banheiro, etc.”*. Já o adol2 enfatiza que as drogas podem deixar as pessoas lentas ou agitadas, evidenciando também características trazidas por Santander (2003). A adol3 faz menção à violência e à alegria que o uso de drogas pode ocasionar. Também relata que o conhecimento prévio adquirido através de palestras e trabalhos realizados em sala de aula no Ensino Médio ajudaram-na a identificar alguns destes sintomas durante a realização do projeto.

Os saberes experienciais “oriundos da experiência de vida”, “os saberes oriundos da sua formação” e “os profissionais”, formam um conjunto de saberes transmitido pelas instituições de ensino trazidas por Tardif (2002) para a formação dos professores e pode ser visualizado também na formação de adolescentes que realizam curso de magistério.

Um outro tópico pesquisado com os adolescentes trata da ***perspectiva de vida futura como usuário de drogas.***

Por mais difícil que seja a vida, a maior parte dos adolescentes têm planos para o futuro. Não existe ninguém que não queira realizar um sonho ou alcançar seus objetivos. Alguns são mais corajosos para realizar as mudanças e transformações necessárias enquanto outros não são.

Muitos adolescentes usuários de drogas acham difícil mudar ou ainda não sabem o que realmente querem de suas vidas. O projeto desenvolvido na escola estudada tem como objetivo ajudar esses adolescentes nessa caminhada, através de diferentes estratégias propostas, visando facilitar o esclarecimento de suas dúvidas sobre drogadição.

Dentre os adolescentes da escola, percebe-se pelos seus depoimentos que existem alguns que gostariam de mudar os seus hábitos e que outros não desejam mudar nada em suas vidas. A escola trabalha no projeto com o objetivo de atender a essas duas demandas de adolescentes, esclarecendo as possíveis dúvidas durante a execução e as diferentes tarefas executadas nas mais diferentes áreas de conhecimento.

Para aqueles adolescentes que gostariam de mudar de vida e que desejam ter um futuro melhor, salientamos que o valor de sua vida não tem preço. É na adolescência, a fase mais bonita do desenvolvimento do jovem, que ele vai plantar um método para o seu futuro, utilizando-se dos espelhos de vidas de seus familiares e dos sujeitos que os rodeiam.

Dentro deste contexto caracterizado acima, a adol1 nos mostra uma perspectiva de futuro e uma expectativa de vida intrigante, que dependerá do momento em que o adolescente se encontrar.

Na adolescência tu vais iniciar a plantar para o teu futuro, se tu estudar agora, no teu futuro tu vai ter uma boa profissão, se tu não usar drogas, não beber, futuramente não vai ter graves doenças,

então eu acho que eles não devem ter uma perspectiva de vida muito boa, porque as pessoas com a droga provavelmente irão ter sérios problemas de doenças mais tarde. É na adolescência que devo aprender a fazer as coisas certas ou erradas, porque quando tu tiveres a tua família, os pais são os exemplos para os filhos. A perspectiva de vida do adolescente que usa droga não é muito boa, sem contar que a família se desestrutura; como será o futuro de uma família com adolescente que não consegue parar de usar drogas e não quer ser ajudado? É por isso que temos que plantar hoje para colher amanhã; boas sementes, bons frutos a gente terá. Se na adolescência não me envolver com bebidas e drogas, provavelmente no futuro não serei uma alcoólatra ou uma drogada.

(Adol1)

Esta fala pode estar reproduzindo um discurso “adulto”, e indica uma concepção idealizada, embora a perspectiva de vida do adolescente que usa droga não seja muito boa, porque provavelmente terá sérios problemas de saúde. O depoimento da adol2 retrata a importância da comunidade no desenvolvimento do adolescente. Ela deixa claro que “a comunidade percebe quando uma pessoa é usuária de drogas, pelo seu jeito de andar, pelo seu jeito de olhar, etc” (Adol2).

A adol2 destaca também que no momento em que o adolescente for procurar emprego, e o empregador souber que ele já teve envolvimento com drogas pode não conseguir a vaga desejada em decorrência deste fato. Isso mostra ainda que na sociedade de hoje, o dependente químico é rotulado e muitas vezes até excluído socialmente.

Usuário de drogas, no primeiro tombo, ele não levanta, ou seja, não supera obstáculos. Se ele bebe, por exemplo, está claro que não tem autoconfiança, não acredita em si mesmo. Se for mal em um trabalho ou em alguma prova, não consegue superar aquilo. Não percebe a própria capacidade.

(Adol3)

A adol3 mostra ainda um retrato muito presente nas comunidades de baixa renda, onde encontramos adolescentes desacreditados em sua capacidade de produção. Afirma ela que “o adolescente de classe baixa não consegue nem concluir

o Ensino Fundamental, porque a sociedade não ajuda e a pessoa se condiciona de que não pode, não consegue”.

Em sua fala, ela ainda nos traz dados sobre a sociedade e o adolescente de periferia. Diz que os adolescentes de periferia afirmam que *“não irão crescer na vida porque nasceram pobres e vão morrer pobres”*. Contrapondo essa situação no seu dizer, os adolescentes acham que *“um jovem que se veste com roupas de grife e têm um padrão de vida elevado acredita um pouco mais em seu potencial, em si mesmo”*. Ficam evidentes nos depoimentos, preconceitos em relação às classes sociais. Mesmo sabendo que os adolescentes, independentemente de sua classe social, são capazes de fazer escolhas ou não e que não necessariamente por serem de classes sociais diferentes, acreditam mais ou menos em seu potencial, é claro que a confiança, a motivação, a força e o interesse são aspectos importantes para que esses adolescentes sejam reconhecidos, sejam dadas a eles oportunidades para que possam desenvolver-se como pessoas e cidadãos.

O abuso de drogas por parte dos adolescentes contribui muito para as dificuldades que eles encontram no seu dia-a-dia, pois o problema da dependência química é um dificultador para que ele alcance objetivos e, na maioria das vezes, a sociedade se encarregará de puni-lo pelos seus atos, seja quando ele procurar um emprego e for rejeitado ou quando não conseguir estudar e aprender porque as drogas afetaram seus neurônios.

Muitos adolescentes, para pertencerem a grupos juvenis precisam alterar seus “comportamentos”, se adequando às suas regras e quando o uso de drogas é preponderante, estimula-se o seu consumo pela força do grupo. Esse comportamento do jovem pode levá-lo a apresentar problemas relacionados com a sua saúde e, muitas vezes, tendo dificuldades no atendimento psicológico e médico em decorrência da sua vulnerabilidade social.

Quando o filho de um empresário precisa de atendimento é levado para uma clínica e quando um adolescente de periferia precisa de atendimento fica esperando por um ato de generosidade de uma pessoa que faz uma ação social por ele. (Adol3)

Sendo assim, a escola, preocupada com essas questões, tentou, num primeiro momento, acabar com a drogadição dentro do seu espaço, elaborando e executando o projeto de prevenção que atinge adolescentes de todas as classes sociais, juntando desde filhos de empresários, de porteiros, e operários, para diminuir a exclusão social e, como consequência, também o abuso de drogas na escola.

Os professores mais participativos e abertos que fazem parte do projeto de prevenção, utilizam a afetividade como uma forma de prevenir o abuso das drogas, visando, através desta ação, sensibilizar os professores que ainda apresentam algum receio com o projeto a resolverem os problemas causados pelos adolescentes na escola e em sua sala de aula.

A escola é o espaço de congregação e interação de todos os segmentos sociais, espaço de construção do saber, de socialização, de construção do coletivo social, de troca, de construção do exercício de cidadania, de construção do ser e de competição (SANTANDER, 2003, p.161).

A escola é a instituição básica de construção e reprodução do conhecimento, de valores culturais, sociais e de cidadania. Ela, como espaço de educação preventiva, informa e prepara o adolescente antes de o problema ser instalado, desempenhando um papel fundamental de responsabilidade social, à medida que reproduz valores sociais e culturais, os quais fazem parte do contexto da sociedade.

A questão educativa de prevenção está centrada nos seguintes aspectos: formação do ser humano, valores, motivações, estilo de vida isento de drogas (ou pelo menos, de acordo com a idade, um uso "responsável" do álcool, droga social), alternativas no campo do lazer, esporte e artes (desenvolvimento do potencial criativo). Basicamente, a prevenção deve concentrar-se menos nos perigos e nos aspectos farmacológicos (por isso a informação é apenas um componente e sempre aparece contextualizada no cenário educativo) e focar mais a fase da adolescência, a busca da auto-afirmação, da auto-estima, o conflito dependência e independência, a transgressão, o conflito com a pessoa de autoridade, a dificuldade de enfrentar problemas e limites e a questão do prazer. A prevenção alerta sobre os riscos de tolerância e dependência e, principalmente, focaliza a responsabilidade pessoal pela opção a ser tomada (SANTOS, 2004, p.81-82).

Charlot (2001), sobre a noção de relação com o saber, afirma que essa se expande por diferentes áreas de conhecimentos.

O sujeito que aprende apropria-se de uma parte do patrimônio humano que se apresenta sob formas múltiplas e heterogêneas: palavras, idéias, teorias, mas também técnicas do corpo, práticas cotidianas, gestos técnicos, formas de interações, dispositivos relacionais (CHARLOT, 2001, p.21).

A escola, sendo um espaço de construção de saberes, propiciou também aos jovens que adquirissem diferentes saberes, que foram construídos durante a execução do projeto de prevenção. Saberes relacionados à área de conhecimento drogadição em geral e até saberes sociais que, de acordo com Tardif (2002, p.31), a formação de professores é vista como “o conjunto de saberes de que dispõe uma sociedade”. Este saber pode também ser aplicado aos adolescentes quando tratamos da construção de diferentes saberes que eles adquiriram durante a realização do projeto.

Essa gama de saberes trazida por Tardif (2002) e Gauthier (1998) nos mostra a complexidade que a temática da drogadição apresenta, constituindo-se em um tema gerador que se aplica em todas as áreas do conhecimento. Isso oportuniza aos professores e à sociedade a disponibilidade de uso destes saberes para esclarecimento de muitos fatores relacionados com a formação docente.

Um outro tópico analisado diz respeito à ***participação dos adolescentes no PPD (Programa de Prevenção do Abuso de Drogas), e o quanto o PPD serviu/serve para modificações significativas em suas vidas.***

Os poucos projetos de prevenção desenvolvidos no Brasil retratam a droga e os seus efeitos negativos, como afirma (ASINELLILUZ, 2000).

Tomando-se como exemplo o Brasil, alguns dos “ainda” poucos programas existentes, têm na droga e seus efeitos o seu enfoque principal, tendo por pressuposto que “falar mal” das drogas é o suficiente para dela afastar os jovens. A interrupção freqüente dos programas e a não sistemática de sua avaliação impedem afirmar ou negar com convicção (p.32).

Dentro desta perspectiva, Tiba (2007) nos mostra que o caminho da prevenção deve iniciar pelo esclarecimento do que é bom e o que é gostoso.

A droga provoca prazer, que engana o organismo, que então passa a querê-la mais, como se fosse bom. [...] A prevenção tem de mostrar a diferença entre o que é gostoso e o que é bom. Nem sempre o gostoso é bom, como no uso de drogas. O gostoso pode ser ruim, como no caso do diabético que come um doce bastante açucarado. Nem sempre o desagradável é ruim. Ninguém gosta de tomar injeção de antibiótico, mas se não houver outra saída, a pessoa sofre a desagradável sensação de ser espetada por uma agulha, pois sabe que o antibiótico é para o seu bem (p.251).

Nos relatos colhidos nas entrevistas das adolescentes, constata-se que o projeto desenvolvido pela escola teve início a partir de dificuldades que os professores estavam encontrando com relação ao uso de uma das drogas mais consumidas pelos adolescentes, que é o tabaco. Na escola, o índice de consumo era muito grande. Também havia um número considerável de professores fumantes, havendo até uma sala separada para que eles pudessem fumar sem causar problemas para os outros.

A adol1, em seu relato, mostra um pouco como foi o início do projeto na escola.

Aqui no colégio, o projeto começou atacando a droga lícita mais consumida pelos jovens, o tabaco, através de palestras que foram realizadas na escola bem como representações teatrais, onde representamos uma família que tinha filhos drogados.

(Adol1)

Constatamos ainda em sua fala que foram realizadas, além das palestras, peças teatrais, atividades de leitura de textos e escrita de dissertações, através das quais os adolescentes tinham que defender o seu ponto de vista para não usar drogas. Também foram trabalhados outros temas nas aulas da disciplina de Português, com atividades que usavam gravuras com textos de cunho social para que os adolescentes escrevessem textos, poesias a partir da visualização destas gravuras.

Depois foi realizada uma palestra sobre tabaco. Um amigo da adol1 disse a ela que iria parar de fumar e parou mesmo. *“Deu para perceber nele através de suas atitudes”* (Adol1).

Santos (2004) afirma que a

Prevenção na escola significa estar atento ao jovem, abrir um canal de comunicação, valorizá-lo como ser humano, procurando um espaço para que ele também aprenda a se valorizar e saiba se fortalecer para não ser presa fácil de modismos. Cabe à escola organizar um projeto coletivo e um espaço para o jovem falar e ouvir seus colegas falarem de si e de suas vidas (p.85).

A adol2 relata sobre a importância do projeto de prevenção da escola pesquisada, enfatiza que

o mesmo está nos ensinando a incluir e a nos incluirmos na sociedade, tenta construir um mundo diferente, mudando a base de tudo, mostrando que somos capazes, busca a inclusão de todas as classes sociais, sendo um exemplo de projeto que ajudou muito.

(Adol2)

Durante a realização do projeto na escola, a maioria dos adolescentes relata que já estão conseguindo realizar a sua crítica em relação ao problema da drogadição. Afirmam que a escola, mesmo sendo estadual, não-paga, é muito boa, apresentando todas as classes sociais e, mesmo assim, os adolescentes conseguem interagir apesar das diferenças que porventura possam acontecer.

O projeto da fundação Tiago Gonzaga, VIDA URGENTE, que trata sobre prevenção na escola e na vida, traz como mensagem que pequenos goles, pequenas doses podem levar o jovem à morte. Este foi um dos projetos estudados pelos professores visando à elaboração do projeto desenvolvido na escola.

Tiba (1994, p.59), em resposta a uma questão sobre a maneira como a escola pode ajudar no problema das drogas, também confirma os aspectos primordiais que defendemos num programa de prevenção escolar.

Seria ideal que a escola complementasse essa filosofia de vida familiar e acrescentasse em seu currículo programas que também preparassem seus alunos para enfrentar não só a droga, mas a vida como um todo. No entanto, muitos professores nem conhecem a realidade científica e psicológica das drogas, seus efeitos e suas conseqüências. É freqüente não saberem nem identificar um usuário de drogas e, se identificam, não sabem o que fazer com tal descoberta. Por isso, as diretorias das escolas preferem negar as drogas em seus estabelecimentos. Mas já não é possível “tapar o sol com a peneira”. As drogas existem, e imaginar que apenas os “outros” as usam só facilita sua propagação (p.59).

O autor nos mostra um caminho interessante para que, através de projetos de prevenção como este, possamos atenuar o problema da drogadição a nível escolar. Enfatiza também a necessidade de os professores capacitarem-se e prepararem-se para a convivência diária com os adolescentes que talvez apresentem problemas com drogas, realizando primeiramente a prevenção primária.

A Adol3 propõe que os adolescentes que participam do projeto possam ir às boates da cidade para poderem distribuir folder, panfletos e adesivos sobre drogas, visando conscientizar os jovens sobre o problema da drogadição em que vivemos hoje em dia.

A Adol3 afirma que a *“maioria dos adolescentes inicia a usar drogas ilícitas pela maconha, por ser a mais barata a preferida pela maioria dos jovens, pois um baseado de maconha custa em torno de R\$ 1,00”* (Adol3).

Adolescentes que abusam de drogas apresentam movimentos estranhos dentro da escola, podendo muitas vezes caracterizar-se por pequeno tráfico, isto é, microtráfico. Através do projeto, a maioria dos adolescentes da escola conscientizou-se de que usar drogas não é futuro para ninguém e, conseqüentemente, esse tipo de movimento que havia, atualmente não ocorre mais. Contudo, é importante ressaltar que a participação ativa dos adolescentes juntamente com os professores e com a comunidade escolar os ajudou na preservação e na melhoria de suas vidas, fazendo com que se conscientizassem de que poderiam resolver seus problemas sem a necessidade de uso de drogas.

Para Albertini (apud AQUINO, 1998, p.55),

[...] a escola deve ter o cuidado para não contribuir com qualquer forma de rotulação, discriminação ou marginalização do usuário eventual ou assíduo do uso de drogas. Além das óbvias razões humanitárias para proceder dessa maneira, não podemos esquecer que a escola, na figura de seus agentes institucionais, desempenha um importante papel na formação da identidade dos jovens. Uma ação desse tipo, vinda com o peso da autoridade de um agente socializador oficial como a escola pode ajudar a sedimentar no usuário o estigma de não pertencer, de ser diferente, de não ter espaço no universo, supostamente “higiênico”, do ambiente escolar. Estabelecida essa marca na identidade do jovem em formação, as possibilidades de alteração da situação tornam-se bem mais remotas (p.55).

Percebe-se no relato de Albertini (1998), que a compreensão da temática sobre drogadição por parte dos professores é fundamental para que não ocorra na escola a exclusão destes jovens, pois pelo desconhecimento do assunto por parte dos professores situações como as citadas pelo autor não possam ocorrer na escola. Por isso, fica evidente que o desenvolvimento de projetos de prevenção como o proposto pela escola analisada pode favorecer outras experiências em ambas as escolas da rede pública e privada. A proposta desenvolvida pela escola, na visão dos adolescentes, contribui para a melhoria da qualidade de suas vidas propondo-lhes uma reflexão a perspectiva de uma vida melhor.

Continuando a análise de dados dos adolescentes, passamos agora a visualizar os relatos sobre os ***conhecimentos indispensáveis aos adultos para lidarem com usuários de drogas.***

Um dos problemas percebidos pelos adolescentes foi a falta de unidade por parte de alguns professores no início do projeto (no 1º ano). Um grupo de docentes no início não quis participar, omitindo-se de qualquer proposição de trabalhos que poderiam ser desenvolvidos em sua sala de aula. Com o tempo e com os elogios que o trabalho foi recebendo, estes professores, preocupados porque a escola estava tendo visibilidade e os seus nomes estavam fora do projeto, resolveram integrar-se, gradativamente.

Com o passar do tempo, a pressão que receberam de seus alunos por terem posturas diferentes em relação à maioria dos outros colegas, fez com que começassem a integrar-se aos poucos, realizando atividades diferentes em suas salas de aula. Os temas eram trazidos pelos alunos, que de uma forma ou de outra, conseguiram cativá-los para inserirem-se também no projeto. Em decorrência disso, a sala de fumantes que existia na escola foi extinta; mais uma conquista que o projeto fez para que a qualidade de vida da escola melhorasse.

Dentro deste contexto, os adolescentes entrevistados colocaram como conhecimentos indispensáveis para os adultos lidarem com usuários de drogas os seguintes: o diálogo da família com o adolescente e a participação mais ativa dos pais na educação de seus filhos.

A adol1 afirma em seu discurso que o principal de tudo são os pais,

eles devem estar muito por dentro da vida do filho, não importa idade, morando de baixo do mesmo teto, eu acho que os pais têm que estar sempre por dentro do que o filho faz. Tentar saber quem são os amigos, tentar saber onde é que ele vai, dar amor a seu filho, cuidar dele antes que um traficante venha e o adote.

Diz ela ainda que

os filhos procuram esse tipo de amizade porque não ganham carinho necessário em casa, às vezes o pai é muito ocupado, não tem tempo de ir jogar bola, conversar, nem que seja para falar de mulher, que pai e filho conversam. “Tirar um tempo para o seu filho é de suma importância, porque o seu filho é a coisa mais preciosa que Deus lhe deu, como é que o pai quer julgar um filho se atenção para ele não dá?”

Os filhos procuram este tipo de amizade porque não ganham o carinho necessário em casa, ficam muito isolados, sem ter a possibilidade de dialogar com seus pais, de trocar sentimentos, de poder olhar no olho e dizer alguma coisa de filho para pai porque amor de pai e mãe não se compra.

Um dos pontos mais sinalizados pelos adolescentes como sendo primordial para que eles não se tornem usuários de drogas é a família. Seus pais, na opinião deles, necessitam ser mais participativos, devem conversar mais com eles, dar mais carinho e amor, respeitando-os para que possam ser respeitados também.

Os pais devem estar muito atentos a seus filhos, devem estar muito ligados na vida que seu filho está levando, com quem sai, com quem conversa e discute os seus problemas. Os pais pensam que o filho está grande e não precisa de mais carinho e atenção, o adolescente também precisa ser chamado de filho, se está passando bem, como está nos estudos.

(Adol1)

Eles sentem a necessidade de ver que os seus pais preocupam-se com eles e estão interessados em seu crescimento profissional.

O uso de drogas, neste ponto é muito parecido com a violência. Não é possível bani-los do mundo humano, mas podemos transformá-los em forças capazes de nos mover a construir coletivamente a vida. Como nos ensinou Freud, ao pensar o mal-estar na cultura, muitas de nossas virtudes terão de brotar dessa face adicta e violenta que temos. A violência emerge porque temos de reinventar as maneiras de lidar com o convívio com nossos diferentes, sem nos valer de códigos genéticos ou de tradições imutáveis que comandem nossas condutas (LESCHER apud AQUINO, 1998, p.69).

Desta maneira, o primordial para um pai é estar integrado na vida social de seu filho, orientar sobre drogas, explicar riscos, uso, abuso e dependência, valorizando as informações e não criticando, perguntar a ele se já usou drogas, se conhece os diferentes tipos de drogas, se sabem identificá-las e se alguém já lhe ofereceu.

A adol1 afirma com relação à importância do pai para o seu filho: “pais e filhos têm que dialogarem, sem condenação, o pai deve estar por dentro da vida de seu filho. Existem pais que acham não ter mais que cuidarem da vida de seu filho de 18 anos, por ele ser maior de idade deve ter responsabilidade” (ADOL1). No seu discurso, a adol1 destaca a necessidade “sim” dos pais serem ainda co-responsáveis por seus filhos, mesmo eles tendo adquirido a maior idade. Em alguns

casos, a presença dos pais nas principais decisões que eles precisam tomar ajuda para que eles encaminhem-se para uma vida digna, de valores e virtudes e com isso para uma vida longe das drogas.

Ribeiro (2005) retrata um pouco o que foi trazido pela adol1.

Visto por este prisma, a prevenção do uso de drogas na escola requer, então, uma análise que esteja além da interpretação causal, ou seja, além de um entendimento subordinado a uma lei, a uma regra geral. Quando os alunos, de modo geral, propõem que o método de prevenção assumido pela escola leve em consideração, não uma verdade que é trazida de fora, mas que é construída nas suas relações com o mundo, eles solicitam, justamente, uma proposta que dê abertura a uma nova construção de verdades e conceitos, em que a premissa básica seja a sua percepção como ator social e não seres passivos que apenas recebem mensagens (p.99).

Para ilustrar o que o autor comentou acima, a adol3 nos fala que

um projeto desse tipo, numa escola grande como a nossa, deve ser trabalhado desde o pré-escolar até o último ano do ensino médio. Em primeiro lugar, deve ser trabalhado o respeito, depois o amor e após todos os outros princípios que o amor traz, como a esperança, a confiança em si mesmo, a coragem de comunicar-se, falar o que se pensa, a certeza de que pode e o respeito pelo pensamento alheio. Devemos respeitar as diferenças, o respeito deve ser igual, ninguém é inferior, por isso que a vida é urgente.

(Ado3)

A adol2 salienta que o adolescente deve ter consciência de que a vida de usuário de drogas não é a melhor forma de ele viver, deve ter o discernimento de que precisa sair dessa situação. *“É preciso que o usuário queira parar com o uso, se não se conscientizar não adianta nada, pois desta forma continuará com o uso, podendo chegar muito rápido ao abuso rumando para a dependência”* (Adol2).

Santos (2004) mostra também que a

família precisa perceber que a prevenção se inicia na mais tenra idade, de modo que esclarecimentos sobre droga devem fazer parte da comunicação

habitual (da mesma forma que se conversa sobre qualquer outro tema), sempre tendo como base a convivência afetiva (p.84).

De acordo com Aquino (1998), temas como o abuso de drogas e a violência afetam destrutivamente o cotidiano da juventude, qualquer que seja sua pertinência social, pois uns abusam de drogas apesar de terem tudo; outros, para suportar o pesado cotidiano da sobrevivência; e outros, por não terem nada a perder.

A partir de agora analisarei as falas dos adolescentes com relação ao **acesso e aquisição de drogas, conhecimentos existentes previamente e os adquiridos (agregados)** por eles no decorrer do projeto de prevenção desenvolvido na escola.

Neste tópico foram discutidos os saberes adquiridos e constituídos pelos adolescentes sobre drogadição.

A adol1 tinha, inicialmente, a concepção de que *“droga é droga, é ruim, não dá para estar com ela”*. Ela relata ainda que até os seus 14 anos de idade não entendia nada sobre drogas e que na cidade isso não era comum. Em seu discurso, relata que com o tempo os adolescentes começam a sair em turma com outros adolescentes que podem estar fazendo uso de drogas. No grupo, aprendem a conhecer alguns tipos de drogas, como a maconha, a droga inicial para a grande maioria dos adolescentes. Com o projeto desenvolvido na escola, os adolescentes puderam, através de uma gama de diferentes estratégias utilizadas pelos professores, adquirir conhecimentos para formarem a sua opinião perante a problemática da drogadição a nível escolar.

Já a adol2 afirma que antigamente, não sabia muito sobre drogas até porque em sua cidade o problema ainda era pequeno. Com o projeto sendo desenvolvido na escola, aprendeu que o problema da violência de hoje está diretamente ligado ao uso de drogas por jovens, *“Aqui na escola há muita gente que usa drogas principalmente no período da noite; sendo influenciada pela comunidade em que a escola está inserida, ocasionando uma série de dificuldades para própria escola.”*

(Adol2). Saliencia ainda que o uso de drogas está ligado à violência e também chega até os lares, através da violência doméstica, em que principalmente as mulheres são as mais vitimadas e sofrem agressões de seu marido ou até de seu filho, que fazem uso de drogas.

Hoje em dia, os jovens já não se constroem mais em usar drogas em locais públicos, eles estão deixando claro que são usuários de drogas. Os adolescentes da escola percebem hoje que através do projeto de prevenção desenvolvido conseguem distinguir usuários de outros não usuários. Essa constatação fica melhor ainda exemplificada através das diferentes estratégias de ensino que foram realizadas com os adolescentes, como atividades teatrais em sala de aula, o que ajudou muito na compreensão da problemática da drogadição, pois cada teatro realizado partia de uma idéia diferente, aumentando a bagagem de conhecimentos deles.

Para a adol3, o que ela conhecia sobre drogas antes de participar do projeto de prevenção era somente conhecimento teórico, conhecimentos básicos como os sintomas que as drogas podem causar, o porquê do uso, que seria pela curiosidade, os amigos, às más companhias e os problemas familiares. Hoje ela apresenta um conhecimento mais amplo, destacando o aspecto emocional que as drogas causam, o que significa dizer

precisamos encarar as situações de maneira nova, buscando novidades que chamem a atenção das pessoas. Um projeto sem novidade não atrai a atenção das pessoas, pois todos estão habituados a ouvir que drogas fazem mal e mais nada. A novidade apresentada é não dar tanto destaque ao tema droga, é valorizar a vida urgente, estamos trabalhando mais os valores, não apenas dizendo que a pessoa não deve usar drogas.

(Ado3)

Um outro ponto a destacar da fala da adol3 diz respeito à forma como ela aprendeu a lidar com a questão da drogadição. Em seu relato, a adolescente nos fala o seguinte:

Aprendi agora a dar base para o que eu sabia antes, tinha apenas a teoria, hoje estou aprendendo a forma de falar sobre esta problemática. Aprendi a falar sobre droga sem ser chata, redundante, pois para os adolescentes que fazem o uso de drogas, eles acham chato quem chega a eles falando sobre o assunto. Se chegares falando sobre drogas eles não irão te dar atenção, mas se chegares falando em um projeto de vida urgente ou de valorização da vida, essas palavras já lhes trarão um outro significado. Ressalto também como uma estratégia, a forma como irás falar com o adolescente, a entonação de sua voz e como irás abordar o tema. As palavras que utilizamos na abordagem são importantes, pois se não escolhermos as palavras certas, eles ouvirão a mensagem, não assimilando o assunto, portanto não conseguindo repeti-la a outra pessoa. Quando o assunto nos marca, comentamos sobre ele antes que alguém nos pergunte. Essa é a corrente do bem.

(AdoB)

Analisando a fala da adol3, percebemos que ela construiu muitos novos saberes a partir do projeto desenvolvido na escola e hoje consegue compreender e ajudar muito mais outros adolescentes que possam estar usando ou abusando de drogas, conscientizando-os e esclarecendo as principais dúvidas apresentadas. Saliente, ainda, que a adol3 em seu discurso construiu saberes categorizados por Tardif (2002) como sociais, que são construídos a partir dos “saberes que dispõem uma sociedade” (p.31).

Durante o seu relato, a adol1 tentou conceituar dependência psicológica, caracterizando como sendo “quando a adolescente precisa da droga para se sentir melhor, eu preciso da droga porque essa noite eu quero virar a noite dançando, curtindo” (Adol1).

Nesta tentativa de conceituação, a adolescente afirma que a parte emocional é o responsável pelo envolvimento que todos os que se envolvem com drogas apresentam.

Antigamente a escola apresentava uma clientela diferente da atual (média e baixa), classe média e alta, alunos vindos do centro da cidade, onde havia uma aceitação maior da sociedade pelos atos dos adolescentes. A grande diversidade

cultural que acontecia na escola contribuiu muito para que tivéssemos realizado o projeto que possibilitou o atendimento de todas as classes sociais. Em decorrência disso, a permissividade que existia das drogas ilícitas por parte de alguns professores passou a ser encarada como um problema e, através do projeto desenvolvido, buscou-se a sua solução através de atividades realizadas pelos professores em sala de aula.

O adol1 nos relata ainda que a sociedade hoje vem propondo diferentes estratégias para solucionar o problema da drogadição. Percebe-se que os adolescentes que fazem uso de drogas, na maioria das vezes, são aqueles que não se interessam, que não têm perspectiva de vida, não têm qualidade de vida. *“Para eles é muito mais importante não ficar um dia sem usar drogas do que ficar um dia sem estudar”* (Adol1). Ao adolescente usuário de drogas não interessa mais estudar, batalhar para conseguir as coisas, o que interessa para ele é estar sempre com os “falsos amigos” para usarem cada vez mais drogas. Essas atitudes acabam sendo prejudiciais para ele e principalmente para a sua família, podendo até desestruturá-la. Conseqüentemente, estes fatos ocasionam ao adolescente uma péssima perspectiva de futuro.

Tiba (2007) faz-nos uma afirmativa forte e que diz muito e precisaria ser analisada e refletida por todos os adolescentes que fazem uso de drogas. A droga não traz felicidade alguma, e sim muitas dificuldades para o jovem. Para ele, “quem é feliz não usa drogas!”. A felicidade está para a vida como a qualidade de vida está para a saúde, isto é, quanto mais feliz eu estiver, melhor estará a minha qualidade da minha vida e conseqüentemente melhor estará a minha saúde.

Pode-se perceber, pelas entrevistas, que a capacitação que era realizada ao final de cada ano de desenvolvimento do projeto propiciou ao grupo de professores da escola a continuidade do trabalho e uma melhora no nível de atendimento aos adolescentes. Eles puderam compreender melhor a problemática da drogadição, oportunizando aulas com assuntos voltados à melhoria de vida de todos os seus alunos.

Como o tema drogas é um tema transversal, essa maneira de interligar os conteúdos trabalhados nas diferentes áreas de conhecimento com temas escolhidos pelos alunos para o desenvolvimento de projetos pedagógicos favoreceu o sucesso do projeto, pois foram realizadas várias atividades voltadas a temática da drogadição com a participação ativa de toda a comunidade escolar (professores, alunos e comunidade em geral).

Um outro tópico discutido e retirado das entrevistas realizadas com os 03 adolescentes diz respeito às ***relações que estabelecem entre si e com os possíveis usuários e com qualidade de vida (relações intrapessoais e interpessoais)***.

Com relação a este tópico, a adol1 afirma que *“a qualidade de vida está diretamente ligada com o não-uso de drogas”* (Adol1). Os adolescentes que participaram do projeto de prevenção da escola vivenciaram, através da execução de peças teatrais sobre diferentes temas relacionados à drogadição, como é difícil o convívio com pessoas que usam drogas e como isso dificulta o seu desenvolvimento na sociedade, as relações intrapessoais e interpessoais também ficam dificultadas pelo uso indevido de drogas. Esse relato do adol1 mostra com clareza que é na escola que o trabalho de prevenção pode iniciar, e cada vez mais cedo para que esses adolescentes adquiram conhecimentos para esclarecerem as suas dúvidas, muito comuns nesta idade. Todos os adolescentes de maneira geral iniciam o uso de drogas sem conhecer os riscos que pode levar o abuso para a sua saúde e conseqüentemente para a sua vida. *“Ele não sabia dos males que as drogas podem causar”* (Adol1), diz um, referindo-se a um colega.

A adol2 afirma com relação ao uso de drogas que *“se não tivermos limites, princípios, não poderemos nos avaliar, se não pudermos nos avaliar, não poderemos avaliar os outros, perdemos completamente o discernimento do que queremos”* (Adol2). Ela diz ainda que os adolescentes não têm conhecimentos de si próprios porque *“eles não se amam, pois, para nos amarmos precisamos nos encontrar conosco, se não nos encontramos, não temos caminho para seguir, e ai então partimos para as drogas, não tendo mais limite”*.

Ribeiro (2005) caracteriza a adolescência como uma fase importante no desenvolvimento do jovem, afirmando que a

Adolescência é a fase de construção da personalidade. É na juventude que o indivíduo começa a escolher seus caminhos, a planejar o seu futuro, isso é gerador de conflitos, é a fase de transgressão (p.182).

A Adol2 caracteriza um adolescente sem limite como

aquele que não se ama, não se conhece, não tem princípio, não tem base para dizer onde vai parar, por que vai parar, não reconhece, não segue as leis. Amado-se, ele sabe por que precisa parar, que aquilo vai prejudicá-lo, sabe que só pode ir até certo ponto.

(Adol2)

Charlot (2001) mostra-nos como o jovem adquire saberes na escola.

O jovem atribui aos pais, aos amigos, à escola e à vida o aprendizado de atitudes tão "importantes". Esses saberes "como conversar com as pessoas", "andar com cuidado, não fazendo bagunça e nem zoando" são percebidos por ele como condição para que seu desejo de ser reconhecido pelas pessoas realize-se, em um movimento em que a reciprocidade é fundamental. E se considerarmos a importância da rua como um espaço público, podemos dizer que "saber andar nas ruas" é uma espécie de atestado de maioridade, o qual garante ao rapaz o direito de ir e vir nos ambientes que frequenta e, no limite, o direito de fazer parte de sua cidade, isto é, ser um "cidadão" (p.42).

A maioria dos adolescentes apresenta certa rebeldia e falta de perspectiva de vida, independentemente de ser usuário de drogas ou não. Esse descrédito que apresenta está diretamente relacionado com o seu estado emocional, pois, estando bem consigo mesmo, ele terá condições de visualizar uma vida cheia de êxito, mas, se não estiver bem consigo mesmo, suas possibilidades de perceber propostas e situações em que poderia ter uma boa visibilidade e crescer profissionalmente ficam mais difíceis.

A adol3 relata que os adolescentes podem ser amigos de outros adolescentes que fazem uso de outras drogas. O que na maioria das vezes ocorre é que *“estes outros adolescentes que fazem uso de drogas, ao saberem que nós não utilizamos, começam a chamarem de caretas”*, partindo violentamente para o convencimento e tentando influenciar o jovem não-usuário a ser um usuário.

Se tivermos uma cabeça boa, podemos resistir, se realmente for nosso amigo, saberá que aquilo que não é bom para ele, não é bom para nós. No momento que estamos próximos deles, começam a achar que somos caretas por que não usamos drogas, mas alguns deles estão fugindo de seus problemas, tentando ser alguém melhor com o uso de drogas e isso na realidade não acontece.

(Adol3)

Segundo uma das adolescentes, ao invés de julgar alguém, devemos primeiramente questionar sobre o problema, enfatizando aspectos bons e ruins, como por exemplo, o adol1 sugere em sua fala, *“tu está feliz agora, tu estás satisfeito com isso que tu passa à noite, com o que acontece contigo?”* (Adol1).

Nestes relatos dos adol1 e adol3 fica evidente que a escola deve agir imediatamente para ajudar estes adolescentes no seu desenvolvimento, propiciando esclarecimentos e vivências diferenciadas sobre as principais questões relacionadas à drogadição. Com relação a isso, Tiba (2007) nos fala que a escola tem obrigação de capacitar-se para enfrentar o maior mal do século, as drogas. Queiramos ou não, os adolescentes entrarão em contato com drogas, diretamente ou por meio de pessoas que usam ou com informações que bombardeiam o cotidiano deles. Sendo assim, a escola precisa ajudá-los a fortalecer a opinião contrária ao uso.

“A prevenção não depende só da inteligência nem da quantidade de informação recebida, mas do crédito dado a essa informação” (TIBA, 2007, p.202).

A escola em nosso mundo é o lugar que temos privilegiado como o espaço educativo para as nossas gerações. Observando a sociedade, percebe-se uma grande invasão das drogas neste singelo lugar privilegiado que é a escola,

significando um descontrole social cada vez maior, ocasionando, a cada dia que passa, maiores problemas aos adolescentes em idade escolar.

Aquino (1998) ajuda a pensar nesta questão da escola como um lugar privilegiado, dizendo o seguinte:

Pensamos que resolver a equação escola-adolescente-drogas exige mais do que dar somente respostas repressivas a um ou dois dos termos da equação. Quanto mais as respostas forem parciais, tentando suprimir o problema em vez de co-responsabilizar soluções, maiores serão as chances de produzir territórios cristalizados e impermeáveis (p.72).

No projeto desenvolvido pela escola investigada, a continuidade e a capacitação continuada dos professores a cada ano sobre a temática drogadição têm influenciado positivamente para que a escola tenha continuidade em seu projeto de prevenção, pois seu grupo de professores continua motivado e capacitado para continuar a ajudar o adolescente em sua caminhada escolar, esclarecendo as dúvidas que dizem respeito às drogas. Destaco também que anteriormente, por não conhecerem o assunto, os professores não conseguiam esclarecer as principais questões que eram trazidas em sala de aula pelos adolescentes, pois faltava a eles essa capacitação.

Um outro fator importante a destacar nas entrevistas realizadas com as adolescentes diz respeito ao diálogo que deve existir entre pais e filhos, adolescentes e professores e também entre professores e pais.

A Adol1 justifica no diálogo uma das possibilidades de resolução de muitos problemas em que os adolescentes possam estar envolvidos, como, por exemplo, as drogas.

É com a ajuda dos amigos e da família que o adolescente pode buscar uma força para sair dessa situação de uso de drogas. Muitos adolescentes são usuários e seus familiares não sabem.

(Adol1)

Por isso, uma conversa com seus familiares é importante para que consigam compreender melhor os limites do uso de drogas. Mas o que acontece, na maioria das vezes, é que seus pais não apresentam entendimento de que o diálogo é fundamental. Os filhos buscam nestas situações apoio em casa; como não recebem, buscam na rua, onde as drogas são oferecidas como “amortecedores” de seus problemas. *“É a estrutura familiar, composta de pai, mãe e irmãos que ajuda e muito aos adolescentes que usam drogas saírem delas”* (Adol1).

Hoje em dia, como já referido antes, ausência da figura paterna ou de quem a represente também passa a ser um fator preponderante para o aumento do uso e abuso de drogas por jovens em idade escolar. Muitos adolescentes abandonam a escola para ajudar sua mãe no sustento de sua família, tendo como consequência a diminuição do tempo na escola, levando-o a estudar à noite para poder trabalhar durante o dia. Isso pode ser verificado principalmente em escolas de EJA*, em que o objetivo é atender a clientela de adultos que está fora da escola há muito tempo e que hoje inclui muitos jovens com idade escolar regular.

Esses reflexos, originados especificamente por dificuldades familiares, repercutem na vida destes adolescentes. *“Hoje em dia, na periferia, as famílias são compostas pela mãe e seus filhos, onde a mãe assume os dois papéis, de pai e de mãe ao mesmo tempo”* (Adol2).

Existem pais separados e famílias em que a mãe assume os dois papéis. Acho que a estrutura da família já é algo que contribui para o uso de drogas. Pais separados não é motivo para que os filhos sejam drogados, mas se a mãe assumir os dois papéis, precisará ter domínio sobre o filho, caso contrário, ele vai fazer de tudo o que quiser, vai para a rua, ficará desestruturado e será influenciado pelos amigos.
(Adol2)

Esses jovens tornam-se usuários de drogas em potencial por não apresentarem uma boa base familiar. Eles precisariam aprender a gostar de si mesmos conhecerem-se primeiramente para depois conhecerem os outros.

Na escola, o projeto desenvolvido é interdisciplinar, e as atividades realizadas com os adolescentes em sala de aula são integradas ao projeto de prevenção. Isso teve muita repercussão na cidade devido ao seu sucesso e, atualmente, está servindo de modelo para outras escolas que também apresentam problemas de uso de drogas por seus alunos.

No final da entrevista, foi questionado a cada adolescente qual seria a mensagem final sobre o projeto.

As adolescentes, além de destacarem a importância do projeto de prevenção para a escola, fizeram uma série de sugestões e proposições de continuidade do trabalho. As falas dos adolescentes foram as seguintes: *“Todas as escolas deveriam ter essa iniciativa, devendo haver uma integração entre pais, escola e alunos”* (Adol1).

O adolescente usuário de drogas precisa conscientizar-se de que usar drogas é ruim, buscando estes esclarecimentos com pessoas que tenham afinidade, pois sabem que tudo que esta pessoa falar será para o seu bem, isso dará força de vontade para sair.

(Adol2)

Se mudarmos, mudamos emocionalmente primeiro, mudamos nosso pensamento, nossos princípios, nossa base de vida, então muda completamente nosso coração, nossos pensamentos, nossas vontades, se mudam nossa vontade, certamente mudaremos inclusive o nosso físico, dependendo daquilo que pretendemos modificar em nossa vida, para onde queremos ir, onde queremos chegar.

(Adol3)

A valorização e a continuidade do projeto objetivam-se devido a sua contribuição para o resgate da auto-estima e de valores. A formação inicial e continuada de professores é muito importante para que o projeto continue dando resultados positivos.

A participação em eventos organizados pela escola e em outros eventos fora dela contribuiu para que os adolescentes percebessem a importância deste projeto para as suas vidas e para a sociedade como um todo. As atividades desenvolvidas em sala de aula voltadas para a prevenção e valorização da vida contribuíram para a melhoria do comportamento dos adolescentes na escola.

Os professores de diferentes áreas de conhecimento trabalharam com vários temas através de atividades interdisciplinares que foram muito bem destacadas por todas as adolescentes em suas entrevistas como um aspecto positivo deste projeto, o qual originou-se do estudo de outros projetos que foram trazidos por alguns professores na época da sua elaboração, o que deu sustentação e credibilidade para que ele seja um sucesso. Para finalizar, os adolescentes entrevistados falaram sobre a contribuição que o projeto de prevenção da escola trouxe em termos gerais para a sua formação.

As adolescentes, no encerramento de suas entrevistas, foram questionadas sobre a contribuição que o projeto trouxe para as suas vidas.

Foi uma contribuição enorme, de 90%. A partir da escola, podemos aprender idéias diferentes. Com base nisso, formamos nosso pensamento, escolhemos uma profissão, realizamos diferentes leituras. Aprendemos a estabelecer comunicação, sem medo de sonhar, ir adiante. Se sonhamos, temos objetivos que visam construir um futuro promissor.

(Adol3)

Pelo que a adol3 trouxe em sua fala, percebemos que os conhecimentos adquiridos ao longo da sua trajetória de vida e os construídos com o desenvolvimento do projeto, possibilitaram uma forma de melhoria da qualidade de sua vida.

A adol1 mostra que a sua participação no projeto foi adequada, colaborando o máximo possível, tentando sempre cativar a participação de outras pessoas. “As

atividades diferentes como teatro, palestras, etc, que o projeto propiciou foram de muita utilidade para eu conheça melhor o problema da drogadição” (Adol1).

A escola fez a sua parte, agora precisamos fazer a nossa parte, formamos nosso pensamento sem medo de sonhar, se sonharmos temos objetivos, meu sonho é ser médica psiquiátrica

(Adol3)

Dentro deste contexto, saliento ainda que o destaque positivo feito pelos adolescentes é que o projeto existe, e o negativo é que ainda existem professores que fazem de conta que ele não existe. Sabemos que quando pretendemos realizar um trabalho deste porte e com um tema extremamente delicado e discutível, que muitas vezes não conseguiremos agregar a totalidade do quadro de professores. Mas o mais importante é que parte significativa dos professores da escola reconheceu o valor do trabalho, pelos resultados alcançados. Desta forma, os profissionais que ainda não se integraram ao projeto poderão fazê-lo a qualquer momento, pois o projeto é para todos e implica uma conquista fundamental e paulatina. É muito mais difícil motivar um professor que não participa do projeto do que um adolescente novo que chega à escola. Constatamos mudança de comportamento dos adolescentes e de alguns pais que participam mais ativamente das atividades frente às questões relacionadas à educação de seus filhos e às drogas.

5.3 COMUNIDADE

Os dados constantes nesse capítulo foram extraídos da análise das entrevistas realizadas com três membros da comunidade (um administrador, uma psicóloga e um delegado de polícia), numa tentativa de síntese dos significados por eles atribuídos à questão investigada. O apêndice nº 3 contém os dados extraídos das entrevistas, bem como as sínteses das unidades de significado de cada entrevista realizada com cada membro da comunidade.

A análise de dados foi realizada por categorias, discutindo, dentro de cada uma delas, as unidades de significados sinalizadas pelos membros da comunidade, e os saberes que eles apresentam sobre drogas. Procurou-se traduzir as falas em linguagem pedagógica.

A primeira categoria discutida, “Saberes sobre drogas”, foi analisada a partir da concepção que os membros da comunidade apresentaram sobre drogas, sobre uso, abuso e dependência de drogas bem como de qualidade de vida.

O próximo interlocutor entrevistado iniciou o seu discurso dizendo: *“A nossa comunidade hoje tem inúmeros casos de uso de drogas e essa foi a preocupação que nos levou a trabalhar nesse projeto”* (Com1). Informa ainda que a escola precisou discutir e debater muito com a polícia, promotoria e juizado para ajudarem na viabilização do PPD na Escola Vida. *“Hoje os valores estão invertidos, porque o poder do tráfico é maior do que o poder constituído. Às vezes ficamos impotentes, não sabemos o que fazer e como atuar nessas situações”* (Com1).

A partir disso, começamos o diálogo e pode-se perceber quais as concepções sobre drogas que os membros da comunidade apresentavam, mostrando a multivariabilidade de idéias sobre o mesmo tema. O membro da Com1 concebe drogas como *“tudo aquilo que usamos de forma inadequada, é tudo aquilo que não é benéfico para a sociedade, para a saúde, como fumo, bebida e até um remédio usado de forma inadequada, isto é, tudo o que usamos indevidamente”* (Com1).

Já o membro da COM2 apresenta uma concepção um pouco mais detalhada, na qual aparece também relação com a parte comportamental. *“Droga é toda a substância psicoativa que possa trazer algum tipo de alteração de comportamento e causar dependência”* (Com2).

O conceito trazido pelo membro da com2 faz também relação a um outro conceito que iremos discutir posteriormente, que é dependência. A concepção de

drogas que cada um pode apresentar depende do lugar por onde está olhando, isto é, das histórias pessoais e profissionais, das crenças, dos valores.

Santos (2004) conceitua droga como: “Substância que, quando administradas no organismo, provocam alterações no funcionamento do Sistema Nervoso Central (SNC) e levam a uma modificação no estado psíquico e físico do indivíduo” (p.17).

O membro da Com3 disse em sua entrevista que não apresenta conhecimento técnico sobre o assunto. Diz ter experiência de vida e profissional sobre o tema. Ele afirma que *“o uso de drogas, tanto lícita ou ilícita, está ligado à desagregação familiar e até mesmo à ignorância, principalmente no caso das drogas lícitas, há uma desinformação sobre os prejuízos que o tabaco e o álcool trazem, principalmente ao adolescente”*(Com3).

Percebe-se pela concepção apresentada pelos três membros da comunidade entrevistados a multivariada de idéias sobre o mesmo tema, e cada um dos membros traz a sua opinião a partir do seu olhar, de sua vivência profissional. O membro da Com3 diz não apresentar conhecimento técnico, mas é um profissional que lida diretamente com esta questão em seu dia-a-dia de trabalho. Mesmo executando tarefas mais “repressivas”, ele apresenta em seu discurso uma visão educativa, valendo-se de sua experiência de vida.

“Droga é toda substância, natural ou sintética, que introduzida no organismo vivo, pode modificar uma ou mais de suas funções” (VIZZOLTO, 1998, p.24).

O conceito apresentado pela autora evidencia muitos argumentos trazidos na fala do membro da com2, que, além de caracterizar o que é droga, foi um pouco além, fazendo uma relação com a dependência química.

O membro da com1 traz um conceito de droga um pouco mais voltado para a área social e da saúde, enfatizando principalmente as drogas lícitas, como tabaco e álcool.

Droga é toda a substância, lícita ou ilícita, natural ou sintética, que uma vez introduzida no organismo, provoca alterações no seu funcionamento... (e o autor nos esclarece ainda mais:) drogas psicoativas são aquelas que alteram o funcionamento do sistema nervoso central (SNC), principalmente a consciência, as funções cognitivas (memória, atenção, orientação e, conseqüentemente, o pensamento), o afeto, senso percepção e conduta, e que podem levar à adição e a problemas físicos ameaçadores à vida (FERREIRA apud OUTEIRAL, 2003, p.12).

O homem sempre conviveu com o uso de substância psicoativas utilizadas para as funções terapêuticas em diferentes situações como em cerimônias religiosas, lúdicas e recreativas.

O membro da com3 nos fala ainda que existiu uma cultura entre nós, principalmente com relação à bebida alcoólica que antigamente poderia ser permitida aos adolescentes, porque não trazia nenhum malefício. Essa permissividade ocorreu em parte por causa da ignorância de seus familiares. Hoje sabemos que ela traz muitos malefícios aos adolescentes, ocasionando para muitos, além de problemas de saúde, indisciplina na escola, brigas, confusões e até situações de internações para desintoxicação pelo abuso de drogas. Segundo o entrevistado, a forma de combater o problema é através da união das entidades que compõem a sociedade, tentando, com reuniões e debates, buscar solução para esta questão que está afetando a juventude de nosso país.

O segundo tópico analisado referente à categoria dos saberes sobre drogas foi a concepção sobre abuso de drogas.

Por abuso de drogas, Schuckit (1991) nos destaca aspectos importantes que podem ser identificados nas falas dos membros da comunidade. Diz o autor:

O uso de uma substância que altera a mente de um modo que difere das práticas médicas ou sociais geralmente aprovadas, isto é, quando o uso continuado de uma substância que altera a mente representa mais para o usuário que os problemas causados por tal uso, pode-se dizer que a pessoa está abusando da droga (SCHUCKIT, 1991, p.24).

O membro da com1 diz que *“conceituar o que é uso e abuso é um grande dilema, um desafio”* (Com2), porque o abuso é uma questão mais preocupante devido à intoxicação do adolescente, que apresenta muitos riscos a sua saúde, podendo ocasionar acidentes e algumas situações de violência.

A comunidade como um todo, muitas vezes, acha-se incompetente para atender inúmeros casos de usuários de drogas por não apresentar conhecimento sobre o assunto e como ajudar o adolescente nesta situação que se impõe naquele momento.

O abuso é tudo aquilo que deixamos de dosar, eu, por exemplo, fumava desde os 14 anos, tive uma isquemia cerebral e o médico disse que eu deveria escolher entre o tratamento e o cigarro e, a partir daí nunca mais coloquei cigarro na boca. Posso beber uma cerveja, mas se beber 3 ou 4 já será um uso indevido. A mesma coisa é com o uísque, beber uma dose tudo bem, mas beber 5 doses já é uma droga, porque ficamos inconscientes, perdemos a razão; então, para mim, todo o exagero é um abuso.(Com1)

“Não existe uma cota segura de consumo de drogas” (Com3). O uso sempre começa experimentalmente, isto é, através da curiosidade o adolescente resolve experimentar uma dose para ver como é que é e, a partir daí, começa aumentando o número de doses ao dia, ocasionando já uma situação de abuso que poderá levá-lo rapidamente à dependência química, pois imediatamente o usuário poderá passar a utilizar a droga por várias vezes todos os dias. Essa situação ocorre com a maioria dos adolescentes que iniciaram o seu uso pela curiosidade, gostaram da sensação de prazer que sentiram e, a partir daí, começaram a usar a droga diariamente.

O membro da com3 comentou em sua entrevista que *“o perigo está no fato de quem começa se embebedando”* (Com3). O uso constante de bebida alcoólica ou de fumo pode levar o usuário a uma situação de risco eminente de passar rapidamente de um experimentador para um abusador e de um abusador para se tornar um dependente. *“As pessoas começam com um cigarro por semana e vão aumentando o consumo até ficarem viciadas”* (Com3).

O membro da com3 ainda faz referência a diferentes pesquisas realizadas em todo o país, segundo as quais a maioria dos jovens se enquadra no item dos experimentadores sociais, como se um jovem soubesse delimitar se ele pertence a um quadro ou outro. Parece que os jovens não têm condições de fazer essa distinção. *“Na minha concepção, a pessoa percebe que já é viciada no momento em que se conscientiza do problema. Antes disso, ela somente consome”* (Com3).

As questões que envolvem o uso e a comercialização dessas substâncias vêm se agravando acentuadamente, na atualidade, e constituem uma séria ameaça à humanidade e à estabilidade das estruturas social, econômica, cultural e política dos países e sociedade.

O jovem demonstra também extrema dificuldade de relacionamento com a figura de "autoridade", desafiando e transgredindo compulsivamente. A realidade fica insuportável, os únicos momentos dignos de serem vividos são quando vive o imaginário, alucina o real e descobre no corpo sua fonte de prazer (SANTOS, 2004, p. 60).

O membro da com3, em sua atividade profissional diária, diz em seu depoimento que raramente se depara com alguma pessoa que se diga viciado. *“Dizem que são usuários ocasionais, fumam maconha, fumam só uma pedra de crack por dia e param quando querem. Contudo, fumam todos os dias, porque acham que ainda não são viciados. Quando a pessoa se conscientiza, já está com uma série de problemas, quer sair e não consegue mais”* (Com3).

Para ilustrar bem a gravidade do problema em que os adolescentes estão entrando, podendo tornar-se um dependente em potencial, Tiba (2007) nos traz a seguinte situação verificada por adolescentes.

Muitos jovens curiosos, problemáticos ou aventureiros são assolados pela propaganda enganosa e acabam mergulhando nas drogas. A partir daí, a droga atinge os mais preservados recônditos bioquímicos dos neurotransmissores e seus receptores e pode trazer sensações de prazer. Então, antes mesmo de nosso jovem perceber que não consegue mais se livrar dela, a relação entre droga e usuário começa a ficar mais séria, pois foi instalado um novo vínculo, o vício (TIBA, 2007, p. 23).

Passamos a analisar agora qual a concepção sobre dependência que os membros da comunidade apresentam.

O membro da com1 relata que *“dependência é quando perdemos o controle”* (Com1). Diz ele ainda: *“há muitas pessoas viciadas em aspirina, começaram tomando um comprimido e hoje tomam 10, 15 ou até 20 comprimidos por dia. O problema da automedicação é sério e não deixa de ser uma droga, porque não existe controle”*(Com1).

Atualmente existem milhares de pessoas que cometem o mesmo erro, realizando a automedicação sem nenhum controle médico. Muitas pessoas indicam ou até prescrevem remédios para outras pessoas sem nenhum conhecimento sobre os efeitos colaterais que podem causar. Percebe-se, portanto, que o que causa a dependência de drogas é um somatório de fatores que podem ser de ordem psíquica, física ou comportamental.

Schuckit (1991) diz que *“dependência, também chamada habituação ou uso compulsivo, implica uma necessidade psicológica e/ou física à droga”* (p.24). Ele, assim como Vizzolto (1990), admite dois tipos de dependência, a física e a psicológica.

Por dependência física a autora entende:

O estado de adaptação que se manifesta pelo aparecimento de profundas modificações físicas, quando se interrompe o uso da droga. Essas alterações são chamadas de síndrome de abstinência e se manifestam por sinais e sintomas de natureza física e psíquica e variam conforme a droga (VIZZOLTO, 1990, p.28).

Para Schuckit (1991): *“A dependência física indica que o corpo se adaptou fisiologicamente ao uso crônico da substância, com o desenvolvimento de sintomas quando a droga é interrompida ou retirada”* (p.24).

Por dependência psicológica, o mesmo autor afirma: “Uma característica de todas as drogas de abuso centra-se na necessidade de droga pelo usuário, de modo a atingir um nível máximo de funcionamento ou sentimento de bem-estar” (p.24).

Já Vizzolto (1990) caracteriza a dependência psicológica da seguinte maneira: “Sensação de satisfação e um impulso psíquico provocado pelo uso de droga, que faz com que o indivíduo a tome continuamente, para continuar satisfeito e evitar o mal-estar” (VIZZOLTO, 1990, p.28).

A dependência, antes diferenciada em física e psíquica, foi recentemente incluída pela Organização Mundial de Saúde (OMS) dentro de um contexto maior. Não é apenas a quantidade e a frequência do uso que podem determiná-la, mas se o seu consumo levar a pelo menos três dos seguintes sintomas ou sinais ao longo dos últimos 12 meses:

- * forte desejo ou compulsão de consumir drogas;
- * consciência subjetiva de dificuldade na capacidade de controlar a ingestão de drogas;
- * uso de substâncias psicoativas para atenuar sintomas de abstinência, tendo consciência da efetividade desta estratégia;
- * estado fisiológico de abstinência;
- * evidência de tolerância, usando doses crescentes da substância requerida para alcançar os efeitos originalmente produzidos;
- * estreitamento do repertório pessoal de consumo, passando, por exemplo, a consumir em ambientes não-propícios, a qualquer hora etc;
- * negligência progressiva de prazeres e interesses em favor de drogas;
- * persistência do uso de drogas, a despeito de clara evidência de manifestações danosas;
- * evidências de que o retorno ao uso da substância, após um período de abstinência, leva a uma reinstalação do quadro anterior (CARLINI et al, 1990, p.3 apud SANTOS, 2004, p.18).

Mesmo com a decisão da OMS em unificar o conceito de dependência em um só, acho ainda que estes conceitos possam servir para que os adolescentes entendam o que as drogas são capazes de causar à sua saúde, facilitando as abordagens que os professores possam utilizar em sala de aula.

O membro da com2, sobre a idéia de dependência, afirma que ela “*existe quando o consumo da droga é o foco das atividades de lazer, ou seja, quando a*

peessoa programa suas atividades em função do horário de consumo, quando existe um padrão, um horário, um ritual de consumo, um local” (Com2).

Para o membro da com3, a idéia de dependência não é muito diferente da com2. *“Quando uma pessoa não sente mais a necessidade física ou psíquica de consumo, não conseguindo mais deixar de ter acesso à droga, cometendo atos que normalmente não cometeríamos para ter acesso à droga” (Com3).*

Analisando as duas falas, percebe-se que tanto o membro da com2 como o da com3 destacam no conceito de dependência a necessidade premente que o usuário apresenta quando já está nesta fase, modificando bruscamente o seu dia-a-dia. O membro da com3 vai um pouco mais fundo na questão e nos traz a idéia de que o usuário, quando necessita da droga, é capaz de cometer atos que normalmente não cometeria se não estivesse “fissurado”, isto é, sentindo a falta da droga. A fissura é um dos maiores problemas que os usuários de drogas apresentam quando querem parar de utilizá-las, pois é uma sensação muito difícil de controlar se querem ter sucesso no afastamento da droga. Muitos deles acabam recaindo por não suportarem a sensação, voltando ao vício para aliviá-la.

Tiba (2007) nos mostra em seu livro “Juventude e drogas: anjos caídos” um exemplo interessante que pode evidenciar o que os membros da comunidade trouxeram em seus relatos nas entrevistas realizadas.

É preciso lutar contra ele, porque o próprio canabista, mesmo ignorante, sabe (se não sabe, sente) como já está diferente. Sua concentração não é a mesma, não tem mais paciência para estudar, não tolera mais “sua mãe pegando no seu pé”, não acha graça em sair com quem não é canabista, prefere ficar com amigos canabistas a namorar (TIBA, 2007, p.236).

Não há organismo biopsicossocial que se mantenha relacionalmente íntegro em um viciado que fume um baseado por dia. O dependente pode dizer que a maconha em nada alterou sua vida, para argumentar com os pais e fazer alarde para os outros jovens, mas é impossível ignorar os prejuízos (TIBA, 2007, p.236-237).

Ninguém duvida da importância do problema das drogas no mundo dos adolescentes. É um problema que a cada dia que passa vem aumentando e levando muitos jovens a adoecerem, a cometerem violências e a criarem confusões.

No que diz respeito às drogas, conhecemos cada vez melhor seus efeitos, seus mecanismos de ação, de falta. Conhecemos a dificuldade, a longa duração, o risco de recaída e todos os tratamentos propostos. Mas de nada adianta refletir somente assim, droga por droga, correndo o risco de deixar que os jovens “sarem” de uma droga para caírem em outra, de menor ou pior grau tóxico. É preciso também interrogar-se sobre a existência de um ponto comum a todas essas formas de dependência, ou seja, existe ou não um mecanismo comum a todas as dependências, seja qual for a droga incriminada, existe uma predisposição para a dependência, física ou psíquica (KIPMAN apud MORIN, 2005, p.444-445).

O último tópico a ser destacado na fala dos membros da comunidade referente à categoria saberes sobre drogas, trata-se da qualidade de vida.

O membro da com1 disse que qualidade de vida “*é dar valor a sua própria vida, é ter uma vida regrada*” (Com1). Este entrevistado lembra que, antigamente, tinha uma vida voltada para os valores materiais, até ter uma isquemia cerebral. A partir daí, sua vida mudou, nunca mais bebeu exageradamente, não gastou mais o dinheiro que gastava e aprendeu a se respeitar e valorizar mais a família. “*Chego cedo em casa hoje, valorizo muito mais a minha família, pois ela é tudo em nossa vida*” (Com1).

Já o membro da com2 relaciona a qualidade de vida com o gostar de viver.

Quando a pessoa gosta do que faz, tem um bom relacionamento com as pessoas, capacidade de formar vínculos e, principalmente, de aprender, de gostar de conhecer, interessar-se pelo que acontece, como acontece. A qualidade de vida também está relacionada aos objetivos, aos sonhos, planejamentos da pessoa, pois quando existe qualidade de vida, projetamos coisas boas, temos uma boa perspectiva.

(Com2)

Nos dois relatos percebe-se a importância que eles dão à vida, isto é, ter um bom diálogo com a família, conviver com amigos, praticar esportes, apresentar capacidade de formar vínculos, ter sonhos e aprender a gostar de si mesmo para que possa gostar também dos outros.

O membro da com3 caracteriza qualidade de vida *“quando nos sentimos bem em qualquer atividade, sem fazer nada que agrida nosso organismo, isto é, estarmos satisfeitos com o que fazemos sem nos agredirmos”* (Com3).

Neste relato, percebe-se que a não-utilização de droga é associada a estar de bem com a vida, vivendo com qualidade, pois assim se consegue realizar as tarefas solicitadas no trabalho, desenvolver valores em sua formação, não abrindo espaço algum para as drogas. Pode ser uma visão um pouco idealizada, mas indica uma concepção.

A segunda categoria a ser analisada nas falas dos membros da comunidade diz respeito aos saberes adquiridos que foram analisados a partir do conhecimento sobre drogas adquiridos no cotidiano e do conhecimento sobre drogas adquirido no PPD.

O membro da com3 destaca em sua fala que adquiriu estes conhecimentos de forma empírica. *“Na minha época de escola, por preconceito, não se falava em droga”* (Com3). Segundo ele, aprendeu alguma coisa ao realizar o seu curso superior e em sua formação profissional, na qual recebeu uma *“noção voltada mais ao combate às drogas do que à prevenção, isto é, só a repressão”* (Com3). Em seu trabalho diário, recebe muitas pessoas que apresentam problemas com álcool e/ou outras drogas e muitas vezes não consegue encaminhá-las para atendimento por falta de recursos na cidade. *“Muitas vezes, a família quer ajudar o adolescente, esboça vontade, porém não existem instituições para realizarem o acompanhamento. Nossa comunidade percebe que a classe pobre é a que chega mais a nós, não tem condições financeiras de arcar com uma internação”* (Com3).

Neste relato, fica claro que o interlocutor apresenta algum conhecimento prévio sobre o tema e que adquiriu mais conhecimento em sua formação acadêmica e profissional, utilizando-o até hoje em sua atividade diária. Gostaria de comparar este conhecimento prévio e adquirido que o membro da com3 nos relatou com o que Tardif (2002) nos traz quando fala dos saberes adquiridos pelos educadores, que não são diferentes de qualquer profissional: “os saberes oriundos da experiência de vida e profissional do educador são construídos com o passar do tempo, são os saberes específicos do trabalho cotidiano e do conhecimento do seu meio” (p.39).

Para Gauthier (1998), entretanto, “O que limita o saber experiencial é exatamente o fato de que ele é feito de pressupostos e de argumentos que não são verificados por meio de métodos científicos” (p.33).

Logo, os saberes experienciais, para serem legitimados, precisam de espaços de socialização e reflexão.

O membro da com2 afirma que se interessou pela questão da droga devido ao envolvimento de um primo de seu esposo que se tratou em várias clínicas sem sucesso. Também adquiriu conhecimento por participar do conselho municipal de saúde da cidade, no qual trabalhou na comissão de saúde mental por 2 anos. Diz o membro da com2 a esse respeito.

Um dos maiores problemas de saúde pública é o alcoolismo, a maior causa de internação. Isso porque, além do próprio paciente com dependência de álcool, existem todas as questões familiares de alcoolistas que vêm com bastante prejuízo. E aí temos essa relação entre depressão e alcoolismo, alcoolismo e depressão. Não sabemos o que vem primeiro, mas com certeza, a pessoa ficou dependente do álcool como uma forma de disfarçar ou avaliar suas angústias. Essa é uma leitura pessoal que eu faço. Os homens principalmente, na nossa cultura, resistem muito à necessidade de buscar um tratamento, consultar. Então, a primeira alternativa é beber para relaxar, para animar-se, entre outras coisas.

(Com2)

O relato trazido desta interlocutora traz dados relevantes que mostram os conhecimentos prévios e os conhecimentos adquiridos por este membro da comunidade em sua atividade diária. Ela salienta a importância da família no tratamento do adolescente, principalmente no seu acompanhamento no momento em que este mais necessita. As dificuldades que o adolescente apresenta nesse momento são, muitas vezes, desfeitas pela ajuda de seus familiares através de demonstrações de amor, carinho e afeto.

Os conhecimentos prévios do membro da com1 foram adquiridos basicamente através de sua atividade profissional. Anteriormente conhecia muito pouco sobre drogas, e esse conhecimento era somente de ouvir falar. Uma das atividades realizadas pelo membro da com1 foi a realização de uma auditoria no Pronto Socorro de POA. *“Lá conheci todo tipo de droga da área médica na época; ainda não existia cocaína, só a maconha, mas não era muito difundida, o mais comum era a droga remédio”* (Com1). Relata também que nunca apreciou drogas, mas teve amigos que se drogavam. Conheceu todas as drogas da época sem utilizá-las. Um sobrinho seu envolveu-se com drogas pesadas no Rio de Janeiro, mas seu irmão e sua cunhada não “passaram a mão por cima”, deixando que ele fosse até preso para poder aprender. Segundo o entrevistado, essa atitude foi muito importante para que hoje seu sobrinho não utilize mais drogas.

Ele foi preso e só recebia visitas uma vez por semana, no domingo, para receber uma comida melhor. O meu irmão foi muito claro com o delegado, aceitou que o filho fosse a julgamento, mas disse que não admitiria que o filho recebesse drogas dentro da prisão e se ele recebesse responsabilizaria o delegado por tal atitude. Acho que isso foi bom, pois meu sobrinho não teve acesso às drogas, ficou em jejum durante 6 meses e isso o fez conscientizar-se. Hoje ele é um grande advogado.

(Com1)

O interessante a ressaltar nesse depoimento foi o papel importantíssimo que a família desempenhou em relação à atitude do adolescente. É necessário tomar atitudes firmes e impor limites claros que ajudem a apresentar segurança, afeto, valores positivos, um espaço que sirva de modelo para que o adolescente possa

inspirar-se, valorizando o diálogo. Se os pais apresentarem a seus filhos bons exemplos de convivência, eles poderão utilizá-los como modelo para a sua vida.

Tiba (2007) nos evidencia muito bem isso através da seguinte afirmação: “Se os pais ainda hoje canabisam de vez em quando, não devem fazê-lo na frente dos filhos, porque nada autoriza mais um adolescente a usar maconha do que o próprio pai usando” (p.222). “Em vez de brigar com a maconha, vale mais a pena ocupar o filho com atividades e cobrar resultados” (p.223).

Esses dois exemplos trazidos por Tiba (2007) ilustram muito bem as situações com as quais nos deparamos constantemente. Os adolescentes usam seus pais como modelos, copiam para as suas vidas esses exemplos, podendo repeti-los em algum momento de sua vida. Por isso, é importante ressaltar o grande papel que a família tem no desenvolvimento e no crescimento dos adolescentes, pois suas influências tanto positivas como negativas podem influenciar e muito na forma de vida que os filhos terão pela frente.

Santos (2004),

utilizando-se de uma cartilha da OMS, assinala alguns fatores de risco que podem ser apontados como predisponentes para um maior uso de drogas como o desconhecimento dos efeitos das drogas, como possuir informações equivocadas a respeito das mesmas, possuir saúde deficiente e que por isso apresenta insatisfação com a qualidade da própria vida e com personalidade fragilizada e pouco integrada, facilitando na obtenção de drogas (p.65)

A autora nos mostra claramente a necessidade de que tanto a família quanto a comunidade e a escola devem ajudar este jovem a não incorrer em erros que possam levá-lo a este universo imenso que é uso de drogas. Por isso, precisamos, a cada dia que passa, instruir melhor os adolescentes, esclarecendo a eles qualquer dúvida que eles possam apresentar a respeito deste assunto.

Sendo assim, Vizzolto (1990) nos diz que “o abuso e/ou uso indevido de drogas é um ato de motivação de cada indivíduo incentivado anteriormente pelo próprio sistema sócio-econômico-cultural” (p.87).

O próximo tópico analisado trata do conhecimento sobre drogas que os membros da comunidade adquiriram nos PPDs do qual participam ou participaram.

Os conhecimentos sobre drogas foram obtidos basicamente a partir dos conhecimentos prévios que estes trouxeram de sua experiência de vida. Entretanto, o membro da com1, em sua entrevista, destaca que melhorou mais ainda o seu conhecimento a partir das palestras e dos seminários que foram oferecidos durante a realização do PPD. Relata que ele e sua filha eram fumantes, mas que nunca teve interesse em conhecer profundamente as conseqüências do tabagismo e que, depois de assistir a uma palestra sobre tabaco, ele e sua filha nunca mais fumaram. “Foi a partir das palestras que entendemos os prejuízos decorrentes do fumo, da automedicação, da bebida, também aprendemos a perceber onde a droga está e como identificar o seu uso” (COM1).

O membro da com2, antes de conhecer o projeto da escola, realizou, a convite da secretaria nacional antidrogas, um curso a distância de atualização sobre drogas para conselheiros municipais. Como ela era conselheira municipal de saúde, teve essa oportunidade para melhorar os seus conhecimentos. Isso ocorreu durante a elaboração do projeto, mas como também atuava na escola, pôde contribuir na sua elaboração. O projeto Vida Paz e Esperança foi concebido e divulgado para a comunidade bem nesta época, o que facilitou sua inserção, pois estava realizando, ao mesmo tempo a formação e a elaboração do PPD.

A partir desse conhecimento, vi que esse projeto é contínuo, permanente e com várias ações que buscam principalmente resgatar valores de vida, aproximar a família da escola. Observamos que do ponto de vista da comunidade, a escola tem uma aparência de ser bem cuidada, transparecendo organização e carinho. Percebi também que os adolescentes vão para a escola com prazer. A partir deste projeto melhorou muito a imagem da escola perante a comunidade, pelas referências que os alunos e seus familiares têm da instituição.

Eles estão satisfeitos com a qualidade de vínculos e da relação da família com a escola.

(Com2)

O sucesso da realização do PPD fica evidenciado no relato do membro da com2, pois por toda experiência que apresenta em sua atividade, como uma profissional da área da saúde, conseguiu identificar o que de bom o projeto trouxe para a melhoria da qualidade de vida dos adolescentes da escola, em como do exemplo que a escola está dando para a comunidade e para toda a cidade: pode-se construir um PPD na escola com a participação de todos que pertencem à comunidade escolar.

A mesma entrevistada nos fala ainda que antes do projeto a escola não apresentava uma boa imagem na cidade e na comunidade, pois havia muitos problemas com alunos que eram indisciplinados, que depredavam e pichavam o prédio. A escola não tinha condições de realizar diferentes manutenções toda semana, pois a violência com que os alunos depredavam era muito grande.

A partir deste projeto isso deixou de acontecer em função da forma como lidamos com essas manifestações dos alunos. Procuramos conversar e verificar o que estavam querendo falar com essas atitudes, qual seria a tradução delas, queríamos saber o que estava acontecendo, qual era a orientação da família, dos professores e dessa forma verificamos que os conceitos melhoraram muito.

(Com2)

As principais conseqüências positivas encontradas no desenvolvimento do PPD encontradas nas falas dos membros da comunidade foram a melhora da imagem da escola e a sua relação com a comunidade também. Notamos, ainda, que os alunos agora se deslocam para a escola com mais prazer.

Ainda dentro das conseqüências, o membro da com3 ressalta que com o desenvolvimento do projeto houve uma diminuição sensível de problemas legados para a delegacia, pois isso ocorria cotidianamente. Também foi percebido pelo

membro da com1 que o consumo de drogas influencia negativamente no comportamento dos adolescentes, acarretando a necessidade de desenvolver um trabalho voltado para a melhoria da auto-estima destes jovens.

Com relação aos conhecimentos, o membro da com3 relatou que tinha uma idéia do que ocorria dentro da escola, mas que não tinha a noção exata do que estava sendo feito. *“Havia depredações, insubordinações, danos ao patrimônio, brigas dentro da escola que obrigavam a escola a buscar ajuda externa, chamando muitas vezes a polícia para resolver essa situação”* (Com3). A presença da polícia na escola era um fato freqüente. Era uma postura de descontrole total e de não-compreensão do que estava acontecendo. Com a elaboração e o desenvolvimento do PPD, essas questões não mais existiram e a polícia deixou de ser presença constante no local. Posturas como essas iam de encontro ao que o projeto de prevenção mais valoriza e de que necessita, que é prevenir através da educação e não da repressão. Hoje podemos perceber o quanto a concepção e o manejo dos educadores e de muitos membros da comunidade mudaram a sua forma de ação em decorrência da execução do PPD. Esse projeto mudou a forma de encarar o problema da droga, mudou a forma de pensar dos professores frente a esta questão e também os conteúdos em sala de aula, utilizando-se hoje de atividades interdisciplinares e trabalhando com temas transversais, nos quais assuntos polêmicos como esse são trazidos para dentro da sala de aula e trabalhados pelos professores nas diferentes áreas de conhecimentos através de projetos interdisciplinares. *“É possível ter resultados positivos motivando a comunidade escolar, não só os alunos, mas também os pais. É preciso fazer com que os pais cumpram a sua função, não delegando somente à escola a responsabilidade de educar os seus filhos, trabalhando de forma integrada com a escola”*(Com3).

O que o membro da com3 afirma acima mostra-nos as soluções encontradas a partir do PPD, segundo o qual a participação da família, da escola e dos adolescentes deve acontecer de forma integrada e participativa, valorizando o debate e a discussão entre eles.

Dando continuidade à análise de dados, passamos a analisar a categoria **Saberes da experiência, destacando o tópico conhecimentos trazidos da experiência de vida profissional.**

Os saberes trazidos pelos membros da comunidade foram analisados a partir das falas destes e dos subtópicos extraídos nas entrevistas. Estes foram os conhecimentos adquiridos pela experiência profissional, exemplos de vida que foram dados para os filhos, a educação que receberam de seus familiares, as conseqüências do uso e do não-uso de drogas, as conseqüências para melhoria da qualidade de vida, a experiência da escola, parcerias surgidas a partir do PPD, o silêncio da comunidade versus sobrevivência, parcerias com outros órgãos municipais e estaduais e a abundância de oferta de drogas que encontramos na sociedade.

O primeiro subtópico a ser analisado foi a experiência profissional. O membro da com1 afirmou que sua participação dentro do projeto era dar suporte financeiro, angariando fundos para a sua realização. *“Escolhiam o palestrante e eu administrava a parte financeira para que o seminário tivesse sucesso. Participava das reuniões, mas a minha tarefa era essa”*(Com1). Relata ainda que desde jovem viajou muito a trabalho, tanto dentro do Brasil como no exterior, adquirindo muito conhecimento com estas viagens.

Acho que é por isso que nunca tive tempo de me preocupar com a droga, sempre me preoquei com o trabalho, a família e os amigos, tinha claro o lado perverso da bebida em momentos sociais, adquirindo na sua vida muitos conhecimentos e essa experiência me ajudou muito na educação de meus filhos, consegui mostrar a eles que para vencer hoje tem que ser o melhor, não o mais ou menos.

(Com1)

O membro da com2 relatou que com a sua experiência profissional adquiriu conhecimentos importantes e fundamentais para a sua formação em drogas, através do curso a distância que realizou, tendo como tarefa realizar o mapeamento do que a cidade apresenta em termos de serviços para atendimento à dependência química

e quando trabalhou nos conselhos de saúde, da criança e do adolescente e no de assistência social. Nesta atividade, pôde compreender como ocorre a relação dos adolescentes com a droga no que tange aos aspectos da saúde, do psicológico e do social, dentro de uma visão holística biopsicossocial como é o fenômeno da drogadição. As experiências que obteve nos referidos conselhos ajudaram-no a organizar, juntamente com outros técnicos da prefeitura, o conselho municipal antidrogas, o qual coordena há 2 anos.

Com relação ao membro da com3, a experiência profissional que trouxe para o projeto foi somente a partir de sua formação, através de palestras e seminários a que assistiu quando um colega falou sobre drogas para um número grande de pais. Antes disso, conhecia drogas de uma maneira geral, não profundamente. Durante esta palestra, seu colega questionou um pai em um momento de debate *“se ele queria que a polícia entrasse em sua casa e cuidasse de seus filhos”* (Com3). Isso o chocou muito, mas hoje reconhece que seu colega tinha razão naquela afirmação, e disse que *“hoje se tivesse que dizer a mesma coisa eu diria, mas de maneira mais contundente”* (Com3).

O que podemos afirmar hoje é que a comunidade desconhece as causas que levam um adolescente às drogas, pois estes estão cada vez mais sozinhos, isolados, desacreditados, desvinculados e sem valores morais e éticos. Esses adjetivos colocados aos adolescentes justificam as dificuldades que a família encontra para conseguir tirá-los da droga.

São muitos os questionamentos a respeito dessa situação. Um deles é a eliminação de conflitos explícitos e disfarçados com relação à aproximação professores-família e o adolescente. O outro é como evitar que essa demanda de participação dos pais na educação de seus filhos não represente discriminação para os que não podem participar. A participação da família neste processo e a integração entre professor e adolescente podem representar o suporte de que este necessita para sair do inferno que é o abuso de drogas. Muitos exemplos foram dados pelos membros da comunidade para que os adolescentes pudessem refletir sobre a possibilidade ou não de segui-los.

Um outro fator importante que o membro da com1 evidenciou em sua entrevista diz respeito à educação que recebeu de sua família. Segundo ele, *“conseguiu mostrar para seus filhos que para ser um vencedor tem que ser o melhor”* (Com1) e isso representa não usar drogas, pois fazendo o uso com certeza seu filho não seria um vencedor. Também relatou que morou muito tempo sozinho e que esta experiência ajudou muito a ser a pessoa que é hoje, pois precisou administrar bem a sua vida para chegar aonde chegou.

Sendo assim, em sua opinião, as conseqüências do não-uso de drogas deram-lhe oportunidade para *“trabalhar em grandes empresas e apresentar em um pequeno espaço de tempo um crescimento profissional e um acúmulo grande de experiência em sua área”* (Com1).

As conseqüências verificadas pelo PPD para a melhoria da qualidade de vida dos adolescentes da escola são visíveis na fala do membro da com2, que propôs a organização de um conselho de atenção ao álcool e outras drogas. Essa idéia surgiu a partir de diferentes atividades realizadas na escola e da trajetória que já tinha adquirido quando, no início do projeto, realizou inúmeras audiências com o prefeito da cidade, objetivando desenvolver estratégias para resolver a questão da drogadição a nível escolar e da cidade.

A partir daí, surgiu à possibilidade de realizar parcerias que foram efetivadas a partir do PPD. O membro da com2, por ser conselheira municipal de saúde e também professora da escola, propôs uma parceria com os conselhos de saúde, de educação, a secretaria de educação e a Escola da Vida para viabilizarem a primeira conferência municipal sobre drogas. Esta atividade ocorreu pela primeira vez em 2004 e a cada final de ano esta atividade era repetida com o mesmo sucesso que obteve na primeira edição.

O membro da com3 destacou também em sua fala as conseqüências do uso de drogas e a falta de apoio da família do usuário quando este já está fazendo o uso de alguma substância psicoativa.

A pior forma de se educar um filho é não ter uma diretriz, uma linha educacional que lhes dê clareza e segurança. Se você for mais tradicional, mais liberal ou um misto destas duas tendências, tudo bem: desde que as coisas fiquem claras para os filhos, desde que haja coerência, constância e justiça nas atitudes dos pais (ZAGURY, 2002, p.122).

Hoje em dia, verificamos que cada vez mais os adolescentes encontram-se sem apoio de seus familiares, não tendo com quem discutir a suas dúvidas e mesmo não tendo com quem dividir e conversar sobre os seus problemas. E exatamente neste momento da vida dele é que alguém mal intencionado está esperando para encaminhá-lo para o caminho das drogas. *“O traficante substitui o pai, dá atenção para o teu filho, conversa, orienta à sua maneira”* (Com3).

Essa situação é tão preocupante, que a cada minuto que passa um adolescente poderá estar sendo levado para este caminho sem fim, doloroso e de difícil saída que é a droga, podendo levá-lo até a situação de prisão por tráfico de drogas, roubos ou violência doméstica.

“Muitas vezes, ser pai de adolescente significa saber retirar o time de campo na hora certa. Evitar bater de frente quando for possível e o assunto não for relevante é uma forma inteligente, prudente e de grande eficácia no dia-a-dia” (ZAGURY, 2002, p. 125).

Cabe ainda ressaltar uma outra particularidade que tende a acompanhar a drogadição, a passagem do registro do prazer para o da necessidade.

Albertini (apud AQUINO, 1998) nos afirma que

No início o usuário consegue dominar a sua relação com o objeto droga, e usufruir o prazer advindo dessa relação, com o passar do tempo muitos não conseguem mais viver sem a utilização, agora necessária e urgente, desse objeto. O que se observa nestes casos é uma imensa perda de liberdade, o indivíduo progressivamente torna-se um escravo daquele objeto mágico, sem ele nada é belo, nada tem graça, nada é possível. Certamente, um somatório de fatores, de diferentes ordens biológicas, psicológicas, sociais e situacionais contribui para o estabelecimento desse grau de vínculo com as drogas. Um objeto que nos acena para a saída do mal-estar, mas que, dependendo da relação que estabelecemos com ele, pode significar a entrada numa enorme prisão (p.54-55).

Com base no que diz Albertini sobre a passagem do registro do prazer para o da necessidade, analisamos o relato do membro da com3 sobre a situação familiar crítica em que se encontra a família de um adolescente que faz uso de drogas.

Para nos mantermos longe das drogas, lícitas ou ilícitas, precisamos muito do seu exemplo antes de tudo. Precisamos dar orientação, compreensão, do carinho, atenção e amor. Mas precisamos também dar segurança e limites. Precisamos acreditar no futuro e no trabalho, precisamos estar engajados em um projeto de vida, precisamos nos sentir úteis e produtivos (ZAGURY, 2002, p.116).

Verificamos também uma situação muito constrangedora que ocorre em todas as comunidades carentes onde existe o tráfico de drogas. Os traficantes dominam a comunidade e manipulam os seus moradores, utilizando-os como proteção aos seus atos criminosos.

O membro da com3 deixa isso muito claro quando diz que *“pessoas da comunidade têm medo de prestar depoimento que sirva de prova contra o traficante de sua comunidade”* (Com3), devido ao medo que é instalado nestas comunidades pelos traficantes, que impõem a lei do silêncio. Essa lei imposta justifica-se pela troca de sua sobrevivência, isto é, sempre que as pessoas são questionadas se conhecem determinado morador elas dizem que não e que não sabem de nada. Nestas situações, a comunidade transfere a responsabilidade, pois o estado não dá as mínimas condições de segurança a seus membros. Em relação ao uso de drogas pelos adolescentes, o estado tem a sua parte de culpa quando não consegue frear o tráfico, mas a família, principalmente, é a que apresenta a maior responsabilidade por não educar corretamente seus filhos.

Um outro fator que contribui muito para o aumento do tráfico e do consumo de drogas é a grande abundância de oferta de drogas em nossa sociedade, disponibilizada principalmente para os nossos adolescentes. Muitos pesquisadores acreditam que um dos motivos do aumento do consumo é o aumento da oferta. O membro da com3, entretanto, em seu relato afirma que *“desconhece alguma pesquisa que comprove que uma das causas do consumo seja a oferta”*(Com3).

Num momento como este, o único papel possível consiste em dizer claramente que os adultos não têm nenhum paraíso para oferecer, mas que a escolha não é entre o paraíso e a sociedade. Querendo ou não, já que o mundo gira, a escolha é entre um futuro inserido (e que pode ser tranquilo) e a desgraça, porque na sociedade em que vivemos, e quaisquer que sejam os motivos e o valor que lhe damos, a droga leva à loucura, à morte ou rejeição (OLIEVENSTEIN, 1980 apud SANTOS, 2004, P.62).

Dando continuidade à análise de dados, passamos a analisar a categoria **Relacionamentos entre os adolescentes, família e comunidade.**

Dentro deste tópico, foram analisados os subtópicos relacionamento comunidade e adolescentes, relacionamento adolescentes e família, relação escola e adolescentes, relacionamento comunidade, área externa da escola com adolescentes, adolescentes e tratamento para dependência química, capacitação aproximando as relações escola/família/comunidade/adolescentes, relacionamento familiar e pais ausentes, discriminação adolescentes e comunidade.

Primeiramente foi analisado o relacionamento da comunidade com os adolescentes. Um dos grandes problemas que existem na comunidade é o envolvimento que os adolescentes têm com drogas. Existem usuários que são orientados pelos “patrões” do tráfico para que atraiam cada vez mais jovens para o consumo de drogas.

O membro da com1 relata uma situação que era vivenciada em um bar em frente da escola, que era somente fachada e que vendia livremente todo o tipo de drogas para os adolescentes da escola. Com a realização do PPD, juntamente com os órgãos estaduais e municipais, esse estabelecimento foi fechado.

Ali na esquina, por exemplo, vendiam cachorro-quente. A polícia, o juiz, o promotor, enfim a sociedade toda sabia que aquilo era só fachada. As professoras sabiam disso, mas sofriam porque não tinham o poder da polícia para fechar aquele “antro”. Esse é o grande problema, o jovem sempre é envolvido.

(Com1)

Com relação ao relacionamento adolescente e família, as falas dos membros da comunidade destacam a importância da família no resgate destes jovens das drogas. O membro da com1 relata que muitas vezes os adolescentes apresentam problemas familiares, os pais não têm diálogo com seus filhos, não há um acompanhamento dos filhos tanto na escola como em seu dia-a-dia, e isso faz com que eles se achem donos de si. *“Com 15, 16 anos querem ser independentes. Na minha época, por exemplo, os pais tinham mais controle sobre os filhos”* (Com1).

“Para ajudar o filho, pai e mãe precisam deixar de lado suas divergências e unir esforços na luta para a recuperação do filho” (TIBA, 2007, p.227).

“O único controle que temos sobre a droga é não usá-la” (TIBA, 2007, p.248).

O membro da com2 destaca que *“a família quando descobre que seu filho está utilizando drogas, não aceita, diz que é mentira”*(Com2).

Tiba (2007) mostra claramente o pânico que se instala em um lar quando os pais descobrem que seu filho está usando drogas.

O desespero é tão grande que pensam em mudar de casa, tirar o filho da escola, mandá-lo para o exterior, trancafiá-lo num hospital psiquiátrico, dar uma violenta surra nele, expulsá-lo de casa, tomar de volta tudo o que já deram para ele etc. Surpresa, mágoa, traição, decepção, sofrimento, raiva, depressão, vergonha e preocupação misturam-se e acabam superestimando o episódio. Não é a toa que os pais vêem um leão no lugar de um cachorro. Também o que não podem ver é um gato. Cachorro é cachorro, e como tal deve ser tratado. É necessário ajudar os pais a dimensionar corretamente a descoberta (TIBA, 2007, p.231).

O membro da com2 ainda nos fala que a família precisa ser ajudada, deve conscientizar-se de que para ajudar o adolescente em sua recuperação é preciso ter uma dedicação maior, um acompanhamento real, uma aproximação com a família, isto é, a família deve conscientizar-se de que o problema existe e o enfrente.

Com relação ao relacionamento comunidade, área externa da escola e os adolescentes, o membro da com1 relata que *“o grande problema do jovem é que ele é envolvido e nesse envolvimento há todo tipo de pessoa, de todos os níveis”* (Com1). A sociedade também é culpada por não dar uma educação voltada para os valores, para a ética e segurança para que aos adolescentes possam seguir os seus caminhos tranquilamente.

O membro da com2 relatou em sua entrevista que hoje os jovens estão chegando aos serviços especializados para atendimento psicoterápico e que com os resultados percebidos pela comunidade do PPD, a procura por atendimento por parte dos adolescentes vem crescendo muito na cidade.

Dentro deste tema, o membro da com3 relatou que teve uma experiência com um filho seu que ficou 2 anos em tratamento para o alcoolismo e hoje está recuperado.

Segundo os interlocutores, com a realização do PPD, a relação do adolescente com a escola melhorou muito. A escola, juntamente com os alunos, os professores, tem organizado seminários abertos à comunidade de prevenção ao uso indevido de drogas.

A escola que se propuser a prevenir drogas deve fazê-lo dentro de um contexto mais amplo da sociedade, como poluição, violência, solidão, vida competitiva, saúde, alimentação, medicina preventiva e outros. Deve elaborar um projeto, contextualizando a droga na sociedade, a sexualidade e temas atuais, criando centros de interesse que envolvam professores, diretores, especialistas e alunos (SANTOS, 2004, p.84).

Nos relatos dos membros da comunidade, foi também comentada a capacitação que aproxima as relações entre a escola, a família, a comunidade e os adolescentes.

O membro da com2 afirma que *“estes seminários realizados na escola têm aproximado a família, a escola e a comunidade, basicamente, pela relação afetiva que a escola vem estabelecendo com seus alunos, preocupando-se em protegê-los*

de uma forma bem científica” (Com2). Essa aproximação somente foi possível devido à existência do PPD, que atualmente está dando todo o suporte para que estas relações cada vez mais sejam fortalecidas.

Um outro dado interessante a ressaltar diz respeito às conferências de saúde realizadas na cidade que também foram originadas a partir do PPD, sendo realizada em 2006 a terceira, cujo tema principal foi o papel da família e os limites em relação ao uso de drogas. Durante o PPD o tema família foi muito trabalhado e discutido entre todos os atores do referido projeto.

O membro da com3 em seu depoimento ainda ressalta que *“aqui na cidade temos problemas muito graves, como pais que incentivam seus filhos a usarem drogas”* (Com3). São pais ausentes, muitas vezes separados e que não se interessam por seus filhos. *“Às vezes os próprios pais têm os mesmos problemas ou não conseguem administrar a própria vida, conseqüentemente, não conseguem orientar os filhos, os quais acabam à mercê principalmente do álcool”*(Com3).

O pai moderno que nós queremos e precisamos não é o que nos deixa fazer tudo, que fala palavrões e bebe conosco, os pais que queremos é aquele que fala conosco, sempre, muito e sobre todos os assuntos, que nos ouve, respeita e orienta, mas que também nos ensina nossos deveres e direitos (ZAGURY, 2002, p.128-129).

Dentro desta problemática, surge então a questão da discriminação que ocorre entre os adolescentes e a comunidade. Nela, os usuários de drogas são discriminados pelos seus próprios componentes.

Por comunidade, a autora Santander (2003) afirma ser

O espaço geográfico que abriga várias famílias, grupos, instituições públicas e privadas, que juntos vivenciam o coletivo, compartilhando os mesmos equipamentos sociais e têm como principal característica as relações baseadas na cooperação e no consenso espontâneo dos indivíduos (p.173).

Diz ainda a autora que somos todos seres de relações e que para viver em comunidade é necessário respeitar as diferenças, adotar atitudes construtivas e desenvolver o sentimento de solidariedade e de cooperação.

Dentro da visão do PPD desenvolvido, uma das propostas para a continuidade do projeto e para atender as necessidades que já estão sendo demandadas de fora da escola, professores e poder municipal e estadual propuseram a criação do conselho antidrogas. A criação deste conselho estimulou muito a comunidade a batalhar também pelo desenvolvimento de políticas voltadas à drogadição, no sentido de fazer campanhas, motivar o pessoal a mostrar as conseqüências do uso abusivo de drogas lícitas, não esquecendo também das drogas ilícitas.

Partiremos agora para analisar o tópico ocorrência de relações entre a escola, a família, a comunidade e a sociedade sobre drogas.

Este tópico foi examinado a partir dos subtópicos relacionamento escola e família, integração dos atores sociais nesse projeto, relacionamento dos adolescentes com os traficantes, a relação da comunidade com o extermínio e o tráfico de drogas, falta de integração dos professores antes de iniciar o PPD, conselho antidrogas como uma estratégia de melhoria da qualidade de vida do adolescente, preconceito com as drogas ilícitas e muita permissividade com as drogas lícitas e a diversidade de drogas e a conscientização dos adolescentes.

O subtópico relacionamento escola e família, muito bem enfatizado por todos os membros da comunidade, pode ser evidenciado na fala do membro da com1 *“a escola convoca os pais e apresenta índices sobre o problema do uso de drogas na escola e em geral”*(Com1). Essa situação passou a ser praticada pela escola após a implantação do PPD, como uma forma de integrá-la com a família e a comunidade. *“Quando algum aluno apresenta qualquer problema com relação ao uso de drogas, os pais são chamados imediatamente. A escola ajuda os pais no acompanhamento de seu filho”*(Com1).

A integração que foi viabilizada pelo PPD na escola, pode ser verificada na fala do membro da com1. *“Hoje eu vejo a escola, os alunos e os pais muito integrados nesse projeto”* (Com1).

Com relação à questão dos adolescentes relacionarem-se com traficantes, isso pode ser verificado devido a diversas situações que puderam ser visualizadas durante a realização do PPD na escola. Um exemplo claro já destacado anteriormente foi a situação do bar que existia em frente à escola e que vendia cachorro-quente somente como fachada, pois na verdade era um ponto de vendas de drogas. A comunidade escolar bem como as autoridades da cidade também sabiam do que acontecia lá, mas nada era feito em relação a esta situação. Foi a partir do PPD que o ponto de venda de drogas foi fechado, mostrando que a união de forças pode ter sucesso em nossas ações, por mais difíceis que elas pareçam. Uma outra situação é que na verdade o jovem usuário de drogas está na mão dos traficantes, como o membro da com1 afirma em sua entrevista. *“O jovem está na mão dos culpados e todos sabem quem são eles e ninguém pode fazer nada, demonstrando que a sociedade é hipócrita”* (Com1).

Como o problema na cidade ainda é preocupante, mesmo o PPD desenvolvido na Escola Vida tendo resolvido o problema dentro da escola, a cidade ainda apresenta muitas outras situações que devem ser resolvidas pelos órgãos municipais e estaduais.

O membro da com1 disse outras pessoas de diferentes áreas estão pensando em formar um grupo para acabar com o problema da droga na cidade, pois na opinião deles quem tem que resolver o problema não está resolvendo, então *“nós iremos resolver, formando um grupo de extermínio (sic!!), porque estamos cansados de ver nossos filhos, os filhos dos nossos amigos sendo arrastados para as drogas enquanto todos sabem onde está a causa e nada fazem”*(Com1).

O mesmo membro ainda relata que não são apenas as pessoas da sua cidade que estão pensando dessa forma, outras próximas e da região já estão pensando em realizar atitudes semelhantes à relatada anteriormente.

Há outras cidades pensando dessa forma. Em uma cidade próxima, inclusive, já avisaram ao delegado regional quem vai mandar na cidade. Se a polícia não toma providências, a sociedade vai resolver da sua maneira. Nesta cidade, estão acontecendo crimes terríveis por causa da droga, todos sabem quem é e nada fazem.

(Com1)

Estas atividades e concepções causaram-me preocupação. Fica evidente o poder da droga e da criminalidade imperando numa sociedade que não consegue fazer cumprir as normas, e a comunidade, equivocadamente, busca justiça pelas próprias mãos.

A cada dia que passa, essa situação fica pior, diz um entrevistado. “Estamos chegando a um ponto em que não há mais saída e o lado bom da sociedade começa a pensar nesse tipo de coisa. Há muito bandido na alta sociedade. Em plena semana da Pátria existem pessoas usando baseado e não são pobres, são doutores. *É por isso que eu digo, a hipocrisia é muito grande, o que torna difícil enfrentar o problema*” (Com1).

Cruz Neto (2001), em seu livro “Nem Soldados Nem Inocentes” (Juventude e tráfico de drogas no RJ), traz um relato muito interessante e propício para uma reflexão.

O mercado de drogas e de violência no RJ não é um problema externo ao conjunto de relações sociais e econômicas que aqui se processam, fazem parte delas. É nesse ambiente proscrito que se amplia e se torna relevante a participação dos jovens em conflito com a lei e sob medida socioeducativa. Esse mercado é para eles uma possibilidade imediata e imediatista de consumo, de status, de relacionamentos múltiplos, de poder e de expressão de sua rebeldia e de sua ainda indecisa, confusa e frágil identidade social (p.17).

O autor aprofunda mais ainda dizendo que o reflexo disso tudo torna os adolescentes mais vulneráveis, levando-os para um mercado mais amplo do que o anteriormente citado que se vincula a um universo dos mais lucrativos negócios, o tráfico de drogas e o tráfico de armas. Trouxe esta contextualização para podermos refletir sobre a situação encontrada e debatida pelos membros da comunidade. O

que estamos verificando nesta comunidade, como em muitas outras aqui do nosso estado, é uma situação semelhante a que hoje já ocorre principalmente no RJ e em SP, onde os homens do tráfico dominam, dão ordens, matam, roubam e até comandam de dentro do presídio e nós, sociedade, somente olhamos essas pessoas afugentando nossos filhos e as nossas vidas.

Considero que as proposições polêmicas precisam retornar para dentro da discussão da escola. Se a vida é a escolha, a prevenção e não a repressão deve ser valorizada. Penso que a prevenção é a saída para a resolução deste tipo de problema, mas para que isso aconteça, necessitamos também que a sociedade como um todo possa desenvolver atividades conjuntas, que viabilizem políticas públicas mais efetivas, possibilitando uma qualidade de vida melhor para todos nós.

Ressalto novamente que a criação do conselho antidrogas talvez possa ser o primeiro passo para resolver este problema sério que está aí posto. O conselho funcionando será o articulador das estratégias, integrando as secretarias de diferentes áreas, visando à solução deste problema. Entretanto, um entrevistado alerta, *“o conselho como uma tábua de salvação, como um articulador que pesquisa, integra, formula planos e até políticas sim, mas não como um solucionador e repressor, mas como uma estratégia de prevenção e de reeducação”* (Com2).

O conselho também desempenhará um papel importantíssimo na eliminação do preconceito que algumas pessoas ainda apresentam com relação às drogas ilícitas e a permissividade em relação às drogas lícitas, como principalmente o álcool, o maior causador de problemas sociais que encontramos atualmente, através de diferentes propostas de trabalhos que poderão ser realizadas com o apoio de todas as entidades governamentais e não-governamentais que existem na cidade.

Existe muito preconceito em relação às drogas ilícitas e muita permissividade com o álcool. Por isso hoje estamos trabalhando na conscientização do álcool como droga, porque as pessoas tendem a achar que o problema não é o álcool, mas sim o crack e a cocaína.

(Com2)

O membro da com2 relata ainda que embora o consumo de álcool seja pequeno em nossa cidade, ele está em crescimento, e é necessário prevenir os adolescentes e até crianças para evitarem esse início precoce do uso de álcool, até porque sabemos que, a partir do álcool, os adolescentes passam para outro tipo de droga.

A diversidade de drogas ofertadas no mercado está propiciando aos adolescentes o uso de múltiplas drogas, como álcool, cocaína, crack, cola e outras mais. Por isso, a participação da comunidade, dos professores e, claro, dos próprios adolescentes foi muito importante para que o PPD desenvolvido na escola Cônego Walter tivesse o sucesso que ainda hoje apresenta. Nunca podemos esquecer que todo projeto proposto deve apresentar resultados a médio e longo prazo.

A próxima categoria analisada pelas entrevistas realizadas com os membros da comunidade diz respeito à prevenção do uso indevido de drogas que foi discutida a partir do tópico: as contribuições pessoais para o PPD na escola.

As contribuições dadas pelos membros da comunidade que participaram do PPD foram bem distintas. O membro da com1 foi o responsável pela parte financeira do projeto, buscando na comunidade parcerias para que ele tivesse condições de ocorrer. *“A minha tarefa, desde o início, foi à administração financeira. É claro que, além da parte financeira, opinava sobre como fazer, como seria realizado o PPD, mas tudo era resolvido em consenso, e por isso que deu certo”* (Com1).

Já o membro da com2 afirma que a contribuição que deu para o PPD foi visando à prevenção, pois conseguiu fazer a conexão entre a prevenção e o tratamento. *“Valorizamos muito a prevenção e caminhamos em conjunto, considerando ambos, prevenção e tratamento de suma importância”* (Com2). Quanto ao atendimento psicológico, ressaltou que naquele momento não havia nenhum aluno da escola em tratamento. O membro da com2 realiza atendimento psicológico para alunos de escolas da cidade que não desenvolvem o projeto, afirmando que estes alunos apresentam muitos problemas comparados ao da Escola Vida que participam do PPD.

O PPD fez a escola mudar as suas concepções sobre esta temática, mudando hábitos e atitudes frente aos adolescentes, através de diferentes atividades desenvolvidas pelos professores em suas disciplinas em sala de aula. *“No colégio, nas atividades da escola não são vendidas ou utilizadas bebidas alcoólicas, também a escola não participa de nenhuma atividade externa onde a premiação seja bebida alcoólica”* (Com2). Esta postura da escola foi de suma importância para o sucesso do projeto, pois através destas determinações, professores, pais, adolescentes e comunidade em geral puderam perceber verdadeiramente o quanto a implantação e a execução de um PPD fizeram a diferença no modo de agir na escola nos dias de hoje. *“Agora há um controle mais rigoroso na venda desse produto, e isso fez com que diminuísse bastante o consumo de bebidas alcoólicas”* (Com2). O membro da com2 ainda traz um dado interessante quando fala de uma outra escola que fica no centro da cidade e apresenta problemas semelhantes aos que a escola investigada enfrentava. Em sua volta, existem mais de 25 pontos de vendas de bebidas alcoólicas (Bares), onde os adolescentes compram bebidas, mesmo que estes estabelecimentos apresentem cartazes e advertências de proibição de venda de bebidas a menores. O que realmente precisamos fazer é conscientizar a população e, desta forma, conscientizamos os adolescentes de que precisamos diminuir o acesso, pois a oferta é grande. O que realmente falta para esta escola, na opinião da com2, *“é que precisa ter uma postura mais firme com os adolescentes dentro da escola e não permitir o uso de tabaco e álcool em suas dependências”*(Com2).

Um outro fator importante que foi destacado pelo membro da com3 diz respeito à relação entre a prevenção e a repressão. *“Aprendi como policial que em algumas situações como essa, a polícia não pode aparecer, existe muita resistência por parte de alguns policiais quanto à prevenção, pois para eles o que vale é a repressão”*(Com3).

A prevenção de drogas nas escolas é uma decisão política e conjunta. Prevenir drogas é, antes de tudo, falar de educação de filhos, de adolescência, de relação social e convivência afetiva. Um projeto de prevenção nas escolas aborda um contexto amplo de valorização da vida e inclui programas: culturais, de consciência ecológica e de educação afetiva (SANTOS, 1997, p. 87).

No relato em que o membro da com3 fez em relação à repressão da polícia, fica evidente que devemos também trabalhar a importância da prevenção frente à repressão com a polícia, pois o seu papel é tão importante quanto o papel da escola neste processo. Conscientizar também o policial deve ser uma estratégia a ser alcançada neste processo de construção de uma política de prevenção ao abuso de drogas, pois a garantia da implantação, bem como da execução e da aplicação deste PPD é que aconteça com a ajuda de todas as classes sociais. *“Minha maior contribuição para a escola foi o incentivo, a demonstração de que estavam detectando o problema de maneira correta e que deveriam continuar o trabalho para alcançar os resultados planejados”* (Com3).

O membro da com3 relata ainda uma situação em que a escola, através do PPD, conseguiu sucesso, dizendo que

eles enfrentaram um problema grave com um bar que existia na entrada da escola e vendia bebida alcoólica. Conseguiram negociar com os proprietários para que não vendam mais bebidas alcoólicas naquele local. Era o “XIS DA VELHA”, um horror. Antes de entrar na sala de aula, o aluno ficava ali, bebendo cerveja. Eles conseguiram sensibilizar o dono, para que parasse de vender.

(Com3)

Programas de prevenção devem permear todo o currículo escolar, valorizando o professor como mediador privilegiado do processo [...] O êxito da atividade do professor no processo depende, entretanto, de que ele absorva perfeitamente a filosofia e os objetivos visados, identificando-se como um verdadeiro promovedor da prevenção integral (BRASIL, MEC, 1994, p.13-4 apud ASSINELLI-LUZ, 2000, p.69).

Essa mesma categoria analítica - prevenção do uso indevido de drogas foi discutida a partir do tópico avaliação dos adolescentes sobre o PPD e sua relação com os professores.

Com relação à importância do PPD, o membro da com1 ressaltou que as atividades desenvolvidas durante o PPD foram muito legais e importantes. *“Fiquei muito entusiasmado, porque desde o começo do seminário sempre houve*

participação de um grande número de pessoas, as palestras foram fantásticas e todos os adolescentes gostaram” (Com1). O membro da com1 ressaltou ainda a importância da capacitação que foi realizada para os professores na implantação do programa como sendo uma estratégia importante para o sucesso. Com isso, foi percebido também pelo membro da com1 que houve uma melhora de aproximadamente 100% no relacionamento dos adolescentes na escola, bem como do relacionamento dos pais com os adolescentes. Dessa maneira, a melhora no relacionamento entre professores, alunos e comunidade pode ser percebida através da grande participação que ocorreu dos adolescentes nas atividades propostas pelos professores, juntamente com a comunidade.

Também foi percebida pelo membro da com1 a melhora no relacionamento da escola com a família. *“Quando a escola detecta algum problema com um aluno, o mesmo é chamado em particular. Hoje já há mais respeito pelo aluno, não é mais humilhado perante aos outros”*(Com1).

Um outro fator visível durante a realização do PPD diz respeito aos adolescentes que, no início do programa, apresentavam problemas com drogas e que com o trabalho desenvolvido pelo grupo de professores na escola passaram a não mais se drogarem. *“Alguns alunos que apresentaram problemas no início do PPD encontram-se hoje muito bem”*(Com1).

Por outro lado, o membro da com1 fez uma avaliação positiva do projeto desenvolvido na escola, dizendo que “esse é o lado bom do PPD, quando vemos os frutos colhidos através do trabalho desenvolvido na escola” (Com1).

O membro da com3 avaliou que o trabalho desenvolvido na escola apresentou resultados muito bons tanto para os adolescentes como para os professores e comunidade em geral. Verificou também que os resultados encontrados por este projeto repercutiram positivamente no trabalho desenvolvido pelos policiais na cidade. *“O número de ocorrências diminuiu bastante comparado com o início do projeto, quando tínhamos praticamente um caso ou dois por semana*

encaminhados pela escola para a polícia. É raro agora existir uma ocorrência policial na escola” (Com3).

Com o sucesso do PPD, escutam-se hoje por toda a cidade, comentários elogiando-o e enaltecendo os resultados que a escola já está alcançando, como a diminuição do abuso de drogas na parte interna e externa da escola. *“Ouço bons comentários sobre o comportamento dos alunos que agora são co-responsáveis pela escola” (Com3).*

A escola, com o desenvolvimento do PPD, conseguiu vencer o abuso de drogas interno até mesmo dos próprios professores que deixaram de fumar em decorrência das exigências feitas pelo projeto. Já em relação à parte externa, as dificuldades encontradas ainda foram maiores, mas também pela dedicação e capacidade de sensibilização dos professores participantes, a resistência encontrada pelo dono de um “bar” em frente à escola, que vendia bebida alcoólica para os adolescentes, o problema foi resolvido e as vendas já não acontecem mais. O membro da com3 destacou ainda o quanto foi importante o desenvolvimento deste projeto para a escola e para a comunidade, pois também o seu trabalho nas imediações ficou facilitado.

O membro da com2 relata que à medida que se buscou a parceria com os adolescentes para a formação de estratégias, houve uma cooperação maior por parte dos estudantes, sendo importante para eles essa responsabilidade. *“Não é fácil fazer ações para os jovens, porque nem sempre são bem aceitas. Quando eles participam, há maiores chances de dar certo, pois existe comprometimento deles” (Com2).*

Para ele,

esse projeto foi muito bem pensado, maduro e aprofundado. Não foi um trabalho apenas para mostrar aos outros, isto é, colocar na vitrine. A escola realmente vivenciou o projeto e isso fez muita diferença para que pudéssemos chegar aos resultados que chegamos.
(Com2)

O membro da com2 ainda ressalta que as pessoas que trabalham com esse tipo de estratégia são identificadas com ela e valorizam muito o trabalho, priorizando as ações com estes adolescentes. Isso ocorre porque, às vezes, as pessoas valorizam, apresentam consciência, mas não priorizam essa coerência, e a escola acaba não fazendo aquilo em que acredita, aquilo que prega. Então, o grupo deve estar unido, coeso e firme no propósito para enfrentar pressões e se manter coerente em relação a estas questões.

Outra categoria analisada nas entrevistas diz respeito aos fatores que influenciaram no acesso do adolescente ao consumo de drogas, que foi discutida a partir do tópico família.

Para o membro da com1 os fatores que influenciaram os adolescentes no acesso ao consumo de drogas dizem respeito principalmente a problemas de relacionamento familiar. Segundo ele, *“o problema começa na família, quando você não tem uma boa estrutura familiar, apresentando às vezes problemas com o pai ou com a mãe”*(Com1).

Uma das dificuldades ressaltada pelo membro da com1 diz respeito a pais separados que não dão à assistência devida aos filhos. Com isso, muitos destes adolescentes que já encontram dificuldades de relacionamento com seus familiares, acabam buscando apoio na rua, muitas vezes com as pessoas erradas. Se o adolescente tivesse um bom relacionamento com seus pais, e ocorresse diariamente um diálogo franco e aberto, ele teria mais chances de não acessar ao abuso de drogas.

Na concepção do membro da com2, os principais fatores que levam o adolescente ao abuso de drogas são a falta de referenciais, de limites e regras incoerentes, que dizem uma coisa e fazem outra. *“Os adolescentes copiam modelos de dependência de uso de drogas existentes na sociedade e os adultos querem que eles digam não às drogas, mas eles não fazem isso”*(Com2).

Uma das estratégias apontadas pelo membro da com2 é que devemos trabalhar com os adultos, para que eles tenham consciência de que devem ser coerentes. *“Não adianta os jovens fazerem campanhas de não às drogas e os pais deles serem usuários de drogas”* (Com2).

Também existem outras questões importantes a ser tratadas, como ansiedade, medos, insegurança, que também apresentam significativa importância quando pensamos em fatores que possam contribuir para o abuso de drogas. Existem algumas famílias que oferecem droga em forma de remédio aos adolescentes para que se acalmem e durmam. Estas famílias fazem isso muitas vezes por pura ignorância, desconhecendo os riscos de realizarem a automedicação com seus filhos. Elas podem causar sérios danos à saúde deles. *“Nas meninas, principalmente, há muito uso de medicação, como remédios para emagrecer. Isso tem levado muitas dessas adolescentes para atendimento psicológico, pois estes medicamentos causam dependência química e podem causar sérios riscos à saúde”* (Com2). Devemos cada vez mais pensar em nossos adolescentes, protegendo-os destas substâncias, pois situações relacionadas com a insegurança, ansiedade, medos e a falta de sentidos podem contribuir para que eles iniciem o uso de drogas. O membro da com2 ainda destacou que existe também a questão da droga ligada à prostituição infanto-juvenil, em que jovens adolescentes iniciam cedo demais sua vida sexual e logo em seguida partem para o abuso de drogas.

Para o membro da com3, o fator principal que leva um adolescente ao consumo de drogas *“é a ausência dos pais ou de um responsável, falta de acompanhamento e o desconhecimento dos pais em relação às conseqüências que o uso das drogas pode acarretar aos adolescentes”* (Com3). Além disso, ressalta a falta de perspectiva, amor pela vida que estes adolescentes apresentam. Em sua opinião, *“pela falta de projetos, o adolescente acaba, facilmente, sendo influenciado pelos outros”* (Com3). Finaliza afirmando que *“se os pais forem preparados e presentes, não terão filhos viciados”* (Com3).

Finalmente, discutiram-se sugestões para que os adolescentes ficassem longe das drogas, que foram analisadas a partir dos tópicos valorização das

atividades informais em turnos inversos ao de sala de aula, a inclusão de temas transversais, como drogas nos programas de todas as disciplinas, uma maior participação da família nas atividades diárias de seus filhos e a falta de projetos de “vida” para os adolescentes. Com relação ao primeiro tópico discutido, a valorização das atividades informais, o membro da com1 destaca a importância destas atividades na qualificação destes adolescentes durante o seu processo de formação. Destaca, ainda, que sempre desenvolveu atividades informais em turnos inversos, estando sempre com o seu tempo ocupado com atividades produtivas, aprendendo, por exemplo, a praticar diversos esportes, não tendo tempo para “pensar em bobagens”. Sua família sempre proporcionou a ele uma complementação que fosse recreativa e educacional no turno inverso de suas aulas.

A inclusão de atividades informais ao turno inverso às aulas dos jovens pode ser uma excelente estratégia para não deixar que estes adolescentes ingressem no mundo das drogas, pois desta forma estariam ocupando-se com atividades que ajudam na aquisição de conhecimentos diferentes. *“Qual escola hoje oferece educação artística para um jovem? Hoje estes jovens estão saindo da escola sem saber fazer nada lúdico”* (Com1).

Atualmente, as escolas particulares, em sua grande maioria, oferecem atividades complementares, isto é, diferentes atividades informais que são oferecidas em turno inverso ao que o aluno frequenta a escola. Estas atividades oferecidas propiciam aos jovens a ocupação de seu tempo livre, e eles podem desenvolver atividades que ajudam em sua formação acadêmica e psicológica. *“O menino que estuda pela manhã e fica desocupado à tarde, se não tiver uma estrutura familiar, vai procurar o “errado”, a não ser que seja um garoto ajuizado”* (Com3). Sendo assim, o membro da com1 afirma que *“preencher o tempo do adolescente é um ato de prevenção ao uso de drogas”* (Com1).

Um outro fator importante que pode ser levado em conta é a inclusão de temas transversais, como drogas, nos programas de todas as disciplinas; o trabalho interdisciplinar na escola poderá levar aos adolescentes possibilidades de esclarecimentos que antes eles não tinham, pois podem visualizar as relações entre

os diferentes conceitos, entre os diferentes temas que, por sua complexidade, merecem um estudo mais aprofundado e abrangente.

Pode-se perceber que os três entrevistados, mesmo com suas idiossincrasias, acreditam no projeto desenvolvido pela escola e se comprometem com ele. Mostram suas contradições, que não são só deles, mas de todos nós que lidamos com adolescentes numa perspectiva crítica e com esta temática tão complexa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada e defendida como tese que “Escolas que têm projetos cujo foco central é a “vida” e que desenvolvem ações de qualificação de seus professores são escolas que auxiliam na construção de saberes sobre drogas e, dessa maneira, contribuem com os próprios professores, adolescentes e comunidade em geral no sentido de compreensão do fenômeno na busca de alternativas para a sua solução”.

Em função da tese, foram diagnosticadas escolas que realizavam este tipo de trabalho de prevenção, onde a proposta atendia as necessidades dos adolescentes. Encontrei em minha busca 03 escolas que realizavam este tipo de trabalho, uma em Porto Alegre e duas no interior do estado.

A pesquisa foi realizada na ESCOLA VIDA e eu pude, através dos dados obtidos, reafirmar a tese levantada. O projeto desenvolvido pela escola mostrou que busca possibilidades concretas de uma prática preventiva do uso indevido de drogas pela via educativa, e com o envolvimento de toda a comunidade escolar. Todos que foram ouvidos sejam professores, adolescentes e representantes da sociedade civil, identificaram como ponto fundamental a escuta atenta que a escola faz de seus alunos e professores e o trabalho coletivo realizado.

O projeto foi construído a partir de uma dificuldade concreta que a escola estava enfrentando devido ao alto índice de uso e até de tráfico de drogas. Inicialmente os professores tiveram que pedir ajuda à polícia para que diminuísse o

tráfico que ocorria na parte externa da escola. A partir daí, um grupo de professores reuniu-se e, aproveitando experiências anteriores de muitos deles, elaborou uma proposta de projeto de prevenção que compreendia a participação desde o início dos professores, dos adolescentes e de membros da comunidade. A proposta foi sendo melhorada com o passar do tempo e também alguns professores foram agregando-se ao projeto após perceberem os primeiros resultados positivos que foram alcançados. Estes resultados positivos tiveram muita repercussão, tanto dentro quanto fora dela, o tráfico diminuiu muito e como consequência disso o uso de drogas pelos adolescentes também diminuiu. Os próprios professores pressionaram alguns colegas com relação à sala do “fumódromo”. Outras conquistas foram alcançadas e salientadas durante esses anos de execução deste projeto. Hoje, a escola tem um destaque especial na cidade e o seu grupo de professores, adolescentes e membros da comunidade são convidados a falar em várias atividades na cidade, bem como nas outras cidades vizinhas, apresentando o sucesso conseguido pelo projeto de prevenção. Já foram realizados na escola 03 seminários municipais que trataram sobre a problemática da drogadição com a participação maciça da sociedade civil. Através do sucesso alcançado pelo projeto, juntamente com a prefeitura, foi criado o conselho antidrogas da cidade com a participação de representantes de toda a sociedade civil.

Logo, pode-se destacar como princípios fundamentais de um projeto bem sucedido como subsídio para a formação continuada de professores:

- partir de necessidades concretas;
- reconhecer que o uso e o tráfico de drogas estão fora e dentro da escola;
- estabelecer parcerias entre diferentes profissionais;
- elaborar proposta com os diferentes segmentos da escola;
- admitir que a adesão ao projeto precisa ser espontânea e gradativa;
- socializar conquistas, mas olhá-las com humildade;

- reconhecer os limites e as possibilidades que a escola como espaço formativo tem, pois ente social, bem como reconhecer os limites e as possibilidades do saber docente.

Apontaria, ainda, algumas outras evidências de sucesso em relação ao projeto, que puderam ser visualizadas nas falas dos interlocutores.

- O conhecimento prévio trazido pelos professores e adolescentes através da sua bagagem e de suas experiências de vida para a sala de aula foi de suma importância para a aquisição de novos conhecimentos;
- O uso de diferentes práticas educativas (oficinas, palestras, concursos de poesias e leituras de textos) relacionados com a temática drogadição contribuiu para que professores e adolescentes agregassem novos conhecimentos visando à melhoria da qualidade de vida;
- A aplicação de estratégias de vivências de situações relacionadas ao problema da drogadição possibilitou que os adolescentes tivessem melhor formação para entenderem o malefício das drogas;
- As experiências adquiridas pelos adolescentes em visitas a asilos de idosos possibilitaram a construção de uma nova visão de vida por parte dos adolescentes;
- A multivariabilidade de temas transversais que foram trabalhados em sala de aula em todas as disciplinas, propiciou aos adolescentes perceberem as relações existentes entre estes temas e, a partir disso, realizar uma reflexão em suas práticas diárias, bem como em suas vidas;
- A visão interdisciplinar do projeto possibilitou a integração das diferentes áreas do conhecimento com setores da comunidade, objetivando a melhoria da qualidade de vida dos adolescentes;

- Trabalhar as questões relativas ao abuso de drogas cotidianamente em sala de aula ajudou os adolescentes a melhorarem o seu conhecimento sobre o tema;
- A capacitação anual sobre drogas para os professores que participam do projeto de prevenção;
- Mudança de postura de alguns professores em relação ao abuso de drogas, com a eliminação da sala de fumantes durante a execução do projeto;
- A mudança de relacionamento com os pais, estimulada pela escola, foi fundamental para que os adolescentes pudessem diminuir o uso de drogas com a participação mais ativa de seus pais;
- A criação do Conselho Municipal Antidrogas pelo prefeito da cidade deu um suporte para a continuidade do projeto;
- A mobilização de outras escolas da cidade e/ou da região visando elaborar e desenvolver ações semelhantes ao projeto de prevenção da escola.

Gostaria ainda de registrar que a contribuição dos interlocutores entrevistados foi de substancial importância para o trabalho investigativo, uma vez que permitiu um melhor entendimento das origens e da implantação do projeto na escola. Entretanto, no decorrer das entrevistas e durante a análise dos dados constatei alguns limites que aponto a seguir:

- Os professores, os adolescentes e os membros da comunidade entrevistados foram indicados pela direção da escola;
- Os adolescentes entrevistados eram todos do sexo feminino;

- Os membros da comunidade entrevistados, embora com representatividade no projeto, não tinham filhos na escola, logo os pais não foram ouvidos.

Formar educadores tem se revelado complexo, pois implica reconhecer mais limites do que possibilidades. Aqui não está nenhuma desesperança, mas desafios!

Trabalhar com adolescentes, da mesma forma, tem sido instigador.

Juntar a tudo isso o tema “drogadição” e o contexto escola intensifica a complexidade e o desafio.

De toda forma, como educador me formo sempre e pretendi com este trabalho aprender mais e socializar com meus pares essa aprendizagem.

Acreditava desde sempre e no início deste trabalho que a escola é um espaço formativo privilegiado. Logo, ao acompanhar um projeto de prevenção ao uso de drogas, bem sucedido, em que a “vida” era sua mola propulsora, pensava em aprender e a socializar o aprendido com os saberes aí construídos. Penso que consegui. Descobri que a escola não pode tudo, mas pode muito. Precisa se reconhecer como produtora de saber, e os profissionais que aí atuam autorizarem-se como agentes de conhecimento que têm o que dizer e fazer, coletivamente, reflexivamente e afetuosamente.

É difícil romper lógicas repressivas de prevenção e lutar por práticas mais democráticas, da mesma forma como é difícil quebrar paradigmas disciplinares, substituindo-os por intentos interdisciplinares, mas precisamos começar. Esses são movimentos lentos, que exigem paciência, diálogo constante direcionados para a formação de cidadãos que possam escolher, no presente e no futuro, opções saudáveis de vida.

REFERÊNCIAS

ABAD, Miguel. Las politicas de juventud desde la perspectiva de la relacion entre convivencia, cidadania y nueva condicion juvenil. **Última década**, n.16, Cidpa, Viña del Mar, p.119-155, mar.2002.

ABERASTURY, Arminda. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ACKERMAN, Nathan W. **The psychology of prejudice**. New York, 1955. Ensaio entregue no Encontro da Society of Medical Analysts.

_____. **Diagnóstico e tratamento das relações familiares**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

AQUINO, Júlio Groppa (org). **Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

ARAÚJO, L. B. **Experiências e expectativas de adolescentes em relação aos efeitos do álcool**. Dissertação (Mestrado em Educação), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 1995.

ASINELLI-LUZ, Araci. Prevenção: uma cultura necessária. In: LUZ, Araci Asinelli da (org.). **Programa de formação em prevenção**. Curitiba: CONEN-PR, 1994.

_____. Questões sobre sexualidade, uso de álcool, tabaco e outras drogas: um estudo sobre a prevenção. **Revista Educação**, São Paulo, 1995.

_____. **Educação e prevenção ao abuso de drogas: limites e possibilidades**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

AZOUBEL NETO, D. **Contribuição para o estudo epidemiológico do alcoolismo.** Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo - USP, 1965.

BACHINI, Ofélia et al. Papel de la família em el tratamiento de los farmacodependentes. **Boletim del Instituto Interamericano del Niño**, n.223, ene./jun. 1985.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BETTELHEIM, B. Conducta individual y social in situaciones extremas. In: BETTELHEIM, B. et.al. **Psicologia del torturador.** Buenos Aires: Rodolfo Alonso Editor, 1976.

BITTENCOURT, Lígia Maria. **A vocação do êxtase: uma ontologia sobre o homem e suas drogas.** Rio de Janeiro: Imago UERJ, 1994.

BOURDIEU, P. **Bourdieu, o arbitrário cultural e a televisão.** Revista FAMECOS: nº 14, abril, Porto Alegre, 2001.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos - Apresentação dos Temas Transversais.** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUCHER, Richard, COSTA, A C. L.; OLIVEIRA, J. A **Consumo de inalantes e condições de vida de menores de rua da periferia de Brasília.** Manuscrito não publicado, Brasília, 1990.

BUCHER, Richard. O consumo de drogas: evoluções e respostas recentes. **Psicologia, teoria, pesquisa**, Brasília, v.2, p.132-144, mai./ago.1986.

_____. **Drogas e sociedade nos tempos da Aids.** Brasília: UnB, 1996.

CANDAU, Vera Maria (org.). **Magistério: construção cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1997a. p.205-236.

_____. Formação de Professores: diálogo das diferenças. **Ensaio - Avaliação e Políticas públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v.5, n.17, p.477-494, out./dez. 1997b.

CAPRIGLIONE, M.J.; MONTEIRO, M. G.; MANSUR, J. Aplicação do questionário CAGE para detecção da Síndrome de Dependência do Álcool em 700 adultos na cidade de São Paulo. **Revista da ABP**, v.7, p.50-53, 1985.

CARLINI, E. A. (org.). **Consumo de drogas psicotrópicas no Brasil, em 1987**. Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina. Brasília: Centro de Documentação do Ministério da Saúde, 1989.

_____. et al. **I Levantamento domiciliar sobre uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país**. São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP, USP, 2001.

_____. **O consumo de bebidas alcoólicas entre estudantes do primeiro grau na cidade de São Paulo**. J. Brás. Psiq., 35(5): 279-285, 1992.

CARLINI; CARLINI-COTRIM; PINSKY, I. Prevenção ao abuso de drogas na escola: uma revisão da literatura internacional recente. **Cadernos de Pesquisa**, n.69, p.48-52. 1987.

_____; SILVA-FILHO; BARBOSA. Uso de psicotrópicos por meninos de rua. Comparação entre dados coletados em 1987 e 1989. **Abuso de drogas entre meninos e meninas de rua do Brasil**, Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina. São Paulo: FNFDAC, p.1-19, 1990.

CARVALHO, A. M. P. de; GIL PÉREZ, D. **Formação do professor de ciências: tendências e inovações**. São Paulo, Cortez, 1993. (Coleção Questões de Nossa Época; v.26).

_____. et al. **Adolescência**. Belo Horizonte: Editora UFMG, Proex-UFMG, 2002.

CARVALHO, Jorge Negreiros de. Prevenção de abuso de álcool e drogas na adolescência: uma proposta alternativa ao fornecimento de informações. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v.42, n.2, p.45-56, mar./mai.1990.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Míriam. **Por um novo paradigma do fazer políticas- políticas de/para/com juventudes**. Campinas: Unicamp, out. 2002.

_____. O que dizem as pesquisas da Unesco sobre juventudes no Brasil: Leituras singulares. In: NOVAES, Regina Reys et al. **Juventude, cultura e cidadania**. Comunicações do Iser, ano 21, edição especial, 2002, p. 63-90.

CERQUEIRA, Ruth M. Adolescência. Ou adeus filho? **Psicologia e comportamento**, mai./jun., p.24-25, 1984,.

CHARLOT, Bernard. **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COLL, César. **Aprender conteúdos e desenvolver capacidades**. Porto Alegre: Artmed editora, 2004.

CRUZ NETO, Otávio. **Nem soldados nem inocentes: juventude e tráfico de drogas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2001.

CRUZ, Amadeu Roselli. Ações preventivas ao abuso de drogas através das diferentes disciplinas escolares. In: CRUZ, Amadeu Roselli. **Educação e prevenção ao abuso de drogas**. Rio de Janeiro: Ed. Da Universidade Santa Ursula, 1992. (Monografia do CEDUSU; v.1)

CUNHA, M. I. Profissionalização docente: contradições e perspectivas. In: VEIGA, I; CUNHA, M. I. (org). **Desmistificando a profissionalização do magistério**. Campinas: Papyrus, 1999. p.127-148.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1989.

DIMENSTEIN, G. O pai que virou traficante. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 abr.1999.

DONALDSON, S.I.; Graham, J.W.; HANSEN, W.B. Testing the generalizability of intervening mechanism theories: understanding the effects of adolescent drug use prevention interventions. **Journal of Behavioral Medicine**, 17(2): 195-216, 1994.

DUARTE, Klaudio. Mundos juvenes, mundos adultos: Lo generacional y la reconstruccion de los puentes rotos em el liceo. **Última década**, n.16, Cidpa Viña del Mar, p.99-118, mar. 2002,.

EGGERT, L. L; THOMPSON, E. A; HERTING, J. R.; NICHOLAS, L. J. Reducing suicide potential among high-risk youth: tests of a school-based prevention program. **Suicid and life - Threatening Behavior**, 25(2):276-296, 1995.

ERIKSON, E. **Identity: youth and crisis**. New York: Norton, 1968.

FAU, René. **Crianças e adolescentes: grupos e amizades**. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1960, p. 115.

FEIX, R. **Alcoolismo, drogradição e o hospital geral**: prevalência das principais complicações médicas entre pacientes do CDQUIM. Porto Alegre. Salvador: ABEAD, 1991.

_____ et al. **Alcoolismo e gênero**: correlação entre homens e mulheres hospitalizadas no CDQUIM. Porto Alegre, 1993.

FOLEY, Vincent D. **Introdução à terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FREUD, Anna. **Folha de São Paulo**, p.6-1, 10/05/1991.

FUENTE, R; MEDINA-MORA, M. E. Lãs adicciones em México: el abuso y la dependência de fármacos psicoativos. **Salud Mental**, 10(2):14-21, 1987.

_____. Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, A. (org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

GAUTHIER, C. et al. **Por uma teoria da pedagogia**. Ijuí: Unijuí, 1998.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Estudo de Caso. **Mídia Eletrônica**, São Leopoldo, PPGEDU, set. 2005.

HAWKINS, J. D.; Catalano, R. F.; MILLER, J. Y. Risk and protective factors for alcohol and other drug problems in adolescence and early adulthood: Implications for substance abuse prevention. **Psychological Bulletin**, 112(!): 64-105, 1992.

JEZISKI, M. A.; PALMA, R. H. B. F. Drogas, prevenção e tratamento. São Paulo: Ícone, 1988. In: CARVALHO, Alysson et al. **Adolescência**. Belo Horizonte: Editora UFMG, PROEX-UFMG, 2002.

KERR-CORREA, F. et al. Importância do estudo da prevalência de ingestão alcoólica excessiva para o diagnóstico de alcoolismo em enfermarias gerais e especializadas. **Revista da ABP**, v.7, p.159-162, 1985.

LUZ JUNIOR, E. Estudo da prevalência de alcoolismo numa vila marginal de Porto Alegre. **Revista Médica ATM**, Porto Alegre, v.9, p.407-432, 1974.

MALDANER, Otávio A. **A formação inicial e continuada de professores de química** - Professor/Pesquisador. Ijuí: Unijuí, 2000.

MANUAL PNAD. **Política Nacional Antidrogas**. Brasília: Presidência da República, Gabinete de Segurança Institucional, Secretaria Nacional Antidrogas, 2001. 22p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social** - Teoria, método e criatividade. 20.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTEIRO, Elaine. **Lendo com a boca e o pensamento**: a oficina de literatura como diálogo com crianças de rua. Dissertação (Mestrado em Educação), Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUCRJ, Rio de Janeiro, 1995.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdos**. Porto Alegre: [s.d], 1993. (mimeo)

_____. **Análise de conteúdo**. Porto Alegre, 1999. (no prelo)

_____; GALIAZZI, M. C.; RAMOS, M. G. Educar pela pesquisa: as resistências sinalizando o processo de profissionalização de professores. **Educar em Revista**, [s.d.], 2003.

_____; MANCUSO, Ronaldo. **Educação em Ciências**: produção de currículos e formação de professores. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. 304 p.

MORIN, Edgar. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005

NÓVOA, Antônio. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. **Profissão professor**. Portugal: Porto, 1995a.

_____. **Vidas de professores**. Portugal: Porto, 1995b.

OAIGEN, Edson R. **Atividades extraclasse e não formais**: uma política para a formação do pesquisador. Chapecó: Grifos, 1996.

OLIVEIRA, Cândida Rosilda de Melo. **Previda**: Programa de Educação e Vida. Brasília: Governo do Distrito Federal, Procuradoria do Distrito Federal e Conselho de Entorpecentes do Distrito Federal, 1990.

OLIVENSTEIN, Claude. **A droga**: drogas e toxicômanos. São Paulo: Brasiliense, 1980.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

OUTEIRAL, José. **Infância e adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. Programa de Redução de Danos/PMPOA.

_____. **Adolescer: estudos revisados sobre Adolescência**. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

PALO, Zoila. Prevencion primária del uso de substâncias psicoativas entre escolares de secundaria del turno nocturno. **Revista Diagnóstico**, v.32, San Felipe, Peru, n 4-6, p.49-58, 1990.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs), 1996.

PECHANSKY, F.; SOIBELMANN, M. O uso de substâncias psicoativas por alunos de escola privada de Porto Alegre. **Revista AMRIGS**, v.36, n.2, p.114-119, 1992.

_____. **O uso de bebidas alcoólicas em adolescentes residentes na cidade de Porto Alegre: características de consumo e problemas associados**. Dissertação (Mestrado em Medicina), Curso de Pós-Graduação em Medicina, Clínica Médica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 1993.

PENTZ, M. A.; DWYER, J. H.; MACKINNON, D. P.; FLAY, B. R.; HANSEN, W. B.; WANG, E. Y.; JOHNSON, C. A. A multi-community trial for primary prevention of adolescent drug abuse: Effects on drug use prevalence. **Journal of the American Medical Association**, 261:3259-3266;1989.

_____. The school-community interface in comprehensive school health education. In: STANSFIELD, S. **Institute of Medicine Annual Report**, Committee on Comprehensive School Health Programs. Institute of Medicine. Washington, DC: National Academy Press, 1995.

PERÉZ GÓMEZ, A.; SACRÍSTÁN, J. G. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido. **Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal**. São Paulo: Cortez, 2000.

POLÍTICA NACIONAL ANTI-DROGAS (PNAD). 2003, p.7.

RIBEIRO, Wânier. **Drogas na Escola: prevenir educando**. São Paulo: Annablume, 2005.

ROBAINA, J. Vicente L. **Raízes e conseqüências da dependência química: um estudo biográfico das vivências familiares**. Dissertação (Mestrado em Educação),

Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 1996.

_____. Trabalhando com famílias: desenvolvendo a metodologia do grupo operativo com usuários de drogas em situação de vulnerabilidade social no Abrigo Municipal Marlene. **Seminário Regional de Práticas Sociais** – Rede de Proteção (municípios de Alvorada, Cachoeirinha, Canoas, Esteio, Gravataí, Porto Alegre e Viamão). Porto Alegre: Promoarte, 2004. p.313-320.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, Antônio. **Profissão professor**. Portugal: Porto, 1995.

SALLES, Leila Maria Ferreira. As drogas e o aluno adolescente. In: AQUINO, Júlio Groppa (org.). **Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998. p.123-142.

SANTANDER, E. **Em defesa da vida: um programa de prevenção contra o uso de drogas na escola, na família e na comunidade**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Rosa Maria S. **Prevenção de droga na escola**. Uma abordagem psicodramática. Campinas: Papirus, 1997a.

_____. **Prevenção de droga na escola**. Uma abordagem psicodramática. 4.ed. Campinas: Papirus, 1997b.

_____. **Prevenção de droga na escola**. Uma abordagem psicodramática. 4.ed. Campinas: Papirus, 2004.

SCHUCKIT, M. **Abuso de álcool e drogas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

SHÓN, Donald. **La formación de profesionales reflexivos: hacia un nuevo diseño y el aprendizaje em lãs profesiones**. Barcelona: Paidós, 1992.

SOARES, Cássia Baldini. **Adolescentes, drogas e AIDS: avaliando a prevenção e levantando necessidades**. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 1997.

SPOSITO, Marília Pontes. **Juventude e escolarização (1980-1998)**. Brasília: Mec/Inep/Comped, 2002. (Série Estado do Conhecimento; n.7)

SPOSITO, Marília Pontes. **Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola**. São Paulo, 2003. (polígrafo)

SUDBRACK, Maria Fátima Oliver et al. **Crianças e adolescentes em situações de rua e consumo de drogas**. Brasília: Plano Editora, 2004.

SUDBRACK, Maria Fátima Oliver. Construindo redes sociais: metodologia de prevenção da drogadição em adolescentes de famílias de baixa renda. Relatório CNPq 94/96. In: SUDBRACK, Maria Fátima Oliver, et al. **Crianças e adolescentes em situações de rua e consumo de drogas**. Brasília: Plano Editora, 2004.

TARDIF, M. Os professores enquanto sujeitos do conhecimento: subjetividade, prática e saberes do magistério. In: CANDAU, V.M. (org.). **Didática, currículo e saberes escolares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000a.

_____. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, p.5-24, jan./fev./mar./abr. 2000b.

_____. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. **O trabalho docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TIBA, Içami. **Juventude e drogas: anjos caídos**. São Paulo: Integrare, 2007.

VIZZOLTO, S.M. **A droga, a escola e a prevenção**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZABALZA, M. A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZAGURY, Tânia. **O adolescente por ele mesmo**. 13.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ZEICHNER, K. M.; LISTON, D. P. **Formación del profesorado y condiciones de la escolaizacón**. Madrid: Morata, 1993.

_____. Tendências investigativas na formação do professores. Participação na Mesa Redonda de mesmo título na **20º Reunião da ANPED**, Caxumbú-MG, 22 set. 1997.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: SÍNTESE GERAL DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO DOS PROFESSORES

1.TÓPICOS	2. UNIDADES DE SIGNIFICADO/PROFESSORES	3. INTERPRETAÇÃO: LINGUAGEM PEDAGÓGICA	4. SABERES
1.1. Conhecimentos que possui sobre drogas.	2.1 Resgate de valores; 2.2 Mudanças de hábitos.	3.1 Problemas: hiperatividade, indisciplina; falta de concentração; 3.2 Solução encontrada: resgate de valores; 3.3 Conhecimentos obtidos em estudos e palestras sobre cognição.	4.1 Saberes da experiência; experiencial e relativos à área de conhecimento : drogadição em geral.
1.2 Conhecimentos sobre drogas antes de trabalhar neste projeto.	2.3 Droga é prejudicial; 2.4 Drogas ilícitas mais prejudicial que drogas lícitas; 2.5 Leituras de livros, revistas e notícias; 2.6 Exposição da PF sobre drogas; 2.7 Visão clara sobre drogas e a valorização da vida; 2.8 Trabalho sistemático com professores, pais e sociedade; 2.9 Trabalhos interinstitucionais; 2.10 Ações preventivas.	3.4 Conhecimentos prévios sobre drogadição; 3.5 Equipe Multidisciplinar para cursos de capacitação para lidar com a drogadição.	4.2 Saberes da experiência; experiencial; prévios relativos à área de conhecimento : drogadição em geral e saberes profissionais.

<p>1.3. Fonte de Obtenção de conhecimentos sobre drogas</p>	<p>2.11. Palestras, seminários e troca de informações sobre o tema;</p> <p>2.12. Professores necessitam de capacitação e mais informações sobre o tema;</p> <p>2.13. Colegas usuários de drogas: uma vida muito triste;</p> <p>2.14. Nunca usei droga e minha família também não;</p> <p>2.15. Meu conhecimento anterior era na linha terapêutica e psicanalítica;</p> <p>2.16. Por ser Psicóloga tenho uma visão diferente da preventiva;</p> <p>2.17. Visão da escola e da comunidade mostra quanto é importante o trabalho preventivo;</p> <p>2.18. Experiência com trabalho voluntário ligado ao Alcoolismo em duas clínicas de tratamento;</p> <p>2.19. Leituras feitas sobre a proposta do Amor Exigente para professores e pais;</p> <p>2.20. Experiência de trabalho na Cruz Vermelha do Brasil na área de prevenção;</p>	<p>3.6. Conhecimento novo agregado ao conhecimento prévio;</p> <p>3.7. Conhecimento anterior da área clínica, visão diferente do enfoque preventivo;</p> <p>3.8. Trabalhos voluntários na área de tratamento de alcoolismo e outras drogas em diferentes clínicas;</p> <p>3.9. Interessou-se pelo tema devido a pessoas próximas apresentarem problemas com drogas;</p>	<p>4.3. Saberes da experiência; experencial; saber profissional, social e docente.</p>
---	---	---	--

<p>1.4. Conhecimento chega na escola</p>	<p>2.21. Formação através de palestras, seminários e encontros sobre o tema;</p> <p>2.22. Leitura de diferentes materiais sobre drogas;</p> <p>2.23. Casos esporádicos e pontuais de situações de uso de drogas;</p> <p>2.24. Conhecimentos adquiridos sobre pesquisas realizadas sobre o tema;</p> <p>2.25. Conhecimento das diferentes drogas utilizadas pelos adolescentes, tais como: álcool, tabaco, medicamentos para emagrecer, maconha, cocaína e crack;</p> <p>2.26. A permissividade de algumas drogas (álcool e tabaco) x a llicitude de outras (maconha, crack, etc.);</p> <p>2.27. Permissividade de alguns professores da escola sobre o uso de drogas;</p> <p>2.28. Encontradas baganas de cigarros de maconha na escola;</p> <p>2.29. Uso de tabaco por parte de alguns professores;</p>	<p>3.10. Conhecimentos trazidos da experiência profissional com atendimentos a dependentes químicos e adquiridos através de capacitações realizadas sobre a temática drogadição;</p> <p>3.11. Uso de diferentes estratégias para desenvolver o projeto proposto;</p> <p>3.12. Permissividade de alguns professores em relação as drogas lícitas;</p> <p>3.13. A escola trabalha com sensibilização, conscientização e prevenção, a repressão fica a cargo das autoridades policiais da cidade;</p> <p>3.14. Possibilidade de haver tráfico de drogas na escola no turno da noite;</p>	<p>4.4. Saberes curriculares, curricular, profissional, da experiência e pedagógico.</p>
--	--	---	--

	<p>2.30. Mudança de conduta (deixaram de fumar) por parte dos professores que utilizavam tabaco em decorrência do projeto;</p> <p>2.31. Melhora no relacionamento com os colegas;</p> <p>2.32. Leitura da postura do adolescente, da forma como ele age dentro da escola;</p> <p>2.33. Angústia que os professores demonstram em relação as necessidades de um usuário de drogas;</p> <p>2.34. Suspeitas de tráfico de drogas no turno da noite na escola por parte de alguns adolescentes;</p> <p>2.35. Prioridade do trabalho na conscientização e prevenção ao invés da repressão;</p> <p>2.36. Conhecimento do uso vem muitas vezes de uma conversa com os pais;</p>		
--	--	--	--

<p>1.4. Relacionamento com o adolescente e o consumo de drogas na escola</p>	<p>2.37. Problemas familiares;</p> <p>2.38. Número pequeno de adolescentes com problemas de drogas na escola;</p> <p>2.39. Maioria dos adolescentes da escola não são usuários de drogas;</p> <p>2.40. Professores demonstram medo que os adolescentes usuários contaminem os outros;</p> <p>2.41. Monitoramento do comportamento dos adolescentes;</p> <p>2.42. A escola tem limites, vigilância;</p> <p>2.43. Relacionamento ocorre por exclusão;</p> <p>2.43. A exclusão se dá para as drogas ilícitas e não para as lícitas;</p> <p>2.44. Permissividade e aceitação das drogas lícitas;</p>	<p>3.15. O problema das drogas é causado por problemas familiares e financeiros em sua grande maioria das vezes;</p> <p>3.16. Preocupação dos professores com adolescentes que abusam de drogas possam “contaminarem” adolescentes que não fazem uso de drogas;</p> <p>3.17. Pais são chamados à escola para conversar com os professores a respeito de seus filhos;</p>	<p>4.5. Saberes docente e profissional.</p>
--	--	--	---

<p>1.5. Relação entre alunos que usam drogas e alunos que não usam drogas</p>	<p>2.45. Adolescentes que usam drogas tentam chamar atenção com tais atitudes;</p> <p>2.46. Não discriminação do adolescente usuário de drogas na escola;</p> <p>2.47. Força e identificação do grupo;</p> <p>2.48. Preconceito, insegurança e falta de conhecimento sobre o tema;</p> <p>2.49. Afetividade: idéia que temos de prevenção;</p> <p>2.50. Ter conhecimento sobre o tema não significa estar pronto para enfrentar situações;</p> <p>2.51. Falta de manejo por parte dos professores para enfrentarem situações com adolescentes que fazem uso de drogas na escola;</p> <p>2.52. Relacionar-se com o mundo com outro olhar;</p>	<p>3.18. Existem colegas que não são sensíveis para resolverem problemas relacionados à drogadição, transferem estes problemas para a direção da escola;</p> <p>3.19. Outros professores mais participativos e abertos buscam desenvolverem a afetividade como uma forma de realizar a prevenção ao abuso de drogas;</p> <p>3.20. Objetivos diferentes, força do grupo e identificação com o grupo são características que os adolescentes apresentam quando estão abusando de drogas;</p>	<p>4.6. Saberes social e docente.</p>
---	--	--	---------------------------------------

<p>1.6. Opinião dos professores sobre consumo de drogas pelos adolescentes</p>	<p>2.52. Solicitações de saídas de sala de aula por alunos suspeitos;</p> <p>2.53. Movimentos estranhos na escola entre alunos;</p> <p>2.54. Visibilidade do uso de drogas por alunos;</p> <p>2.55. Adolescência é uma fase de transição de oscilações emocionais;</p> <p>2.56. Estrutura familiar não é mais sólida;</p> <p>2.57. A maioria não são usuários, mas existe risco constante de aumentar o uso;</p> <p>2.58. Projeto é de suma importância para a escola e também para a vida futura;</p> <p>2.59. É um problema epidêmico de saúde, afeta os relacionamentos, aumenta a agressividade e causa a desmotivação;</p> <p>2.60. Há uma caminhada aqui na escola, mas ainda existe muita negação, é um trabalho de resistência;</p>	<p>3.21. Adolescentes que abusam de drogas apresentam movimentos estranhos dentro da escola que podem caracterizar tráfico de drogas pelos adolescentes;</p> <p>3.22. A importância de uma família desestruturada e de um desenvolvimento não adequado da adolescência dos alunos da escola contribuem para o aumento do consumo de drogas pelos adolescentes;</p> <p>3.23. Projeto proposto pela escola é muito importante para a melhoria da qualidade de vida dos adolescentes propõe uma reflexão para que possam ter uma perspectiva melhor de vida futura;</p>	<p>4.7. Saberes social, profissional, da experiência e pedagógico.</p>
--	---	--	--

	<p>2.61. É complicado trabalhar com essa questão, mas, quando não damos a importância necessária a este problema negamos a sua existência;</p> <p>2.62. Alguns professores não compartilham o problema, apresentam muita resistência ao tema;</p> <p>2.63. A escola tem proporcionado dentro do projeto momentos de capacitação que possibilitam aumento de conhecimentos sobre o tema por parte dos professores;</p> <p>2.64. O projeto de prevenção surgiu através de um grupo de professores de Biologia juntamente com a direção da escola;</p>		
<p>1.7. Atitude da direção da escola em relação a questão da droga</p>	<p>2.65. Fuga, uso de drogas e repetência;</p> <p>2.66. Chamamento dos pais dos adolescentes para conversar sobre o comportamento dos mesmos na escola;</p> <p>2.67. Falta de um maior engajamento e de unidade dos professores para a continuidade do projeto;</p>	<p>3.24. Conhecimento proposto pelo projeto é fundamental para o desenvolvimento do mesmo;</p> <p>3.25. Falta de unidade dos professores que desenvolvem o projeto;</p> <p>3.26. Fuga de usuários de dentro para fora da escola;</p>	<p>4.8. Saber pedagógico, da tradição pedagógica, curricular, curriculares e profissional.</p>

<p>1.8. Histórico da incidência da droga na escola</p>	<p>2.68. Adolescentes de diferentes classes sociais na escola (alta, média e baixa);</p> <p>2.69. Espaço físico da escola contribui para o abuso de drogas (muito aberto, sem limites);</p> <p>2.70. Mudança de conduta por parte dos adolescentes;</p> <p>2.71. Alunos indisciplinados;</p> <p>2.72. Alunos oriundos do interior;</p> <p>2.73. Droga lícita não era considerada problema;</p> <p>2.74. O problema do abuso de drogas sempre existiu, talvez agora tenha aumentado como na cidade, no estado e no país;</p> <p>2.75. Professor está com mais coragem, está sabendo trabalhar melhor com este problema;</p>	<p>3.27. Conhecimentos adquiridos e construídos pela vivência que os professores tem sobre os movimentos dos adolescentes que ocorrem dentro da escola;</p> <p>3.28. Dificuldade em manter a segurança dos adolescentes na escola devido a precariedade do cercamento da escola;</p> <p>3.29. Antigamente a escola apresentava uma clientela diferente da atual(média e baixa), classe média e alta, alunos vindo do centro da cidade, onde havia uma aceitação maior da sociedade pelos atos dos adolescentes;</p> <p>3.30. Diversidade cultural;</p> <p>3.31. Permissividade das drogas lícitas e ilícitas passou a ser encarada como problema;</p> <p>3.32. Capacitação dos professores propiciou melhor nível de atendimento aos adolescentes;</p>	<p>4.9. Saberes da experiência, experiencial, das disciplinas, profissional e docente.</p>
--	--	---	--

<p>1.9. Dificuldades encontradas no relacionamento com adolescentes usuários de drogas</p>	<p>2.76. Falta de perspectiva dos alunos: apatia e rebeldia;</p> <p>2.77. Forma de abordagem dos alunos pelos professores;</p> <p>2.78. Alunos disciplinados e/ou indisciplinados: grupos isolados não se misturam;</p> <p>2.79. a indisciplina está relacionada com a forma como o professor posiciona-se em relação ao tema, professor que é resistente emocionalmente forma barreiras;</p> <p>2.80. Professor que coloca limite não é bem visto;</p> <p>2.81. Projeto de prevenção abordado de diferentes formas na sala de aula, através de atividades de teatro, atividades positivas que falam de valores, etc;</p> <p>2.82. Alunos usuários apresentam dificuldades na escola, como freqüência, aprendizagem e até exclusão;</p> <p>2.83. Limites básicos não são cumpridos pelos adolescentes, desde sua casa até na escola;</p>	<p>3.33. A maioria dos adolescentes apresenta certa rebeldia e falta de perspectiva de vida, independentemente de ser usuário de droga ou não;</p> <p>3.34. Falta de capacitação por parte dos professores para lidarem com o problema da drogadição na sala de aula;</p> <p>3.35. Falta de aceitação do projeto por parte de alguns professores da escola;</p> <p>3.36. Falta de limites impostos pelos pais dos adolescentes;</p> <p>3.37. Adolescentes sem limites;</p> <p>3.38. Projeto desenvolvido na escola é interdisciplinar e as atividades realizadas em sala de aula são integradas ao projeto de prevenção;</p> <p>3.39. Dificuldade dos pais em relacionar-se com seus filhos, diálogo e limites;</p>	<p>4.10. Saberes sociais, profissionais, da experiência e das disciplinas.</p>
--	--	---	--

<p>1.10. Prevenção do uso de drogas a partir do projeto</p>	<p>2.84. Continuidade do projeto de prevenção na escola; 2.85. Aumento da auto-estima e resgate da solidariedade; 2.86. Participação em eventos, encontros visando aquisição de conhecimentos; 2.87. Capacitação dos professores sobre a temática de drogas a cada ano ou mensais; 2.88. Desenvolver projetos de valorização da vida em sala de aula a com a comunidade; 2.89. Maior comprometimento dos professores que participam do projeto; 2.90. O projeto desenvolvido na escola foi baseado em outros projetos de prevenção; 2.91. Professores devem trabalhar com temas geradores e transversais de interesse dos adolescentes; 2.92. Projetos de prevenção com nova concepção, construídos pelos participantes; 2.93. Evitar o uso de ex-dependentes como modelos para viabilizarem projetos de prevenção ao abuso de drogas; 2.94. Trabalhar assuntos em sala de aula de forma interdisciplinar;</p>	<p>3.40. Valorização e continuidade do projeto objetivam-se devido ao mesmo contribuir para a auto-estima bem como para o resgate de valores; 3.41. Formação inicial e continuada de professores é muito importante para que o projeto continue dando resultados positivos; 3.42. Participação em eventos organizados pela escola bem como em outros eventos fora da escola; 3.43. Atividades desenvolvidas em sala de aula voltadas para a prevenção e valorização da vida contribuem para a melhoria do comportamento dos adolescentes; 3.44. Professores de diferentes áreas trabalham com diferentes temas através de atividades interdisciplinares; 3.45. Projeto originou-se de outros projetos que foram trazidos pelos professores da escola;</p>	<p>4.11. Saberes profissionais, da experiência, docente, das disciplinas e pedagógico.</p>
---	--	--	--

<p>1.11. Contribuição do projeto para a melhoria da qualidade de vida e não uso de drogas por adolescentes</p>	<p>2.95. O engajamento do projeto contribui para a melhoria da qualidade de vida mesmo lentamente trazendo resultados importantes;</p> <p>2.96. Uso de diferentes estratégias de ensino para combater o abuso de drogas: música, teatro, seminários, etc.</p> <p>2.97. Desenvolver atividades para motivar colegas que não estão envolvidos no projeto;</p> <p>2.98. Promoção de atividades voltadas para a valorização da vida;</p> <p>2.99. Escolha de líderes para comandarem o projeto;</p> <p>2.100. Alunos mais participativos na escola são percebidos através da mudança de comportamento e de atitudes;</p> <p>2.101. Pais mais motivados freqüentam mais a escola do que antes;</p> <p>2.102. Tenho orgulho de ser professora desta escola;</p>	<p>3.46. Conhecimentos adquiridos ao longo da sua trajetória de vida que possibilita o desenvolvimento de diferentes estratégias de ensino voltadas para a prevenção como uma forma de melhoria da qualidade de vida dos adolescentes;</p> <p>3.47. O positivo é que o projeto existe e o negativo é que existem ainda professores que fazem de conta que o projeto não existe;</p> <p>3.48. É mais difícil motivar um colega do que um adolescente;</p> <p>3.49. Mudança de comportamento dos adolescentes e de seus pais frente as questões relacionadas com a drogadição;</p>	<p>4.12. Saber curricular, curriculares, profissionais, da experiência, pedagógico e social.</p>
--	---	--	--

<p>1.12.Participação dos professores no projeto de prevenção</p>	<p>2.103. Passagem de filmes motivacionais para os adolescentes com o tema solidariedade; 2.104. Adolescentes desenvolvem trabalhos de solidariedade em creches e asilos, trocando vivências e experiências; 2.105. Elaboração de um livro sobre história de vida, com o objetivo de narrar a história de um parente; 2.106. Planejamento de estratégias visando atingir metas propostas por um grupo pequeno de professores que participam do projeto na escola; 2.107. Falta de limtadores: porteiros e pessoal de limpeza; 2.108. Trânsito de pessoas estranhas a escola está acarretando aumento do problema de drogadição na escola; 2.109. mudança de postura dos professores perante ao abuso de drogas,: professores mais motivados para a realização de seu trabalho; 2.110. Mudança de hábitos por parte de alguns professores: sala de fumantes foi extinta; 2.111. Construção do conselho municipal anti-drogas a partir dos resultados do projeto; 2.112. Projeto de prevenção está servindo de modelo para outras escolas da cidade e da região;</p>	<p>3.50. Aplicação de estratégias de vivências de situações relacionadas ao problema da drogadição possibilitou que os adolescentes tivessem melhor formação para entenderem o mal que as drogas causam; 3.51. Experiências adquiridas em visitas a asilos de idosos possibilitaram a construção de uma nova visão de vida pelos adolescentes; 3.52. Dificuldade por parte da escola de garantia de segurança para os adolescentes; 3.53. Mudança de relacionamento dos pais com a escola; 3.53. Mudança de postura de alguns professores com relação ao abuso de drogas (eliminação da sala de fumantes); 3.54. O trabalho do projeto foi totalmente construído na escola pelos professores, não foi imposto de cima para baixo; 3.55. Criação do conselho municipal anti-drogas deu suporte para continuidade do projeto na escola; 3.56. Mobilização de outras escolas da cidade e/ou da região visando elaborar e desenvolver ações semelhantes ao projeto da escola;</p>	<p>4.13. Saberes profissionais, disciplinares, da experiência, experiencial, pedagógico, social, das disciplinas e docente.</p>
--	---	--	---

<p>1.13.Práticas pedagógicas na escola sobre o uso de drogas</p>	<p>2.113. Realização de palestras, seminários e cursos de capacitação para os professores sobre drogas; 2.114. Trabalho integrado com grupos da cidade visando a realização de oficinas e concurso de poesias com um cafezinho poético; 2.115. Elaboração de redações realizadas pelos adolescentes sobre a temática; 2.116. Fazer prevenção é colocar-se em risco, priorizando o desenvolvimento de valores e atitudes; 2.117. Alunos com comportamentos diferenciados são encaminhados pela direção para atendimentos fora da escola; 2.118. A escola tem uma caminhada a ser realizada, faz prevenção e não repressão; 2.119. Busca de alternativas para a melhoria da relação adolescente/escola/família; 2.120. O trabalho de prevenção é diário e em sala de aula; 2.121. Em sala de aula, o professor deve propor diferentes temáticas para serem trabalhadas com os adolescentes, tais como violência; 2.122. Participação efetiva da escola na comunidade em diferentes frentes; 2.123. As experiências trazidas pelos alunos devem ser debatidas e discutidas em sala de aula;</p>	<p>3.57. Uso de diferentes práticas pedagógicas (oficinas, palestras, concursos de poesias e leituras de textos) relacionados com a temática drogadição contribuíram para que os adolescentes agregassem novos conhecimentos visando a melhoria de sua qualidade de vida; 3.58. Fazer a prevenção ao abuso de drogas na escola e evitar a repressão; 3.59. Participação mais ativa da família das atividades da escola; 3.60. Trabalhar as questões relativas ao abuso de drogas cotidianamente em sala de aula; 3.61. Conhecimento prévio que os adolescentes trazem de sua bagagem de conhecimentos de suas experiências; 3.62. Multivariabilidade de temas transversais e interdisciplinares que podem ser trabalhados em sala de aula;</p>	<p>4.14. Saberes pedagógicos, da tradição pedagógica, da experiência, docentes e profissionais; 4.15. Saberes prévios relativos à área de conhecimento drogadição e saber interdisciplinar;</p>
--	--	---	--

<p>1.14.Mensagem final sobre o projeto</p>	<p>2.124. Persistência no desenvolvimento do projeto deve ser encarada como uma meta;</p> <p>2.125. Necessidade constante de repensar ações num projeto deste porte;</p> <p>2.126. O projeto propõe a valorização da vida, para que exista vida tem que haver saúde e para haver saúde sempre há uma esperança de que um dia ocorra mudanças drásticas no modelo de saúde que temos hoje;</p> <p>2.127. O projeto de prevenção deve envolver toda a escola, ser interdisciplinar e com a participação da comunidade;</p> <p>2.128. O projeto é como uma luz no fundo do túnel, a prevenção deve estar no início do túnel, está no final por que temos que investir mais em prevenção e cada vez mais cedo;</p> <p>2.129. Aluno novo é sempre um novo na história, não uma repetição do que já aconteceu;</p>	<p>3.63. Conhecimento prévio dos adolescentes;</p> <p>3.64. Conhecimento novo agregado ao conhecimento prévio dos adolescentes obtidos a partir do projeto de prevenção;</p> <p>3.65. Capacitação anual sobre drogas para os professores que participam do projeto;</p> <p>3.66. Visão interdisciplinar do projeto;</p> <p>Integração das diferentes áreas do conhecimento com setores da comunidade objetivando a melhoria da qualidade de vida dos adolescentes;</p>	<p>4.16. Saberes sociais, profissionais, interdisciplinares, curriculares e docentes.</p>
--	--	--	---

APÊNDICE 2: SÍNTESE GERAL DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO DOS ADOLESCENTES

1.TÓPICOS	2. UNIDADES DE SIGNIFICADO/PROFESSORES	3. INTERPRETAÇÃO: LINGUAGEM PEDAGÓGICA	4. SABERES
<p>1.1. Concepções sobre drogas: Uso, Abuso, Dependência e Qualidade de Vida</p>	<p>2.1. Droga o nome disso tudo é uma droga, é maconha, bebida alcoólica, o próprio nome já diz, não traz proveito algum, só coisas ruins;</p> <p>2.2. Às vezes é uma dependência física ou psicológica;</p> <p>2.3. Abusa para fugir dos problemas;</p> <p>2.4. Adolescente com problemas familiares abusa de drogas, pensa que ninguém de sua família gosta dele;</p> <p>2.5. Usar drogas para alguns adolescentes é como se fosse um refúgio, para outros não, fazem por que gostam, por que acham legal;</p>	<p>3.1 Problemas: hiperatividade, indisciplina; falta de concentração;</p> <p>3.2 Solução encontrada: resgate de valores;</p> <p>3.3 Conhecimentos obtidos em estudos e palestras sobre cognição.</p>	<p>4.1 Saberes da experiência; experiencial e relativos à área de conhecimento : drogadição em geral.</p>

	<p>2.6. Dependência é quando tu comesças a abusar da droga, tu só dependes daquilo que tu queres depender, o jovem acha que não fica dependente, dependência é mais psíquica do que emocional, não tanto física, é uma forma de defesa, dependência química deve ser tratada através da família, dos amigos, da escola e da comunidade, é não conseguir mais sair da situação, embora tente;</p> <p>2.7. Uso é quando tu vais para uma festa e precisas te sentir melhor para virar a noite, e aí tu usa, o uso de drogas é não conseguir passar um dia sem ingerir a droga, é tentar fugir de algum problema, buscar na droga uma forma de libertar-se;</p> <p>2.8. Abuso é quando tu queres mais e mais, sempre mais, começa na maconha, depois passa para a cocaína e após para o Ecstasy, e assim por diante, abuso de drogas é ocorre quando a pessoa prejudica a si mesma a aos outros;</p>		
--	---	--	--

	<p>2.9. Supostos amigos te oferecem, dizem que tu irás te sentir bem melhor, que vai ser legal, que vai ser uma coisa diferente, esses supostos amigos , quando tu estás numa pior, eles não te estendem a mão e dizem que tu tens que sair sozinho;</p> <p>2.10. A história do uso de drogas sempre inicia com alguém te oferecendo, uma amizade, uma influência, ninguém começa sozinho, sempre alguém está te observando e se aproxima de ti na hora em que tu estás com mais dificuldade, isso é um abuso, é quando tu queres mais, sempre mais;</p> <p>2.11. Qualidade de vida em primeiro lugar é saúde, ninguém pode ter uma qualidade de vida boa se usa drogas, o que causa uma boa qualidade de vida é uma família unida, é fazer o que gosta sem se prejudicar, é o que não acontece com aquele que usa drogas, é estar de bem consigo mesmo, amar-se, está muito associado ao emocional;</p>		
--	--	--	--

	<p>2.12. Quando na família existe alguém que usa drogas a família nunca está unida;</p> <p>2.13. Eu não bebo, acho que para mim vai trazer conseqüências;</p> <p>2.14. Adolescente vândalo é aquele que destrói o patrimônio público, não respeita;</p> <p>2.15. Um bom professor é aquele que se envolve com a família, procura saber sobre a vida do aluno, que é amigo e que pode agir como psicólogo estando mais apto par o trabalho emocional, um mal professor é aquele que somente ensino e conteúdo e mais nada;</p> <p>2.16.a escola pode ocupar o papel da família em situações em que a família encontra-se desestruturada, a escola e os amigos formam a sua família;</p> <p>2.17. Aceitar críticas é fundamental, avalia-las é melhor ainda.</p>		
--	--	--	--

<p>1.2 História de seu acesso ao consumo de drogas</p>	<p>2.18. Tudo começa pela amizade, pelo namorado, pelos amigos, numa festa acabam essas influências não ajudando nada;</p> <p>2.19. Existem alunos da escola que usam drogas ilícitas, o acesso a elas ocorre principalmente no turno da noite, no fundo da escola;</p> <p>2.20. já tive pessoas da minha família envolvidas com drogas;</p> <p>2.21. Preciso ter mais conhecimento sobre o assunto para compreendê-lo melhor;</p> <p>2.22. Minha vivência com a doença de meu pai, alcoolismo me ajudou muito a conhecer os problemas que as drogas causam ao organismo das pessoas, foi muito doloroso acompanhar a melhora de meu pai, mas ele conseguiu sair dessa, nunca deixei discriminar o meu pai, sempre encarei o problema com seriedade;</p> <p>2.23. Tive uma boa educação na escola e em casa, o que me fez ter visibilidade desta problemática foi a escola;</p>	<p>3.4 Conhecimentos prévios sobre drogadição;</p> <p>3.5 Equipe Multidisciplinar para cursos de capacitação para lidar com a drogadição.</p>	<p>4.2 Saberes da experiência; experencial; prévios relativos à área de conhecimento : drogadição em geral e saberes profissionais.</p>
--	---	---	---

<p>1.3. Influências que definiram ser um usuário de drogas</p>	<p>2.24. Às más influências são os falsos amigos, esses contribuem muito para que os adolescentes iniciem o uso de drogas, devendo-se evitar o convívio social com adolescentes que usam drogas;</p> <p>2.25. Usuário de drogas é um fraco, por que acha que algo ruim pode lhe trazer felicidade, está fraco emocionalmente, podendo levá-lo a usar drogas;</p> <p>2.26. O dependente acha que a droga traz felicidade, dizem que a maconha causa alucinações, deixa a pessoa feliz naquele momento;</p> <p>2.27. No início do uso da droga ela dá uma sensação de prazer e depois ocorre o inverso;</p> <p>2.28. Sempre recebi muito amor , apesar de ter presenciado o problema de alcoolismo de meu pai, considero o meu padrasto como pai biológico;</p> <p>2.29. Sou flha de pasi separados e isso não influenciou em eu ser uma usuária, pois mesmo assim recebi muito amor, minha mãe casou-se novamente quando já estava grávida de mim com o meu padrasto;</p> <p>2.30. Conheço meu pai biológico mas nunca tentei uma aproximação, pois tenho uma estrutura familiar;</p> <p>2.31. Problemas familiares influenciam bastante se a pessoa é influenciável;</p> <p>2.32. A influência é completamente emocional, se a pessoa não se ama, não se respeita a si e aos outros, então ela deixa-se levantar pela droga;</p>	<p>3.6. Conhecimento novo agregado ao conhecimento prévio;</p> <p>3.7. Conhecimento anterior da área clínica, visão diferente do enfoque preventivo;</p> <p>3.8. Trabalhos voluntários na área de tratamento de alcoolismo e outras drogas em diferentes clínicas;</p> <p>3.9. Interessou-se pelo tema devido a pessoas próximas apresentarem problemas com drogas;</p>	<p>4.3. Saberes da experiência; experiencial; saber profissional, social e docente.</p>
--	--	---	---

<p>1.4. Situações que sentes necessidade de usar droga</p>	<p>2.33. Apegado demais com aquele grupinho, eu quero sair com eles por que sempre a droga está presente;</p> <p>2.34. Pessoas que usam drogas falam muitas besteiras, apresentam reações diferentes, seu olhar diz muita coisa, nota-se pela aparência, ficam agressivas que parecem que nem te conhecem;</p> <p>2.35. Sintoma é doença, que através do uso pode dar na pessoa, a overdose é um sintoma rápido muito freqüente no usuário de drogas;</p> <p>2.36. As drogas influenciam muito na AIDS, nas doenças venéreas, pois na hora da transa pode não utilizar o preservativo e contraí-las;</p> <p>2.37. As bebidas alcoólicas também contribuem para o uso de outras drogas, pois a pessoa que usa outras drogas bebe mais, o adolescente faz bem mais coisas erradas do que deveria, pois quando está drogado e/ou alcoolizado tem mais coragem para fazer coisas que sem a droga não faria;</p> <p>2.38. Quando o adolescente sente-se mal, acha que necessita usar a droga;</p> <p>2.39. Qualquer consumo repetitivo já é considerado dependência;</p> <p>2.40. Desvalorizar o consumo para um dependente é propiciar cada vez mais o uso, a vontade de consumir drogas é maior do que a de não usar;</p> <p>2.41. Devemos sempre falar em qualidade de vida ao invés de drogas;</p>	<p>3.10. Conhecimentos trazidos da experiência profissional com atendimentos a dependentes químicos e adquiridos através de capacitações realizadas sobre a temática drogadição;</p> <p>3.11. Uso de diferentes estratégias para desenvolver o projeto proposto;</p> <p>3.12. Permissividade de alguns professores em relação as drogas lícitas;</p> <p>3.13. A escola trabalha com sensibilização, conscientização e prevenção, a repressão fica a cargo das autoridades policiais da cidade;</p> <p>3.14. Possibilidade de haver tráfico de drogas na escola no turno da noite;</p>	<p>4.4. Saberes curriculares, curricular, profissional, da experiência e pedagógico.</p>
--	---	---	--

<p>1.5. Reações que sentes quando utilizas drogas</p>	<p>2.42. Tristeza, olho caído, pessoas que apresentam alucinações, ansiedade, nervosismo, falta de autoconfiança, alegria, euforia, confiança excessiva, falta de consideração com as outras pessoas, elevação do tom de voz, confiança de que o mundo é dele, agressividade e instabilidade emocional;</p> <p>2.43. Algumas pessoas ficam bem lentas e outras ficam bem agitadas, ficando mal após o uso, o comportamento de uma pessoa que usa drogas é bem diferente de um que não usa;</p> <p>2.44. Identifico uma pessoa que utiliza drogas pelo conhecimento prévio adquirido através de palestras e pelo projeto desenvolvido na escola, o usuário não esconde nem mais de seus amigos, mostram para nós não usuários que querem largar mas muitos não conseguem;</p> <p>2.45. é um sintoma muito forte mesmo, a gente nota na cara do usuário o seu abatimento, parecendo que sente-se mais feliz quando está drogada, mas sente-se fracassada, a pior pessoa do mundo;</p>	<p>3.15. O problema das drogas é causado por problemas familiares e financeiros em sua grande maioria das vezes;</p> <p>3.16. Preocupação dos professores com adolescentes que abusam de drogas possam “contaminarem” adolescentes que não fazem uso de drogas;</p> <p>3.17. Pais são chamados à escola para conversar com os professores a respeito de seus filhos;</p>	<p>4.5. Saberes docente e profissional.</p>
---	---	--	---

<p>1.6. Perspectiva de vida futura como usuário de drogas</p>	<p>2.46. É na adolescência, a fase mais bonita do desenvolvimento do jovem que ele vai plantar o seu futuro, utilizando-se dos espelhos de vidas de seus familiares, isto é, espelhos bons, vidas boas, espelhos ruins, vidas ruins;</p> <p>2.47. O problema da dependência química é um dificultador para conseguir um emprego, pois se o empregador souber do passado do jovem, do envolvimento dele com drogas e roubos, ele não irá lhe dar a oportunidade;</p> <p>2.48. A pessoa que usa drogas não terá um futuro bom, se beber ou usar drogas socialmente em um futuro muito próximo poderei ser alcoólatra e/ou dependente químico;</p> <p>2.49. A gente colhe aquilo que nós plantamos, por isso devemos plantar hoje para colher amanhã, boas sementes, bons frutos a gente terá;</p>	<p>3.18. Existem colegas que não são sensíveis para resolverem problemas relacionados à drogadição, transferem estes problemas para a direção da escola;</p> <p>3.19. Outros professores mais participativos e abertos buscam desenvolverem a afetividade como uma forma de realizar a prevenção ao abuso de drogas;</p> <p>3.20. Objetivos diferentes, força do grupo e identificação com o grupo são características que os adolescentes apresentam quando estão abusando de drogas;</p>	<p>4.6. Saberes social e docente.</p>
---	---	--	---------------------------------------

	<p>2.50. A perspectiva de vida do adolescente que usa droga não é muito boa, por que as pessoas que usam drogas provavelmente terão sérios problemas de saúde;</p> <p>2.51. A comunidade percebe quando uma pessoa é usuário de drogas, às vezes pelo jeito de ser e andar;</p> <p>2.52. O adolescente de classe baixa, da periferia, não consegue nem concluir o ensino fundamental, porque a sociedade não ajuda e a pessoa se condiciona de que não pode, não consegue por ser pobre, não acredita no seu potencial, afirmando que nasceram pobres então morrerão pobres;</p> <p>2.53. Para tentar acabar com a drogadição devemos acabar primeiramente com a exclusão social, fazendo um projeto voltado para a periferia, juntando o empresário, seu filho, o filho do porteiro, etc;</p>		
--	--	--	--

	<p>2.54. A falta de dinheiro e a miséria contribui muito para o tráfico de drogas, pois o adolescente muitas vezes ingressa nesta atividade para poder sobreviver;</p> <p>2.55. Quando o filho de um empresário precisa de atendimento é levado para uma clínica e quando um adolescente de periferia precisa de atendimento fica esperando por um ato de generosidade de uma pessoa que faz uma ação social por ele;</p> <p>2.56. Uma classe social influencia a outra, mas a drogadição está em todas as classes sociais;</p> <p>2.57. Adolescente que se veste com roupas de grife e tem um padrão de vida elevado, acredita um pouco mais em si mesmo;</p> <p>2.58. No primeiro tombo ele não levanta, não supera obstáculos, não percebe a própria capacidade, não tendo autoconfiança;</p>		
--	--	--	--

<p>1.7. Participação de PPD (Programa de Prevenção do uso de drogas), serviu/serve para modificações significativas em sua vida</p>	<p>2.59. Aqui na escola o trabalho iniciou atacando uma droga lícita que a maioria dos adolescente utilizam e que é o início do abuso das demais, que é o tabaco;</p> <p>2.60. Após uma palestra sobre tabaco, um amigo meu disse que iria parar de fumar e ele parou mesmo, deu para perceber nele através de suas atitudes;</p> <p>2.61. Atividades diversas, como peças teatrais realizadas pelos adolescentes sobre temas relacionados com a drogadição e elaborações de redações e dissertações sobre temas sociais forma muito debatidos e discutidos em sala de aula;</p> <p>2.62. O projeto de prevenção da escola está nos ensinando a incluir e a nos incluí-los na sociedade, tenta construir um mundo diferente, mudando a base de tudo isso, mostrando que somos capazes, busca a inclusão de todas as classes sociais, sendo um exemplo de projeto que ajudou muito e que trouxe muitos conhecimento foi o projeto vida urgente, o projeto da fundação Tiago Gonzaga que mostra que pequenos goles, pequenas doses podem levar o jovem a morte;</p> <p>2.63. Todo o usuário inicia o uso de drogas ilícitas pela maconha, por ser amais barata e que a maioria dos jovens usam, um baseado de maconha deve custar um real;</p> <p>2.64. Gostaria de ir a uma boate de camaquã e conscientizar os jovens com folhetos, adesivos sobre o programa;</p> <p>2.65. A participação dos adolescentes neste projeto de prevenção ao uso de drogas conscientiza-os ajudando a si e aos outros a perceberem e resolverem os seus problemas;</p> <p>2.66. Na escola as classes sociais são misturadas e isso diminui as diferenças, em casa já faço minha crítica quanto ao uso de drogas;</p>	<p>3.21. Adolescentes que abusam de drogas apresentam movimentos estranhos dentro da escola que podem caracterizar tráfico de drogas pelos adolescentes;</p> <p>3.22. A importância de uma família desestruturada e de um desenvolvimento não adequado da adolescência dos alunos da escola contribuem para o aumento do consumo de drogas pelos adolescentes;</p> <p>3.23. Projeto proposto pela escola é muito importante para a melhoria da qualidade de vida dos adolescentes propõe uma reflexão para que possam ter uma perspectiva melhor de vida futura;</p>	<p>4.7. Saberes social, profissional, da experiência e pedagógico.</p>
---	---	--	--

<p>1.8. Conhecimentos indispensáveis aos adultos para lidarem com usuários de drogas (citar)</p>	<p>2.67. Os filhos procuram este tipo de amizade por que não ganham o carinho necessário em casa, ame seu filho, cuide dele antes que um traficante venha e o adote, tentar saber quem são os amigos de seu filho, saber onde ele vai é muito importante, pois pai muito ocupado com trabalho não tem tempo para brincar com os filhos;</p> <p>2.68. O principal conhecimento indispensável são os pais, isto é, os pais devem estar muito por dentro da vida dos filhos, não importa idade, morando de baixo do mesmo teto, etc, conversar com o filho sempre sobre tudo, não omitir informações para que seus filhos não tenham dúvidas;</p> <p>2.69. Muitas vezes os adolescentes não gostam de falar sobre alguns assuntos, mas o que eles querem mesmo é que seus pais perguntem e insistam com eles para falarem sobre tal assunto, o adolescente também precisa ser chamado de filho;</p>	<p>3.24. Conhecimento proposto pelo projeto é fundamental para o desenvolvimento do mesmo;</p> <p>3.25. Falta de unidade dos professores que desenvolvem o projeto;</p> <p>3.26. Fuga de usuários de dentro para fora da escola;</p>	<p>4.8. Saber pedagógico, da tradição pedagógica, curricular, curriculares e profissional.</p>
--	--	--	--

	<p>2.70. O principal de tudo é estar integrado na vida social de seu filho, orientar seu filho sobre drogas, explicar riscos, abuso e dependência, conversar com seu filho sobre drogas, valorizando as informações e não criticando, perguntar a eles se já usaram, se conhecem as drogas se sabem identificá-las, se alguém já lhe ofereceu, etc;</p> <p>2.71. É preciso que o usuário queira parar com o uso, se não se conscientizar não adianta nada, evitar deixar o usuário chegar perto da droga;</p> <p>2.72. A família contribui muito positivamente ou negativamente com relação ao uso de drogas;</p> <p>2.73. Projeto como esse deve ser trabalhado desde a pré-escola até o último ano do ensino médio, deve-se enfatizar o respeito, amor, e todos os princípios que o amor traz, como a esperança, a confiança em si mesmo, a coragem de comunicar-se, falar o que se pensa, respeito pelo pensamento alheio, devendo respeitar as diferenças;</p> <p>2.74. Pais e filhos tem que dialogarem, sem condenação, o pai tem que estar por dentro da vida de seu filho;</p>		
--	--	--	--

<p>1.9. Acesso e aquisição de drogas: conhecimentos existentes previamente e os adquiridos (agregados)</p>	<p>2.75. Droga é droga, é ruim não dá para estar com ela, até os meus 14 anos de idade eu não sabia nada sobre drogas, aqui em camaquã não havia muita droga e usuários de drogas;</p> <p>2.76. Com o tempo a gente começa a sair com a turma, com amigos e então eu comecei a conhecer através destes amigos o que era drogas, como a maconha, depois do projeto pude ter uma idéia melhor do que é droga e saber o que eu deveria saber desde o início do projeto;</p> <p>2.77. Hoje em dia, os jovens não se constrangem mais em usar drogas em locais visíveis, eles estão deixando claro que são usuários de drogas, através do projeto melhorei muito os meus conhecimentos sobre drogas e hoje consigo distinguir um usuário de um não usuário;</p> <p>2.78. O desenvolvimento de atividades teatrais em sala de aula ajudou muito na compreensão da problemática da drogadição, cada teatro realizado partia de uma idéia diferente, aumentando a nossa bagagem de conhecimento;</p>	<p>3.27. Conhecimentos adquiridos e construídos pela vivência que os professores tem sobre os movimentos dos adolescentes que ocorrem dentro da escola;</p> <p>3.28. Dificuldade em manter a segurança dos adolescentes na escola devido a precariedade do cercamento da escola;</p> <p>3.29. Antigamente a escola apresentava uma clientela diferente da atual (média e baixa), classe média e alta, alunos vindo do centro da cidade, onde havia uma aceitação maior da sociedade pelos atos dos adolescentes;</p> <p>3.30. Diversidade cultural;</p> <p>3.31. Permissividade das drogas lícitas e ilícitas passou a ser encarada como problema;</p> <p>3.32. Capacitação dos professores propiciou melhor nível de atendimento aos adolescentes;</p>	<p>4.9. Saberes da experiência, experiencial, das disciplinas, profissional e docente.</p>
--	--	---	--

	<p>2.79. Para um usuário de drogas, é mais importante não ficar nenhum dia sem usar drogas do que não ficar um dia sem estudar;</p> <p>2.80. A sociedade hoje vem propondo diferentes estratégias para solucionar o problema da drogadição, percebe-se que os adolescentes que usam drogas são aqueles que não se interessam, que não tem perspectiva de vida, não tem qualidade de vida;</p> <p>2.81. Muitas vezes o pai não percebe que o filho está envolvido com drogas, por não ficar um dia sem estudar;</p> <p>2.82. Aqui na escola existe muita gente que usa, influenciada por muitos usuários da comunidade que vêm para a escola;</p> <p>2.83. Hoje em Camaquã a violência aumentou muito e este fator está diretamente ligado com o uso de drogas;</p>		
--	--	--	--

	<p>2.84. O uso de drogas está ligado diretamente com a violência em geral e também com a violência doméstica;</p> <p>2.85. Hoje tenho um conhecimento mais amplo, como os sintomas, o porquê do uso, a curiosidade, amigos, más companhias e problemas familiares, como aspecto emocional.</p> <p>2.86. O projeto da escola tem como diferencial que não fala em drogas e sim em valores e qualidade de vida e esse é o diferencial;</p> <p>2.87. Quando abordar uma pessoa que apresenta problemas com drogas, a entonação da voz, bem como a forma como abordar o tema será de suma importância para o sucesso da abordagem;</p>		
--	--	--	--

<p>1.10. Relações que estabelece por ser um usuário, qualidade de vida e a vida atual (Relações intrapessoais e interpessoais)</p>	<p>2.88. É como se fosse naquela palestra que aprendeu a ler e a escrever, a pessoa não sabia os males que as drogas causam;</p> <p>2.89. A qualidade de vida está diretamente ligada com o não uso de drogas;</p> <p>2.90. Vivência realizada através de teatros, apresentações mostraram como é difícil o convívio com pessoas que usam drogas e como isso dificulta o seu desenvolvimento na sociedade, as relações intrapessoais e interpessoais;</p> <p>2.91. Ao invés de julgar alguém, devemos questionar sobre o problema, enfatizando aspectos bons e ruins, como por exemplo, tu está feliz agora? Tu estás feliz com isso que tu passa de noite, com o que acontece contigo?</p> <p>2.92. No momento que estamos próximos deles, começam a achar que somos caretas por que não usamos drogas, mas alguns deles estão fugindo de seus problemas, tentando ser alguém melhor com o uso de drogas e isso na realidade não acontece;</p>	<p>3.33. A maioria dos adolescentes apresenta certa rebeldia e falta de perspectiva de vida, independentemente de ser usuário de droga ou não;</p> <p>3.34. Falta de capacitação por parte dos professores para lidarem com o problema da drogadição na sala de aula;</p> <p>3.35. Falta de aceitação do projeto por parte de alguns professores da escola;</p> <p>3.36. Falta de limites impostos pelos pais dos adolescentes;</p> <p>3.37. Adolescentes sem limites;</p> <p>3.38. Projeto desenvolvido na escola é interdisciplinar e as atividades realizadas em sala de aula são integradas ao projeto de prevenção;</p> <p>3.39. Dificuldade dos pais em relacionar-se com seus filhos, diálogo e limites;</p>	<p>4.10. Saberes sociais, profissionais, da experiência e das disciplinas.</p>
--	---	---	--

	<p>2.93. è bom saber que podemos ajudar quem está precisando, ajudando eu estou cada vez mais satisfeita comigo mesmo;</p> <p>2.94. Adolescentes sem limites, possíveis usuários de drogas em potencial, esses adolescentes não se amam, não apresentam base familiar, precisam aprender a gostar de si mesmo, precisam conhecer-se primeiramente para depois conhecerem ou outros;</p> <p>2.95. Sem limites, não podemos nos avaliar, conseqüentemente não podemos avaliar os outros, ficamos sem discernimento algum, por isso continuamos a usar drogas, falta vontade para parar;</p> <p>2.96. O diálogo é o melhor caminho para convencimento do adolescente que usar drogas não é bom para ele e para os outros;</p>		
--	--	--	--

	<p>2.97. Podemos ser amigos de usuários de drogas, se tivermos uma boa cabeça não poderemos ser influenciados por eles, pois saberemos dizer não as drogas;</p> <p>2.98. A falta de uma estrutura familiar adequada já é algo que contribui para o uso de drogas, a família é a base de toda a sua formação, muitas famílias hoje são compostas apenas pela mãe e filhos, ocorrendo a ausência da figura paterna, que é fundamental na educação de adolescentes;</p> <p>2.99. O projeto realizado está servindo de modelo para outras escolas, pois, a participação da comunidade tem repercutido muito, o resultado do projeto bem como a pesquisa realizada na cidade mostrou o que está acontecendo em Camaquã;</p>		
--	--	--	--

<p>1.11. Mensagem final sobre o projeto</p>	<p>2.100. Todas as escolas deveriam ter essa iniciativa, deve haver uma integração entre pais, escola e alunos;</p> <p>2.101. O adolescente usuário de drogas precisa conscientizar-se de que usar drogas é ruim, buscando estes esclarecimentos com pessoas que tenham afinidade, pois sabem que tudo que está pessoa falar será para o seu bem, isso dará força de vontade para sair;</p> <p>2.102. Se mudarmos, mudamos emocionalmente primeiro, mudamos nosso pensamento, nossos princípios, nossa base de vida, então muda completamente nosso coração, nossos pensamentos, nossas vontades, se mudam nossa vontade, certamente mudaremos inclusive o nosso físico, dependendo daquilo que pretendemos modificar em nossa vida, para onde queremos ir, onde queremos chegar;</p>	<p>3.40. Valorização e continuidade do projeto objetivam-se devido ao mesmo contribuir para a auto-estima bem como para o resgate de valores;</p> <p>3.41. Formação inicial e continuada de professores é muito importante para que o projeto continue dando resultados positivos;</p> <p>3.42. Participação em eventos organizados pela escola bem como em outros eventos fora da escola;</p> <p>3.43. Atividades desenvolvidas em sala de aula voltadas para a prevenção e valorização da vida contribuem para a melhoria do comportamento dos adolescentes;</p> <p>3.44. Professores de diferentes áreas trabalham com diferentes temas através de atividades interdisciplinares;</p> <p>3.45. Projeto originou-se de outros projetos que foram trazidos pelos professores da escola;</p>	<p>4.11. Saberes profissionais, da experiência, docente, das disciplinas e pedagógico.</p>
---	---	--	--

<p>1.12. Contribuição que o projeto da escola trouxe em termos gerais</p>	<p>2.103. Minha participação no projeto tem sido adequada, tento colaborar o máximo, estou envolvida e tenho procurado incentivar outras pessoas a participarem;</p> <p>2.104. As atividades deferentes como teatro, palestras, etc, que o projeto propiciou foi de muita utilidade para que eu conheça melhor o problema da drogadição;</p> <p>2.105. A escola fez a sua parte, agora precisamos fazer a nossa parte;</p> <p>2.106. Com base nisso, formamos nosso pensamento sem medo de sonhar, se sonharmos, temos objetivos, meu sonho é ser médica psiquiátrica;</p>	<p>3.46. Conhecimentos adquiridos ao longo da sua trajetória de vida que possibilita o desenvolvimento de diferentes estratégias de ensino voltadas para a prevenção como uma forma de melhoria da qualidade de vida dos adolescentes;</p> <p>3.47. O positivo é que o projeto existe e o negativo é que existem ainda professores que fazem de conta que o projeto não existe;</p> <p>3.48. É mais difícil motivar um colega do que um adolescente;</p> <p>3.49. Mudança de comportamento dos adolescentes e de seus pais frente as questões relacionadas com a drogadição;</p>	<p>4.12. Saber curricular, curriculares, profissionais, da experiência, pedagógico e social.</p>
---	--	--	--

		<p>3.50. Aplicação de estratégias de vivências de situações relacionadas ao problema da drogadição possibilitou que os adolescentes tivessem melhor formação para entenderem o mal que as drogas causam;</p> <p>3.51. Experiências adquiridas em visitas a asilos de idosos possibilitaram a construção de uma nova visão de vida pelos adolescentes;</p> <p>3.52. Dificuldade por parte da escola de garantia de segurança para os adolescentes;</p> <p>3.53. Mudança de relacionamento dos pais com a escola;</p> <p>3.53. Mudança de postura de alguns professores com relação ao abuso de drogas (eliminação da sala de fumantes);</p> <p>3.54. O trabalho do projeto foi totalmente construído na escola pelos professores, não foi imposto de cima para baixo;</p> <p>3.55. Criação do conselho municipal antidrogas deu suporte para continuidade do projeto na escola;</p> <p>3.56. Mobilização de outras escolas da cidade e/ou da região visando elaborar e desenvolver ações semelhantes ao projeto da escola;</p>	<p>4.13. Saberes profissionais, disciplinares, da experiência, experiencial, pedagógico, social, das disciplinas e docente.</p>
--	--	---	---

		<p>3.57. Uso de diferentes práticas pedagógicas (oficinas, palestras, concursos de poesias e leituras de textos) relacionados com a temática drogadição contribuiu para que os adolescentes agregassem novos conhecimentos visando a melhoria de sua qualidade de vida;</p> <p>3.58. Fazer a prevenção ao abuso de drogas na escola e evitar a repressão;</p> <p>3.59. Participação mais ativa da família das atividades da escola;</p> <p>3.60. Trabalhar as questões relativas ao abuso de drogas cotidianamente em sala de aula;</p> <p>3.61. Conhecimento prévio que os adolescentes trazem de sua bagagem de conhecimentos de suas experiências;</p> <p>3.62. Multivariabilidade de temas transversais e interdisciplinares que podem ser trabalhados em sala de aula;</p>	<p>4.14. Saberes pedagógicos, da tradição pedagógica, da experiência, docentes e profissionais;</p> <p>4.15. Saberes prévios relativos à área de conhecimento drogadição e saber interdisciplinar;</p>
		<p>3.63. Conhecimento prévio dos adolescentes;</p> <p>3.64. Conhecimento novo agregado ao conhecimento prévio dos adolescentes obtidos a partir do projeto de prevenção;</p> <p>3.65. Capacitação anual sobre drogas para os professores que participam do projeto;</p> <p>3.66. Visão interdisciplinar do projeto;</p> <p>Integração das diferentes áreas do conhecimento com setores da comunidade objetivando a melhoria da qualidade de vida dos adolescentes;</p>	<p>4.16. Saberes sociais, profissionais, interdisciplinares, curriculares e docentes.</p>

APÊNDICE 3: SÍNTESE GERAL DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO DOS MEMBROS DA COMUNIDADE

1.TÓPICOS	2. UNIDADES DE SIGNIFICADO/PROFESSORES	3. INTERPRETAÇÃO: LINGUAGEM PEDAGÓGICA	4. SABERES
<p>1.1. Concepções sobre drogas: Uso, Abuso, Dependência e Qualidade de Vida</p>	<p>2.1 Drogas é tudo que usamos de forma inadequada;</p> <p>2.2. Droga é tudo aquilo que não é benéfico para a sociedade, para a saúde, como fumo, bebida e até um remédio usado de forma inadequada;</p> <p>2.3. Hoje os valores estão invertidos, o poder do tráfico é maior do que o poder constituído;</p> <p>2.4. Formas de combater este problema é a união das entidades que compõem a sociedade;</p> <p>2.5. A comunidade com inúmeros casos de usuários de drogas acha-se incompetente para resolver esta problemática;</p> <p>2.6. Me dediquei bastante a este projeto, debatendo com a polícia, promotoria e juizado;</p>	<p>3.1 Concepção sobre drogas pelos membros da comunidade mostrando a multivariada de idéias sobre o mesmo tema;</p> <p>3.2. Concepção de abuso de drogas;</p> <p>3.3. Concepção de dependência;</p> <p>3.4. Concepção sobre qualidade de vida;</p> <p>3.5. Desinformação dos adolescentes sobre o tema;</p> <p>3.6. Permissividade das drogas ilícitas;</p>	<p>4.1 Saberes da experiência; experiencial, relativos à área de conhecimento : drogadição em geral e saberes profissionais.</p>

	<p>2.7. Droga é toda substância psicoativa que possa trazer algum tipo de alteração de comportamento e causar dependência;</p> <p>2.8. Não tenho conhecimento técnico sobre droga, tenho experiência de vida e profissional;</p> <p>2.9. Abuso é tudo aquilo que deixamos de dosar, todo o exagero é um abuso;</p> <p>2.10. Conceituar abuso é um grande dilema, um desafio;</p> <p>2.11. Abuso é a questão mais preocupante, devido a intoxicação que apresenta muitos riscos, por causa dos acidentes e das violências relacionadas;</p> <p>2.12. O uso de drogas tanto lícita como ilícita está muito ligada à desagregação familiar e até mesmo a ignorância;</p> <p>2.13. Não existe uma cota segura de consumo de drogas;</p> <p>2.14. Dependência é quando perdemos o controle;</p>		
--	--	--	--

	<p>2.15. O problema da auto-medicação é sério e não deixa de ser uma droga, por que não existe controle;</p> <p>2.16. Dependência é quando uma pessoa não sente mais a necessidade física ou psíquica de consumo, não conseguindo mais deixar de ter acesso à droga, cometendo atos que normalmente não cometeria para ter a acesso à droga;</p> <p>2.17. Qualidade de vida é dar valor a sua própria vida;</p> <p>2.18. Qualidade de vida é ter uma vida regrada, com horários de trabalho e de lazer;</p> <p>2.19. Qualidade de vida é ter um bom diálogo com sua família, conviver com amigos e praticar esportes;</p> <p>2.20. Qualidade de vida tem relação com o gostar de viver, gostar do que faz, ter um bom relacionamento com as pessoas, apresentar capacidade de formar vínculos e também estar relacionado aos objetivos, aos sonhos;</p>		
--	---	--	--

	<p>2.21. Quando existe qualidade de vida, projetamos coisas boas, temos uma boa perspectiva;</p> <p>2.22. Qualidade de vida é quando nos sentimos bem em qualquer atividade, sem fazer nada que agrida nosso organismo;</p> <p>2.23. É estarmos satisfeitos com o que fazemos, sem nos agredirmos;</p> <p>2.24. Há uma total desinformação dos adolescentes sobre o que causam as drogas lícitas, como o tabaco e o álcool;</p> <p>2.25. Permissividade as drogas lícitas ocorre em parte pela ignorância;</p>		
--	--	--	--

<p>1.2 Conhecimento sobre drogas adquiridos no cotidiano</p>	<p>2.26. O primeiro contato com drogas foi através de uma auditoria realizada no pronto socorro de POA;</p> <p>2.27. Interessei-me pela questão das drogas a partir de alguns familiares que fizeram tratamento para a dependência química e apresentaram muita dificuldade;</p> <p>2.28. Adquiri conhecimentos sobre drogas de forma empírica;</p> <p>2.29. Conheci todo tipo de droga na área médica;</p> <p>2.30. Droga mais comum era a droga remédio;</p> <p>2.31. Nunca apreciei drogas, mas tive amigos que se drogavam;</p> <p>2.32. Conheço hoje todas as drogas, de ver e/ou ouvir falar;</p> <p>2.33. Conhecimento adquirido através do conselho municipal de saúde;</p> <p>2.34. Na minha época de escola, por preconceito, não se falava em drogas na escola;</p> <p>2.35. Aprendi alguma coisa, no curso superior e na minha formação profissional, mas também de forma superficial;</p>	<p>3.7. Conhecimento prévio;</p> <p>3.8. Conhecimentos adquiridos através da experiência profissional;</p> <p>3.9. Conseqüências relacionadas a saúde dos adolescentes causadas pelas principais doenças relacionadas ao abuso de drogas;</p>	<p>4.2 Saberes da experiência; experiencial; prévios relativos à área de conhecimento : drogadição em geral e saberes profissionais.</p>
--	--	---	--

	<p>2.36. Recebemos apenas uma noção voltada mais ao combate do que a prevenção;</p> <p>2.37. hoje, somente o setor de repressão tem algum conhecimento, visto no DENARC;</p> <p>2.38. Teve um sobrinho que envolveu-se com drogas pesadas, e isso foi um grande ensinamento que teve, pois verificou que para dar limites é fundamental para que os jovens não usem drogas;</p> <p>2.39. A família quer ajudar o adolescente, esboça vontade, porém não existem instituições para acompanhar;</p> <p>2.40. Nossa comunidade percebe que a classe pobre é a que chega mais a nós, não tem condições financeiras de arcar com a internação;</p>		
--	---	--	--

<p>1.3. Conhecimento sobre drogas adquiridos nos ppds do qual participa ou participou</p>	<p>2.41. Adquiriu conhecimentos quando começou a participar dos seminários e das palestras;</p> <p>2.42. Curso a distância de atualização sobre drogas, através da secretaria nacional antidrogas para os conselheiros municipais;</p> <p>2.43. Antes do projeto havia muitos problemas em relação aos alunos que faltavam, pichavam e depredavam a escola;</p> <p>2.44. Havia muitas manutenções realizadas na escola</p> <p>2.45. Tinha idéia do que ocorria na escola, mas não tinha noção exata do que estava sendo feito;</p> <p>2.46. Começou a entender melhor do assunto;</p> <p>2.47. Assistindo um seminário sobre tabagismo, uma de suas filhas que fumava, após o seminário nunca mais voltou a fumar, pois viu os problemas causados pelo fumo;</p> <p>2.48. A partir das palestras e dos seminários, percebemos os prejuízos que as drogas causam e também como identificar o seu uso;</p>	<p>3.10. Conhecimentos prévios antes de iniciar o PPD;</p> <p>3.11. Conhecimentos adquiridos após o início e durante a realização do PPD;</p> <p>3.12. Conseqüências do PPD;</p> <p>3.13. Soluções encontradas a partir do PPD;</p>	<p>4.3. Saberes da experiência; experencial; saber profissional, social, docente e saberes prévios relativos à área de conhecimento : drogadição em geral.</p>
---	--	---	--

	<p>2.49. Projeto da escola estava sendo desenvolvido na mesma época, participei dos dois projetos vida, paz e esperança é oontínuo, permanente, com várias ações que buscam, principalmente resgatar valores de vida, aproximar a família da escola;</p> <p>2.50. No ponto de vista da comunidade a escola tem uma aparência de ser bem cuidada;</p> <p>2.51. Havia depressões, insubordinações, danos ao patrimônio, brigas dentro da escola;</p> <p>2.52. A direção da escola e os professores registravam ocorrências seguidamente na delegacia de polícia;</p> <p>2.53. Alunos vão para a escola com prazer;</p> <p>2.54. Imagem da escola melhorou muito perante a comunidade a partir deste projeto;</p> <p>2.55. Comunidade está satisfeita com a qualidade do vínculo, da relação família e escola;</p>		
--	---	--	--

	<p>2.56. Com o desenvolvimento do projeto, houve uma diminuição sensível desses problemas trazidos para a delegacia;</p> <p>2.57. O consumo de drogas influencia no comportamento dos adolescentes;</p> <p>2.58. Houve também um trabalho para desenvolver a auto-estima dos alunos;</p> <p>2.59. Com o projeto essas manifestações dos alunos foram resolvidas de formas diferentes, principalmente através do diálogo;</p> <p>2.60. É possível ter resultados positivos motivando a comunidade escolar, não só os alunos, mas também os pais;</p> <p>2.61. É preciso que os pais cumpram a sua função, não delegando somente à escola a responsabilidade pela educação;</p> <p>2.62. Deve haver uma integração entre família e escola;</p>		
--	--	--	--

<p>1.4. Conhecimentos trazidos de sua experiência de vida</p>	<p>2.63. A sua função no projeto era administrar a parte financeira;</p> <p>2.64. A vida é a melhor faculdade, nunca tive tempo de me preocupar com a droga, pois sempre estava preocupado com o trabalho, família e amigos;</p> <p>2.65. Tinha claro o lado perverso da bebida em momentos sociais;</p> <p>Adquiri com a vida muitos conhecimentos;</p> <p>2.66. Através do curso à distancia tivemos que realizar o mapeamento do que existia na cidade em termos de serviços;</p> <p>2.67. Conhecimentos adquiridos do tempo que trabalhou nos conselhos de saúde, da criança e do adolescente e de assistência social;</p> <p>2.68. Experiências de trabalho nestes conselhos ajudaram na organização do conselho municipal antidrogas;</p> <p>2.69. A comunidade desconhece as causas que levam um adolescente às drogas;</p> <p>2.70. Quando estava fazendo a minha formação profissional, assisti uma palestra para os pais, na qual um colega disse que a responsabilidade era dos pais;</p>	<p>3.14. Conhecimentos adquiridos através da experiência profissional;</p> <p>3.15. Exemplos de vida para os filhos;</p> <p>3.16. Educação que recebeu da família;</p> <p>3.17. Conseqüências do não uso levou a ter bons empregos e ótimas oportunidades;</p> <p>3.18. Conseqüências para a melhoria da qualidade de vida;</p> <p>3.19. Escola já apresentava uma trajetória;</p> <p>3.20. Parceria surgidas a partir do PPD;</p> <p>3.21. Conseqüências do uso e falta de apoio da família;</p> <p>3.22. Silêncio da comunidade x sobrevivência;</p> <p>3.23. Parcerias com outros órgãos estaduais e municipais;</p>	<p>4.4. Saberes curriculares, curricular, profissional, da experiência, pedagógico e saberes relacionados à área conhecimento drogadição.</p>
---	--	---	---

	<p>2.71. Perguntou aos pais se eles queriam que a polícia entrasse em sua casa e cuidasse de seus filhos;</p> <p>2.72. Isso me chocou, hoje vejo que meu colega tinha razão, e se tivesse que dizer a mesma coisa hoje eu diria mas de forma mais contundente;</p> <p>2.73. Consegui mostrar a meus filhos que para vencer tem que ser o melhor, não o mais ou menos;</p> <p>2.74. Nunca teve problemas sérios de relacionamento com a família;</p> <p>2.75. Eu sempre soube como administrar minha vida;</p> <p>2.76. Nunca teve problemas sérios de relacionamento com a família;</p> <p>2.77. Sempre trabalhou em grandes empresas;</p> <p>2.78. Grande crescimento profissional e grande experiência;</p> <p>2.79. Variedade de serviços e atividades desconectadas;</p> <p>2.80. Organização de um conselho de atenção ao álcool e uso de drogas;</p> <p>2.81. Escola já tinha uma trajetória com audiências com o prefeito visando desenvolver estratégias para resolver esta questão;</p>	<p>3.24. Abundância de oferta de drogas em nossa sociedade;</p>	
--	--	---	--

	<p>2.82. Surgimento de uma parceria com conselhos (antidrogas, de saúde e de educação), secretaria da saúde e escola;</p> <p>2.83. Desta parceria surge a primeira conferência municipal de saúde;</p> <p>2.84. Hoje o traficante substitui o pai, dá atenção para o adolescente, conversa, orienta à sua maneira;</p> <p>2.85. Pessoas da comunidade tem medo de prestarem depoimento que sirva de provas contra o traficante;</p> <p>2.86. Ameaça até existe, mas eles não concretizam;</p> <p>2.87. Aqui no interior é bem diferente do que na capital;</p> <p>2.88. A comunidade transfere responsabilidade, sempre a culpa é do outro, o estado;</p> <p>2.89. O estado tem responsabilidade, mas a família principalmente é a responsável;</p> <p>2.90. Nunca vi um trabalho científico que mostrasse que uma das causas do consumo seja a oferta;</p> <p>2.91. A grande abundância de oferta das mais distintas drogas contribui para o aumento do consumo;</p>		
--	---	--	--

<p>1.5. Relacionamento adolescentes/família/comunidade (relacionamento com usuários e famílias com usuários de drogas)</p>	<p>2.92. Esse é o grande problema da comunidade;</p> <p>2.93. Esses usuários atraem os jovens com facilidade;</p> <p>2.94. O jovem envolvido;</p> <p>2.95. Problemas familiares, não há diálogo, acompanhamento dos filhos pelos pais;</p> <p>2.96. Pais sem conhecimento e sem condições de diálogo;</p> <p>2.97. Jovens se acham donos de si, isto é, com 15 e 16 anos querem ser independentes;</p> <p>2.98. A família não aceita que seu filho seja usuário de drogas, isso é mentira;</p> <p>2.99. Deve-se dar ajuda a família, visando uma conscientização e o acompanhamento profundo e rígido do caso;</p> <p>2.100. É preciso ter uma dedicação maior, um acompanhamento real, uma aproximação com a família;</p> <p>2.101. Internar não é a solução, é preciso que a família se conscientize de que o problema existe e o enfrente;</p> <p>2.102. Verifica-se dois tipos de famílias, as que protegem, chamadas de simbióticas e as negligentes;</p> <p>2.103. Relação com a escola está muito boa, a escola tem organizado seminários de prevenção abertos à comunidade;</p> <p>2.104. Trabalho da escola é admirável e muito bonito;</p> <p>2.105. A sociedade também é culpada;</p> <p>2.106. O grande problema do jovem é que ele é envolvido e nesse envolvimento há todo tipo de pessoa, de todos os níveis;</p> <p>2.107. O problema está lá fora, ali na esquina;</p>	<p>3.25. Relacionamento comunidade e adolescentes;</p> <p>3.26. Relacionamento adolescentes e família;</p> <p>3.27. Relação escola e adolescentes;</p> <p>3.28. Relacionamento comunidade, área externa da escola com adolescentes;</p> <p>3.29. Adolescentes e tratamento para dependência química;</p> <p>3.30. Capacitação aproximando as relações escola / família / comunidade / adolescentes;</p> <p>3.31. Relacionamento familiar e pais ausentes;</p> <p>3.32. Discriminação adolescentes e comunidade;</p>	<p>4.5. Saberes docente, profissional., social e da ação pedagógica.</p>
--	---	---	--

	<p>2.108. Adolescentes tem chegado para atendimento, mas a demanda vem aumentando;</p> <p>2.109. Tive uma experiência com um filho, ficou 2 anos em tratamento psicológico para tratamento do alcoolismo;</p> <p>2.110. Já houveram 03 seminários realizados desde o início do projeto;</p> <p>2.111. Estes seminários tem aproximado a família, a escola e a comunidade pela relação afetiva que a escola vem estabelecendo com seus alunos;</p> <p>2.112. O último seminário o tema foi o papel da família e os limites;</p> <p>2.113. Por não trabalhar na escola, não sabe como está o relacionamento;</p> <p>2.114. Aqui na cidade temos problemas muito graves, como pais que incentivam seus filhos a usarem drogas;</p> <p>2.115. São pais ausentes, muitas vezes separados;</p> <p>2.116. pais apresentam os mesmos problemas, não conseguem administrar a sua própria vida, conseqüentemente não conseguem orientar os seus filhos, os quais ficam a mercê, principalmente do álcool;</p> <p>2.117. Há uma discriminação muito grande, são chamados de puxadores de fumo, cheiradores;</p> <p>2.118. Com a criação do conselho antidrogas, parece que estão surgindo políticas voltadas ao assunto, no sentido de fazer campanhas, motivar as conseqüências, principalmente do uso de drogas lícitas;</p>		
--	---	--	--

<p>1.6. Ocorrência de relações entre a escola, família, comunidade e sociedade sobre drogas</p>	<p>2.119. Existe um trabalho muito forte da direção com os pais e alunos, a escola convoca eles e apresenta índices sobre o problema do uso de drogas na escola;</p> <p>2.120. Quando algum aluno apresenta qualquer problema com relação ao uso de drogas, os pais são chamados imediatamente;</p> <p>2.121. A escola ajuda os pais no acompanhamento de seu filho;</p> <p>2.122. Conforme dados da escola, o filho vê em casa o pai e a mãe usarem álcool;</p> <p>2.123. Integração entre os atores sociais (pais, adolescentes e professores) que participam do PPD;</p> <p>2.124. Os jovens estão nas mãos dos culpados e todos sabem quem são e ninguém pode fazer nada;</p> <p>2.125. A sociedade é hipócrita, há muito bandido na alta sociedade;</p> <p>2.126. A hipocrisia é muito grande o que torna mais difícil enfrentar o problema;</p> <p>2.127. Aqui estamos pensando formar um grupo para acabar com o problema, um grupo de extermínio, pois estamos cansados de esperar atitudes de quem deve tomar e não toma;</p> <p>2.128. Falta de integração no PPD;</p> <p>2.119. Proposta de formar o conselho antidrogas para articular estratégias de saúde, da educação e da justiça;</p> <p>2.120. Conselho como articulador, como uma necessidade, uma tábua de salvação, o qual pesquisa, integra, formula planos não como um solucionador e repressor;</p> <p>2.121. Preconceito em relação as drogas ilícitas e muita permissividade as drogas lícitas;</p> <p>2.122. Trabalhamos hoje com a conscientização do álcool como droga e não somente as outras drogas;</p> <p>2.123. Adolescentes iniciam no álcool e logo passam para outras drogas, precisando logo de atendimento médico e psicoterápico;</p>	<p>3.33. Relacionamento escola e família;</p> <p>3.34. Integração dos atores sociais nesse projeto;</p> <p>3.35. Relacionamento adolescentes e traficantes;</p> <p>3.36. Relação da comunidade com o extermínio e o tráfico de drogas;</p> <p>3.37. Falta de integração dos professores antes de iniciar o PPD;</p> <p>3.38. Conselho antidrogas como uma estratégia de melhoria da qualidade de vida do adolescente;</p> <p>3.39. Preconceito com as drogas ilícitas e muita permissividade com as drogas lícitas;</p> <p>3.40. Diversidade de drogas e a conscientização dos adolescentes;</p>	<p>4.6. Saberes social, e docente, saber relacionado a área de drogadição em geral e saberes disciplinares;</p>
---	---	--	---

<p>1.7. Contribuições pessoais para o projeto de prevenção de drogas aqui na escola</p>	<p>2.124. Sua tarefa era de apenas administrar as finanças do PPD;</p> <p>2.125. Todas as decisões eram resolvidas em consenso e por isso deu certo;</p> <p>2.126. Valorizamos muito a prevenção e caminhamos em conjunto, considerando ambos, a prevenção e o tratamento de suma importância;</p> <p>2.127. Atualmente não tem nenhum usuário de drogas da escola em tratamento;</p> <p>2.128. Atendo muitos alunos de outra escola que não desenvolve o PPD, apresentando muitos problemas em decorrência da ausência do PPD na escola;</p> <p>2.129. A escola não participa de nenhuma atividade em que a premiação seja bebida alcoólica e nas atividades desenvolvidas na escola não são vendidas e nem utilizadas bebidas alcoólicas;</p> <p>2.130. Esta postura da escola foi de suma importância para que o PPD desse certo;</p> <p>2.131. Aprendi como policial que em situações como essa a polícia não deve aparecer;</p> <p>2.132. Existe muita resistência por parte de alguns policiais quanto a prevenção, para eles o que vale é a repressão;</p> <p>2.133. Minha maior contribuição para a escola foi o incentivo, a demonstração de que estavam detectando o problema de maneira correta e deveriam continuar o trabalho para alcançar os resultados;</p>	<p>3.41. Contribuição financeira e administrativa ao projeto;</p> <p>3.42. Decisões eram tomadas em consenso;</p> <p>3.43. Contribuição visando a prevenção;</p> <p>3.44. Atendimento psicológico realizado por profissionais da cidade aos adolescentes que participaram do PPD;</p> <p>3.45. Atendimento psicológico para alunos de outras escolas que não desenvolveram PPD;</p> <p>3.46. O PPD fez a escola mudar as suas concepções sobre esta temática, mudando hábitos e atitudes frente aos adolescentes através de diferentes atividades realizadas em sala de aula pelos professores;</p> <p>3.47. Prevenção versus repressão;</p> <p>3.48. Incentivo para a continuidade do PPD;</p>	<p>4.7. Saberes social, profissional, da experiência e pedagógico.</p>
---	---	---	--

<p>1.8. Avaliação dos adolescentes sobre o PPD e sua relação com os professores</p>	<p>2.134. Foi muito legal, fiquei muito entusiasmado, por que desde o começo do seminário sempre houve participação de um grande número de pessoas;</p> <p>2.135. As palestras foram fantásticas e todos os adolescentes gostaram;</p> <p>2.136. A escola tem estatísticas de mudanças de comportamento de muitos alunos;</p> <p>2.137. Houve uma melhora de 100% no relacionamento dos alunos, não só desta escola, bem como das outras também e com os pais também;</p> <p>2.138. Todos participaram, houve um engajamento e isso resultou num aproveitamento de 100%, a relação entre os professores e alunos melhorou muito;</p> <p>2.139. Quando a escola detecta algum problema com algum aluno ele é chamado em particular. Hoje já há mais respeito pelo aluno, não é mais humilhado perante os outros;</p> <p>2.140. Alguns alunos que apresentaram problemas no início do projeto hoje estão bem;</p> <p>2.141. Esse é o lado bom do projeto, quando vemos os frutos;</p> <p>2.142. O número de ocorrências diminuiu bastante, é raro agora existir uma ocorrência na escola;</p> <p>2.143. Ouço bons comentários sobre o comportamento dos alunos que agora são co-responsáveis pela escola;</p> <p>2.144. Trabalho só com as consequências do problema;</p> <p>2.145. Havia um bar em frente da escola que vendia bebida alcoólica, hoje através de uma sensibilização que a escola fez não vende mais;</p>	<p>3.49. Importância do PPD para a escola;</p> <p>3.50. Capacitação foi importante para o sucesso do PPD;</p> <p>3.51. Estatísticas de mudanças de comportamentos de adolescentes;</p> <p>3.52. Melhora no relacionamento dos adolescentes;</p> <p>3.53. Melhora no relacionamento dos professores com os adolescentes;</p> <p>3.54. Relacionamento escola e família;</p> <p>3.55. Adolescentes com problemas antes do PPD e adolescentes sem problemas após o PPD;</p> <p>3.56. Avaliação positiva do PPD;</p> <p>3.57. Resultados positivos do PPD repercutem no trabalho da polícia;</p> <p>3.58. Comentários positivos sobre o PPD são ouvidos por toda a cidade;</p> <p>3.59. Trabalho só com as consequências do PPD;</p> <p>3.60. Resistência da droga e o PPD;</p>	<p>4.8. Saber pedagógico, da tradição pedagógica, curricular, curriculares, profissional e social.</p>
---	---	--	--

<p>1.9. Fatores que influenciaram no acesso do adolescente ao consumo de drogas</p>	<p>2.146. O problema começa na família, quando você não tem uma boa estrutura familiar, há problemas de relacionamento do adolescente com o pai ou com a mãe;</p> <p>2.147. Pais separados que não dão a devida assistência aos filhos;</p> <p>2.148. Busca de apoio na rua, muitas vezes de maneira errada;</p> <p>2.149. Tudo depende da estrutura familiar;</p>	<p>3.61. Família desestruturada;</p>	<p>4.9. Saberes da experiência, experiencial, das disciplinas, profissional, docente e social.</p>
<p>1.10. Sugestões para que os adolescentes ficassem longe das drogas</p>	<p>2.150. Complementação com atividades recreativas e educacionais no turno inverso da aula;</p> <p>2.151. Adolescente ocupado não tem tempo para pensar em bobagem, preencher o tempo do adolescente é um ato de prevenção ao uso de drogas;</p> <p>2.152. Incluir atividades informais no turno inverso as aulas dos adolescentes;</p> <p>2.153. No sistema curricular, maior e melhor ocupação para o adolescente;</p> <p>2.154. Falta de acompanhamento dos pais, ausência deles ou de um responsável;</p> <p>2.155. Desconhecimento em relação às conseqüências;</p> <p>2.156. Falta de perspectiva, amor pela vida própria;</p> <p>2.157. Se os pais forem preparados e presentes não terão filhos viciados;</p> <p>2.158. Falta de projetos, o adolescente acaba facilmente influenciado pelos outros;</p>	<p>3.62. Valorização de atividades informais em turnos inversos ao de sala de aula;</p> <p>3.63. Inclusão de temas transversais como drogas nos programas de todas as disciplinas da escola;</p> <p>3.64. Participação da família nas atividades diárias de seus filhos;</p> <p>3.65. Falta de projetos de vida para os adolescentes;</p>	<p>4.10. Saberes sociais, profissionais, da experiência e das disciplinas.</p>

<p>1.11. Mensagem final sobre o projeto</p>	<p>2.159. Quero estar cada vez mais a disposição do projeto, faço isso com o maior prazer;</p> <p>2.160. Quero contribuir para a conscientização do jovem de que este caminho das drogas não leva a lugar nenhum;</p> <p>2.161. Nós que nunca entramos temos o dever de ajudá-los;</p> <p>2.162. Todos nós responsáveis pela sociedade na qual vivemos, mas poucos de nós fazemos nosso dever, o que temos que fazer.</p>	<p>3.66. Sugestões</p> <p>3.67. Mensagem</p>	<p>4.11. Saberes profissionais, da experiência, docente, das disciplinas, pedagógico e social.</p>
---	---	--	--

ANEXOS

ANEXO 1 - ANÁLISE DOS PPDS

ROTEIRO 1 – ANÁLISE DOS PPDS (PROGRAMAS DE PREVENÇÃO AO USO INDEVIDO DE DROGAS) – ANÁLISE DOCUMENTAL

NOME DO PROGRAMA	OBJETIVOS	TEMPO/ DURAÇÃO	ATORES ENVOLVIDOS	METAS/ ESTRATÉGIAS	CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	RESULTADOS OBTIDOS E REPERCUSSÃO NA SOCIEDADE

ANEXO 2 - ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM PROFESSORES

CATEGORIA	TÓPICO PROPOSTO
SABERES SOBRE DROGAS	CONHECIMENTOS QUE POSSUI SOBRE DROGAS
	FONTE DE OBTENÇÃO E/OU CAMINHOS PARA O ACESSO AOS CONHECIMENTOS SOBRE DROGAS
	CONHECIMENTO SOBRE O(S) TIPO(S) DE DROGAS QUE CHEGAM A ESCOLA E COMO CHEGAM
RELACIONAMENTO COM OS ADOLESCENTES E CONSUMO DE DROGAS NA ESCOLA	COMO SE RELACIONA COM ADOLESCENTES QUE USAM DROGAS, NO COTIDIANO DA ESCOLA.
	OPINIÕES DOS PROFESSORES SOBRE O CONSUMO DE DROGAS PELOS ADOLESCENTES
	HISTÓRICO EM RELAÇÃO AO USO E/OU VIVÊNCIA COM DROGAS E/OU USUÁRIOS
	DIFICULDADES ENCONTRADAS NO RELACIONAMENTO COM ADOLESCENTES QUE USAM DROGAS
PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS	COMO VOCÊ TRATA EM SUAS AULAS DA PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS
	OPINIÃO SOBRE EXISTÊNCIA DE UM PROGRAMA INTERINSTITUCIONAL SOBRE DROGAS
	OPINIÃO SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA SOBRE O USO DE DROGAS

ANEXO 3 - ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM ADOLESCENTES

CATEGORIAS	TÓPICO PROPOSTO
SABERES SOBRE DROGAS	CONCEPÇÃO SOBRE DROGAS: USO, ABUSO, DEPENDÊNCIA E QUALIDADE DE VIDA.
	HISTÓRICO DE SEU ACESSO AO CONSUMO DE DROGAS
	INFLUÊNCIAS QUE DEFINIRAM SER UM USUÁRIO DE DROGAS
REAÇÕES E SINTOMAS DO USO DE DROGAS	SITUAÇÕES EM QUE SENTES NECESSIDADE DE USAR A DROGA
	REAÇÕES QUE SENTES QUANDO UTILIZA DROGAS
PERSPECTIVA DE VIDA/FUTURO X USO DE DROGAS	PERSPECTIVA DE VIDA FUTURA COMO USUÁRIO DE DROGAS
PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS	PARTICIPAÇÃO DE PPD (PROGRAMA DE PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS) SERVIU / SERVE PARA MODIFICAÇÕES SIGNIFICATIVAS EM SUA VIDA
SABERES DOS ADULTOS SOBRE DROGAS	CONHECIMENTOS INDISPENSÁVEIS AOS ADULTOS PARA LIDAREM COM OS USUÁRIOS DE DROGAS (CITAR)
SABERES DOS ADOLESCENTES SOBRE DROGAS	ACESSO E AQUISIÇÃO DE DROGAS: CONHECIMENTOS EXISTENTES PREVIAMENTE E OS ADQUIRIDOS (AGREGADOS)
RELAÇÕES DOS ADOLESCENTES E O CONSUMO DE DROGAS NA ESCOLA	RELAÇÕES QUE ESTABELECEM EM SER UM USUÁRIO, QUALIDADE DE VIDA E A VIDA ATUAL (RELAÇÕES INTRAPESSOAL E INTERPESSOAIS)

ANEXO 4 - ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM MEMBROS DA COMUNIDADE

CATEGORIAS	TÓPICO PROPOSTO
SABERES SOBRE DROGAS	CONCEPÇÕES SOBRE DROGAS: USO, ABUSO, DEPENDÊNCIA E QUALIDADE DE VIDA.
SABERES ADQUIRIDOS	CONHECIMENTOS SOBRE DROGAS ADQUIRIDOS NO COTIDIANO
	CONHECIMENTOS SOBRE DROGAS ADQUIRIDOS NOS PPD QUE PARTICIPA OU PARTICIPOU
SABERES DA EXPERIÊNCIA	CONHECIMENTOS TRAZIDOS DE SUA EXPERIÊNCIA DE VIDA
RELACIONAMENTOS ADOLESCENTES/ FAMÍLIA / COMUNIDADE	RELACIONAMENTO COM USUÁRIOS DE DROGAS
	RELACIONAMENTO DA FAMÍLIA COM ADOLESCENTES USUÁRIOS DE DROGAS
	OCORRÊNCIA DE RELAÇÕES ENTRE A ESCOLA, FAMÍLIA, COMUNIDADE E SOCIEDADE SOBRE DROGAS.
PREVENÇÃO AO USO INDEVIDO DE DROGAS	CONTRIBUIÇÕES PESSOAIS PARA O PPD
	AVALIAÇÃO DO ADOLESCENTE NO PPD E SUA RELAÇÃO COM OS PROFESSORES
CONSUMO DE DROGAS	FATORES INFLUENTES NO ACESSO DO ADOLESCENTE AO CONSUMO DE DROGAS